

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Rute Carvalho Catarino Costa**

Lisboa, outubro de 2012







**(Parecer do Orientador)**



**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Rute Carvalho Catarino Costa**

Relatório apresentado para obtenção do grau de Mestre em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, outubro de 2012









## **Agradecimentos**

O presente trabalho não teria sido possível sem a colaboração de muitas pessoas ao longo destes anos. Por esse motivo, gostaria de referir os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a sua realização.

Em primeiro lugar e de forma muito importante, quero agradecer ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, Diretor desta Instituição, pela oportunidade dada para frequentar este curso.

Quero agradecer aos meus professores que ao longo do meu percurso académico me acompanharam, demonstraram disponibilidade para o enriquecimento dos meus conhecimentos, concedendo-me todo o empenho e dedicação, ficando aqui expresso o meu reconhecimento.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho, por toda a dedicação, exigência, rigor, carinho e paciência prestados para a realização deste trabalho, pois sem isso, parte deste trabalho não seria possível de ser realizado.

Agradeço também aos colegas mais próximos e amigos, Patrícia Teixeira, Ana Robalo, Cláudia Cardoso, que sempre me ajudaram ao longo do curso, tendo sido muito importantes na minha vida e ao longo do meu percurso académico.

Aproveito também para agradecer à Dr.<sup>a</sup>. Sofia Falcão que todos os dias nos ajudava a realizar pesquisas e a procurar referências bibliográficas sem nunca deixar de nos dar apoio, atenção e ajuda quando mais precisamos.

À minha família, à minha prima Marta pelo alento e coragem que sempre me deu, à família do meu namorado e em exclusivo à minha mãe, Amélia Catarino, pelo excelente exemplo do que deve ser a vida em família e por tudo o que me foram transmitindo ao longo da vida e pela força, ânimo, alento e coragem que todos sempre me deram. Um especial agradecimento ao meu namorado, Helder Costa, que esteve sempre do meu lado em todos os momentos bons e menos bons ao longo deste curso e me fez ver o melhor caminho a percorrer e sempre acreditou nas minhas capacidades.



## Índice Geral

Índice de Figuras .....	xii
Índice de Quadros .....	xiii
INTRODUÇÃO .....	1
1. Identificação do local de estágio .....	3
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional .....	5
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional e a pertinência do estágio .....	6
4. Identificação do grupo de estágio .....	8
5. Metodologia utilizada .....	9
6. Cronogramas .....	9
CAPÍTULO 1 – Relatos diários	
1.1. Primeira secção – 1.º Ano .....	12
1.1.1. Caracterização da turma .....	12
1.1.2. Caracterização do espaço .....	12
1.1.3. Rotinas .....	13
1.1.4. Relatos .....	22
1.2 Segunda secção – 2.º Ano .....	40
1.2.1. Caracterização da turma .....	40
1.2.2. Caracterização do espaço .....	40
1.2.3. Rotinas .....	41
1.2.4. Relatos .....	42
1.3. Terceira secção – 3.º Ano .....	58
1.3.1. Caracterização da turma .....	58
1.3.2. Caracterização do espaço .....	58
1.3.3. Rotinas .....	59
1.3.4. Relatos .....	60
1.4. Quarta secção – Estágio Intensivo 1.º Ciclo .....	70
1.4.1. Semana de 28 de fevereiro a 4 de março de 2011 .....	70
1.5. Quinta secção – 4.º Ano .....	75
1.5.1. Caracterização da turma .....	75
1.5.2. Caracterização do espaço .....	75
1.5.3. Rotinas .....	76
1.5.4. Relatos .....	77
1.6. Sexta secção – 2.º Ciclo de Escolaridade .....	88

1.6.1. Caracterização do local de estágio -----	88
1.6.2. Caracterização das turmas -----	89
1.6.3. Rotinas -----	89
1.6.4. Caracterização das salas -----	90
1.6.5. Relatos -----	90
1.7. Sétima secção – Estágio Intensivo 2.º Ciclo -----	135
1.7.1. Semana de 27 de fevereiro a 2 de março de 2012 -----	135
1.8. Oitava secção – 4.º Ano -----	138
1.8.1. Caracterização da turma -----	139
1.8.2. Caracterização do espaço -----	139
1.8.3. Rotinas -----	139
1.8.4. Relatos -----	140
 CAPÍTULO 2 – Planificações	
2.1. Descrição do capítulo -----	160
2.2. Fundamentação teórica -----	160
2.3. Planificações Elaboradas para o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	
2.3.1. Planificação de Matemática -----	168
2.3.2. Planificação de Estudo do Meio -----	171
2.3.3. Planificação de Língua Portuguesa -----	175
2.4. Planificações Elaboradas para o Ensino do 2.º Ciclo do Ensino Básico	
2.4.1. Planificação de Matemática -----	179
2.4.2. Planificação de Ciências da Natureza -----	184
2.4.3. Planificação de Língua Portuguesa -----	187
2.4.4. Planificação de História e Geografia de Portugal -----	191
 CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação	
3.1. Descrição do capítulo -----	196
3.2. Fundamentação Teórica -----	196
3.3. Avaliação das atividades -----	200
3.3.1. Dispositivos de avaliação aplicados no 1.º Ciclo do Ensino Básico	
3.3.1.1. Dispositivos de avaliação de Matemática -----	201
3.3.1.2. Dispositivos de avaliação de Estudo do Meio -----	207
3.3.1.3. Dispositivos de avaliação de Língua Portuguesa -----	211
3.3.2. Dispositivos de avaliação aplicados no 2.º Ciclo do Ensino Básico	
3.3.2.1. Dispositivos de avaliação de Matemática -----	215
3.3.2.2. Dispositivos de avaliação de Ciências da Natureza.-----	220

3.3.2.3. Dispositivos de avaliação de Língua Portuguesa -----	224
3.3.2.4. Dispositivos de avaliação de História e Geografia de Portugal -----	230
<b>REFLEXÃO FINAL</b>	
1. Considerações Finais -----	238
2. Limitações -----	240
3. Novas Pesquisas -----	241
Referências Bibliográficas -----	246
Anexos -----	254

## Índice de Figuras

Figura 1 – <i>Fachada principal do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais</i> -----	4
Figura 2 – <i>Disposição da sala de aula do 1.º ano</i> -----	13
Figura 3 – <i>Organização da roda de acolhimento nos Jardins-Escola</i> -----	15
Figura 4 - <i>Recreio exterior reservado ao 1.º Ciclo do Ensino Básico</i> -----	16
Figura 5 - <i>Resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática</i> -----	205
Figura 6 - <i>Resultados obtidos na proposta de trabalho de Estudo do Meio</i> -----	209
Figura 7 - <i>Resultados obtidos na proposta de trabalho de Língua portuguesa</i> -----	213
Figura 8 - <i>Resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática</i> -----	218
Figura 9 - <i>Resultados obtidos na proposta de trabalho de Ciências da Natureza</i> -----	222
Figura 10 - <i>Resultados obtidos na proposta de trabalho de Língua Portuguesa</i> -----	228
Figura 11 - <i>Resultados obtidos na proposta de trabalho de História e Geografia de Portugal</i> -----	233



## Índice de Quadros

Quadro 1 e 2 – Cronograma de estágio .....	10
Quadro 3 - Horário do Bibe Castanho – 1.º ano .....	14
Quadro 4 – Horário do Bibe Verde – 2.º ano .....	41
Quadro 5 – Horário do Bibe Azul Claro - 3.º ano .....	60
Quadro 6 – Horário do Bibe Azul Escuro - 4.º ano .....	76
Quadro 7 – Horário das observações do 2.º Ciclo .....	90
Quadro 8 – Horário do Bibe Azul Escuro - 4.º ano .....	140
Quadro 9 - Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T .....	165
Quadro 10 – Planificação de Matemática – 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	169
Quadro 11 – Planificação de Estudo do Meio – 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	172
Quadro 12– Planificação de Língua Portuguesa – 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	176
Quadro 13 – Planificação de Matemática – 2.º Ciclo do Ensino Básico .....	179
Quadro 14 – Planificação de Ciências da Natureza – 2.º Ciclo do Ensino Básico .....	184
Quadro 15 – Planificação de Língua Portuguesa – 2.º Ciclo do Ensino Básico .....	187
Quadro 16 – Planificação de História e Geografia de Portugal – 2.º Ciclo do Ensino Básico .....	191
Quadro 17 – Escala de tipo Likert .....	200
Quadro 18 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de matemática 1, 2 e 3. ....	202
Quadro 19 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 4 e 5. ....	203
Quadro 20 – Grelha do dispositivo de avaliação de Matemática .....	204
Quadro 21 - descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio 1 e 2. ....	207
Quadro 22 – Grelha do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio .....	208
Quadro 23 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 1, 2 e 3. ....	211
Quadro 24 – Grelha do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa .....	212
Quadro 25 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 1, 2 e 3. ....	215
Quadro 26 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 4 e 5. ....	216
Quadro 27 – Grelha do dispositivo de avaliação de Matemática .....	217

Quadro 28 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza -----	220
Quadro 29 – Grelha do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza -----	221
Quadro 30 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 1, 2 e 3. -----	225
Quadro 31 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 4 e 5. -----	226
Quadro 32 – Grelha do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa -----	227
Quadro 33 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal 1, 2, 3, 4, 5 e 6. -----	230
Quadro 34 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal 7, 8, 9, 10 e 11. -----	231
Quadro 35 – Grelha do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal -	232





# Introdução

Este trabalho é um Relatório de Estágio Profissional, realizado no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II, III e IV, na Escola Superior de Educação João de Deus (ESE JDEUS).

Este Relatório de Estágio Profissional é referente ao 2.º Ciclo de Estudos do Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, tendo como duração dois anos letivos. Durante este período estive em contacto com a realidade educativa no Jardim-Escola João de Deus, nos Olivais e no Jardim-Escola João de Deus, na Estrela. Ao longo do primeiro ano de mestrado o período de estágio decorreu sempre entre as 9h e as 13h, distribuídos por três dias semanais, sendo sempre realizado à segunda, terça e sexta-feira.

No que diz respeito ao segundo ano de mestrado, o mesmo foi dividido em dois períodos, um para o 2.º Ciclo do Ensino Básico e outro para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente o 4.º ano. Enquanto decorreu o período de estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico, o mesmo foi realizado numa escola pública, na zona ocidental de Lisboa, onde pude contactar com a realidade existente numa turma de 5.º ano e em diferentes turmas de 6.º ano. O horário seguia as respetivas turmas em blocos de 90 minutos nas áreas curriculares de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal. Este período de estágio foi sempre realizado durante dois dias semanais, sendo os mesmos à terça e sexta-feira.

Durante estes dois anos de período de estágio existiram três grandes momentos. O primeiro ano de mestrado diz respeito ao Estágio no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico; o segundo momento já diz respeito ao segundo ano de mestrado em que o mesmo se encontra repartido entre o Estágio do 2.º Ciclo do Ensino Básico e, posteriormente, ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente ao 4.º ano de escolaridade.

Ao longo do primeiro ano de mestrado, o período de estágio foi realizado no 1.º Ciclo do Ensino Básico, desde o dia 12 de outubro de 2010 até ao dia 4 de julho de 2011. Este período de estágio teve uma sequência nos anos de escolaridade por onde passei, seguindo a seguinte ordem: 1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais. A cada ano de escolaridade corresponde uma cor de bibe respetiva, assim sendo, ao 1.º ano corresponde o Bibe Castanho, ao 2.º ano corresponde o Bibe Verde, ao 3.º ano corresponde o Bibe Azul Claro e ao 4.º ano corresponde o Bibe Azul Escuro, de acordo com a nomenclatura utilizada nos Jardins-Escola João de Deus.

Relativamente ao período de estágio do segundo ano de mestrado, o mesmo divide-se em dois ciclos. O primeiro momento diz respeito ao 2.º Ciclo do Ensino Básico,

que decorreu entre 27 de setembro de 2011 e 23 de março de 2012, numa escola pública da zona ocidental de Lisboa. O segundo momento diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais propriamente ao 4.º ano, que decorreu entre 10 de abril de 2012 e 22 de junho de 2012, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

## **1. Identificação do local de estágio**

No decorrer do estágio ao longo do primeiro ano de mestrado, o mesmo foi realizado no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, situado na parte ocidental de Lisboa, mais precisamente no Bairro dos Olivais. Este bairro é considerado como o maior de Lisboa em termos de habitantes e é, essencialmente, um dormitório. Este bairro tem uma zona industrial e comercial, o que satisfaz a procura dos habitantes. Dispõe de alguns serviços sociais, tais como, Hospital do SAMS, Polícia, Escolas, Bombeiro, entre outros. Contudo, estes serviços são insuficientes para a população residente. Quando se realizou a Expo 98, o Bairro dos Olivais beneficiou de novas infra-estruturas, tais como, melhoramento nas vias de acesso, desenvolvimento do comércio, alargamento da rede do metro, entre outros.

Relativamente ao espaço físico do Jardim-Escola, o mesmo foi inaugurado no dia 5 de fevereiro de 1975, mas apenas funcionava para alunos do Ensino Pré-Escolar, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Ao longo dos anos sofre algumas intervenções e, no ano letivo de 1996/1997, passou a contemplar, por inteiro, o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No que diz respeito ao espaço exterior do Jardim-Escola, pode-se observar a existência de duas zonas de recreio, uma parte é destinada aos alunos do Ensino do 1.º Ciclo e a outra, destinada às crianças do Ensino Pré-Escolar. Estes dois espaços, destinados ao recreio, estão rodeados por canteiros, contendo arbustos, árvores e algumas plantas, privilegiando o contato direto com a natureza. Na área de recreio do Ensino Pré-Escolar, as crianças podem brincar numa pequena diversão, uma montanha. Na área de recreio do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, os alunos, para além de um coreto, onde brincam e se abrigam da chuva, também têm um escorrega, como apresento na figura 1.



Figura 1 – *Fachada principal do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais*

Em relação ao espaço interno, o mesmo é constituído por 11 salas de aula, um salão polivalente, um ginásio devidamente equipado, um armário com material diversificado (bolas, arcos, cordas, instrumentos musicais, entre outros), uma sala de informática, uma sala de professores, uma biblioteca, uma secretaria com o gabinete da Direção, duas cantinas, uma cozinha, uma despensa para géneros alimentares, uma despensa para produtos de limpeza, uma despensa para material didático, uma lavandaria, um vestiário para o corpo não docente, uma sala de estagiários, um *atelier* de expressão plástica, nove casas de banho para os alunos e duas casas de banho para o corpo docente, não docente e estagiários.

Relativamente aos aspetos materiais, a escola está equipada com diversos materiais didáticos, como por exemplo, uma fotocopiadora, trinta e seis computadores, seis retroprojetores, um projetor de diapositivos, dois televisores, um LCD, dois aparelhos de vídeo, dois aparelhos de DVD, uma máquina fotográfica, uma câmara de vídeo, quinze rádios gravadores, três Data-Show, quatro quadros interativos, uma biblioteca equipada com coleções, enciclopédias e outros livros, materiais de Educação Física, diverso material de experiências e outros materiais didáticos (Blocos Lógicos, Calculadores Multibasicos, Cuisenaire, Tangran, Dons de Froebel, Pentaminós, Discos de Frações, Jogos Volumétricos e Calculadoras Papy, ...).

Os alunos têm ainda a possibilidade de frequentar atividades extra curriculares, nomeadamente *Ballet*, Judo, *Taekwondo*, Sevilhanas, *Ator Studio* e Inglês.

Este Jardim-Escola é constituído por uma Presidente do Conselho Diretivo e Diretora Pedagógica do 1.º Ciclo, uma Diretora Pedagógica do Pré-Escolar, dez



professores, nove educadores, um docente de aulas práticas laboratoriais, um docente de Educação Física, dois docentes de Educação Musical, um docente de Inglês e seis docentes de atividades extra curriculares. Para além do corpo docente, o Jardim-Escola tem também uma Administrativa, uma ajudante de Ação Educativa, uma cozinheira e doze empregadas de serviços gerais.

No segundo ano de mestrado pude experimentar uma realidade diferente, no 2.º Ciclo do Ensino Básico, numa escola pública da zona ocidental de Lisboa. Para concluir o mestrado, no que diz respeito ao estágio profissional, foi necessário realizar uma prova prática de avaliação da capacidade profissional, realizada no 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

O Jardim-Escola João de Deus da Estrela, fundado em 1915, com projeto de Raul Lino, está situado na cidade de Lisboa, numa área maioritariamente residencial, numa zona de grande tráfego e perto do Jardim da Estrela e do Liceu Pedro Nunes.

Este Jardim-Escola é composto por salas de aula, biblioteca, sala de informática, sala multiusos, ginásio, cantina, cozinha, um salão, casas de banho para crianças, casas de banho para adultos, secretaria, gabinete de direção, sala de professores, despensa e um ateliê de cerâmica, anexado ao espaço exterior do Jardim-Escola. Possui ainda dois recreios, um direcionado para as crianças do Pré-Escolar e outro para as crianças do 1.º Ciclo. Ambos os espaços têm um pequeno espaço de diversões.

## **2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional**

Este relatório encontra-se organizado da seguinte forma: Introdução; Primeiro Capítulo – Relatos diários; Segundo Capítulo – Planificações; Terceiro Capítulo – Dispositivos de Avaliação e Reflexão Final.

A Introdução deste Relatório de Estágio Profissional dá a conhecer os locais de estágio por onde passei, a forma como o relatório se encontra organizado, a importância da sua elaboração, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e o respetivo cronograma.

O primeiro capítulo encontra-se repartido por secções, correspondentes a todos os momentos de estágio, ao longo dos dois anos de mestrado. Por cada secção é feita caracterização da turma e do espaço envolvente e apresentadas as rotinas de cada turma. O capítulo é finalizado com os relatos diários e respetivas inferências, acompanhadas da respetiva fundamentação teórica.

O segundo capítulo contempla as planificações, onde é feita uma pequena introdução sobre a descrição do capítulo e respetiva fundamentação teórica, salientando a sua importância na profissão docente. Estarão presentes planificações relativas ao 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico estarão presentes planificações na área da Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Relativamente ao 2.º Ciclo do Ensino Básico estarão presentes planificações na área de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal.

O terceiro capítulo é referente aos dispositivos de avaliação, onde são apresentados alguns modelos de avaliação. Estarão presentes três dispositivos de avaliação referentes às áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e quatro dispositivos de avaliação respeitantes às áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal para o 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Para finalizar este Relatório de Estágio Profissional farei uma reflexão sobre todo o percurso realizado ao longo do mestrado, mencionando dificuldades sentidas, salientando a forma de como o estágio contribuiu para a formação profissional. Serão ainda apresentadas referências bibliográficas que foram consultadas para a realização deste relatório e alguns anexos.

### **3. Importância da elaboração do relatório de Estágio Profissional e a pertinência do estágio**

A elaboração deste relatório é, deveras, importante quer para o nosso futuro profissional, quer para a evolução pessoal de cada pessoa. A elaboração deste relatório deve-se, também, ao facto de ser um requisito para a conclusão deste ciclo de estudos, o mestrado, e também para que possa exercer a minha profissão, futuramente, como docente.

É de salientar que foi importante, ao longo deste período de estágio, a consolidação de conhecimentos, tirar conclusões, verificar diversas metodologias de trabalho, experimentar vivências/realidades diferentes, para que num futuro próximo, como docente, saiba lidar com todo o tipo de situações com que me possa deparar, contribuindo assim para uma boa qualidade na formação de professores.

Segundo Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F., Martinho, A. (2001), para o desenvolvimento na qualidade da formação de professores, a prática pedagógica assume um papel decisivo:

(...) o ano de formação prática reveste-se, assim, de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer numa escola, em contexto real, as funções de professor, as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais, isto é, professores da Escola onde se realiza o estágio todos eles supervisionados por docentes das Universidades (chamados quer orientadores, quer coordenadores ou supervisores, já que estas designações têm a ver com o uso e não com a legislação) (p. 55).

Com a realização deste relatório, e não menos importante, permite-nos olhar para todo o trabalho desempenhado ao longo destes dois anos e tornar-nos críticos do nosso próprio desempenho, fazendo-nos refletir sobre todo o trabalho, para que possamos ter diferentes perspetivas e saber como melhorar/corrigir algo que não correu da melhor forma. Perrenoud (1993, p.118) afirma que se deve “privilegiar uma formação de tipo clínico, isto é, baseada na articulação entre prática e reflexão sobre a prática”.

Para que se tenha sucesso na prática pedagógica, é importante refletir, entre ambas as partes, quer alunos quer professores, sobre a forma de ensinar.

O cuidado e o rigor científico são, também, mais-valias para a realização do relatório, pois foi necessário efetuar uma pesquisa bibliográfica exaustiva de autores, que contribuíram, de certa forma bastante importante, para a evolução da ciência da educação, pois sem isto não seria possível fundamentar, cientificamente, as reflexões sobre as aulas dadas e as situações observadas ao longo deste período, contribuindo também para o enriquecimento do meu conhecimento científico, que será muito útil, num futuro próximo como docente.

Segundo Alegria, citado por Oliveira (2011, p.5-6):

(...) ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia. No decurso desse ano de experiência, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas actividades que têm lugar na escola, pela experiência que adquire no campo da didáctica, reflectindo e avaliando criticamente.

Para que haja uma formação mais consistente, é necessário desenvolver uma aprendizagem que articule a teoria e a prática, podendo assim trabalhar com base em situações reais e, caso seja necessário, desenvolver estratégias mais apropriadas ao

contexto em que estamos a trabalhar. Neste sentido, Jacinto (2003) salienta, uma das vertentes de formação inicial de professores, a prática pedagógica orientada nas escolas, também designada de estágio pedagógico, como um dos elementos fundamentais de formação dos professores-estagiários."

O estágio também é importante, no que diz respeito ao desenvolvimento de trabalhos, que foram sendo realizados ao longo do ano letivo, em diferentes níveis escolares, permitindo que se tenha um contacto maior com a realidade docente com que o professor se depara no seu dia-a-dia.

Segundo Estrela *et al.* (2002, citado por Galveias, 2008) defende que:

- ✓ A prática pedagógica deve centrar-se na *análise* de situações reais do exercício profissional;
- ✓ A prática pedagógica deve orientar-se quer para o desenvolvimento da *competência técnica* quer para o desenvolvimento das *competências científicas, éticas, sociais e pessoais*;
- ✓ A prática profissional deve contribuir para o desenvolvimento da *autonomia* do professor, implicando a *tomada de consciência de si e da situação onde age*; (...)

Segundo Alarcão, Freitas, Ponte, Alarcão e Tavares (1997, citado por Galveias, 2008):

a experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas tem de que integrar uma componente prática e reflexiva. (p.7)

#### **4. Identificação do grupo de estágio**

Ao longo destes dois anos de estágio profissional, o grupo de estágio manteve-se sempre o mesmo, sendo constituído por dois elementos, eu e o meu par de estágio. Sempre frequentámos a mesma turma desde o 1.º ano de Licenciatura, sendo-nos possível trocar impressões, estratégias, esclarecer dúvidas, de forma a ser possível ajudarmo-nos mutuamente. Trabalhámos sempre enquanto grupo disponibilizando-nos para colaborar durante as observações e atividades.

Para Korthagen (2001), citado em Flores e Simão (2009), deve-se promover a aprendizagem reflexiva assistida por pares pois o apoio destes é muitas vezes mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes.

## **5. Metodologia utilizada**

Para a realização deste relatório de estágio profissional foi utilizada a investigação naturalista ou qualitativa, pois é realizada no local. A metodologia utilizada para a elaboração dos relatos diários foi a observação direta e participante. Segundo Quivy e Campenhoudt (2003, p. 155), a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações.

A observação realizada ao longo deste período de estágio, foi a observação direta, ou seja, “o próprio investigador precede diretamente à recolha das informações (...) apela diretamente ao seu sentido de observação.” (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 164).

Na utilização da observação direta, o investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida diretamente neles pelo observador. (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 164)

Quando realizamos uma observação participante, o investigador tenta registar tudo o que ocorre na sala de aula, segundo Bogdan e Biklen (1994, p.16) “Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa que são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”. Para além da observação utilizei um outro instrumento de recolha de dados que foi a análise documental.

Metodologicamente, este relatório foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e Azevedo (2000) de forma a organizar a construção do trabalho que realizei.

## **6. Cronogramas**

No estágio profissional I, II, III e IV, como já foi mencionado anteriormente, foi repartido por três momentos. O primeiro momento refere-se ao primeiro ano de mestrado,

onde o mesmo foi realizado no 1.º Ciclo do Ensino Básico. O segundo momento refere-se ao segundo ano de mestrado, que se repartiu em dois momentos de estágio, o 2.º Ciclo do Ensino Básico e, posteriormente, o 1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º ano.

Foram elaborados dois cronogramas, respeitantes aos dois anos de mestrado, referentes ao Quadro 1 e ao Quadro 2, que ilustram os momentos de estágio, onde constam os dias de observação de aulas (os relatos diários), as aulas programadas, as aulas surpresa e as reuniões.

Quadro 1 – Cronograma de estágio do primeiro ano de mestrado																																												
Meses	out.				nov.				dez.				jan.				fev.				mar.				abr.				mai.				jun.				jul.							
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4				
Aulas observadas	x	x	x	x	x	x	x	x	x				x	x	x	x	x			x		x	x	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	x								
Aulas programadas				x		x		x						x			x					x		x						x	x			x										
Aulas assistidas																								x																				
Aulas surpresa														x		x																												
Estágio Intensivo																							x																					
Reuniões																																												

Quadro 2 – Cronograma de estágio do segundo ano de mestrado																																													
Meses	set.				out.				nov.				dez.				jan.				fev.				mar.				abr.				mai.				jun.								
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4					
Aulas observadas				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x				x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
Aulas programadas										x	x	x	x					x		x					x	x	x							x	x										
Aulas assistidas																	x																	x									x		
Exercícios surpresa																		x						x																					
Estágio Intensivo																								x																					
Reuniões				x																																							x		

# **Capítulo 1**

## **Relatos diários**

## **1. Breve descrição do capítulo**

Neste capítulo apresentarei todos os relatos diários de aulas e atividades que observei ao longo destes dois anos. Os relatos encontram-se divididos em duas partes, uma parte para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e outra parte para o 2.º Ciclo do Ensino Básico. Os mesmos serão devidamente inferidos e fundamentados cientificamente de forma breve, clara e concisa. Serão apresentados por ordem cronológica de acordo com a vivência experienciada. Este capítulo é composto por oito secções, de acordo com o desenvolvimento do estágio ao longo de todo este percurso e em cada secção apresentarei uma breve caracterização da sala e da turma, seguido do respetivo relato.

### **1.1. Primeira Secção**

#### **1.º Ciclo do Ensino Básico: Bibe Castanho – 1.º Ano**

O nome Bibe Castanho é a nomenclatura utilizada no Jardim-Escola João de Deus para designar a faixa etária ao ano correspondente, que neste caso é o 1.º ano.

##### **1.1.1. Caracterização da turma**

A turma do 1.º ano do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 27 alunos, dos quais 11 são do sexo feminino e 16 são do sexo masculino.

Esta turma demonstra dinamismo, motivação e interesse por aprender, estando bem integrada na dinâmica do Jardim-Escola.

##### **1.1.2. Caracterização do espaço**

A sala do Bibe Castanho é bastante iluminada pela luz solar, estando decorada com um cartaz de aniversário da turma e alguns trabalhos realizados pelos alunos.

A sala apresenta dois quadros na parte da frente, as mesas estão colocadas duas a duas em filas, à exceção da fila da porta interior da sala, que apenas apresenta uma mesa, tal como aparece na figura 2.





Figura 2 – *Disposição da sala de aula do 1.º ano*

### 1.1.3. Rotinas

Pela manhã, na chegada à sala, cada criança coloca o livro de leitura em cima da mesa e começa a preparar a leitura da lição, que levou para casa no dia anterior. Quando terminam a leitura, a turma inicia a manhã de aulas, geralmente, com Língua Portuguesa e Matemática.

Ao longo da manhã, entre as 11h e as 11h30, é feita uma pequena pausa para os alunos comerem alguma coisa e brincarem livremente.

No regresso da pausa da manhã, as crianças retomam o que estavam a fazer antes do recreio até às 13h, hora do almoço.

A turma segue sempre esta rotina, o que é bom, sendo sempre seguida pelo professor da sala de aula, tornando-se fundamental para o desenvolvimento da criança, assumindo um papel de extrema importância. Segundo Zabalza (1998):

as rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas actuam como organizadores estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldades para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem efeitos importantes sobre a segurança e a autonomia. (p.52)

O horário do primeiro ano está estipulado entre as 9h e as 17h, como demonstra o Quadro 3, mas as observações decorreram apenas no período da manhã, entre as 9h e as 13h.

Quadro 3 - Horário do Bibe Castanho – 1.º ano

Dias	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>	5. <sup>a</sup>	6. <sup>a</sup>
<b>Horas</b>					
<b>9h / 10h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>10h / 11h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>11h / 11h30</b>	<b>Recreio da manhã</b>				
<b>11h30 / 12h</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>12h / 12h50</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Música	Ed. Física
<b>13h / 14h30</b>	<b>Almoço e recreio</b>				
<b>14h30 / 15h20</b>	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Área de Projeto	Computadores	Inglês
<b>15h20 / 16h10</b>	Estudo Acompanhado	Biblioteca	Formação Cívica	Expressão Plástica	Estudo do Meio
<b>16h10 / 17h</b>	Jogos de Matemática	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio		Assembleia de turma

### Acolhimento

O acolhimento nos Jardins-Escola é feito entre as 9h e as 9h30, onde todos os alunos se agrupam, consoante a cor do bibe, no salão ou num dos recreios, consoante as condições climatéricas, sendo feita uma roda onde constam todos os alunos, estagiários e professores que fazem parte da instituição. Hohmann e Weikart (1997) referem que “as experiências do tempo em grupo grande, como o cantar em conjunto, levam à construção de um sentido de “nós” e “nosso”.” (p. 405)

A roda está sempre organizada da seguinte forma: ao centro encontra-se o Bibe Amarelo (3 anos), o Bibe Encarnado (4 anos) e o Bibe Azul (5 anos), e assim sucessivamente, seguindo-se os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico pela seguinte ordem: Bibe Castanho (1.º Ano), Bibe Verde (2.º Ano), Bibe Azul Claro (3.º Ano) e Bibe Azul Escuro (4.º Ano), tal como evidencia a figura 3.

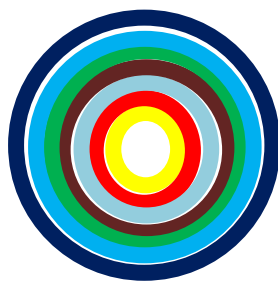


Figura 3 – *Organização da roda de acolhimento nos Jardins-Escola*

Segundo Zabalza (1998) a roda “é um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio emocional, representação, música, movimento...”. (p.194)

O acolhimento das crianças é realizado todos os dias e sempre desta forma. Na roda são cantadas canções de roda, terminando sempre com o Hino dos Jardins-Escola João de Deus.

### **Recreio**

Os recreios são sempre realizados entre as 11h e as 11h30, sendo o recreio da manhã e o primeiro do dia. Após a pausa para almoço, as crianças podem disfrutar de outro recreio, onde podem socializar com outras crianças e partilhar experiências e brincadeiras.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar do Ministério da Educação (2002a):

embora as actividades informais não se realizem só no espaço exterior, este é também um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis. Nesta situação, o educador pode manter-se como observador ou interagir com as crianças, apoiando e enriquecendo as suas iniciativas. (p.39)

Estas pausas são essenciais para o bom desempenho do aluno como nos refere Hohmann e Weikart (1997) pois

(...) as brincadeiras de exterior levam a uma maior socialização, uma vez que os alunos se juntam para realizar o mesmo tipo de atividades, a uma representação criativa, a um desenvolvimento da linguagem e literacia, a uma iniciativa e a relações interpessoais, ao movimento, à música, à noção de espaço e de tempo. (pp.432-433)

O recreio é um espaço de maior importância, pois, segundo Cordeiro (2007) "(...)apresenta uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas, barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos." (p.377)

Tal como podemos observar pela figura 4, o recreio é bastante amplo para as crianças poderem correr e saltar livremente.



Figura 4 - *Recreio exterior reservado ao 1.º Ciclo do Ensino Básico*

De acordo com Cordeiro (2008), “o recreio é um espaço da maior importância, pois nesta idade, representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.” (p. 377)

## **Higiene**

Após os alunos terminarem o momento das canções que inicia cada manhã, as mesmas são acompanhadas da respetiva professora até à casa de banho. Este momento vai-se repetindo ao longo do dia, acontecendo no início da manhã, antes e depois do recreio da manhã, antes e após o almoço, após o recreio do almoço e após a hora do lanche. Este momento de higiene é extremamente importante, pois Cordeiro (2008) refere que:

é bom que, paralelamente a uma aprendizagem das regras de lavagem, por forma a que sejam instintivas, se faça também ver às crianças que não se trata de um «frete» a fazer aos pais, ou um bilhete para poder ir para a mesa, mas sim uma rotina diária que deverá perdurar ao longo da sua vida. (p.106)

O momento da higiene diária é algo muito importante na vida de uma criança, pois cria rotinas e hábitos que devem ser adquiridos pelas próprias crianças, tornando-as autónomas e preparando-as para a sua inserção no dia a dia e quotidiano escolar. A

Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (2004) destaca um ponto fundamental no que diz respeito à higiene, referindo a necessidade de assegurar a criação de condições próprias “ao conhecimento e aquisição progressiva das regras básicas de higiene pessoal e colectiva.” (p.15)

### **Almoço**

O almoço realiza-se na cantina. Primeiro seguem-se as crianças do Pré-Escolar e, posteriormente, as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Cordeiro (2008, p.373) declara que “o almoço serve para (...) criar uma maior autonomia (...), saber estar à mesa, respeito pelo ritmo grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição”, mas o mesmo autor não deixa ainda de referir que:

o almoço (e mais tarde o lanche) serve para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (estimulada pelos outros e por um sentido correcto da competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho no Jardim-de-infância e em casa terem de ser os pais a dar), passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição. (p.373)

A seguir ao almoço segue-se o recreio, como já tinha referido anteriormente, podendo decorrer no pátio exterior ou no interior das instalações, dependendo das condições climáticas.

### **❖ Áreas curriculares:**

Segundo as metas de aprendizagem do Ministério da Educação (2010):

é no 1.º Ciclo que se desenvolvem e sistematizam as aprendizagens que, num dado momento histórico, a sociedade considera como a base fundacional para todas as aprendizagens futuras – na verdade, as aprendizagens correspondentes ao que poderíamos chamar uma educação de base, traduzida no currículo respectivo. É no 1.º Ciclo que se consolida e formaliza a aprendizagem das literacias, visando o domínio e o uso dos vários códigos linguísticos (a língua materna, mas também as linguagens matemática, artísticas, etc.); é também neste Ciclo que se estruturam as bases do conhecimento científico, tecnológico e cultural, isto é, as bases fundamentais para a compreensão do mundo, a inserção na sociedade e a entrada na comunidade do saber.

Um dos grandes objetivos do Ensino Básico, segundo a Organização Curricular e programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Ministério da Educação (2004) é o “ de

desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática” (p.13), no entanto, não devemos deixar de referir que, segundo as mesmas orientações existem “áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes”. (p.17)

De acordo com o Plano curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico, presente na Organização Curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Ministério da Educação (2004), destacam-se as seguintes áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória: a Língua Portuguesa, o Estudo do Meio, a Matemática e a área das Expressões contemplando a Expressão Artística e a Expressão Físico-motora. (p.19)

No que respeita a cada unidade curricular disciplinar, as mesmas são regidas segundo princípios orientadores presentes na Organização Curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Ministério da Educação (2004), das quais destaco alguns pontos que me parecem pertinentes para cada área, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo e alguns objetivos gerais.

#### ✓ **Língua Portuguesa**

Através desta área curricular, irá permitir aos alunos “a compreensão da estrutura e do funcionamento básico da língua portuguesa em situações de comunicação oral e escrita.” (p.14)

#### ✓ **Estudo do Meio**

Esta unidade curricular, além de outros objetivos pretende “desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas.” (p.12)

#### ✓ **Matemática**

Esta área é de grande importância e não posso deixar de referir uma das formas mais importantes para a aquisição deste conhecimento, pois é “promotora do desenvolvimento do raciocínio e da comunicação, deverá, nestas idades, ancorar em operações lógicas elementares e apoiar-se em materiais e linguagem gráfica que constituam uma ponte entre o real e as abstrações matemáticas.” (p.164)

No seguimento da Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (2004) destaca que as grandes finalidades do ensino da Matemática neste Ciclo de ensino são: “desenvolver a capacidade de raciocínio; desenvolver a capacidade de comunicação; desenvolver a capacidade de resolver problemas.” (p. 163)

### ✓ **Expressão Artística e Expressão Físico-motora**

A área das expressões deve “proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios.” (p.12)

Fugindo um pouco à rotina da sala de aula, “a realização deste programa proporciona um contraste com a sala de aula que pode favorecer a adaptação da criança ao contexto escolar,” (...) restabelecendo assim o equilíbrio das “experiências escolares, aproximando-as do ritmo e estilo da actividade própria da infância, tornando a escola e o ensino mais apetecíveis.” (p. 35)

### ✓ **Expressão Musical**

Apesar desta área não estar particularmente expressa no plano curricular do 1.º Ciclo, aparecendo apenas como expressões artísticas e físico-motoras. No entanto, merece o seu particular destaque. Ainda de acordo com a Organização Curricular do Ministério da Educação (2004) indica uma particularidade desta expressão ao referir que:

a prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.º ciclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando. (p.67)

### ❖ **Áreas não curriculares:**

No que diz respeito às áreas não curriculares, não devem ser deixadas de lado, pois estas visam “responder a necessidades identificadas no processo de formação e desenvolvimento dos alunos.” (p.18)

As áreas não curriculares referidas pela Organização Curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Ministério da Educação (2004) são três, sendo elas Estudo Acompanhado, Formação Cívica e Área de Projeto.

De acordo com a Organização Curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Ministério da Educação (2004) estas três áreas são percepcionadas da seguinte forma:

✓ **Estudo Acompanhado**

A área de Estudo Acompanhado visa “a aquisição de competências que permitam a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens.” (p.18)

✓ **Formação Cívica**

De carácter não menos importante, esta área é, segundo a Organização Curricular do Ministério da Educação (2004):

o espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade. (p.18)

✓ **Área de Projeto**

Esta área visa a “concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos.” (p.18)

❖ **Atividades de enriquecimento curricular:**

✓ **Computadores**

Os alunos nos Jardins- Escola João de Deus dispõem de algumas horas, que dedicam aos computadores, onde destaco, segundo o Ministério da Educação (2004), “a valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e actividades de aprendizagem, em particular com recurso a tecnologias de informação e comunicação, visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspectiva de formação ao longo da vida.” (p. 17)



## ✓ **Clube de Ciência**

No Clube de ciência os alunos dispõem de um vasto leque de experiências que vivenciam ao longo do 1.º Ciclo, havendo um professor especializado para o ensino desta área. Aqui os alunos observam experiências, mas também são eles, por vezes, que as realizam e apresentam à turma, dinamizando a sua própria experiência, em grupo. O Ministério da Educação (2004) saliente que “o trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas, nomeadamente no ensino das ciências.” (p.19)

## ✓ **Biblioteca**

Pelo menos uma vez por semana os alunos podem usufruir deste espaço, a biblioteca, onde tomam contacto com os livros existentes. Este espaço é muito importante, pois é o local onde a criança contacta livremente com todos os livros existentes, podendo fomentar, desde cedo, o gosto pela leitura. Segundo a Organização Curricular do Ministério da Educação (2004), para desenvolver o gosto pela leitura e escrita desde o 1.º Ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o aluno deve:

contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...); experimentar múltiplas situações que despertem e desenvolvam o gosto pela Língua escrita (actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes); ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos. (p.147)

A existência de uma biblioteca escolar é muito importante no meio escolar, pois como refere Gomes (2000, p.25) “ a biblioteca escolar poderá tornar-se (...) um pólo dinamizador de leitura na comunidade”, onde pais e crianças podem estar em harmonia e participar no quotidiano escolar dos filhos de forma integrada e dinâmica.

## ✓ **Inglês**

A Organização Curricular, Ministério de Educação (2004) refere que se deve “proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira.” (p.12) Desde cedo a criança está recetiva à aquisição de conhecimento e atenta a tudo em seu redor.

Paralelamente às componentes do currículo, um dos princípios orientadores ao longo do ano letivo, nas mais diversas áreas curriculares, não curriculares e de enriquecimento curricular, onde a “integração, com carácter transversal, da educação para a cidadania e todas as áreas curriculares.” (Ministério da Educação 2007, p.17)

Saliento ainda a importância da educação para a cidadania, pois penso que é uma das bases importantes em educação, onde:

a escola, como instituição em que os alunos participam, é o lugar privilegiado para a vivência e aprendizagem do modo de viver em sociedade. É através da participação, (...) na organização da vida da classe e da escola, (...) interiorizando os valores democráticos e de cidadania. (p.110)

É importante a aquisição de vocabulário estrangeiro, durante os primeiros anos de escolaridade, pois a criança está apta a receber todo o conhecimento que lhe é transmitido, sendo interiorizado da melhor forma possível.

#### **1.1.4. Relatos diários**

##### **Relato diário do dia 12 de outubro de 2010**

Quando cheguei ao Jardim-Escola já a diretora tinha começado uma reunião para conhecermos a escola e a forma como iria estar organizado o nosso estágio. De seguida, dirigi-me com o meu par de estágio à respetiva sala, iniciando assim o primeiro dia de estágio no Jardim-Escola.

Já na sala do 1.º Ano, estava a decorrer uma aula sobre o 5º Dom de Froebel, onde foi realizada a construção das colmeias.

Após a construção feita com o 5º Dom de Froebel, foram colocadas questões sobre frações, seguindo-se a resolução de uma ficha com situações problemáticas.

Ao longo da manhã reunimos novamente com a diretora para ultimar as distribuições de todos os pares de estágio dos alunos de mestrado. Entretanto, as crianças realizaram o seu recreio da manhã.

Quando regresssei à sala de aula, as crianças já se encontravam a realizar uma cópia. Após a realização da cópia a professora fez a explicação sobre o que são parágrafos, onde aparecem e como se colocam na forma escrita.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

No que diz respeito a este material e, segundo Caldeira (2009a) Froebel “chamou aos seus brinquedos, especialmente desenhados por ele, os “Dons”.” (p.240)

De acordo com a metodologia João de Deus e segundo Caldeira (2009a) “é utilizada a exploração dos materiais nas suas vertentes pedagógicas, dando grande importância à criatividade, à manipulação e à descoberta.” (p.242)

Houve interdisciplinaridade na colocação das questões às crianças, havendo bastante diversidade nas questões que iam sendo colocadas a cada criança. Houve ainda a preocupação por parte do professor de não colocar questões sempre às mesmas crianças. Levy, Guimarães e Pombo (1994) referem que a “interdisciplinaridade surge do próprio interior da escola onde, cada vez mais frequentemente e quase sempre sem apoio, os professores tomam, eles próprios, a iniciativa de conceber e realizar experiências de integração.” (p.4)

Os materiais manipuláveis são importantes para a exploração que a criança possa vir a fazer dos mesmos de forma lúdica e pedagógica, podendo o professor aproveitá-los e trazê-los para as suas aulas.

Caldeira (2009a) indica-nos que este material “permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre números racionais.” (p.302) No que diz respeito aos exercícios aplicados, as Normas (1991, citado por Caldeira, 2009a) dizem que “é importante que usem materiais manipuláveis, diagramas e situações do mundo real em conjunção com esforços progressivos para descreverem as suas experiências de aprendizagem, por meio da linguagem oral e de símbolos.” (p.303)

Relativamente à exploração feita pela professora sobre o que são parágrafos, neste sentido, Sim-Sim e Viana (2007) referem que “a compreensão da leitura, qualquer que seja o tipo de texto, implica a mobilização de estratégias que permitam desenvolver e interpretar o significado de frases, parágrafos e palavras em sentido literal ou figurado.” (p.58)

## **Relato diário do dia 15 de outubro de 2010**

Esta manhã realizaram-se exercícios com as Calculadoras Papy, onde foi feita a leitura de números até às centenas. Foram realizados vários exercícios para maior compreensão. Com este material manipulável estruturado foi realizado um jogo com as

crianças, em equipa, onde tinham de fazer a apresentação do número nas Calculadoras Papy e depois realizar a sua leitura, depois teriam de fazer o contrário, ou seja, fazer o ditado do número, representando-o e posteriormente, fazer a decomposição do mesmo.

Depois da realização de alguns exercícios com o material manipulável, passou-se para o papel a mesma estratégia, onde as crianças teriam de realizar o mesmo tipo de exercícios de forma escrita.

Após a realização dos exercícios foi feita a leitura da lição, onde cada criança lia a sua lição em voz baixa, posteriormente, a professora, eu e a minha colega de estágio, íamos ouvindo a leitura da lição e sempre que necessário corrigia-se a criança através das regras da cartilha, para que esta ficasse a perceber melhor o que estava a ler.

Houve ainda tempo para se iniciar o tema de língua portuguesa sobre o género masculino e feminino. A professora preparou um jogo, espontaneamente, para maior compreensão do tema. O jogo consistia no seguinte: cada criança tinha um papel com uma palavra, que era escolhida por cada criança, depois cada criança preparava a leitura da palavra em voz baixa. De seguida, cada criança tinha de colocar a palavra que lhe calhou, uma criança de cada vez, no local correto, ou seja, ou colocaria no género masculino, um, uns, o, os, ou no género feminino, uma, umas, a, as. Posteriormente, foi feito o registo de um apontamento sobre o género masculino e o género feminino.

Para terminar a manhã as crianças realizaram um ditado, finalizando com a escrita do abecedário.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os materiais manipuláveis desde a infância, para o desenvolvimento do cálculo mental e abstração, durante o 1.º Ciclo do Ensino Básico, são uma mais-valia, indo ao encontro do que Caldeira (2009a) diz, referindo que “a utilização de materiais manipuláveis, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar e interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo (...). (p.12)

No que diz respeito ao material em si, as Calculadoras Papy, é constituído por uma série de “placas ou painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente.” (Caldeira 2009a, p.345)

A utilização deste material, nesta aula, permitiu às crianças, segundo Caldeira (2009a) “realizar a compreensão dos números e da numeração”, permitindo às crianças

ainda a resolução de “situações problemáticas” diversas, ajudando o aluno no seu raciocínio e estruturando o seu pensamento. (p.347)

Saliento ainda outro aspeto importante que ocorreu ao longo desta manhã de estágio, onde as crianças tinham sempre algum tempo para realizar a leitura da lição. Segundo Sim-Sim (2009) “a leitura é acima de tudo um processo de compreensão que mobiliza simultaneamente um sistema articulado de capacidades e de conhecimentos.” (p.9) No sentido de poder ajudar as crianças que se encontrassem com dificuldades na leitura da lição fui recorrendo às regras da Cartilha Maternal João de Deus, pois uma das linhas de força que caracterizam o Método João de Deus, referida por Deus (1997) é que “todas as dificuldades são explicadas por regras que satisfaçam o raciocínio e o pensamento lógico do aluno facilitando uma leitura bem compreendida, que favoreça também a ortografia,” (p. 92) apoiando assim as crianças na sua leitura diária, no entanto o Ministério da Educação (2004) refere que a criança deve “utilizar a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da Língua).” (p.137)

De acordo com o Ministério da Educação (2004) a dimensão das aquisições básicas e intelectuais implica a promoção da “compreensão da estrutura e do funcionamento básico da língua portuguesa.” (p.14)

Relativamente ao ditado, é algo importante durante os primeiros anos do percurso escolar da criança, pois de acordo com Batista, Viana e Barbeiro (2011) é na procura do caminho pedagógico pessoal que o “professor deve considerar diferentes modalidades de levar à prática o ditado e de o conjugar com outras actividades.” (p.96), dando oportunidade ao aluno de verificar onde apresenta mais dificuldades na escrita e de se poder autocorrigir.

### **Relato diário do dia 18 de outubro de 2010**

Neste dia foi feita a revisão dos sinais de pontuação e do género feminino e masculino em relação a algumas palavras. A professora tinha alguns sinais de pontuação feitos em esponja, mostrou-os e cada criança tinha de dizer o nome do sinal e onde o podemos usar. Depois foi feita uma revisão do género masculino e feminino em relação a algumas palavras para consolidar estes conteúdos.

Após a revisão, seguiu-se a realização de uma ficha de exercícios sobre a classificação de palavras quanto ao número de sílabas e ao género das palavras.

Realizou-se um ditado mudo, onde houve a interação surpresa por parte da minha colega de estágio, a pedido da professora da sala, para interação e relação de proximidade com a turma. A minha colega de estágio escreveu uma pequena frase no quadro, depois deu algum tempo para as crianças visualizarem o que lá estava escrito, foi feita a leitura da mesma e depois foi apagando a frase aos poucos. Posteriormente, fez o ditado da mesma. No final, as crianças teriam de escrever o abecedário.

As crianças efectuaram a realização de dois problemas, onde me foi pedido a interação com a turma e a explicação do exercício perante a mesma e a resolução do mesmo.

Foi feita ainda a introdução ao tema sobre linhas curvas abertas e fechadas, onde as crianças visualizaram a diferença entre as mesmas e as distinguiram em desenhos feitos no quadro pela professora. Aqui as crianças, com um pedaço de lã teriam de colar na sua folha os dois tipos de linhas que estiveram a aprender.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Existem diversas formas de realizar ditados, onde o professor deve retirar o maior proveito da sua diversidade para com as crianças e Cassany (1998) e Camps *et al.* (2004) citados em Batista, Viana e Barbeiro (2011) indicam-nos que “a tarefa do ditado tem sido objeto de muitas propostas de inovação, a fim de diversificar as formas de o realizar.” Ao nível do cariz técnico da escrita, Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) referem que se devem proporcionar “exercícios para a automatização das regras ortográficas: ditados (...), antecipação da grafia de uma palavra, dada uma parte da sua forma gráfica.” (p.96-97)

No que diz respeito à diversidade de ditados, Fillola (1989) citado em Ferreira (2005), salienta que “o ensino da ortografia depende, principalmente, das estratégias (...) para treinar a memória visual, o que se consegue através de recursos tradicionais como ditados e cópias, ou através de jogos, fichas de trabalho (...).” (p.63)

A interação espontânea na Prática Pedagógica é muito importante, pois de um momento para o outro coloca-nos à prova, onde podemos/devemos colocar as nossas estratégias em prática aliadas a uma boa teoria, no sentido de realizar boas explicações para que o público-alvo perceba rapidamente o que está a ser transmitido, de forma clara e sem ambiguidades, o que é muito importante nesta idade.

Para que a criança entenda o que lhe é transmitido, desde que seja possível, a mesma deve experimentar e perceber a matemática de forma ativa e dinâmica,

servindo-se assim o adulto de materiais, “ como instrumentos, para motivar as actividades que se pretendem ricas e estimulantes, num processo de manipulação-acção e posteriormente de representação (...).” (Prado, 1998 citado em Caldeira, 2009a, p. 17)

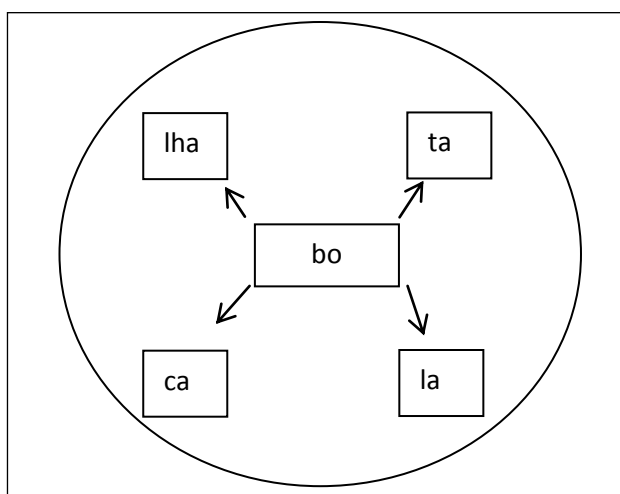
Neste sentido, a criança junta a aprendizagem à experimentação e à forma lúdica e divertida de aprender.

### **Relato diário do dia 19 de outubro de 2010**

A manhã iniciou-se com a leitura da lição, individualmente, onde se ia corrigindo, a leitura sempre que necessário, através da cartilha maternal João de Deus e era feita a marcação da leitura para o dia seguinte.

Ao longo da manhã foi realizada uma ficha de exercícios, onde cada criança teria de juntar uma sílaba a outra principal, para poder formar palavras começadas pela mesma sílaba, criando assim palavras diferentes, como mostra o quadro 3 através do exemplo.

Quadro 3 – Exemplo de exercício de junção silábica



Posteriormente, cada criança teria de escrever as palavras que formou e escrever uma frase com as mesmas. Como por exemplo: A mãe da Margarida fez um bolo.

Depois, foi distribuído por cada criança uma imagem, essa imagem continha três meninas a brincar, todas elas se encontravam a saltar à corda. As crianças fecharam os olhos e imaginaram o que as crianças da imagem estavam a fazer. Depois foi feita a descrição da imagem coletivamente no quadro de giz e no final cada criança tinha de fazer a cópia do quadro para a sua folha.

Foi ainda realizado um ditado ao longo da manhã.

A professora introduziu o tema sobre os numerais ordinais até ao 10.º e realizou uma breve explicação. De seguida, trouxe as crianças para o recreio e através de imagens

de crianças colocou-as na parede do jardim por ordem em relação à meta que as mesmas iam cortar e as crianças atribuíram-lhes um nome para as poderem identificar (as imagens). Foi feita a continuação da explicação na sala de aula, onde após a apresentação da ordem em que cada menino se encontrava na corrida em relação à meta, foi colocado também a forma gráfica da sua representação. A professora foi sempre questionando os alunos para maior compreensão. Seguiu-se a realização de uma ficha de exercícios com várias imagens, onde cada criança teria de completar com os numerais ordinais aprendidos anteriormente. Realizaram ainda alguns exercícios do manual para maior compreensão e consolidação do conteúdo abordado.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

É importante que as crianças no início do primeiro ano de escolaridade completem palavras que se encontram separadas por sílabas formando novas palavras, relembrando o que foi trabalhado no pré-escolar e neste sentido, Martins (1996); Freitas e Santos (2001); Viana (2001) citados em Freitas, Alves e Costa (2007) indicam que “a sílaba constitui uma unidade gramatical estruturadora do conhecimento fonológico, desempenhando um papel fundamental na aquisição e no desenvolvimento das competências da leitura e da escrita.” (p.49)

Ponte e Serrazina (2000) referem que “o professor tem de escolher tarefas que propiciem ao aluno experiências diversificadas e interessantes.” (p.115) Neste caso, os alunos ao longo da aula de matemática, pois puderam beneficiar do espaço interior e exterior da sala, tornando a aula mais atrativa, prendendo a atenção da turma pelo que pude observar.

### **Relato diário do dia 22 de outubro de 2010**

No início da manhã os alunos realizaram diversos exercícios com o material manipulável estruturado Cuisenaire. As crianças trabalharam o dobro e a metade com este material tendo uma ficha para completarem o raciocínio à medida que se ia abordando este conteúdo. No decorrer da aula, à medida que se ia manipulando o material a professora ia colocando algumas situações problemáticas, onde cada criança teria de representar o raciocínio e respetiva resposta com as peças do Cuisenaire.



Durante a manhã, os alunos realizaram uma ficha de trabalho sobre o sentido da audição, onde as crianças ouviam um determinado som e de acordo com esse som havia uma imagem correspondente que cada criança teria de colar pela ordem em que aparecia, à medida que os sons iam sendo transmitidos, na sua ficha de trabalho. Para que cada criança pudesse colar as imagens na sua ficha de trabalho pela ordem referida na audição dos sons, as crianças tiveram de fazer o recorte das mesmas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Mais uma vez, os materiais manipuláveis estruturados têm grande destaque e Ponte e Serrazina (2000) referem que “faz uma grande diferença se os alunos podem utilizar ou não materiais manipuláveis (...).” (p.111)

No que se refere ao material Cuisenaire, Caldeira (2009b) afirma que “as peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” (p.126)

As questões que se colocam às crianças podem ser de ordem diversa, este material é bom pois permite abordar uma grande diversidade de conceitos matemáticos de forma simples. As situações problemáticas trabalhadas através deste material são bastante interessantes, pois este material tem muito interesse pedagógico e de fácil manipulação. Segundo Alsina (2004), citada por Caldeira (2009b), defende que as barras que constituem este material “são um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental...para introduzir e praticar as operações aritméticas”. (p.126)

Achei ainda interessante a forma das crianças recortarem as próprias imagens para depois poderem colar. As crianças devem, segundo o Ministério da Educação (2004) “explorar as possibilidades de diferentes materiais (...) rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando.” (p.95) Esta estratégia adoptada pela professora, a meu ver torna as crianças mais autónomas e dá-lhes um sentido de responsabilidade e confiança ao depositar nelas este trabalho.

### **Relato diário do dia 25 de outubro de 2010**

Os alunos do primeiro ano têm por norma realizar a leitura da lição ao longo da manhã, individualmente, onde se ia corrigindo, a leitura sempre que necessário, através

da cartilha maternal João de Deus e marcação da leitura para o dia seguinte, como sempre.

Foi feita a avaliação da cópia e do ditado que os alunos realizaram neste dia.

Ao longo da manhã os alunos realizaram ainda um exercício de dislexia, assim designado pela professora da sala, que consistia em visualizar uma imagem e associá-la a uma palavra escrita, existiam várias hipóteses de escolha, mas apenas uma estava correta, tendo as palavras em questão a grafia e som parecidos, tornando difícil a escolha de alguns alunos, pelo que pude observar e constatar.

Além do exercício que os alunos realizaram anteriormente, realizaram a escrita de números utilizando o alfabeto, realizaram diversas operações e fizeram a decomposição de números, terminando assim mais uma manhã de aulas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A realização de exercícios em que a criança, visualmente, associa a imagem à palavra escrita de forma correta, são exercícios extremamente importantes no início da atividade escolar, como também são importantes de serem desenvolvidos ao longo de todo o percurso escolar do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ao longo das pesquisas que efetuei sobre a dislexia, através da Infocedi (2011, N.º 32) cito alguns sinais de alerta em idade escolar para crianças possam apresentar este tipo de problemas como por exemplo: “a escrita surge com muitos erros ortográficos, com trocas fonológicas e/ou lexicais; (...) lacunas acentuadas na organização das ideias no texto e na construção frásica.” (p.2)

A Infocedi (2011, N.º32) define dislexia, definição adotada desde 2003 pela Associação Internacional de Dislexia, como sendo:

uma incapacidade específica da aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um défice fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais. (p.1)

A diversidade deste tipo de exercícios também é importante, pois cativa mais a criança na realização dos mesmos, uma vez que esta tende a distrair-se com facilidade, não se concentrando, na totalidade, no trabalho que lhe é proposto.

## **Relato diário do dia 26 de outubro de 2010**

Neste dia dei a minha primeira manhã de aulas, desde que se iniciou o mestrado. Nesta aula foram abordados os seguintes conteúdos, referidos pela ordem que foram lecionados:

Estudo do Meio: A árvore genealógica

Matemática: linhas curvas abertas e fechadas

Língua Portuguesa: o género das palavras

## **Inferências e Fundamentação teórica**

Esta foi a minha primeira manhã de aulas, tal como referi anteriormente. Esta manhã iniciou-se com a aula de estudo do meio, onde preparei uma árvore grande em papel de cenário, feita por mim. Através de identificadores e bonecos plastificados, contei uma breve história sobre a família da “Margarida”, inventada por mim. Tudo fazia sentido, mas como os alunos estavam tão interessados, acabei por lhes dar bastante tempo para fazerem perguntas e perdi-me um pouco no tempo correto a distribuir por cada unidade curricular ao longo da manhã de aulas. Segundo Peterson (2003) “uma aula supõe objetivos concretos, conteúdo concreto, população alvo concreta, tempo determinado, estratégias pedagógicas estabelecidas.” (p.78) Em suma, faltou um pouco de todos estes aspetos para melhorar a minha aula e respeitar o tempo a lecionar em cada unidade curricular.

Após o intervalo da manhã é que iniciei a aula de matemática, com uma breve revisão sobre estes conteúdos, já abordados pela professora da sala. Uma vez que me atrasei logo na primeira aula da manhã, atrasei-me na gestão do tempo ao longo desta manhã.

## **Relato diário do dia 29 de outubro de 2010**

Como é habitual, os alunos hoje iniciaram a manhã com a leitura da lição, individualmente.

Mais tarde realizaram uma avaliação de situações problemáticas da matemática. De seguida, realizaram quatro operações e completaram um labirinto sobre o Halloween.

Terminaram a manhã com a cópia do texto “A bruxa Elvira”, seguido da elaboração do respetivo abecedário.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A realização de situações problemáticas, no dia a dia, ajuda a criança na promoção do cálculo e no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático. No entanto, o professor, segundo Boavida, Paiva, Cebola, Vale e Pimentel (2008), deve “ter sólidos conhecimentos matemáticos para avaliar as respostas dos alunos e também os conhecimentos didáticos necessários quer para os orientar, quer para os questionar colocando em primeiro plano a reflexão e não o “fornecimento” de respostas. (p. 33).

Baptista, Viana e Barbeiro (2011), no que diz respeito à cópia, salientam que “a atribuição de uma função ao texto copiado responsabilizará o aluno pela correcção do produto final, levando-o a realizar mais frequentemente o confronto com o original.” (p.95) É nestas idades que se deve exercitar a escrita, para que os alunos verifiquem, com frequência, quais as dificuldades que têm e que melhorem com as experiências que vão adquirindo e com a prática da escrita que vão adquirindo ao longo do tempo.

### **Relato diário do dia 2 de novembro de 2010**

Este dia começou com mais uma leitura da lição, como é habitual.

De seguida, as crianças realizaram uma ficha de trabalho com exercícios de língua portuguesa.

Após a execução do exercício de Língua Portuguesa, as crianças teriam de fazer duas frases, utilizando duas palavras do exercício anterior, sem se poderem repetir.

Depois, o seguinte exercício consistia em visualizar uma imagem e responder a uma pergunta relacionada com a imagem.

Após a realização deste exercício, as crianças fizeram o ditado de uma frase.

Foi ainda trabalhado neste dia a divisão com o material manipulável estruturado – os calculadores multibásicos, tendo concluído a aula com a realização de uma ficha de trabalho.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

A diversidade de exercícios que os alunos realizam, a língua portuguesa, permite-lhes ter uma visão ampla e geral do que estão a aprender sobre a sua língua materna.

No que diz respeito aos materiais manipuláveis, mais uma vez, merecem o seu lugar de destaque transferindo as situações abstratas para situações mais concretas e próximas da realidade quotidiana de cada criança.

De acordo com o Ministério da Educação (2004), “na aprendizagem da matemática, como em qualquer outra área, as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.(p.168)

Neste sentido, segundo Nabais (s.d.) “esta observação e manipulação da realidade tem que ser também real, isto é, exercida realmente por cada aluno, através de experiências pessoais...” (p.6). Este material manipulável tem um interesse pedagógico bastante interessante, segundo Caldeira (2009a, p.188), nomeadamente, jogos em várias bases, operações aritméticas, situações problemáticas.

### **Relato diário do dia 5 de novembro de 2010**

Esta manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio. Deu a sua primeira manhã de aulas.

Nesta aula foram abordados os seguintes conteúdos, pela ordem referida: o sentido do paladar a Estudo do Meio, a divisão silábica a Língua Portuguesa e a revisão da numeração romana do X ao XX a Matemática.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

A manhã de aulas decorreu dentro da normalidade, onde o meu par de estágio conseguiu controlar muito bem o tempo que lecionou as determinadas unidades curriculares. Os conteúdos foram bem lecionados e as crianças estiveram sempre atentas e foram participando assiduamente ao longo da manhã.

## **Relato diário do dia 8 de novembro de 2010**

A manhã foi iniciada, mais uma vez, com a leitura da lição.

Ao longo da manhã, as crianças realizaram a escrita de frases sobre a peça de teatro “O Vasco das forças”, coletivamente. A professora colocava a informação que as crianças davam no quadro e depois realizou-se a cópia do que tinha sido passado no quadro de giz sobre a respetiva peça de teatro.

Assim que as crianças iam terminando os exercícios, umas mais rápido que outras, havia sempre trabalho a fazer. Realizaram-se os mais diversos exercícios utilizando as seguintes palavras: *as, es, is, os, us*, ou *az, ez, iz, oz, uz*, e com *na, en, in, on, un*, ou *am, em, im, om, um*.

Mais tarde, os alunos realizaram um exercício de matemática para combinação de vestuário, conforme o código de cores atribuído a cada peça. De seguida, realizaram a tabuada do dois.

Para os alunos que já tinham completado este exercício, a professora da sala deu uma tarefa extra para os alunos completarem os exercícios, contendo a aplicação do *r* e do *rr*.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

O professor deve ser dinâmico, ativo, informado, devendo proporcionar à criança as melhores vivências e aprendizagens. É nos primeiros anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico que a criança deve ser estimulada, dando à criança uma diversidade de trabalho maior, para que esta aprenda de forma mais autónoma. Segundo o Ministério da Educação (2004), “as aprendizagens activas pressupõem que os alunos tenham a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar.” (p.23)

Cada aluno tem o seu ritmo de trabalho e nem todas as crianças aprendem da mesma forma e com a mesma rapidez. No entanto, o professor deve estar preocupado com o tipo de atividades/trabalhos que deixa aos alunos para os manter ocupados, exercitando as suas capacidades, tendo em conta que nunca há alunos iguais e como tal, cada um tem as suas capacidades. Ainda de acordo com a Organização Curricular (2004) salienta que, nesta linha de pensamento, “o recurso a estratégias diversificadas deve permitir o atendimento de necessidades individuais.” (p.136)

## **Relato diário do dia 9 de novembro de 2010**

Esta manhã de aulas foi dada por mim.

Neste dia foram abordados os seguintes conteúdos: revisão dos numerais ordinais a Matemática, o vestuário de acordo com as estações do ano a Estudo do Meio e a revisão da frase e da não frase a Língua Portuguesa. A aula não foi concluída, tendo sido terminada noutro dia de estágio.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Esta aula correu menos bem, pois devia ter pedido a ajuda e colaboração dos meninos na distribuição de propostas de trabalho e divisão de tarefas, poupando-me tempo para conseguir controlar o tempo entre cada unidade curricular. Neste sentido, segundo Peterson (2003), é através da aula que o professor cria um clima psicológico favorável, regula e estimula a participação das crianças, dirige as suas atividades (...).” (p.78) O professor deve ser mais controlador e ter, também, o controle de todas as suas atividades.

## **Relato diário do dia 12 de novembro de 2010**

Leitura da lição.

Introdução ao tema na matemática sobre – o pictograma, com castanhas. Foi feita a análise e exploração e de seguida realizaram-se alguns exercícios escritos.

Após o recreio da manhã, as crianças realizaram uma ficha de trabalho sobre “A gata Tareca”, de Luísa Ducla Soares, com a respetiva análise e interpretação do texto, para maior compreensão.

A manhã terminou com a realização de um ditado e respetivo desenho alusivo ao texto que foi ditado.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

A matemática, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, deve ser bem trabalhada, devendo o professor, segundo o Ministério da Educação (2004), “como moderador, acolher as

respostas, pergunta «porquê», lança pistas, aproveita o erro para formular novas perguntas e pede estimativas antes de ser encontrada a solução.” (p.168)

No que diz respeito à interpretação e exploração do texto referido, cito a Organização Curricular do Ministério da Educação (2004), onde “é sabido que o domínio do oral se constrói e se alarga progressivamente pelas trocas linguísticas que se estabelecem numa partilha permanente da fala entre as crianças e entre as crianças e os adultos.” (p.139)

### **Relato diário do dia 15 de novembro de 2011**

As crianças iniciaram a manhã com a leitura da lição.

Após a leitura realizaram exercícios de revisão sobre a numeração romana, a leitura de números e terminaram com a resolução de duas situações problemáticas.

Antes do intervalo da manhã os alunos efetuaram a construção de um origami – a flor, para colocar no busto de João de Deus.

A seguir ao intervalo da manhã, as crianças realizaram um ditado e efetuaram a resposta a duas perguntas e coloriram algumas imagens presentes na folha.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

É importante verificar se as crianças estão a perceber o que tem sido lecionado, a fim de o professor perceber quais as dificuldades dos alunos. Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a), uma das competências específicas da educação artística ao nível do desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação prende-se com o “desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas artísticas.” (p.153)

Neste sentido, Moreira e Oliveira (2004), referem que as dobragens “...permitem desenvolver a coordenação visual motora para além de proporcionarem a concentração e a atenção das crianças.” (p.115)

Pelo simples facto de as crianças terem realizado o origami da flor, puderam trabalhar esta competência num contexto diferente, uma vez que a flor não se destinava a um trabalho da sala de aula, mas sim do exterior.



### **Relato diário do dia 16 de novembro de 2010**

O dia foi iniciado pela leitura da lição.

Esta manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio. Nesta aula foram abordados os seguintes conteúdos: a prevenção rodoviária a estudo do meio, a revisão dos sinais de pontuação a língua portuguesa, revisão da tabuada do 3 a matemática.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Esta aula foi bem conseguida, os tempos de aula foram cumpridos e todas as atividades foram realizadas.

### **Relato diário do dia 19 de novembro de 2010**

Neste dia realizou-se a Cimeira da Nato no Parque das Nações e, por questões de segurança, as estradas e transportes públicos estiveram impedidos de circular, impedindo a minha ida ao estágio por falta de transportes públicos para me poder deslocar.

### **Relato diário do dia 22 de novembro de 2010**

Os alunos leram a lição ao longo da manhã, como acontece em todas as outras manhãs anteriores.

A professora realizou uma breve avaliação da cópia. Posteriormente, os alunos fizeram o abecedário e desenho dessa mesma cópia.

Realizou-se ainda, ao longo da manhã um exercício que consistia em unir algumas palavras ao número de sílabas respetivo. De seguida, as crianças teriam de realizar algumas frases para completar o exercício.

Quando as crianças regressaram do recreio estiveram a ensaiar para a festa de natal.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

No que diz respeito ao Programa de Português do Ensino Básico do Ministério da Educação (2009), os alunos do 1.º e 2.º ano, a nível do conhecimento explícito da língua, o aluno deve explicitar regras e procedimentos, (...) identificar sílabas. (p.47)

Um dos exercícios mais importantes no início do primeiro ano é o de os alunos conseguirem efetuar a divisão silábica das palavras e de as conseguirem classificar corretamente.

## **Relato diário do dia 23 de novembro de 2010**

Este dia foi dedicado à minha manhã de aulas extra. Nesta manhã foram abordados os seguintes conteúdos: o sentido da visão a Estudo do Meio, o pictograma a Matemática, revisão do género e do número a Língua Portuguesa.

## **Inferências e Fundamentação teórica**

Uma vez que tive alguma dificuldade em respeitar o tempo correto a lecionar em cada unidade curricular, pedi à professora titular de turma para poder dar mais uma aula, a fim de adquirir mais experiência.

Na realização do pictograma, tive o cuidado de verificar a cor dos olhos dos alunos da turma, além de abordar o sentido da visão, na área curricular de estudo do meio, interligando todos os conteúdos desta manhã de aulas. Uma vez que este tema suscitou bastante interesse por parte das crianças e a grande curiosidade sobre a cor dos olhos. Neste sentido e, segundo o Ministério da Educação (2004), “a resolução de um problema deve constituir um momento especial de interacção e de diálogo.” (p.168) A criança deve sentir-se bem com as atividades propostas e apelar ao seu interesse.

Cabe a cada futuro professor, aperfeiçoar as suas técnicas de ensino-aprendizagem, pois a prática pedagógica é um treino da situação real da futura profissão de docente. Segundo Galveias (2008), “o objectivo primeiro da supervisão é proporcionar um mecanismo para os professores e supervisores aumentarem a sua compreensão do processo de ensino-aprendizagem.” (p.15)

### **Relato diário do dia 26 de novembro de 2010**

A manhã teve início com uma breve revisão sobre a matéria já dada. De seguida realizou-se a prova de matemática.

Neste dia houve aulas surpresa e aulas programadas, havendo uma pequena reunião, onde os alunos referem os pontos positivos e os pontos a melhorar. As professoras orientadoras que visualizaram as aulas indicam aos alunos em questão a apreciação oral que fizeram sobre as aulas.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

No que diz respeito às reuniões de Prática Pedagógica, Alarcão e Roldão (2008), referem que “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional.” (p. 54) Estas reuniões tornam-se importantes, na medida em que o futuro professor tem de saber encarar as críticas de forma construtivista, pois só assim conseguirá crescer como futuro profissional.

### **Relato diário do dia 29 de novembro de 2010**

Ao longo deste dia, como já é habitual, as crianças realizaram a leitura da sua lição.

Realizaram um ditado de palavras e o respetivo abecedário, efectuando, no final, o desenho de algumas palavras.

A seguir ao recreio da manhã, os alunos estiveram a ensaiar para a festa de natal.

### **Inferências e Fundamentação teórica**

Os ensaios que os alunos realizam ao longo do ano, para as diferentes épocas festivas, são oportunidades de socialização/convivência que o aluno tem com toda a comunidade escolar.

## **1.2.Segunda secção – Estágio de 30 de novembro de 2010 a 11 de fevereiro de 2011**

### **1.º Ciclo do Ensino Básico: Bibe Verde – 2.º Ano**

O nome Bibe Verde é a nomenclatura utilizada no Jardim-Escola João de Deus para designar a faixa etária ao ano correspondente, que neste caso é o 2.º ano.

#### **1.2.1. Caracterização da turma**

A turma do 2.º ano é constituída por vinte e oito alunos, sendo que dezassete são do sexo feminino e onze do sexo masculino. De acordo com as informações prestadas pela professora titular, estes alunos encontram-se bem integrados na dinâmica do Jardim-Escola, apesar de podermos encontrar alguns alunos, que a nível de escrita, apresentam ritmos diferentes porque se distraem com bastante facilidade.

No entanto, é de salientar que existe nesta turma três crianças que apresentam algumas dificuldades em acompanhar a restante turma, requerendo o acompanhamento e trabalho individualizado, além de muita atenção e carinho, pois são crianças com bastantes dificuldades nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática ao nível do raciocínio, expressão escrita e cálculo mental.

As dificuldades apresentadas por estas crianças revelam-se ao nível de problemas de lateralização e, por vezes, sinais de dislexia. Demonstram pouca autonomia na leitura e interpretação, pois têm dificuldades em ler pequenas frases ou textos que lhes são apresentados. Consequentemente, devido à não fluência na leitura, apresentam muitas dificuldades na expressão escrita e articulação de ideias, dando frequentemente muitos erros ortográficos.

#### **1.2.2. Caracterização do espaço**

A sala do 2.º ano situa-se no rés-do-chão do Jardim-Escola, junto ao pátio exterior, onde são realizados os recreios das crianças que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

As mesas da sala encontram-se dispostas em filas de duas as duas ao centro da sala e ainda duas folas laterais, onde as mesas se encontram encostadas à parede de forma individual. A sala está disposta para o lado do quadro de giz, contendo ainda ao seu redor alguns trabalhos e regras que os alunos devem respeitar dentro da sala de aula.

## Rotinas

As rotinas são similares às do 1.º ano, pois os alunos desempenham as mesmas atividades e, regra geral, realizam as suas leituras todas as manhãs.

O horário do segundo ano está estipulado entre as 9h e as 17h, como demonstra o Quadro 4, mas as observações decorrem sempre no período da manhã, entre as 9h e as 13h.

Quadro 4 – Horário do Bibe Verde – 2.º ano

<b>Dias</b> <b>Horas</b>	<b>2.<sup>a</sup></b>	<b>3.<sup>a</sup></b>	<b>4.<sup>a</sup></b>	<b>5.<sup>a</sup></b>	<b>6.<sup>a</sup></b>
<b>9h / 10h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>10h / 11h</b>	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>11h / 11h30</b>	<b>Recreio da manhã</b>				
<b>11h30 / 12h</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>12h / 12h50</b>	Ed. Física	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Matemática (materiais)
<b>13h / 14h30</b>	<b>Almoço e recreio</b>				
<b>14h30 / 15h20</b>	Matemática	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado	Música	Estudo do Meio
<b>15h20 / 16h10</b>	Computadores	Área de Projeto	Estudo do Meio	Inglês	Formação Cívica (15h30/16h10)
<b>16h10 / 17h</b>	Arrumação de trabalhos	Biblioteca	Expressão Plástica 15h45/17h	Estudo do Meio	Assembleia de turma

### **1.2.3. Relatos diários**

#### **Relato diário do dia 30 de novembro de 2010**

Este foi o primeiro dia na sala de aula do 2.º ano. A manhã iniciou-se com revisões a Língua Portuguesa, para a prova, sobre toda a matéria dada até ao momento.

Ao longo da manhã, realizaram-se dois exercícios; primeiro, a Língua Portuguesa, onde as crianças teriam de completar um texto, com palavras, sobre o girassol. Depois, a matemática, as crianças teriam de descobrir o número que não fazia parte da tabuada do nove, do oito e do sete.

Após o recreio da manhã os alunos concluíram alguns exercícios.

Durante a manhã, enquanto eram realizadas estas actividades, as crianças iam lendo a sua lição em voz alta para a professora.

#### **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como sucede ao longo das manhãs, no 1.º ano, o 2.º ano também realiza a leitura da lição. A leitura é feita em voz alta, para a professora ouvir e verificar se o aluno lê corretamente ou se ainda tem algumas dificuldades, enquanto as outras crianças concluem trabalhos que têm atrasados. Neste sentido, Veloso (2001), refere que “o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica.” (p. 24). Na mesma perspetiva, Sim-Sim (2001) refere que “a leitura em voz alta, a resposta oral e escrita a questionários, a produção e recitação de textos, a exposição oral e a resolução de “fichas” são actividades referidas com maior frequência de ocorrência.” (p.19)

#### **Relato diário do dia 3 de novembro de 2010**

As crianças começaram a manhã com a prova escrita de estudo do meio.

Durante a manhã estiveram a concluir alguns trabalhos em atraso que tinham na capa de trabalhos, enquanto a restante turma, acabava a prova.

Após o recreio matinal, as crianças lembraram os sólidos poliedros e não poliedros. Depois desta breve revisão os alunos realizaram um exercício escrito para identificação do nome e características de cada sólido.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Esta manhã passou muito rápido, pois antes do recreio da manhã os alunos realizaram a prova escrita de estudo do meio. A seguir ao intervalo foi feita uma breve revisão sobre os sólidos poliedros e não poliedros.

Enquanto os alunos estavam a realizar o exercício escrito, estive sempre à inteira disposição das crianças para ajudar a esclarecer qualquer dúvida. Ajudei duas crianças que têm bastantes dificuldades de interpretação e escrita. Estas mesmas crianças costumam, por norma, realizar exercícios mais simples que os dos colegas, a fim de acompanharem a matéria.

## **Relato diário do dia 6 de novembro de 2010**

Hoje o dia começou com revisões sobre a matéria dada na área curricular de matemática, oralmente. Os alunos foram questionados sobre a leitura de números, valor relativo e absoluto, ângulos, sólidos geométricos. Realizaram, ainda, exercícios sobre a multiplicação por 10, 100, 1000.

Ao longo da manhã fizeram a correcção de um poema, onde havia palavras mal escritas, e cada criança tinha de detetar, corrigir e colocar correctamente essas mesmas palavras.

Após o recreio matinal realizou-se um ditado de palavras sobreposto na imagem de uma árvore de natal. Foi feita a correção dos erros e as crianças puderam efetuar a pintura dos desenhos.

Durante a manhã, as crianças iam lendo a lição à medida que a professora ia dizendo.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A actividade mais enriquecedora que pude observar ao longo desta manhã foi o ditado de palavras. Nesta idade a criança deve trabalhar bem a escrita, para que possa escrever corretamente. Baptista, Viana e Barbeiro (2011), referem que “para ultrapassar o problema de a tarefa de ditado assumir por vezes um carácter artificial, podemos pensar

em formatos de actividades nos quais a escrita de palavras, de frases ou de textos, a partir da sua realização oral por outra pessoa, se torne significativa.” (p.96)

### **Relato diário do dia 7 de dezembro de 2010**

Uma vez que nos encontramos no mês em que se realizam as diversas provas das unidades curriculares respeitantes, hoje a manhã começou com mais uma revisão para a prova de matemática.

Depois de uma breve revisão a professora entregou as provas e os alunos realizaram a mesma.

Terminada a prova, chegou a altura das crianças usufruírem do recreio matinal. No regresso à sala, as crianças realizaram um ditado.

Como sucede em outros dias anteriores, a leitura da Lição foi realizada enquanto as crianças faziam o alfabeto e o respetivo desenho alusivo ao ditado.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Em tempo de provas, as crianças encontram-se mais esgotadas. O professor não deve sobrecarregar-las com excesso de trabalhos, mas também não deve deixar de realizar exercício com as crianças.

### **Relato diário do dia 10 de dezembro de 2010**

Esta manhã, o meu par de estágio teve aula surpresa na área curricular de Língua Portuguesa. Foi feita a leitura modelo do texto e pedido às crianças para lerem na sua vez. Posteriormente, foi feita a interpretação do texto e exploração gramatical (divisão silábica, tipos de frase, entre outros).

Após o término da aula, as crianças continuaram com a conclusão de trabalhos que tinham em atraso.

Depois do recreio matinal, reunimo-nos numa sala para a apreciação das aulas solicitadas.



## **Inferências e fundamentação teórica**

A leitura em voz alta é importante para a criança. Jean (2000), salienta que, “ler em voz alta supõe que o leitor «reconhece» um texto que já leu em silêncio ou não, e sobretudo que ele compreende o suficiente para antecipar com os olhos na sua leitura «oralizada»”. (p.34).

No que se refere à exploração gramatical que o meu par de estágio efectuou, relativamente ao que foi pedido, referindo Reis e Adragão (1992) que referem que:

o ensino da gramática é considerado por muitos professores como o essencial da língua; outros consideram-no um mal necessário, um conjunto de itens que é preciso cumprir a qualquer preço. Para os alunos, a gramática é frequentemente objecto de terror, quando não é ignorada e preterida em favor da interpretação, da composição, até da explanação de temas extra linguísticos. (p.63)

A exploração gramatical é importante, pois ajuda a criança a explorar e a interpretar a Língua Portuguesa, que é tão complexa e vasta.

## **Relato diário do dia 13 de dezembro de 2010**

Os alunos estiveram, ao longo do primeiro tempo da manhã, a concluir alguns trabalhos atrasados.

Após o recreio matinal, realizaram-se três situações problemáticas e alguns exercícios de Língua Portuguesa, explorando antónimos e sinónimos.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A maior parte da manhã foi dedicada a crianças que apresentam mais dificuldades, ajudando-as a terminar alguns trabalhos e dando algum apoio e explicação de alguns conteúdos, para que a criança pudesse realizar os exercícios em atraso.

As crianças com mais dificuldades devem ter um apoio maior por parte do professor, não ficando desamparadas, nem acumulando diversos trabalhos, que por vezes não foram terminados pois não perceberam ao certo o que se pretendia fazer e outros porque apresentam algumas dificuldades no domínio dos conteúdos lecionados.

### **Relato diário do dia 14 de dezembro de 2010**

Hoje o dia começou, novamente, com a conclusão de trabalhos atrasados que os alunos tinham na sua capa.

Após a professora da sala ter dado algum tempo para as crianças irem terminando os seus exercícios atrasados, as crianças realizaram um exercício que consistia em completar um texto com os sinais de pontuação, corretamente. Outros exercícios diversos se seguiram como: completar com nomes próprios, comuns e colectivos; efectuar a correspondência sobre nomes colectivos; completar com nomes de cidades de Portugal, nomes de rios mais conhecidos e apelidos de pessoas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A leitura da lição era sempre feita em voz alta e segundo Jean (2000), “ler, em voz alta é, sem dúvida e com efeito, aquilo que dizemos em voz alta para nos fazermos entender a nós próprios.” (p.17). Também é importante relembrar a parte gramatical básica que é deveras importante para a compreensão do funcionamento da Língua Portuguesa.

### **Relato diário do dia 17 de dezembro de 2010**

Hoje, a manhã foi dedicada à conclusão de trabalhos atrasados, que estavam na capa. Quem já tinha feito os trabalhos ia fazendo alguns exercícios que a professora ia dando. Ajudei dois alunos com muitas dificuldades de abstracção e concentração na realização de diversos exercícios em áreas curriculares diferentes.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Todo o apoio prestado aos alunos com mais dificuldades, é muito importante, pois dá-lhes confiança e alento. Sabem que podem contar com alguém que está ali para os ajudar. Quando há turmas muito grandes, torna-se difícil apoiar todos os meninos, aproveitando o apoio dos estagiários, dá-nos a oportunidade de poder ajudar as crianças, torná-las mais felizes e ampará-las quando estas mais precisam.

### **Relato diário do dia 3 de janeiro de 2011**

Hoje, ao iniciar a manhã, os alunos fizeram uma cópia e a reescrita de sete palavras difíceis dessa mesma cópia. Posteriormente, foi feito um desenho relativo ao conteúdo da cópia.

A seguir ao recreio da manhã foi efetuado um ditado do texto “Um presente especial.”

Quando o ditado ficou terminado os alunos estiveram a realizar exercícios sobre os números ordinais e a completar percursos. A manhã culminou com a terminação de todos estes trabalhos.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Saliento mais uma vez a importância que a cópia e o ditado têm ao longo do 1.º Ciclo. A criança deve praticar diariamente, para que não caia no esquecimento esta rotina tão importante.

### **Relato diário do dia 4 de janeiro de 2011**

Esta manhã iniciou com a revisão do plural dos nomes com terminação em “m” e a professora fez um apanhado da última aula. Após a explicação que efectuou as crianças registaram um apontamento sobre esta matéria e realizaram alguns exercícios.

Durante a manhã ainda houve oportunidade para trabalhar com o quinto dom de froebel, onde se realizou a construção do sofá. Com este material manipulável foram abordadas as fracções equivalentes, procedendo-se à resolução de problemas em situação problemática.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Mais uma vez tomo a liberdade de salientar a importância dos materiais manipuláveis, onde de acordo com Matos e Serrazina (1996) que defendem que “ao dar aos alunos a oportunidade de experimentar a matematização através de manipulação de materiais não estamos apenas a fomentar uma actividade lúdica, mas estamos

principalmente a criar situações que favorecem o desenvolvimento do pensamento abstracto”. (p.23)

Com o quinto dom de Froebel podemos trabalhar diversas situações, uma delas é as frações. Num segundo ano de escolaridade é muito bom poder falar de frações com as crianças e estruturar-lhes o pensamento neste sentido. Segundo Rodriguez, citado por Caldeira (2009a), afirma que Froebel é um pedagogo que se apoia em diferentes correntes pedagógicas.” (p.238) a larga experiência que os pedagogos adquiriram e os materiais e estratégias em que pensaram, aplicadas nos dias de hoje continuam a dar bons resultados. Nas experimentações que fazemos com as crianças e nas vivências que se vão adquirindo no dia a dia, “ a aprendizagem deve sempre partir daquilo que a criança já conhece. Ouvir o seu conhecimento é o principal requisito para o sucesso da educação.” (Caldeira, 2009a, p.238).

Desde a primeira infância e os primeiros anos de escolaridade básica que a criança deve ter contacto com diversas realidades e experimentar. Alargar os seus horizontes e ir mais além no treino do cálculo mental. Este material manipulável estruturado, quinto dom de Froebel, é um bom condutor do estímulo e treino do cálculo mental de diversas e variadas formas.

### **Relato diário do dia 7 de janeiro de 2011**

Esta manhã assisti a uma aula nesta mesma sala, dada por uma estagiária de outro mestrado. A manhã decorreu dentro da normalidade e as crianças estiveram participativas.

### **Relato diário do dia 10 de janeiro de 2011**

Esta manhã dei a minha primeira aula a esta turma. Foram abordados os seguintes temas: Língua Portuguesa – produção de um texto livre sobre a profissão que cada criança gostaria de ter; Matemática – o euro; Estudo do Meio – Profissão do Banqueiro.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Esta manhã de aulas aproveitei para encadear os temas que me foram dados, pela professora da sala, aos quais tentei aproveitar ao máximo a relação entre os mesmos. A relação que criei entre a moeda – o euro e a profissão do banqueiro deu para interligar os temas e realizar alguma interdisciplinaridade. De acordo com Levy, Guimarães e Pombo (1994) “são os professores que, por sua iniciativa, vêm realizando, com uma frequência crescente, experiências de ensino que visam alguma integração dos saberes disciplinares e implicam algum tipo de trabalho de colaboração entre duas ou mais disciplinas.” (p.8)

No entanto, nem tudo correu conforme tinha pensado, pois tive de demorar mais tempo na explicação da moeda, onde alguns alunos quiseram saber algumas curiosidades, às quais me predispus a responder, acabando por ficar com pouco tempo para o que pretendia abordar a seguir a essa aula.

## **Relato diário do dia 11 de janeiro de 2011**

O meu par de estágio deu a sua primeira manhã de aulas. Diversificou as estratégias utilizadas no que diz respeito a lidar com alunos com comportamento mais difícil em sala de aula.

## **Inferências e fundamentação teórica**

O professor deve estar preparado para lidar com todo o tipo de situações e saber gerir as suas emoções e saber o que fazer nas mais diversas situações. Neste sentido, a prática pedagógica abre-nos os horizontes e mostra as realidades com as quais lidamos no momento e que podemos lidar num futuro próximo já como futuros docentes.

De acordo com o decreto-lei 344/89 citado por Caldeira (2009b), refere-nos que foram definidas as linhas gerais de formação inicial e contínua de professores, devendo contemplar alguns dos seguintes pontos que penso que são muito importantes como:

- a) A formação pessoal e social dos futuros docentes, favorecendo a adopção de atitudes de reflexão, autonomia, cooperação e participação, bem como a interiorização de valores deontológicos e a capacidade de percepção de princípios;
- b) A formação científica, tecnológica, técnica ou artística na respectiva especialidade;
- c) A formação científica no domínio pedagógico didáctico;
- d) O desenvolvimento progressivo das competências docentes a integrar no exercício da prática pedagógica;
- e) O desenvolvimento de capacidades e atitudes de análise crítica, de inovação e investigação pedagógica. (pp.176-177)

### **Relato diário do dia 14 de janeiro de 2011**

Hoje a estagiária de outro mestrado, presente nesta mesma sala, teve de dar uma aula surpresa de Língua Portuguesa.

Assim que esta aula terminou, desloquei-me à sala do 4.º ano, para ver uma colega dar aula programada de uma hora. Quando esta aula terminou, ainda houve tempo para eu dar a minha primeira aula surpresa de matemática, com material manipulável estruturado Cuisenaire. O tema da aula foi a divisão. Quando terminei, segui para a reunião onde obtive o feedback sobre a minha aula.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A aula surpresa não decorreu da melhor forma, apesar de todos os receios que tive quando o tema da aula me foi apresentado. No entanto, apesar de ainda não saber manipular o material da melhor forma, realizei diversas situações problemáticas orais, explorando a divisão e tentando incluir o material. No fim, quando me apercebi, apenas tinha efetuado uma revisão sobre os valores de cada peça, não manipulando o material no seu todo. Contudo, consegui colocar diversas situações problemáticas com dados desnecessários, com pergunta no início e ainda dar os dados para que as crianças pensassem em formular um problema com os mesmo dados. É nestas aulas que damos maior valor e relevância à prática que realizamos junto das crianças e que é no campo que

conseguimos perceber o que um professor tem ou deve fazer e das dificuldades que sentimos.

De acordo com Caldeira (2009b):

a importância da Prática Pedagógica decorre do significado que se atribui à competência do professor para ensinar a fazer aprender. As competências são formadas na prática; devem ocorrer em situações contextualizadas, de forma a que com os diversos conhecimentos possam favorecer nos alunos a relação entre as várias áreas do conhecimento. (p.199)

Um professor deve ter as “ideias” bem estruturadas para que não confunda a criança, mas sim que a ajude a estruturar o seu raciocínio.

### **Relato diário do dia 17 de janeiro de 2011**

Esta manhã os alunos utilizaram os Calculadores multibasicos e realizaram situações problemáticas com este material, onde as operações da soma e subtração estiveram no centro do estímulo ao cálculo mental.

Após uma breve revisão com este material, a professora efectuou a avaliação e situações problemáticas incluindo as operações que treinaram com o material cuisenaire.

Após o recreio da manhã, lecionou-se o conteúdo – o texto em prosa e de seguida foi feito o registo de um apontamento.

Por volta das doze horas os alunos dirigiram-se para a aula de educação física, que passou a ser sempre neste dia a esta hora.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A educação física no 1.º ciclo é muito importante pois este tipo de actividade faz com que as crianças desenvolvam a sua motricidade e coordenação nas mais diversas actividades propostas pelos professores. De acordo com Maria e Nunes (2007), é durante a realização da actividade física que:

a criança ao efetuar diferentes experiências utilizando o seu corpo reage aos diversos estímulos do meio envolvente, recebendo assim através dos sentidos toda a informação útil (táctil, visual e auditiva), sobre a qual irá construir as imagens mentais que lhe permitirão a formação de conceitos. (p.5)

Além da importância que a atividade física tem no desenvolvimento da criança, é algo diferente que lhes desperta o interesse e a atenção e que, por norma, a grande maioria das crianças gosta. É nestas aulas que as crianças socializam mais e interagem umas com as outras.

### **Relato diário do dia 18 de janeiro de 2011**

Esta manhã não pude comparecer ao estágio por motivo de doença.

### **Relato diário do dia 21 de janeiro de 2011**

Ao longo deste dia de estágio foram abordados o texto dramático – o teatro, e foi efetuado o registo de um apontamento.

Após o recreio matinal as crianças estiveram a concluir alguns trabalhos que tinham em atraso. Ainda foram realizadas algumas situações problemáticas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Segundo o Programa de Português do Ensino Básico - 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2009), os alunos devem “distinguir diferentes tipos de texto”. (p.158) É a partir do primeiro ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico que a criança tem contacto com diversos tipos de texto e ganha o gosto pela leitura. O texto dramático chama em especial atenção a criança, pois aparece graficamente de uma forma diferente.

### **Relato diário do dia 24 de janeiro de 2011**

A manhã começou com a leitura de um texto: “O corvo e a raposa”, fábulas de Lá Fontaine. De seguida, os alunos responderam por escrito às perguntas de interpretação sobre esta fábula.

Enquanto toda a turma realizava este exercício, ajudei uma criança que tem bastantes dificuldades de aprendizagem a terminar alguns exercícios. Os exercícios que a mesma tinha eram mais fáceis do que os da restante turma.

No final da manhã, os alunos foram para a aula de ginástica.



## **Inferências e fundamentação teórica**

A fábula revela-se importante no 1.º Ciclo do Ensino Básico, pelo seu alcance pedagógico. Diniz (1993), refere que “ a fábula faz parte da Literatura de expressão oral portuguesa, (...) como história exemplar, reduzida aos seus elementos essenciais.” (p.63)

Relativamente à fábula enquanto género narrativo Diniz (1993) designa-a como “ um relato quase sempre breve, de ação relativamente tensa [...] interpretada por personagens ... que são muitas vezes animais irracionais. (...) O que distingue a fábula de outras narrativas de carácter metafórico ou simbólico é a presença do animal colocado em situação humana e exemplar.” (p.62) As fábulas fazem as “delícias” das crianças pois, muitas vezes, são uma satisfação e o alimento da sua alma.

## **Relato diário do dia 25 de janeiro de 2011**

A manhã iniciou com a realização de algumas situações problemáticas.

Após a chegada de todas as crianças, já perto do primeiro intervalo do dia, as crianças realizaram uma visita de estudo à Gulbenkian com o tema de visita “Descobrir com conta, peso e medida”.

## **Inferências e fundamentação teórica**

As saídas da sala de aula para conhecer outras realidades e, por vezes, ir ao encontro de outras fontes históricas ou culturais é algo bastante importante e enriquecedor. As visitas de estudo, segundo Krepel (1981) citado por Almeida (1999) é “...uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objetivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais.” (p.51)

Apesar de ser um dia diferente, é uma aula diferente e uma forma de aprender diferente que enriquece a cultura da criança.

## **Relato diário do dia 28 de janeiro de 2011**

A turma iniciou a manhã com a realização de situações problemáticas com vários dados. Entretanto, ajudei uma aluna a concluir alguns exercícios de matemática que ainda estavam em falta, na capa de trabalhos em atraso.

Ainda antes do recreio matinal ocorreu a minha aula surpresa de Língua Portuguesa. Realizei a leitura modelo do texto. Foi-me pedido ainda para efetuar a leitura e interpretação do texto, oralmente e colocar questões gramaticais.

Após o recreio da manhã houve a reunião sobre as aulas dadas no Jardim-Escola neste dia.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Apesar de ter sido esta manhã a minha segunda aula surpresa, preparei-me muito bem, uma vez que não estava à espera de ter a aula surpresa de matemática em primeiro lugar. No entanto, tudo correu bem e até consegui colocar uma questão sobre cada parte da gramática abordada no 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Apesar de sentir que a aula correu bem, mas podemos sempre ser melhores e melhorar o nosso trabalho muito mais, também é importante ouvir os comentários feitos pelas profissionais na área de supervisão da prática pedagógica e, de acordo com Oliveira (1992), “a responsabilidade pelo desenvolvimento das competências profissionais é atribuída, em parte, ao professor em formação, através de um processo de reflexão persistente e cuidada sobre a ação educativa” (p.18). Estas aulas, apesar de todos os medos e receios dos estagiários, são uma boa preparação para o nosso futuro profissional.

## **Relato diário do dia 31 de janeiro de 2011**

Hoje a manhã iniciou-se com a apresentação do tipo de texto - a banda desenhada, onde foram realizadas perguntas sobre a exploração da banda desenhada e os seus constituintes, onde aparece e porque é formada.

Após o recreio da manhã, as crianças estiveram a realizar situações problemáticas com a operação da adição, utilizando os calculadores multibasicos.

Quase no final da manhã, as crianças deslocaram-se para o ginásio, onde iriam realizar a sua aula de educação física.

## **Inferências e fundamentação teórica**

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a), no que se refere às experiências de aprendizagem, para que os objetivos do currículo de Língua Portuguesa possam ser atingidos “é fundamental que todos os alunos participem, ao longo da educação básica, em situações educativas (...) como actividades de leitura silenciosa e em voz alta de diferentes tipos de texto; (...) actividades de elaboração de vários tipos de textos.” (p.36)

A educação física ocupa um lugar de destaque para cada criança, pois segundo Maria e Nunes (2007), “a actividade física e desportiva tem subjacente uma conceção de educação integrada, a partir dos conhecimentos adquiridos na vida familiar e na comunidade de origem de cada aluno.” (p.5)

## **Relato diário do dia 1 de janeiro de 2011**

Mais uma manhã de aulas em que tive a oportunidade de lecionar. Ao longo da manhã tive a oportunidade de abordar os seguintes conteúdos: Matemática - itinerários com o material manipulável Cuisenaire, descobrindo o itinerário através de multiplicações, divisões, valores das peças associadas à cor do material utilizado, respeitando as indicações dadas; Língua Portuguesa – família de palavras e a Estudo do Meio - seres vivos e seres não vivos.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A manhã iniciou-se um pouco atribulada, pois cada vez que os alunos utilizam algum material gera-se sempre alguma confusão, pois sentem a necessidade de mexer, construir e brincar com as peças. Nesse sentido, demorei algum tempo a relembrar as regras de utilização dos materiais matemáticos, perdendo algum tempo, o que fez com que fosse atrasando a minha manhã de aulas.

Após o recreio da manhã ainda estava a terminar a aula de matemática. A turma esteve um pouco agitada, apesar de conseguir realizar todos os exercícios a que me propus.

A prática pedagógica ajuda-nos a refletir sobre o trabalho realizado com as crianças e a pensar em novas estratégias e novas formas de melhorar como futuros profissionais ao serviço da educação.

Neste sentido Lacão (2001) diz-nos que:

Pensamos que a formação de professores deverá ter sempre como finalidade a construção e a melhoria das competências do professor enquanto profissional de ensino e cidadão responsável pelo processo educativo dos outros cidadãos. Mas a construção de uma competência passa pela construção de um percurso de formação que favoreça a aprendizagem de novas técnicas, novos conteúdos científicos, novas tecnologias da informação e da comunicação, e novas práticas pedagógicas. (p.30)

Apesar de ter tido alguma “dificuldade” em controlar o tempo, pelo que já foi referido anteriormente, a aula foi conseguida e houve aprendizagem por parte das crianças, reflectindo-se no trabalho desenvolvido ao longo da aula.

A aula de matemática encontra-se fundamentada cientificamente no capítulo respeitante às planificações do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **Relato diário do dia 4 de fevereiro de 2011**

Hoje efetuei, a pedido da professora da sala, a arrumação de trabalhos nos dossiês das crianças, organizando-os. Tive ainda a oportunidade de ajudar, mais uma vez e de forma incansável, duas crianças com mais dificuldades, na concretização de alguns exercícios.

Durante a manhã, a pedido da professora da sala, controlei a leitura da lição, que cada aluno ia fazendo em voz alta, seguindo o texto e corrigindo as crianças sempre que necessário.

Após o recreio da manhã, as crianças realizaram de algumas situações problemáticas, treinando para a avaliação, que no final da manhã acabaram por realizar.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Nos dias que correm, a leitura e a escrita são a base de orientação das nossas vidas. Se uma criança tem dificuldades na leitura, terá dificuldades de aprendizagem, pois não consegue interpretar e realizar o que é pedido, perdendo a sua autonomia de trabalho,

estando sempre dependente do professor. Castro e Gomes (2000) defendem que “a leitura é, simultaneamente, objectivo de aprendizagem e meio de alcançar outras aprendizagens, as dificuldades encontradas no domínio da leitura estão intimamente ligadas às dificuldades de aprendizagem”. (p.124)

### **Relato diário do dia 7 de fevereiro de 2011**

Esta manhã não compareci ao estágio, pois encontrava-me doente.

### **Relato diário do dia 8 de fevereiro de 2011**

Esta manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio. As aulas foram dadas com a seguinte ordem:

Estudo do Meio - As plantas: tipos de raiz, ambiente onde as plantas se desenvolvem (terrestre, aquático, aéreo), constituição da raiz. A Língua Portuguesa - os determinantes artigos definidos e os determinantes artigos indefinidos. A Matemática - os múltiplos de um número.

### **Inferências e fundamentação teórica**

É importante dar aulas e assistir a estratégias e a formas de dar aulas de outras pessoas. Abona a favor do meu par de estágio o bom controlo do tempo por cada unidade curricular a lecionar. A manhã correu bem e os alunos estiveram interessados. As crianças tiveram ainda a oportunidade de observar algumas plantas ao vivo.

### **Relato diário do dia 11 de fevereiro de 2011**

Hoje a manhã foi dedicada a revisões sobre os seguintes conteúdos gramaticais: determinantes artigos definidos e determinantes artigos indefinidos.

Após o recreio da manhã, as crianças realizaram algumas situações problemáticas.

## **Inferências e fundamentação teórica**

É importante que os alunos relembrem determinados conteúdos que são a base para o entendimento da própria língua materna, a Língua Portuguesa, que tão vasta e complexa se apresenta. Além da Língua Portuguesa, cabe ao professor envolver os alunos com situações problemáticas do quotidiano escolar e familiar, envolvendo situações do dia a dia como ir às compras com os pais, por exemplo.

### **1.3. Terceira secção – Estágio de 14 de fevereiro a 29 de abril de 2011**

#### **1.º Ciclo do Ensino Básico: Bibe Azul Claro – 3.º Ano**

O nome Bibe Azul Claro é a nomenclatura utilizada no Jardim-Escola João de Deus para designar a faixa etária ao ano correspondente, que neste caso é o 3.º ano.

##### **1.3.1. Caracterização da turma**

A turma do 3.º ano é composta por vinte e quatro alunos, dos quais doze são do sexo feminino e os restantes doze do sexo masculino.

Esta turma é homogénea e apresenta grande motivação e interesse pelas atividades propostas e o gosto demonstrado pela aprendizagem. No geral, os alunos são bastante empenhados e autónomos, possuindo um grande interesse em descobrir e aprender novas informações.

No entanto, existem alguns alunos que requerem mais atenção, pois têm um ritmo de trabalho e aprendizagem mais lento em relação à restante turma, apresentando dificuldades ao nível da escrita, leitura e cálculo mental.

##### **1.3.2. Caracterização do espaço**

Tal como a sala do 2.º ano, esta sala também se situa no rés-do-chão do Jardim-Escola, junto ao pátio exterior, onde são realizados os recreios das crianças que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao invés das outras salas, esta já possui quadro interativo, além do quadro a giz que já possuía anteriormente. O quadro interativo é utilizado todos os dias e as crianças podem usufruir das mais diversas funcionalidades que o mesmo apresenta.

As paredes da sala, tal como as outras salas, encontram-se igualmente decoradas com os trabalhos realizados pelas crianças e algumas informações de medidas matemáticas que se encontram na parede frontal da sala, para que os alunos possam observar sempre que tenham alguma dificuldade.

### **Rotinas**

As rotinas do 3.º ano, partilham das mesmas, já referidas anteriormente, para o 1.º e 2.º ano.

O horário do terceiro ano está estipulado entre as 9h e as 17h, como demonstra o Quadro 5, mas as observações decorrem sempre no período da manhã, entre as 9h e as 13h.

Quadro 5 – Horário do Bibe Azul Claro - 3.º ano

<b>Dias</b> <b>Horas</b>	<b>2.<sup>a</sup></b>	<b>3.<sup>a</sup></b>	<b>4.<sup>a</sup></b>	<b>5.<sup>a</sup></b>	<b>6.<sup>a</sup></b>
<b>9h / 10h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>10h / 11h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>11h / 11h30</b>	<b>Recreio da manhã</b>				
<b>11h30 / 12h</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>12h / 12h50</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>13h / 14h30</b>	<b>Almoço e recreio</b>				
<b>14h30 / 15h20</b>	Expressão Plástica (14h30/15h45)	Estudo do Meio	Área de Projeto	Educação Física	História
<b>15h20 / 16h10</b>	Estudo Acompanhado	História	Computadores	Música	Assembleia de Turma
<b>16h10 / 17h</b>	Estudo do Meio	Biblioteca	Formação Cívica	Inglês	Experiências

### 1.3.3. Relatos diários

#### Relato diário do dia 14 de fevereiro de 2011

Este dia começou numa nova sala, na sala do 3.º ano. A professora apresentou-nos à turma.

Após esta conversa matinal de partilha, os alunos realizaram a correção dos desafios escolares que puderam realizar no fim de semana.

Durante a manhã, as crianças realizaram a leitura da lição, efetuaram um ditado e interpretação do texto “A Lenda de S. Valentim”.

Após o recreio da manhã, os alunos realizaram alguns exercícios de matemática como: cálculo mental, reduções, valores relativos e absolutos de determinados e leitura de



números, realização de operações básicas (adição, subtração e divisão) em exercícios de cálculo mental, medidas de comprimento, peso, massa, terminando a manhã com a conclusão destes exercícios.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A professora apresentou o grupo de estágio à turma, onde os alunos tiveram a oportunidade de nos efetuar algumas perguntas e de nos dar a conhecer da melhor forma, dizendo algumas coisas de que mais gostamos de fazer, havendo uma partilha entre alunos e estagiárias. A empatia e a relação que se cria com as crianças é muito importante e o caminho mais rápido para o sucesso escolar e relações pedagógica. Neste sentido, Estrela (1992) define que “a relação pedagógica é uma relação circunscrita pelo tempo, limitada, portanto, por horizontes temporais institucionalmente definidos.” (p.43).

### **Relato diário do dia 15 de fevereiro de 2011**

A manhã iniciou com a realização de uma prova surpresa de Língua Portuguesa.

Após o recreio da manhã as crianças realizaram algumas situações problemáticas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

É muito importante que os alunos tenham os seus conhecimentos testados, originando um maior esforço por parte do aluno, no que diz respeito ao empenho e dedicação aos estudos. Obriga a criança a ter um ritmo de trabalho diferente. A criança adota uma atitude mais responsável, cumprindo ao máximo e da melhor forma possível, os seus direitos e deveres.

### **Relato diário do dia 18 de fevereiro de 2011**

A manhã começou com a realização de alguns exercícios gramaticais sobre análise sintática de frases, classificação morfológica e conjugação verbal.

Ao longo da manhã prestei apoio a algumas crianças, ajudando-as a terminar alguns trabalhos em atraso.

Após o recreio da manhã os alunos estiveram atentos à explicação que se seguiu sobre a balança decimal, realizando de seguida algumas situações problemáticas para aplicação de exercícios sobre a balança decimal.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Num 3.º ano de escolaridade, deve trabalhar-se aprofundadamente a gramática de uma forma mais complexa, para que a criança inicie o processo de compreensão da língua materna. Segundo o Ministério da Educação (2007a), no que se refere ao conhecimento explícito da língua, em relação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, o “desenvolvimento da consciência linguística com objetivos instrumentais, (...) de capacidade de usar o conhecimento da língua como instrumento na aprendizagem da leitura e da escrita; o conhecimento (...) flexional e de regras gramaticais básicas.” (p.35)

Neste sentido, Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) salientam que é “a consciência da aceitabilidade gramatical, que implica a capacidade para voluntariamente prestar atenção à língua e para tratar como objeto de análise, requer níveis de conhecimento linguístico superiores aos exigidos para usar as estruturas da língua como finalidades comunicativas.” (p.47)

O primeiro Ciclo do Ensino Básico é pilar basilar e o ponto de partida mais importante de toda a estruturação do seu conhecimento.

### **Relato diário do dia 14 de março de 2011**

Hoje o dia começou com a correção dos desafios escolares.

Após a chegada de todos os alunos, comecei por dar uma aula sobre as medidas agrárias. De seguida dei uma aula de língua portuguesa sobre o pretérito mais que perfeito do modo indicativo.

Após as 12 horas iniciei a aula de estudo do meio sobre a formação do solo.

Terminei o dia com a realização de alguns exercícios da aula de estudo do meio sobre a formação do solo.

## **Inferências**

Este dia fiquei em estágio durante a parte da tarde, ajudando as crianças na elaboração, sempre que era pertinente, da prenda para o dia do pai. Uma vez que me atrasei a chegar ao Jardim-escola durante a manhã, para poder iniciar a minha primeira manhã de aulas, tudo correu bem.

A aula de estudo do meio encontra-se fundamentada cientificamente no capítulo das planificações.

## **Relato diário do dia 15 de março de 2011**

A manhã iniciou-se com a aula de expressão plástica, onde as crianças tinham de fazer uma montagem de figuras e composição do desenho a partir de imagens de revistas ou de postais. A pintura do desenho é feita de acordo com a composição das imagens.

Hoje, durante a manhã, o Jardim-Escola teve a visita de uma autora/ilustradora de histórias infantis. O encontro foi realizado no ginásio da escola, onde os alunos do terceiro ano estiveram presentes.

Quando a turma regressou à sala, já depois do intervalo da manhã, os alunos continuaram a correção dos desafios escolares do dia anterior.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A realização de situações problemáticas como a realização dos desafios escolares de Língua Portuguesa e Matemática, revelam-se verdadeiramente importantes, pois, principalmente no ramo da Matemática, segundo a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ministério da Educação (2004), “a resolução de problemas coloca o aluno em atitude activa de aprendizagem.” (p.164) É necessário adquirir muita prática para que os alunos obtenham um bom desempenho.

### **Relato diário do dia 18 de março de 2011**

Esta manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio. As aulas tiveram a seguinte ordem, iniciando-se a manhã de aulas com o tema os astros, no que diz respeito a Estudo do Meio.

A aula foi interrompida para que se fosse assistir a uma peça de teatro sobre os cuidados que devemos ter com a alimentação.

Quando os alunos regressaram à sala de aula, após o recreio matinal, as crianças assistiram à aula sobre as unidades de medida do dia, realizando alguns exercícios.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Foi muito importante os alunos terem visto esta peça de teatro, pois puderam refletir um pouco sobre a alimentação saudável e cuidada que devemos ter no dia a dia. Neste sentido cito Ricardo (2005), que afirma que “a alimentação deve, pois, ser equilibrada, de modo a evitar as carências e a proporcionar o maior bem-estar físico.” (p. 3). Também é importante uma boa alimentação para que as crianças estejam mais atentas na escola e tenham mais energia para terem a capacidade de poderem realizar os exercícios e desafios do dia a dia da comunidade escolar. Esta situação também foi bastante evidenciada nesta peça de teatro.

### **Relato diário do dia 21 de março de 2011**

Hoje não estivemos presentes no Jardim-Escola, uma vez que se realizou a reunião na Escola Superior de Educação João de Deus, para entrega das avaliações respeitantes ao primeiro semestre de prática pedagógica.

### **Relato diário do dia 22 de março de 2011**

Durante a primeira parte da manhã, a turma esteve a realizar uma prova de Língua Portuguesa.

Após o recreio da manhã, pude efetuar a conclusão da minha aula sobre a formação do solo, esclarecendo as crianças sempre que foi pertinente, detetando as suas conceções alternativas acerca deste tema.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A aula de Estudo do Meio dada por mim e concluída neste mesmo dia, encontra-se fundamentada cientificamente no capítulo das planificações.

### **Relato diário do dia 25 de março de 2011**

O meu par de estágio teve oportunidade de hoje iniciar a manhã com a conclusão da sua aula, onde deu língua portuguesa e falou um pouco sobre palavras derivadas.

Posteriormente, as crianças realizaram a pintura de um pictograma e realizaram exercícios que lhes foram dados a partir dos dados que se encontravam nesse mesmo pictograma. Enquanto os alunos terminavam o exercício, conversamos com a professora da sala sobre as aulas dadas.

### **Relato diário do dia 28 de março de 2011**

A manhã começou com a realização de um exercício caligráfico e ditado do texto do manual de 3.º ano “A menina das agulhas”.

De seguida, foram entregues aos alunos as provas de língua portuguesa e matemática, para que os mesmos pudessem ver o que tinham bem e o que tinham mal e pudessem efetuar a respetiva correção. Iam corrigindo oralmente à medida que a professora ia realizando as perguntas.

A manhã terminou com os alunos a realizarem situações problemáticas.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A prática de exercícios envolvendo a caligrafia são muito importantes e segundo Baptista, Viana e Barbeiro (2011) este “apoio efetivo à aprendizagem pode exigir, em certas crianças, que o adulto acompanhe o ato caligráfico.” (p.21)

A prática diária de situações problemáticas ao nível da matemática também é importante. E, de acordo com a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ministério da Educação (2007a), segundo as competências essenciais, ao nível da

matemática, todas as crianças devem ter a possibilidade de “desenvolver a capacidade de usar a matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar.” (p.57)

### **Relato diário do dia 29 de março de 2011**

Durante a manhã os alunos realizaram a prova de Estudo do Meio.

Após o regresso do recreio da manhã, as crianças realizaram também uma avaliação de situações problemáticas.

### **Relato diário do dia 1 de abril de 2011**

Hoje a manhã foi dedicada às aulas que o meu par de estágio preparou. As aulas tiveram o seguinte seguimento: Língua portuguesa com leitura e interpretação de um texto de António Torrado; a Matemática, foram realizados com os alunos, situações problemáticas de lógica; a História de Portugal os alunos ouviram um pouco da biografia de D. Afonso IV e ficaram a conhecer informações sobre o seu reinado.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Esta manhã decorreu com normalidade. Uma vez que a sala do 3.º ano já possui o quadro interativo, o meu par de estágio fez uso das novas tecnologias, projectando as suas aulas, com um seguimento muito lógico e um bom fio condutor do encadeamento das suas aulas, apresentado boas imagens. Neste sentido cito Silveira-Botelho (2009), pois uma “utilização adequada das novas tecnologias é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar (...), as actividades desenvolvidas em redor da tecnologia devem ser perspectivadas como novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido.” (p.124)

### **Relato diário do dia 4 de abril de 2011**

Hoje a manhã de aulas foi dada por mim. Iniciei a manhã com a aula de matemática, onde os alunos realizaram leitura de números, com calculadores multibasicos

e exercícios relacionados com a leitura de números explorando e diversificando as estratégias utilizadas para com a turma.

Ao longo da manhã, na aula de Língua Portuguesa, pude explorar com os alunos a banda desenhada e as suas características, onde os alunos puderam observar um livro de banda desenhada contendo as informações que estavam a ser abordadas.

Na aula de História de Portugal efetuei a dramatização da biografia de D. Pedro I, referindo algumas curiosidades e explorando um pouco da história de amor entre D. Pedro e D. Inês. Nesta aula, os alunos também realizaram alguns exercícios relacionados com o rei e puderam fazer uma pequena banda desenhada, com a parte que mais gostaram sobre a história de amor entre D. Pedro e D. Inês, terminando desta forma a manhã de aulas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Os alunos demonstraram-se bastante interessados e empenhados, pois adoraram a dramatização realizada a História de Portugal e a exploração da banda desenhada. Relativamente à aula de matemática, uma vez que os alunos estavam bastante esquecidos, relembrei todas as regras e realizei uma pequena revisão de leitura de números, começando no mais fácil, chegando à leitura de um número cada vez maior. Foi necessário efetuar várias pausas para acompanhar o raciocínio de todos os alunos e para que estes relembassem a leitura e o trabalho realizado com este tipo de material. Contudo, o tempo foi-se esgotando e acabei por me apressar um pouco mais na aula de história.

Segundo Caldeira (2009a, p.202), “devem fazer-se exercícios de leitura de números. A leitura da placa faz-se sempre da esquerda para a direita.” Neste caso, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, citando a mesma autora, “usam-se outras placas, de forma a que a leitura dos números seja gradual e mais completa”, devendo começar-se com uma placa e à medida que as crianças começam a perceber a forma como se efetua a leitura, acabe a cada professor ir aumentando a dificuldade da leitura de forma gradual e inequívoca.

A manipulação de matérias transforma o abstracto em concreto ajudando as crianças na estruturação e desenvolvimento do pensamento matemático.

## **Relato diário do dia 5 de abril de 2011**

Esta manhã iniciou-se com a realização de alguns exercícios de matemática, contendo as quatro operações básicas, havendo ainda tempo para a realização de uma situação problemática.

Ao longo da manhã, as crianças puderam assistir a um Workshop sobre a dramatização de uma história, onde no final da mesma, os atores colocaram as crianças em grupos e puderam escolher uma parte da história e efetuar a sua ilustração. Também podiam colocar um pequeno texto alusivo às ilustrações que estiveram a realizar. No fim, todos os grupos puderam mostrar e apresentar os trabalhos à turma e aos restantes colegas da escola.

Após o recreio da manhã, as crianças regressaram à sala e o meu par de estágio teve a possibilidade de concluir a sua aula sobre o rei D. Afonso IV, tendo sido realizados alguns exercícios sobre este a vida e o reinado deste rei.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Ao longo desta manhã tenho a salientar a importância dos alunos do 3.º ano terem estado a realizar trabalho em grupo, no ginásio da escola, como atividade do Workshop que foi apresentado. Os alunos colaboraram e estiveram bastante interessados. Foi interessante ver a cooperação entre colegas e o dinamismo e distribuição de tarefas que cada um se encarregou de distribuir, obtendo um papel muito importante e fundamental para o bom funcionamento da atividade pedida. Neste sentido cito Freitas e Freitas (2002), que referem que o trabalho de grupo proporciona uma:

(...) melhoria das aprendizagens na escola; melhoria das relações interpessoais; melhoria da auto-estima; melhoria das competências no pensamento crítico; maior capacidade em aceitar as perspectivas dos outros; maior motivação intrínseca; maior número de atitudes positivas para com as disciplinas estudadas, a escola, os professores e os colegas; menos problemas disciplinares, dado existirem mais tentativas de resolução dos problemas de conflitos pessoais; aquisição das competências necessárias para trabalhar com os outros; menor tendência para faltar à escola. (p.21)

Uma vez que são crianças mais crescidas, o trabalho de grupo, pelo que pude observar ao longo dos cinco anos do curso, torna as crianças cada vez mais autónomas e



responsáveis, pois cada uma tem um papel fundamental no desenvolvimento do trabalho de grupo.

### **Relato diário do dia 8 de abril de 2011**

Hoje foi o dia da minha aula assistida pelas professoras orientadoras da prática pedagógica.

A aula tinha a duração de sessenta minutos, onde devia abordar Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. A aula foi iniciada antes do recreio matinal.

Após o recreio da manhã, as crianças regressaram à sala e eu dirigi-me à sala onde se realizam as reuniões sobre as aulas dadas no Jardim-Escola, que se prolongou até ao final da manhã.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A aula não correu da melhor forma. Apesar de conseguir relacionar a notícia, que foi o conteúdo abordado a Língua Portuguesa, com a Matemática, onde abordem os pictogramas, as questões deveriam estar mais bem elaboradas. Relativamente a Estudo do Meio, em vez de falar um pouco na evolução da história da aviação, deveria apenas ter pegado num avião e falar sobre o mesmo, tornando a aula mais clara e concisa, pois o tempo era escasso para poder falar sobre todas estas informações a que me refiro aqui.

Neste sentido, cito Marques (2001), que nos diz que:

A prática segundo a lógica da racionalidade prática – reflexão – na- acção – insere-se na procura de uma nova epistemologia da prática, partindo-se “da análise das práticas dos professores quando enfrentam problemas complexos da vida escolar, para a compreensão do modo como utilizam o conhecimento científico, como resolvem situações incertas e desconhecidas, como elaboram e modificam rotinas, como experimentam hipóteses de trabalho, como utilizam técnicas e instrumentos conhecidos e como recriam as estratégias e inventam procedimentos e recursos. (p.24)

É nestas aulas que aprendemos e somos postos à prova. Onde o nosso trabalho é avaliado mais aprofundadamente, onde percebemos, verdadeiramente, quais os pontos em que devemos insistir em melhorar, para que nos tornemos uns futuros profissionais ao serviço da educação das crianças.

### **Relato diário do dia 11, 12 e 15 de Abril de 2011**

Esta semana de estágio foi programada pelos alunos estagiários dos mestrados, onde existiu a preocupação de criar atividades diversificadas e lúdicas para todas as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico, do Jardim-Escola.

### **Relato diário do dia 29 de abril de 2011**

Este dia foi adicional ao estágio intensivo, onde estive presente na sala do 3.º ano para concluir a minha aula sobre D. Pedro I. Efetuei uma breve revisão do que já tinha abordado anteriormente e conclui a realização dos exercícios com a turma.

### **Inferências**

Uma vez que tinha de acabar o último exercício da proposta de trabalho e as crianças entrariam em período de férias, pedi à professora titular para que pudesse voltar outro dia, fora do período de estágio, a fim de concluir a aula. Antes de terminar os exercícios, realizei novamente uma revisão sobre o reinado de D. Pedro I, revendo novamente toda a aula e relendo as questões que já tinham sido abordadas, para poder verificar se existia dúvidas, posteriormente, poder avançar para a realização do último exercício e concluir assim a proposta de trabalho.

## **1.4. Quarta secção – Estágio Intensivo 1.º Ciclo**

### **1.4.1. Semana de 28 de fevereiro a 4 de março de 2011**

#### **1.º Ciclo do Ensino Básico: Bibe Azul Claro – 3.º Ano – Estágio Intensivo**

#### **Seminário de Contacto com a Realidade Educativa**

### **Relato diário do dia 28 de fevereiro de 2011**

Durante a manhã as crianças realizaram a correção dos desafios escolares e realizaram mais alguns exercícios, esclarecendo algumas dúvidas. Prestei algum apoio a uma criança que tem mais dificuldades, no sentido de a poder ajudar e esclarecer as suas

questões. Efetuei também o recorte de algumas circunferências, para os alunos realizarem um trabalho mais tarde.

Após o recreio da manhã, os alunos regressaram à sala, preparando o material para realizarem uma prova de estudo do meio. Enquanto os alunos estiveram a realizar a prova, estando apenas a observar as crianças, pude arrumar alguns trabalhos nos dossiês e ver os trabalhos que foram realizados ao longo do ano. Os alunos terminaram a prova à hora de irem para a cantina almoçar.

Durante a tarde, os alunos elaboraram um trabalho para a prenda do dia do pai, com a professora de expressão plástica. O trabalho consistia em desenhar uma camisa em cartolina, recortar e colorir ao gosto de cada um. Tinham também um pedaço de tecido para colar num alfinete para gravata, decorado ao gosto de cada criança.

Após concluírem este trabalho para o dia do pai, a professora da sala efectuou um jogo com revisões sobre os conteúdos já lecionados a História de Portugal, como preparação para a prova de avaliação de conhecimentos. Enquanto o jogo decorria, estivemos a recortar algumas medidas de capacidade, área, massa e comprimento em musgami, para colocar na parede da sala de aula. Terminou o dia com a colagem das medidas na parede da sala de aula do 3.º ano.

### **Relato diário do dia 1 de março de 2011**

Durante a manhã, os alunos realizaram a leitura e interpretação de um texto com a professora da sala.

Após a exploração realizada do texto, foi efetuada a correção dos desafios escolares de língua portuguesa, como é habitual quase todas as manhãs.

Quando os alunos regressaram do recreio da manhã, a correção dos desafios foi concluída e os realizaram uma ficha surpresa de História de Portugal até à hora do almoço.

Durante a tarde, foi feita a correção oral sobre as fichas de avaliação surpresa de língua portuguesa e de matemática.

Foram ainda abordados conteúdos de estudo do meio, tais como as cadeias alimentares, onde a explicação da professora ficou completa com a ajuda do quadro interativo, recorrendo a boas imagens de animais, projectando-as. Os alunos também puderam observar algumas cadeias alimentares e a sua explicação. Este conteúdo foi concluído com a realização de uma proposta de trabalho, em que tinha como imagem de

fundo um espaço verde com árvores e um rio e as crianças teriam de desenhar uma cadeia alimentar.

### **Relato diário do dia 2 de março de 2011**

A manhã iniciou-se com as medidas de área, equivalências e problemas realizados de acordo com os referidos conteúdos.

Após o intervalo da manhã, os alunos realizaram a leitura do texto “A galinha ruiva”, adaptado de conto inglês e, posteriormente, fizeram o seu resumo através das imagens da história que tinham acabado de ouvir ler. As crianças tinham de escrever uma ou duas frases sobre a parte do conto que leram. No final cada criança coloriu o seu trabalho cuidadosamente.

Durante a tarde foi realizada uma visita de estudo ao teatro Armando Cortêz, onde se assistiu à peça de teatro “O Quebra-Nozes e o Rei dos Camundongos”.

### **Relato diário do dia 3 de março de 2011**

Os alunos iniciaram a manhã com a realização de situações problemáticas em grupo. A manhã foi dedicada a uma aula dada em grupo por mim e pelo meu par de estágio, onde colocámos as crianças em grupo e, através de material não estruturado, os alunos realizaram diversas situações problemáticas. O material utilizado foi rolos de papel higiénico e de papel de cozinha com diferentes tamanhos e espessuras.

Após o intervalo da manhã foi feita a correção das situações problemáticas.

Quando os alunos terminaram este trabalho, continuaram a realizar um trabalho de expressão plástica para o dia do pai.

Realizaram, ainda, um ditado de palavras, onde tinham de colocar a palavra dita no respetivo local, inserido num palhaço, alusivo à época carnavalesca. No final os alunos coloriram o trabalho cuidadosamente.

Ainda durante a tarde, os alunos tiveram aula de educação física, realizando diversos exercícios e jogos. De seguida tiveram aula de música e de inglês. Os alunos realizaram um pequeno teste de inglês neste dia.

### **Relato diário do dia 4 de março de 2011**

Hoje, os alunos estiveram presentes na festa de carnaval, onde puderam passear com os seus fatos carnavalescos, socializar e brincar livremente ao longo de todo o dia.

### **Inferências e fundamentação teórica da Semana de Contacto com a Realidade Educativa**

Apresentarei em baixo o que observei de mais importante ao longo desta semana de estágio intensivo.

Ao longo dos anos de escolaridade, as visitas de estudo são viagens organizadas pela instituição escolar, com a finalidade de se estabelecer a aprendizagem fora da escola, sendo um processo continuado do ensino, mas fora da sala de aula e da própria instituição escolar, como por exemplo uma ida ao teatro, onde os atores interagem com o público, o movimento das personagens em palco, o enredo da história, desta forma, o aluno pode observar de perto o que não consegue ver ou aperceber-se ao ler uma peça de teatro de forma tão real. Kepler (1981, citado por Almeida 1999), refere que uma visita de estudo é “uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objetivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objetos de estudo nos seus locais funcionais.” (p.51)

As visitas de estudo são parte integrante do currículo. Nesta linha de pensamento, segundo o Ministério de Educação (2007a), o desenvolvimento curricular deve contemplar “várias formas de trabalho baseadas em ações de natureza diversa: exposições orais, demonstrações práticas, mostras audiovisuais, investigação bibliográfica, recolhas de objetos e imagens, debates, visitas de estudo, trabalhos de atelier...” (p.161)

O material manipulável não estruturado, neste caso os rolos de papel higiénico coloridos, são materiais que, a nível da matemática podem ajudar no desenvolvimento do raciocínio e cálculo mental, onde o abstracto passa a concreto, fazendo mais sentido para a criança a realização do problema e de uma forma mais simples.

Com este material foram abordadas diversas áreas da matemática, tais como perímetro, área, sequências, ditados de lateralização. Para Hole (1997, citado por Caldeira 2009b) “o material não estruturado surge como aquele que na sua génese não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas.” (p.224)

Para este efeito, segundo Prado (1998, citado por Caldeira 2009b), “o adulto serve-se dos materiais, como instrumentos, para motivar as actividades que se pretendem ricas e estimulantes, num processo de manipulação-acção e posteriormente da representação – conceptualização.” (p.225)

A expressão plástica, geralmente, é a área das expressões preferida pelas crianças. O desenho revela-se o espelho da alma. Para Reis (2003), “ a educação é imprescindível para a apreciação duma acção ou obra artística. Por isso a educação pela arte deve levar a cada estudante o conhecimento da arte através das civilizações, da criatividade do processo artístico, do vocabulário da comunicação artística. (p.53) Neste sentido, um professor não deve deixar a área das expressões de lado, mas sim dar-lhe o devido valor e incluí-la junto das outras unidades curriculares essenciais do saber.

No que diz respeito às áreas curriculares de música e inglês, ambas apresentam uma componente fundamental no currículo e no desenvolvimento de cada ser. De acordo com as orientações programáticas do ensino do inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico, citando Bento, Coelho, Joseph e Mourão (2005), “o ensino do Inglês, tal como é patente nas propostas de operacionalização curricular, permite reforçar conceitos de outras áreas curriculares.” (p.10) No entanto, o mesmo autor salienta que “estas orientações enquadram-se, ainda, na convicção de que ao ensinar-se Inglês aos mais novos se está a contribuir para o desenvolvimento global da criança, não apenas para o seu sucesso na aprendizagem de línguas. (p.10)

Já o ensino da música liberta a criança, onde estas adquirem vivências e aprendizagens diversas. Segundo as orientações programáticas da música no 1.º Ciclo do Ensino Básico do Ministério da Educação (2006), citando Vasconcelos, o desenvolvimento da literacia musical constitui-se com o grande objetivo do ensino da música no 1.º Ciclo do Ensino Básico (...), além de significar uma grande compreensão musical determinada pelo conhecimento de música, sobre música e através da música, engloba também competências da leitura e escrita musicais. (p.5) Ainda nesta linha de pensamento, o mesmo autor refere que “a música como construção social e humana interage e modos diversos não só com a construção das identidades, individuais e coletivas, como também com diferentes áreas do saber e do conhecimento artístico, humanístico, científico e tecnológico.” (p.12)

As observações realizadas durante esta semana contribuíram, de certa forma, para o meu desenvolvimento como futura profissional. É muito importante observar as rotinas dentro de uma sala de aula, desde o início até ao final do

## **1.5. Quinta secção – Estágio de 2 maio a 4 de julho de 2011**

### **1.º Ciclo do Ensino Básico – Bibe Azul Escuro – 4.º ano**

O nome Bibe Azul Escuro é a nomenclatura utilizada no Jardim-Escola João de Deus para designar a faixa etária ao ano correspondente, neste caso é o 4.º ano.

#### **1.5.1. Caracterização da turma**

A turma do 4.º ano é composta por vinte e dois alunos, dos quais treze são do sexo masculino e os restantes nove do sexo feminino. De acordo com as informações dadas pela professora titular, esta turma, de uma forma geral, não apresenta grandes problemas de aprendizagem, contudo, há alguns alunos que apresentam alguma dificuldade no cálculo mental, raciocínio e dificuldades ao nível da escrita e da leitura. Há ainda alunos que apresentam um ritmo de trabalho mais lento, devido às dificuldades que apresentam, dificultando o ritmo diário da aprendizagem da turma. Para o melhor acompanhamento destas crianças, existem professores de apoio que ajudam estas crianças com dificuldades nos Jardins-Escolas.

#### **1.5.2. Caracterização do espaço**

A sala do 4.º ano deste Jardim-escola, encontra-se no mesmo edifício que a sala do 3.º ano, apresentando-se no primeiro andar deste edifício. É uma sala ampla, com bastantes janelas e luminosidade. É espaçosa e acolhedora. Apresenta um quadro interativo, tal como a sala do 3.º ano.

Ao fundo da sala, apresenta-se uma estante para guardar o material escolar e para colocar os dossiês com o trabalho realizado por cada aluno. Há cabides para as crianças colocarem os seus pertences e ainda um pequeno espaço com jogos e livros, para os alunos poderem usufruir no tempo livre, sempre que possível.

As mesas dos alunos encontram-se dispostas em filas e todas separadas umas das outras. Está ainda presente o quadro em giz.

## Rotinas

As rotinas do 4.º ano, partilham das mesmas, já referidas anteriormente, para o 1.º, 2.º e 3.º ano.

O horário do quarto ano está estipulado entre as 9h e as 17h, como demonstra o Quadro 6, mas as observações decorrem sempre no período da manhã, entre as 9h e as 13h.

Quadro 6 – Horário do Bibe Azul Escuro - 4.º ano

<b>Dias</b> <b>Horas</b>	<b>2.<sup>a</sup></b>	<b>3.<sup>a</sup></b>	<b>4.<sup>a</sup></b>	<b>5.<sup>a</sup></b>	<b>6.<sup>a</sup></b>
<b>9h / 10h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>10h / 11h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>11h / 11h30</b>	<b>Recreio da manhã</b>				
<b>11h30 / 12h</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>12h / 12h50</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>13h / 14h30</b>	<b>Almoço e recreio</b>				
<b>14h30 / 15h20</b>	Biblioteca	Educação Física	Inglês	Estudo acompanhado	Computadores
<b>15h20 / 16h10</b>	Estudo do Meio	Formação Cívica	Área de Projeto	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
<b>16h10 / 17h</b>	História	Expressão Plástica	História	Música	Experiências



### **1.5.3. Relatos diários**

#### **Relato diário do dia 2 de maio de 2011**

A manhã iniciou com a professora de expressão plástica, onde esta colocou um poema de Dalí, no quadro interativo, e as crianças efetuaram a passagem do mesmo para a folha.

Assim que a professora titular chegou à sala, os alunos começaram a efetuar a correção do trabalho que tinha sido enviado para casa.

Após o recreio da manhã, os alunos realizaram um ditado de palavras, sobre o desenho de um caracol que as próprias crianças desenharam. De seguida, eu e o meu par de estágio, reunimos com a professora do 3.º ano, para conversar sobre a última manhã de aulas dada ao 3.º ano.

#### **Inferências**

Mesmo num 4.º ano de escolaridade, os ditados não perdem a sua importância, pelo contrário, ajudam a criança a não dar tantos erros. Cabe ao professor diversificar este tipo de actividades, para cativar as crianças, fazendo com que este exercício não se torne maçudo e chato.

#### **Relato diário do dia 3 de maio de 2011**

Hoje o dia começou, novamente, com a professora de expressão plástica, onde as crianças realizaram um trabalho com pontilhismo, técnica de desenho utilizada para pintar através de pontos.

Após o recreio da manhã, os alunos estiveram a preparar-se para a prova de aferição de Língua Portuguesa, treinando através de uma prova do livro de provas de anos anteriores. Ainda houve tempo para se iniciar a correção da mesma.

#### **Inferências e fundamentação teórica**

A expressão plástica adquire a sua relevância e é importante desde o jardim-de-infância. Segundo as Competências Essenciais do Ministério da Educação (2007), “a arte como forma de aprender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e

a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura.” (p. 155) Quando, no final de um ditado a criança desenha livremente, está a colocar a sua criatividade em prática, não deixando de se expressar plasticamente.

### **Relato diário do dia 6 de maio de 2011**

Hoje foi o dia de o 4.º ano realizar, oficialmente, a prova de aferição de Língua Portuguesa.

Uma vez que a turma esteve toda a manhã em prova, a professora titular e as alunas estagiárias não puderam estar presentes na sala com esta turma, durante a manhã de estágio.

No entanto, pudemos escolher a sala onde pretendíamos realizar as observações, optando o grupo de estágio por ficar na sala do 3.º ano, onde tinha ficado anteriormente.

Os alunos do 3.º ano efetuaram a avaliação da tabuada e das operações.

Após o recreio puderam realizar uma cópia do manual de leitura e efetuaram um ditado de um poema. A manhã teve de terminar mais cedo, pois os alunos tinham torneio de futebol entre Jardins-Escolas e foram almoçar mais cedo por este mesmo motivo.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Tenho a salientar as provas de aferição que são importantes e têm uma aplicação a nível nacional. Segundo o Ministério da Educação (2011), a realização das provas de aferição, “(...) de acordo com o consignado no Art.º 17.º do Decreto- Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, visa a recolha de dados relevantes sobre os níveis de desempenho dos alunos, no que respeita às aprendizagens adquiridas e às competências desenvolvidas. (p. 2) Além da turma ter de colocar os seus conhecimentos em prática, a professora titular não pode estar presente, havendo regras importantes para a realização deste tipo de provas.

### **Relato diário do dia 9 de maio de 2011**

O grupo de estágio, durante os primeiros minutos da manhã, teve a oportunidade de realizar alguns jogos com a turma, utilizando o quadro interativo da sala de aula.

Uma vez que a professora demorou um pouco mais a chegar à sala, os alunos realizaram uma cópia do livro de história.

Assim que a professora titular da turma chegou à sala, os alunos efetuaram a correção do trabalho de casa, que era uma prova de aferição antiga, de matemática.

Após o recreio da manhã, as crianças treinaram com a realização de uma nova prova de aferição, preparando-se para a prova de matemática.

### **Inferências**

A preparação para as provas de aferição é importante, mas só é feita assiduamente durante o mês anterior até ao dia antes da sua realização oficial, ao invés de se dever preparar o aluno ao longo de todo o ano e fortalecer os seus conhecimentos. As crianças desta forma, pelo que pude observar, sentem-se mais cansadas e preocupadas, sentindo a pressão da aprendizagem e exigência num determinado período de tempo bastante curto.

### **Relato diário do dia 10 de maio de 2011**

A manhã iniciou com a leitura do texto “O homem alto e a mulher baixinha”, de Luísa Ducla Soares. De seguida, foi realizado o ditado do texto. No fim, a professora pediu para que as crianças realizassem o desenho do homem alto e da mulher baixinha.

Ao longo da manhã, realizaram-se ainda algumas perguntas de interpretação do texto.

Quase no final da manhã, as crianças puderam realizar a correção de uma prova de aferição de matemática, a fim de esclarecer algumas dúvidas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A compreensão do texto e interpretação gramatical são muito importantes, pois contribuem para o desenvolvimento das capacidades intelectuais de cada criança, além de que é posto em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo do 1.º Ciclo que são bastante importantes e não devem de ser esquecidos. A criança deve desenvolver e por em prática cada vez mais o conhecimento explícito da língua, de forma a poder entendê-la melhor. O Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a) refere-se ao conhecimento explícito da língua como “o conhecimento refletido, explícito

e sistematizado das unidades, regras e processos gramaticais da língua.” (p.32) A sua aprendizagem é tão importante para que possa começar a ser entendida desde cedo.

### **Relato diário do dia 13 de maio de 2011**

Hoje a manhã de aulas foi dada pelo meu par de estágio, obedecendo à seguinte ordem: Estudo do Meio – os países Lusófonos; Língua Portuguesa – Verbos copulativos; Matemática – Volume do cilindro.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A manhã de aulas ocorreu dentro da normalidade e as estratégias de aula para aula foram diversificadas, havendo um bom fio condutor entre elas, nunca perdendo a sua ligação. As aulas foram abordadas de forma simples e concisa, mantendo-se sempre uma boa relação entre estagiária e turma. As crianças estiveram interessadas e participativas.

### **Relato diário do dia 16 de maio de 2011**

Esta manhã de aulas foi dada por mim com a seguinte ordem: Estudo do Meio – a emigração; Língua Portuguesa – predicativo do sujeito; Matemática – a proporcionalidade direta.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Esta aula decorreu com algumas dificuldades, pois foi bastante difícil conseguir explicar a proporcionalidade direta e realizar exercícios sem que as crianças percebessem a lógica do que se estava a trabalhar, confundindo alguns conceitos matemáticos. Apesar desta situação fiquei bastante nervosa, pois apercebi-me que as crianças não estavam a entender o que era pedido sobre a proporcionalidade direta, onde algumas crianças tinham dificuldade no raciocínio matemático e cálculo mental para alguns exercícios trabalhados com pedrinhas. O meu nervosismo aumentou a minha insegurança e quase desisti da aula, pois achei que não me estava a explicar da melhor forma e que o tema era difícil para grande parte da turma.

Contudo, aceitei todas as críticas e pontos menos positivos desta aula para que possa melhorar como futura profissional.

Reconhecer os nossos próprios erros ou quando estamos menos bem, é uma mais-valia e meio caminho andado para que no futuro se possam adequar estratégias.

### **Relato diário do dia 17 de maio de 2011**

Mais uma manhã de aulas que se iniciou e desta vez foi o meu par de estágio que lecionou esta manhã. As aulas foram abordadas pela seguinte ordem: Língua Portuguesa – análise e exploração textual, oralmente e alguns exercícios gramaticais; História de Portugal: O rei D. Carlos I; Matemática: Potências e expressões numéricas.

### **Inferências**

Esta manhã de aulas foi bastante engraçada, pois o meu par de estágio utilizou diversas estratégias para a explicação das potências e expressões numéricas, onde os alunos tinham as regras bem explicadas em *Powerpoint* e realizavam os exercícios com alguns algarismos móveis e respondiam a diversas situações problemáticas, escritas e orais.

### **Relato diário do dia 20 de maio de 2011**

Hoje, grande parte desta turma do 4.º ano, realizou uma visita de estudo. Os alunos que não puderam ir à visita ficaram na escola. A professora pediu para se dividirem em grupos, rapazes e raparigas, onde tinham que elaborar uma peça de teatro e, posteriormente, apresenta-la à turma no coreto do recreio do Jardim-Escola.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Esta manhã pude observar a criatividade de cada criança e a forma como cada uma vê o teatro. As crianças ainda tiveram a preocupação de organizarem o cenário e as falas de cada personagem, interligando-as. De acordo com o Currículo Nacional para o Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a), “as práticas dramáticas desenvolvem

competências criativas, estéticas, físicas, técnicas, relacionais, culturais e cognitivas, não só ao nível dos seus saberes específicos, mas também ao nível da mobilização e sistematização de saberes oriundos de outras áreas do conhecimento.” (p.177) A criatividade e imaginação não faltaram a estas crianças. O produto final foi bom e todas foram bem-sucedidas nesta tarefa.

### **Relato diário do dia 23 de maio de 2011**

Hoje não houve estágio, pois houve reunião para apresentar as avaliações do semestre.

### **Relato diário do dia 24 de maio de 2011**

Esta manhã de aulas foi dada por mim com a seguinte ordem de trabalhos: Língua Portuguesa - voz ativa e voz passiva; História – D. Manuel II e a Instauração da República; Matemática – gráfico de pontos, moda, média e mediana.

### **Inferências**

Esta manhã de aulas não correu muito bem, pois atrapalhei-me um pouco na explicação da voz ativa e voz passiva, apesar das crianças conseguirem perceber. Deveria ter diversificado os exercícios e ter realizado a explicação de uma forma mais simples e concisa, devendo entregar um apontamento, no final. Houve ainda outra aula que correu menos bem, pois tive alguma dificuldade em interpretar o gráfico de pontos com as crianças, pois o mesmo podia ter duas leituras diferentes e era um pouco ambíguo e penso que isso nunca deve acontecer. No entanto, consegui explicar corretamente os conceitos de média, moda e mediana. Assumi que interpretei mal o gráfico apesar de saber explicar os conceitos pedidos, partindo de outro exemplo e deixando o gráfico de parte. Contudo, penso que os pontos a melhorar são muitos, mas a aula ficou prejudicada pois interpretei mal o gráfico e a professora titular referiu que tinha dificuldades em me expressar e explicar e que as aulas não foram conseguidas.

Aceitei todas as críticas, pois penso que as aulas não correram bem, mas não falhei em tudo e penso que as críticas foram um pouco “severas” neste sentido. Não baixei os braços e junto da professora titular pedi, de imediato, para dar uma nova manhã

de aulas de língua portuguesa e matemática, de forma a poder demonstrar que consigo melhorar.

### **Relato diário do dia 27 de maio de 2011**

A manhã começou com a realização da tabuada do três até ao nove, por escrito. De seguida, o meu par de estágio deu a sua aula assistida contendo a seguinte ordem: Língua Portuguesa – leitura e interpretação de um texto; Estudo do Meio – Os nós de marinheiro; Matemática – Diagrama de caule e folhas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Assistir às reuniões é sempre importante pois aprendemos com os nossos erros e com os erros dos outros, pois só assim aprendemos e crescemos como futuros profissionais. Indo ao encontro das palavras de Galveias (2008, p.16) “o supervisor coloca andaimes para que o processo de crescimento e desenvolvimento profissional se vá gerando,” tornando-nos melhores profissionais, mostrando-nos o melhor caminho a seguir.

### **Relato diário do dia 30 de maio de 2011**

Hoje não pude comparecer ao estágio, pois o meio de transporte através do qual me desloco para o centro de Lisboa, esteve em greve vinte e quatro horas.

### **Relato diário do dia 31 de maio de 2011**

Hoje foi o dia do meu par de estágio ter a sua aula surpresa de matemática, abordando o volume com o material manipulável Cuisenaire. Após o recreio da manhã houve reunião, como sempre.

### **Inferências**

A aula foi bem conseguida, as estratégias e problemas foram diversificados.

### **Relato diário do dia 3 de junho de 2011**

Hoje, não pude comparecer ao estágio, novamente, pois o meio de transporte através do qual me desloco para o centro de Lisboa, esteve de novo em greve vinte e quatro horas.

### **Relato diário do dia 6 de junho de 2011**

Os alunos, ao longo da manhã realizaram a leitura e interpretação de um texto. Foi pedido, ainda, pela professora da sala, para dar uma aula com materiais manipuláveis estruturados.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A aula foi bem conseguida, abordando a área com o cuisenaire, fazendo a ponte com áreas equivalentes. Uma vez que, da primeira vez troquei a forma correta da definição, de seguida perguntei a um aluno para dizer, confirmando a forma correta e eu corriji-me de imediato. Apesar de tudo, a aula ficou prejudicada por isto. De acordo com a Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (2004), nesta linha de pensamento, “fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objectos. (p.90)

Os exercícios que realizei foram claros e podiam ter sido mais diversificados.

### **Relato diário do dia 7 de junho de 2011**

Hoje houve aulas assistidas na sala do 1.º e do 2.º ano, as quais pude ir observar e assistir, posteriormente à reunião.

### **Relato diário do dia 14 de junho de 2011**

Os alunos assim que chegaram à sala de aula, abriram o livro de estudo do meio e puderam efetuar uma breve revisão sobre os conteúdos já abordados com a professora, oralmente. Posteriormente, iniciaram a prova de Estudo do Meio.



Após o recreio da manhã os alunos terminaram um trabalho de matemática que tinham em atraso.

### **Inferências**

Esta manhã não tenho nada a inferir, uma vez que não observei nada diferente, que fugisse à rotina da sala de aula ou que me despertasse à atenção.

### **Relato diário do dia 17 de junho de 2011**

Não compareci ao estágio pois estive doente.

### **Relato diário do dia 20 de junho de 2011**

Não compareci ao estágio pois estive doente.

### **Relato diário do dia 21 de junho de 2011**

Hoje, dei uma manhã de aulas extra, onde a diretora da escola assistiu às minhas aulas, pois a professora titular da sala entrou em licença de maternidade. As aulas abordadas por mim, tiveram a seguinte ordem: Matemática – as percentagens; Língua Portuguesa – as conjunções coordenativas e subordinativas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Os temas que abordei ao longo da manhã de hoje foram os que a professora titular escolheu. As aulas, finalmente, correram bem. No entanto, penso que abordar todas as conjunções numa hora com uma turma de 4.º é bastante complicado, fazendo com que as aprendam. Uma vez que este tema apenas é abordado no 2.º Ciclo do Ensino Básico e cada conjunção por cada aula, dando tempo à criança para perceber e realizar exercícios. Limitei-me, neste sentido, a realizar uma breve explicação sobre cada uma com exemplos fáceis e no fim, havia exposto na sala um flanelógrafo com todas as conjunções, realizando o jogo do bingo.

Citando Galveias (2008, p.15), “os supervisores devem ver-se a si mesmos não como críticos do desempenho de ensino, mas antes como cooperantes com os professores no esforço de compreender problemas, questões e dilemas que são inerentes ao processo de aprender e de ensinar,” devendo ser estes supervisores a orientar-nos e não a desorientar tudo aquilo que já foi construído anteriormente, fazendo-nos por vezes pensar que somos incapazes de realizar diversas coisas.

Mediante o contexto da aula que me foi pedida, tendo sempre por base a exposição das conjunções, as crianças elaboravam frases simples com as conjunções respeitantes e a aula foi conseguida.

### **Relato diário do dia 24 de junho de 2011**

Ao longo da manhã, eu e o meu par de estágio, pudemos jogar livremente com as crianças, utilizando o quadro interativo, onde as crianças puderam realizar jogos para completar várias palavras e descobrir múltiplos de números.

No final da manhã os alunos tiveram clube de ciência, onde foi possível realizar um dominó com as funções de cada parte do cérebro.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Os jogos que se desenvolvem com as crianças, quer sejam orientados ou livres, são importantes e neste sentido e de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico (2007a), “o carácter lúdico do jogo (...) responde (...) a necessidades (...) da exteriorização de si no contexto de comunicação e a da busca do prazer na construção da aprendizagem. O jogo permite ainda assimilar mais experiências e dessa forma alargar a compreensão do mundo. Assim, o jogo desempenha um papel importante, mas por vezes desvalorizado, ao longo de todo o processo de crescimento.” (p.177)

Além de todas estas situações, o jogo é o momento de socialização e de conhecimento e interação com o outro.

### **Relato diário do dia 27 de junho de 2011**

A manhã foi dedicada aos jogos pelas alunas estagiárias, onde coordenavam e organizavam as equipas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Esta manhã, além da orientação que foi prestada à turma, na realização dos diversos jogos, não deixo de salientar e, segundo a Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (2004), “cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor.” (p.39) A relação afetiva, pedagógica e o respeito mútuo são uma boa base para que haja uma boa educação.

### **Relato diário do dia 28 de junho de 2011**

A manhã iniciou com a realização de uma ficha de Língua Portuguesa. Assim que a mesma ficou terminada continuou-se a jogar com as crianças, tal como aconteceu no dia de estágio anterior.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Foi mais uma manhã em que os alunos realizaram alguns jogos, tal como tem vindo a suceder. Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2007a), cabe a cada professor “promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, atividades de simulação e jogos.” (p.23)

Ao longo destes dias, a relação afetiva criada com cada criança intensificou-se. Pude ver a diferença do primeiro dia em que estes jogos foram feitos e poder fazer este balanço hoje, notando estas diferenças, que foram boas.

### **Relato diário do dia 1 de julho de 2011**

A manhã passou-se com a realização de alguns jogos de sala de aula e ensaios para a festa de finalistas.

## **Relato diário do dia 4 de julho de 2011**

Neste último dia, as duas turmas de 4.º ano estiveram juntas, uma vez que havia poucas crianças de 4.º ano na escola, realizando diversos jogos e brincando livremente.

### **1.6. Sexta secção – 2.º Ciclo de Escolaridade**

#### **2.º Ciclo do Ensino Básico – 5.º e 6.º Ano**

##### **1.6.1. Caracterização do local de estágio**

A partir deste momento, inicia-se um novo ano letivo de estágio profissional, referente ao 2.º Ciclo do Ensino Básico. Esta escola encontra-se situada na zona ocidental da cidade de Lisboa. Esta escola tem presente o 2.º Ciclo e o 3.º Ciclo do Ensino Básico e ainda o Ensino Secundário. As suas dimensões são amplas, com grandes espaços para os alunos poderem realizar diversas actividades como jogar futebol ou correr.

O edifício escolar está repartido em três blocos, sendo que cada bloco tem três andares. Saliento ainda que existe um grande parque de estacionamento. A escola encontra-se bem servida de transportes públicos.

A escola em questão foi recentemente intervencionada cm grandes obras de requalificação, ficando servida com uma boa rede de computadores com acesso à internet e ainda com a grande maioria das salas com quadro interativo. A escola deixa de ter o livro “típico” e tradicional de assiduidade, passando a ser o seu registo através de meio electrónico na plataforma escolar.

A escola tem ainda uma biblioteca, um gabinete de orientação escolar, salas de informática, laboratórios de Biologia, Geologia, Física e Química, um atelier de educação geográfica, um atelier de expressão plástica e cerâmica, um museu, dois ginásios e campos de jogos, uma sala polivalente, uma sala de alunos, um refeitório, um bar, uma papelaria e reprografia, uma sala de professores, uma sala do diretor e uma sala dos diretores de turma.

No que diz respeito aos órgãos de gestão e administração escolar, estão patentes o Concelho Geral, a Direção, os Coordenadores de Estabelecimento e o Concelho

Pedagógico. Para uma escola de grandes dimensões é necessário existir esta organização a fim de garantir um bom funcionamento da instituição escolar.

### **1.6.2. Caracterização das turmas**

Durante este período de estágio, no 2.º Ciclo do Ensino Básico, pude interagir com uma turma de 5.º ano de escolaridade, observando aulas de Ciências da Natureza e três turmas de 6.º ano de escolaridade, nas quais pude observar aulas de Língua Portuguesa, Matemática e História e Geografia de Portugal. A turma de 5.º ano era apenas constituída por vinte alunos, sendo que um deles pouco tempo depois do início das aulas foi para o Nepal, sua terra natal e houve outra criança que nunca compareceu às aulas, pois o aluno estava ao abrigo das Necessidades Educativas Especiais, tendo de frequentar outra turma. Apesar disto, permaneceu na turma outro elemento com Necessidades Educativas Especiais, ficando a turma reduzida a dezoito elementos. Destes dezoito elementos, quinze eram rapazes e três eram raparigas.

Relativamente às turmas de 6.º ano, todas continham vinte e oito elementos. No entanto as turmas tinham sempre dois ou três elementos que eram repetentes, havendo um aluno numa turma de 6.º ano com Necessidades Educativas Especiais bastante acentuadas, devendo estar integrado numa turma para este efeito. Esta turma tinha menos de vinte e oito alunos devido ao facto de haver um aluno com Necessidades Educativas bastante acentuadas.

### **1.6.3. Rotinas**

Todas as turmas de 2.º Ciclo, como as restantes turmas desta instituição tinham um horário a seguir e a cumprir. No entanto, as observações eram feitas apenas em algumas áreas curriculares, não acompanhando as turmas em todas as aulas. Este horário é o horário de estágio, que foi elaborado desta forma, para que se pudessem realizar as devidas observações. As unidades curriculares a observar foram Língua Portuguesa (LPO), Ciências da Natureza (CNT), Matemática (MAT) e História e Geografia de Portugal (HGP), tal como apresenta o quadro em baixo, onde as aulas avaliadas se encontram a lilás.

Quadro 7 – Horário das observações do 2.º Ciclo

Horas Início /Fim	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
10:00 / 11h30		5.º G CNT			6.º G LPO
11h45 / 13h15		6.º A HGP			6.º C MAT
Almoço					
14h45 / 16h15		6.º D LPO			6.º G MAT

#### 1.6.4. Caracterização das salas de aula

As salas de aula são todas idênticas, contendo as mesas em fila, em direção ao quadro branco e ao quadro interativo, bastante utilizado nas aulas. Há turmas em que por vezes têm mais que uma aula seguida na mesma sala e, no entanto, há outras turmas que andam sempre de sala em sala.

A mesa do professor está sempre de frente para as mesas dos alunos, contendo um computador onde, como já foi referido anteriormente, são registadas as presenças. Há sempre a presença de um armário nas salas para arrumação de material, mas o mesmo nunca é utilizado. Existe ainda, ao lado do quadro interativo, na parte da frente da sala, um placard para expor trabalhos e outras informações, como o horário de ocupação da sala.

#### 1.6.5. Relatos

##### Relato diário do dia 26 de setembro de 2011

Hoje o dia foi de reunião a fim de organizar o ano de estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

##### Relato diário do dia 27 de setembro de 2011

Hoje foi o primeiro dia de estágio, oficial, junto da instituição escolar competente. A manhã iniciou-se com uma breve reunião de estágio com a coordenadora da Escola,

ficando a saber concretamente as turmas com que se iria trabalhar. Ainda foi possível efetuar uma visita guiada à escola, uma vez que a mesma tem grandes dimensões.

#### Ciências da Natureza – 5.º Ano

Os alunos estiveram a realizar uma ficha de caracterização de Matemática, para todos os alunos que frequentam o 5.º ano de escolaridade.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º Ano

A turma esteve bastante agitada, pelos comportamentos que os alunos foram tendo ao longo da aula, com uma atitude de desafiar o professor, havendo algumas faltas de respeito para com a professora. Ficamos a saber, com a visita de um dos diretores da escola, que a turma era problemática, ao nível do comportamento. O diretor esteve presente na sala para passar a mensagem à turma, de que se algo corresse mal, poderiam ter de ser transferidos para outra escola.

A professora teve de fazer revisões de matéria de 5.º ano, pois os alunos ainda se encontravam a meio do livro, uma vez que a professora do ano anterior não conseguia dar aulas por toda a situação referida anteriormente.

No entanto, a professora titular da turma conseguiu ainda abordar a vida urbana nos concelhos e a carta de foral. Colocou alguns exercícios interativos da escola virtual, projetados no quadro interativo da sala. Houve ainda tempo para a correção do trabalho de casa e dos alunos poderem passar um apontamento no caderno sobre a aula que foi lecionada.

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Assim que entramos na sala, eu e o meu par de estágio, fomos apresentadas à turma. Enquanto o professor deixou trabalho para os alunos realizarem, tivemos a oportunidade de o professor nos dar a conhecer quais os alunos mais problemáticos da sala, com problemas familiares graves e uma estrutura familiar desmoronada.

Após a breve conversa com o professor da sala, os alunos leram o texto “D. Caio” de António Botto, realizando de seguida a ficha presente no manual sobre esta obra. A

leitura foi sempre acompanhada pelo professor e em voz alta. Foi realizada, ainda, a exploração gramatical do texto, oralmente.

Quase no fim da aula, foi feita a correção de todos os exercícios, juntando-se a correção dos trabalhos de casa da aula anterior.

### **Inferências e fundamentação teórica**

De acordo com o Ministério da Educação (2009, p.104), é no 6.º ano de escolaridade que os alunos abordam textos narrativos, onde se encontram incluídos os contos. Segundo as Metas Curriculares de Português do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico (2012), no que diz respeito à leitura e interpretação de textos literários, é importante o aluno saber “reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros (epopeia, romance, conto, crónica, soneto, texto dramático).” (p.68) O aluno, desde que inicia o 2.º Ciclo do Ensino Básico, entra em contacto com diversos tipos de texto com uma complexidade cada vez maior, ao nível da interpretação.

No que diz respeito à unidade curricular de História e Geografia de Portugal, a turma já deveria estar a iniciar o livro de 6.º ao, no entanto, a mesma ainda se encontra na matéria que é suposto ser abordada no 5.º ano. A professora referiu que ia fazer um grande esforço para conseguir concluir os conteúdos que faltam, até ao final do 1.º período, mas também referiu que seria necessário que a turma estivesse à altura, a nível de comportamento, e que a pudesse ajudar a avançar nos temas, sem ser necessário efetuar grandes interrupções devido a alunos que têm um comportamento mais desadequado de uma sala de aula.

O diretor da escola esteve presente na sala, tomando conta da ocorrência. Assim que o diretor terminou a sua visita, a turma esteve um pouco mais calma, mas atitude para com a professora nunca mudou, tentaram sempre insulta-la, havendo alguns comportamentos desadequados dentro de uma sala de aula, para crianças com esta idade. Com toda esta situação, perdeu-se bastante tempo de aula.

Quase no fim da aula de História, a professora conseguiu passar um apontamento no quadro branco que existe na sala, tendo colocado a cores diferentes as informações mais importantes. Proença (1992) refere as vantagens de escrever, mais modernamente, no quadro branco, deixando para trás o quadro de preto, salienta que “permite uma escrita seletiva graças a marcadores diferentes que se apagam com água ou álcool; pode receber



elementos magnéticos; permite a projeção.” (p.129-130) A aula acabou por terminar de forma mais calma, onde todos os alunos registaram o apontamento no seu caderno.

### **Relato diário do dia 30 de setembro de 2011**

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Neste dia, os alunos desta turma efetuaram revisões sobre as narrativas que têm estado a abordar, em sala de aula. Esta turma também realizou a leitura do texto “D. Caio”, de António Botto. De seguida, a professora pediu para que os alunos lessem o texto “Os dez anõezinhos da tia verde água”, de Teófilo Braga. Seguiu-se a marcação do trabalho de casa.

#### Matemática - 6.º ano

Esta aula de matemática é dada, às turmas do sexto ano, pela mesma professora, mas apenas é avaliada a que se encontra no segundo tempo de aulas dessa mesma manhã.

Esta aula iniciou-se a apresentação à turma do grupo de estágio, mas a turma também se deu a conhecer. De seguida, os alunos realizaram a correção do trabalho de casa sobre a adição e subtração de frações, realizando-se alguns exercícios.

A professora da sala ainda teve a possibilidade de iniciar a explicação sobre o que são ângulos alternos e internos. Os alunos puderam registar este apontamento no caderno diário.

#### Matemática – 6.º ano

Os alunos realizaram a correção do trabalho de casa. Entretanto entrou um aluno na sala, acompanhado pela professora de apoio. Pelo que foi dito pela professora da sala, este é um aluno com Necessidades Educativas Especiais, sendo “obrigado” pelos pais a estar presente na sala a assistir às aulas. No entanto, esta criança mal escreve e quase não fala.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A leitura recreativa, tal como refere Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997), “tem como objetivo a aprendizagem da extração de diferentes tipos de textos que promovam o desenvolvimento do imaginário, do espírito criativo e do pensamento divergente. Para que a aprendizagem dos mecanismos básicos de extracção do significado tenha sucesso com este objectivo, é necessário dar a oportunidade às crianças.” (p. 60)

É ainda fundamental que sejam trabalhados o conto e a lenda, tal como nos referem Ribeiro e Oliveira (2002), “os contos tradicionais constituem uma excelente base de trabalho para o professor: quer pela sua riqueza linguística e narrativa no âmbito das aulas de Português, quer pelos valores que nele se debatem.” (p. 4)

Um dos conteúdos matemáticos a ser abordado no 6.º de escolaridade é os ângulos, onde a informação que o aluno recebe é mais complexa.

No que se refere aos alunos com Necessidades Educativas Especiais, os mesmos deveriam fazer parte de uma só turma, por eles forma, com o intuito de haver um profissional da área e diversos auxiliares para efetuarem apoio ao profissional, no sentido deste poder dar atenção a todas estas crianças, que no fundo são especiais.

Segundo o Ministério da Educação (2008), no que se refere à Educação Especial:

tem por objectivo a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego de crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente. (p.15)

Neste sentido, penso que esta situação não foi bem calculada quando os pais desta criança decidiram que a mesma ficaria a frequentar uma turma, onde os alunos não carecem de nenhuma dificuldade acrescida e são autónomos nas suas actividades diárias. Posto isto, penso que o que referi a cima, citando o Ministério da Educação, a inclusão desta criança na sociedade, não está a ser realizada da melhor forma.

## **Relato diário do dia 4 de outubro de 2011**

### Ciências da Natureza – 5.º ano

Os alunos realizaram a correção da ficha de avaliação diagnóstica, que foi realizada na aula anterior.

Quase no final da aula a professora conseguiu iniciar o tema de 5.º ano sobre a biosfera, registrando-se um apontamento sobre o tema abordado.

### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Os alunos abordaram um pouco a época do século XIV e falou-se um pouco sobre a crise de 1383-1385. A professora recorreu à escola virtual para mostrar algumas animações e realizar alguns exercícios interativos.

Novamente, a turma esteve mal ao nível do comportamento e a professora teve de pedir para chamar o diretor pedagógico, a fim de o mesmo confirmar o que se estava a passar.

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos começaram a aula por realizar um breve resumo sobre o texto “A tia Verde Água e os dez anõezinhos.” No final, após terem realizado o trabalho pedido, o professor pediu a alguns alunos para lerem em voz alta o resumo que realizaram.

Ao longo da aula, foi ainda pedido para resolverem os exercícios do livro correspondentes a este texto sobre gramática e interpretação textual.

Esta turma é bastante agitada segundo informações do professor, mas houve alunos que foram repreendidos por mau comportamento.

Antes da aula terminar os alunos começaram a realizar a correção do trabalho que estiveram a realizar ao longo da aula.

## **Inferências e fundamentação teórica**

No 2.º Ciclo, a importância de se realizarem resumos, começa a ser cada vez mais importante. Segundo o Programa de Português do Ensino Básico (2009), “produzir textos

que obrigam a uma organização discursiva bem planificada e estruturada, com a intenção de: reformular, reinterpretar, resumir.” (p.89)

No que se refere à aula de História, a professora utilizou a escola virtual, programa através do qual se realizam exercícios interativos e se faz a audição de determinados acontecimentos importantes. Proença (1992), indica-nos que “a forma como se desenvolve o processo de aprendizagem é determinada pelas estratégias usadas que, deste modo, adquirem uma enorme importância o desenvolvimento de capacidades do aluno.” (p.121) A professora utiliza como estratégia de aula, o recurso à escola virtual, pois dispõe de uma grande diversidade de exercícios, de audições importantes sobre determinadas partes da história e ainda contém resumos sobre a aula lecionada, tentando cativar desta forma os alunos para a aula de história, tornando-a mais interessante e menos expositiva.

### **Relato diário do dia 7 de outubro de 2011**

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos lerem um texto que realizaram para trabalho de casa, sobre três desejos que gostavam de ver satisfeitos. Esta proposta de trabalho vem no âmbito da leitura do texto “Os três desejos”, de Ricardo Alberty, do manual de Língua Portuguesa. Foram escolhidos quatro alunos para apresentarem o seu texto em voz alta à turma.

Foi ainda efetuada a revisão de alguns recursos expressivos presentes no texto. Posteriormente, a professora pediu que realizassem as questões de interpretação e gramática do texto “O rei vai nu”, de Hans Christian Andersen (adaptado).

Foi pedido à turma que realiza-se a classificação de algumas palavras quanto à sílaba tónica. Neste momento da aula, entra um aluno com Necessidades Educativas Especiais bastante acentuadas, tal como já havia referido anteriormente numa das aulas de Matemática, uma vez que é a mesma turma. Este aluno não consegue estar sossegado durante cinco minutos, estando irrequieto e mandando todo e qualquer material que tenha à sua frente para os colegas da turma ou pela janela, caso esta se encontre aberta. Estes comportamentos mantêm-se sempre em todas as aulas em que está presente, distraindo os restantes colegas e acabando ele próprio por não aprender nada, pois está desatento.

### Matemática – 6.º ano

Os alunos realizaram a correção do trabalho de casa sobre ângulos, esclarecendo algumas dúvidas existentes. A professora pediu para que os alunos respondessem a algumas questões contendo exercícios sobre ângulos, do manual de Matemática.

### Matemática – 6.º ano

Durante esta aula os alunos realizaram a correção dos trabalhos de casa.

A professora explicou como era feita a construção de triângulos exemplificando na sala de aula, para que os alunos pudessem observar. Posteriormente à explicação da construção de triângulos, os alunos realizaram exercícios diferentes propostos pela professora.

### **Inferências e fundamentação teórica**

É no 2.º Ciclo do Ensino Básico, tal como aparece no Programa de Português do Ensino Básico, segundo o Ministério da Educação (2009) que é feita a “criação de automatismos e de desenvoltura no acto da escrita.” (p. 106)

Um dos objetivos específicos do Programa de Matemática do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007b), o aluno deve “construir triângulos e compreender os casos de possibilidade na construção de triângulos.” (p.38) Estes conteúdos são abordados pela ordem em que vão aparecendo no manual, que cada vez mais se encontram organizados de acordo com os Programas correspondentes.

### **Relato diário do dia 11 de outubro de 2011**

### Ciências da Natureza – 5.º ano

A aula iniciou com a correção dos trabalhos de casa. De seguida os alunos realizaram uma ficha de trabalho do caderno de actividades.

Mais tarde, a professora abordou o tema sobre a forma do corpo dos animais, dando alguns exemplos.

## História e Geografia de Portugal – 6.º ano

A aula iniciou com normalidade, tendo sido efetuado a correção do trabalho de casa.

A professora iniciou o tema sobre as diversas batalhas travadas, a técnica do quadrado e a guerra do lobo.

Após esta explicação os alunos registaram um apontamento. Já no final da aula, houve alunos que se portaram mal e que a professora passou um recado na caderneta do aluno.

## Língua Portuguesa – 6.º ano

Hoje a aula foi dedicada ao plano nacional de leitura, onde cada aluno requisitou um livro na biblioteca da escola ou trouxe de casa, para ler durante os noventa minutos de aula e no fim cada aluno fez um breve resumo oral sobre o que conseguiu ler durante o tempo de aula. Uma vez que era a primeira aula de plano nacional de leitura, o professor deixou os alunos escolher o livro, para a próxima, todos os alunos têm o mesmo livro em comum.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Baseando-me no Programa de Ciências da Natureza do 2.º Ciclo, no que diz respeito à Organização Curricular e Programas (1991, p.182), a variedade das formas e revestimento dos animais é um dos primeiros conteúdos a serem abordados.

Em História, o professor deve, segundo Proença (1992, p.125), “formular perguntas em função do que é principal e significativo; dar um tempo de reflexão após a formulação da pergunta.” Por vezes, a questão de dar mais tempo para o aluno responder não se punha pois a turma tinha logo um pretexto para iniciar algo que fizesse com que a aula terminasse ou que fosse interrompida. Neste sentido o professor colocou e bem as perguntas, mas por vezes é difícil de dar mais tempo para o aluno poder pensar na sua resposta, devido aos comportamentos e atitudes que a turma, de forma coletiva, decide tomar.

O plano Nacional de Leitura, na Língua Portuguesa, como unidade curricular é um dos campos que pesa na nota final desta unidade. É importante para o desenvolvimento da leitura, como para a criação de hábitos de leitura e desenvolvimento

das capacidades de novos leitores. Segundo o Ministério de Educação, no que se refere ao Programa de Português (2009), é “desde 2007 e sob responsabilidade do Ministério da Educação, está em desenvolvimento um Plano Nacional de Leitura (...) cuja filosofia, orientações e objectivos são acolhidos nestes programas, com especial incidência no 1.º e no 2.º ciclos.” (p.4)

No que se refere à importância da criança estar em contacto com diversos livros, Bastos (1999) afirma que “a escola, é assim, um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar de forma cativante.” (p.286) Ao longo da aula, os alunos podiam trocar os livros entre si, tomando assim contacto com diferentes livros.

### **Relato diário do dia 14 de outubro de 2011**

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos estiveram a realizar o estudo da conjugação verbal em todos os tempos e modos, chegando a realizar alguns exercícios do manual sobre a conjugação verbal.

No fim da aula foi feita a leitura do texto “O rei sol e a rainha das águas”, de Isabel Alçada.

#### Matemática – 6.º ano

Mais uma aula que se iniciou com a correção do trabalho de casa. Foram realizados exercícios de construção de triângulos, onde a professora demonstrou, através do quadro interativo esta representação.

A aula terminou com a resolução de exercícios.

#### Matemática – 6.º ano

Os alunos corrigiram o trabalho de casa juntamente com a professora titular. Foi feita a explicação sobre como é feita a soma das amplitudes dos ângulos internos e externos e realizaram-se dois exercícios pra maior compreensão.

Durante esta aula estive a ajudar uma aluna na realização destes exercícios, efectuando novamente a explicação que a professora tinha dado.

## **Inferências**

Durante o dia de hoje, não ocorreu nada de novo que a meu ver merecesse destaque.

### **Relato diário do dia 18 de outubro de 2011**

#### Ciências da Natureza - 5.º ano

A aula de hoje foi sobre a explicação do revestimento das aves, ilustrada e explicada através de um *Powerpoint*, de forma sucinta e simples. De seguida os alunos registaram um apontamento e fizeram a marcação do teste de avaliação de conhecimentos desta unidade curricular.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

A aula começou com a correção dos trabalhos de casa, fazendo a ponte para iniciar as revisões da matéria dada, preparando os alunos para o teste de avaliação de conhecimentos desta unidade curricular.

Durante as revisões, a professora leu o referido capítulo do manual, que sai para o teste, indicando o mais importante a sublinhar, para que possam estudar corretamente. No entanto, há sempre alunos que se portam mal e a professora teve de colocar dois deles fora da sala, uma vez que foram muito incorrectos coma professora da sala, faltando ao respeito à mesma.

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Foram corrigidos os trabalhos de casa, oralmente, assim que esta aula se iniciou. De seguida, o professor utilizou o cd correspondente ao manual dos alunos, onde se pode fazer a audição do testo “A Bela Moura”. Seguiu-se a realização dos exercícios do manual respeitante a este texto, onde o professor me escolheu para fazer a correção oral com a turma, sem qualquer ajuda.



## **Inferências e fundamentação teórica**

O ensino das ciências é cada vez mais importante. Nesse sentido, deve o professor dar espaço à criança para que esta descubra através dos seus próprios meios o que é suposto. O professor é orientador e deve dar pistas. Nos primeiros anos de ensino das ciências é importante que a criança adquira algumas noções, não que decore e depois esqueça, uma vez que esta é a unidade curricular que mais interesse desperta na grande maioria das crianças. Nesse sentido, de acordo com o Programa de Ciências da Natureza do 2.º Ciclo, Organização Curricular e Programas (1991), “o professor deve ser um organizador e orientador, dando pistas que o aluno poderá explorar por si mesmo. No percurso que oriente não pode considerar fases rígidas, uma vez que a Educação em Ciências é um processo dinâmico onde as operações mentais se entrelaçam.” (p.187)

A leitura em sala de aula adquire cada vez mais importância no seio escolar. Segundo o Ministério de Educação (2009):

a aula de Português deve ser gerida de modo a constituir-se como um espaço de aprendizagens significativas. Nesse sentido, recomenda-se que (...) o tempo dedicado à leitura permita organizar a turma para leitura individual ou em pequenos grupos, em momentos de trabalho autónomo ou em momentos de audição ou visualização conjunta. (p.109)

É importante o aluno ouvir ler, mas também é importante interpretar. No entanto, o aluno acaba por fazer exaustivamente a leitura e interpretação de textos em todas as aulas, devendo o professor diversificar este tipo de aulas.

## **Relato diário do dia 21 de outubro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Corrigiu-se o trabalho de casa no início da aula e seguiram-se revisões sobre o adjetivo. A professora entregou um apontamento contendo exercícios.

Foram feitas revisões ao longo da aula sobre as formas verbais, oralmente.

### Matemática – 6.º ano

Hoje a aula foi dedicada a revisões sobre os ângulos para a ficha de avaliação de conhecimentos. Foram ainda tiradas algumas dúvidas.

### Matemática – 6.º ano

Durante esta aula, a professora procedeu à correção dos trabalhos de casa e realizou algumas revisões.

### **Inferências**

Hoje o dia foi dedicado às revisões. Como já foi referido em outras aulas, as revisões são importantes, pois ajudam o aluno a relembrar o que já foi dado e a esclarecer as suas dúvidas, só assim, através desta rotina, conseguem interiorizar e aprender da melhor forma possível, todos os conteúdos já lecionados.

### **Relato diário do dia 25 de outubro de 2011**

### Ciências da Natureza – 5.º ano

Hoje a professora trouxe exercícios diversificados de ciências e matemática para os alunos realizarem, mas durante esta aula apenas conseguiram adivinhar uma palavra constituída por três letras e um quebra-cabeças. Realizou-se, entre outros jogos, o jogo dos vinte e quatro.

### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

### Língua Portuguesa – 6ºano

Os professores destas duas unidades curriculares estiveram presentes numa visita de estudo, não havendo aula por este mesmo motivo.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A aula de Ciências da Natureza, hoje, tomou um rumo diferente, uma vez que os alunos tiveram a oportunidade, de uma forma mais lúdica, de colocar os seus conhecimentos em prática. A professora aproveitou ainda para realizar alguns exercícios de matemática, utilizando assim interdisciplinaridade em diversos contextos. Levy, Guimarães e Pombo (1993), referem que “a procura de um espaço de compreensão mútua e de comunicação entre as disciplinas científicas implica um nível discursivo diferente daquele em que se desenrolam as actividades científicas normais.” (p.28) Neste contexto, a professora aproveitou diversos exercícios, juntando as ciências e a matemática para verificar os conhecimentos dos alunos, tornando-se uma aula diferente.

### **Relato diário do dia 28 de outubro de 2011**

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

A aula de hoje foi dedicada a revisões e à realização de exercícios do manual. Foi efetuada a leitura do texto “Doutor grilo, médico de El-Rei”, de António Torrado e a sua exploração oral. A aula terminou com a realização dos exercícios de interpretação e gramática da manual.

#### Matemática – 6.º ano

Os alunos, durante esta aula, continuaram a correção do teste de avaliação de conhecimentos, que já havia sido iniciada na aula anterior.

Foram feitas revisões da matéria de 5.º ano sobre números naturais. Iniciou-se, de seguida, o estudo de potências de expoente e base naturais, potências de base dez, efectuando-se alguns exercícios para melhor compreensão.

A professora passou a apresentação de um *Powerpoint* sobre potências de expoente natural. Os alunos, de seguida, registaram um apontamento do *Powerpoint* que viram. As potências passariam, de seguida, a ser incluídas em expressões numéricas.

Os alunos iniciaram a correção da ficha de avaliação de conhecimentos. No final da aula, a professora efectuou o balanço das dificuldades mais sentidas pelos alunos, na realização desta ficha de avaliação.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Ao longo do 2.º ciclo, os alunos devem trabalhar muito as questões relacionadas com a interpretação de textos, no que diz respeito à unidade curricular de Língua Portuguesa. Ao nível da Matemática, os alunos devem insistir na realização de diversos exercícios, de acordo com os conteúdos abordados, pois só assim conseguem evoluir sem dificuldades, sem medos e sem receio do que estão a fazer. Muitas vezes as crianças, pelo que pude observar ao longo dos estágios, se um adulto estiver a vigiar o seu trabalho, a mesma sente-se “intimidada” e com medo de realizar determinada tarefa pois tem medo de errar e de sofrer represálias. Por isso, quantos mais exercícios foram realizados e a sua diversidade for alargada, melhor a criança se prepara para os anos seguintes. É neste sentido que, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a), no que diz respeito à Matemática, que esta está “associada a métodos próprios de estudar, de pesquisar e de organizar a informação, assim como de resolver problemas e de tomar decisões, que enriquecem a formação geral dos alunos.” (p.59) Por isso, adquirir os conhecimentos matemáticos é tão importante.

De acordo com o Programa de Matemática do Ministério da Educação (2007b), “os alunos devem ganhar desembaraço na manipulação de expressões numéricas, compreendendo o papel e a necessidade dos parênteses, a prioridade das operações e os efeitos das operações sobre os números.” (p.40) Por tudo isto, é importante a aprendizagem ser gradual, onde cada criança leva o seu tempo a adquirir os conhecimentos necessários.

## **Relato diário do dia 4 de novembro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

A aula começou com a leitura do texto de uma página de diário sobre “A lua de Joana”, de Maria Teresa Maia Gonzalez. Seguiu-se a realização dos exercícios do manual sobre a interpretação deste texto.

No final da aula, os alunos leram todos em voz alta e foi feita uma breve exploração gramatical.

### Matemática – 6.º ano

Esta aula foi dedicada à realização e correção de exercícios do manual sobre potências. Efetuei o apoio a duas alunas na explicação e realização dos exercícios do manual.

### Matemática – 6.º ano

Foi feita a correção do trabalho de casa, seguindo-se revisões sobre a adição e subtração de potências.

A professora iniciou, de seguida, a multiplicação e divisão de potências com a mesma base e com o mesmo expoente. Foram ainda realizados exercícios de aplicação.

## **Inferências e fundamentação teórica**

No 2.º Ciclo do Ensino Básico, é prática corrente os alunos efetuarem a correção dos trabalhos de casa, diariamente, pois todos os dias têm alguma tarefa para ser executada em casa. Todos os dias são corrigidos os trabalhos assim como são realizadas revisões e diversos exercícios de interpretação.

A leitura em voz alta, segundo Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997), no que diz respeito à criação de autonomia na leitura e de hábitos de leitura, refere que “os alunos devem ser capazes de ler em voz alta, restituindo ao ouvinte o significado do texto.” (p.62) A prática de leitura de diversos tipos de texto também é frequente, onde diariamente os alunos desenvolvem esta capacidade. Uma boa leitura é meio caminho

andado para melhor percepção e interpretação de alguma actividade que seja proposta ao aluno, por isso este trabalho é tão importante.

### **Relato diário do dia 8 de novembro de 2011**

Hoje não fui ao estágio pois houve greve dos transportes públicos, afetando de certa forma a minha deslocação ao local de estágio.

### **Relato diário do dia 11 de novembro de 2011**

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos realizaram o recorte, pintura e colagem pela ordem certa, da banda desenhada sobre a Lenda de S. Martinho.

Foi feita a declamação do poema “Estudar”, de Ary dos Santos, representado por toda a turma por várias salas de aula da escola e na biblioteca da presente instituição escolar.

#### Matemática – 6.º ano

Os alunos estiveram numa visita de estudo, não havendo estágio.

#### Matemática – 6.º ano

Durante a tarde não estive presente no estágio, pois houve greve nos transportes públicos, afetando a minha deslocação no regresso a casa.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O estudo de lendas também é importante. De certa forma faz parte da nossa tradição e dos nossos costumes abordar este tipo de lendas. No que se refere à lenda, Diniz (1993) refere que “é uma forma de narrativa geralmente breve que pode ser escrita em prosa ou em verso.” (p.60) A associação que é feita da lenda ao dia correspondente

também é importante, pois a criança vive-o intensamente e consegue recorda-lo mais tarde, pelas actividades que realizou nesse dia.

### **Relato diário do dia 15 de novembro de 2011**

#### Ciências da Natureza – 5.º ano

A aula foi dedicada à correção da ficha de avaliação de conhecimentos. Os alunos tiveram como trabalho de casa a correção dos erros ortográficos presentes nesta avaliação.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Hoje a aula foi dedicada ao rei D. João II e à descoberta do caminho marítimo para a Índia. A importância da rota do cabo.

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Leitura do texto “A carta” e realização dos exercícios de interpretação do texto e exploração gramatical.

No último tempo da aula foi realizada a correção dos exercícios e os alunos fizeram o resumo oral do texto, a pedido do professor.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A aula de história foi dedicada, na sua maioria, à descoberta do caminho marítimo para a Índia. Neste sentido, Proença (1992) chama à atenção para o facto de o professor dever “sempre chamar à atenção para influência do espaço nas civilizações, nas culturas e até nas mentalidades.” (p.104) Ao longo da expansão marítima os Portugueses passaram por diversos locais e diversas culturas e é nesse aspecto que esta autora chama à atenção.

## **Relato diário do dia 18 de novembro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Hoje foi feita a leitura de um conto de natal à turma, para escolha de personagens e apresentação na festa de natal. No entanto, não foi revelado o autor nem o título do texto, pelo que pude observar.

Iniciou-se, mais tarde, a leitura do Texto “Mozart”, uma biografia. Realizou-se a leitura em voz alta e a exploração gramatical do manual. Foram exploradas algumas palavras difíceis deste texto.

Antes da aula terminar, a professora pesquisou, através do *You Tube*, diversas músicas deste compositor.

### Matemática – 6.º ano

A aula foi dedicada a exercícios de revisão e respetiva correção.

### Matemática – 6.º ano

Os alunos registaram um apontamento sobre o tema acontecimentos aleatórios. De seguida efetuaram a realização de alguns exercícios.

## **Inferências e fundamentação teórica**

No início da aula de Língua Portuguesa, foi lido um conto de Natal. No que se refere ao conto, Diniz (1993) refere que:

o conto de expressão oral, sobretudo o “maravilhoso”, quer na sua forma oral quer tenha sido fixado pela escrita, além de divertir a criança e de desenvolver a sua imaginação, proporciona-lhe experiências que a vão pôr em contacto com os seus problemas reais. (p.54)



Já Bettelheim e Zelan (s.d., citados por Traça, 1992), referem que:

o conteúdo dos livros destinados à aprendizagem da leitura é irrealista e estúpido, desencoraja a criança dum esforço inteligente, empobrecendo o seu vocabulário e subestimando as suas capacidades. A extrema simplicidade das frases impede o texto de comunicar alguma coisa de interessante, desmotiva a criança para investir na sua energia mental. (p.119)

Desta forma e neste sentido é relevante o contacto com os contos tradicionais em sala e aula. As crianças devem tomar contacto com as mais diversas realidades e tomar conhecimento de todos os tipos de texto existentes.

### **Relato diário do dia 22 de novembro de 2011**

#### Ciências da Natureza – 5.º ano

Esta aula foi dada em conjunto por mim e pelo meu par de estágio, onde foram realizadas revisões sobre o tema da locomoção dos animais. Foram realizadas apresentações em *Powerpoint*, com imagens ilustrando as formas de locomoção. No final, foi aplicada uma proposta de trabalho a fim de verificar se os alunos perceberam o que esteve a ser abordado, apesar de ser uma aula de revisões. Foi ainda realizado um jogo de palavras cruzadas.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Não compareci a estas duas aulas, pois este dia estava bastante doente, tendo de me ausentar do estágio.

### **Inferências e fundamentação teórica**

As ciências têm vindo a ter cada vez mais um papel importante e fundamental. Neste sentido, segundo o Programa de Ciências da Natureza do 2.º Ciclo, no que se refere à Organização Curricular e Programas (1991), “a Escola tem um importante papel a desempenhar, não somente na aquisição de conhecimentos científicos e técnicos, mas também no desenvolvimento de atitudes susceptíveis de assegurar, aos cidadãos do

futuro, a aplicação e a avaliação desses conhecimentos.” (p.175) Para que a Escola possa acompanhar o desenvolvimento tecnológico, novos apoios e materiais estão à disposição do professor. Nesse sentido, a professora realizou uma apresentação em *Powerpoint*, dando assim a sua aula.

### **Relato diário do dia 25 de novembro de 2011**

#### Ciências da Natureza – 5.º ano

Hoje, eu e o meu par de estágio, fomos à aula de Ciências da Natureza de quarenta e cinco minutos, para terminar a realização da proposta de trabalho da aula anterior e respetiva correção.

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Foram corrigidos os trabalhos de casa sobre a biografia do texto de “Mozart”. De seguida, realizou-se a leitura do texto “Picasso” de Tony Hart e Susan Hellard e respetiva interpretação gramatical.

#### Matemática – 6.º ano

Os alunos estiveram a realizar a ficha de avaliação de conhecimentos.

#### Matemática – 6.º ano

Os alunos estiveram a realizar a ficha de avaliação, tal como a turma anterior.

### **Inferências**

Durante o dia os alunos efetuaram a correção de trabalhos de casa a Língua Portuguesa. No âmbito da unidade curricular de Matemática os alunos estiveram a realizar a ficha de avaliação de conhecimentos.

## **Relato diário do dia 29 de novembro de 2011**

### Ciências da Natureza – 5.º ano

Os alunos realizaram o teste de avaliação de conhecimentos.

### História e Geografia de Portugal – 6º ano

Hoje a aula foi dada por mim e pelo meu par de estágio. Eu iniciei a aula com o tema “Lisboa Quinhentista”, fazendo uma explicação através de um *Powerpoint* com documentos e imagens alusivas à época, de forma a que se percebesse como era Lisboa nesta época. No fim entreguei uma proposta de trabalho com diversos exercícios.

De seguida, o meu par de estágio deu continuidade à minha aula, explorando mais aprofundadamente a Lisboa desta época, as ruas, os costumes, os locais mais conhecidos.

As duas aulas terminaram quando os alunos realizaram a proposta de trabalho que cada estagiária entregou.

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Nesta aula, os alunos realizaram a leitura do texto “Charlot”, seguida da execução das perguntas de compreensão, do manual. Estiveram a verificar os pontos que aparecem numa autobiografia. Os alunos puderam visualizar, através do *You Tube*, alguns vídeos onde Charlot aparece a representar.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Na sequência do conteúdo abordado na aula de Língua Portuguesa sobre a autobiografia, Bernardes (1995), refere que é o “género literário em prosa que consiste na narração ulterior do percurso existencial de um indivíduo pelo próprio.” (p.459) Neste seguimento, os alunos conseguem ter contacto com outra forma de literatura em sala de aula, que de certa forma é enriquecedora, pois acabam por conhecer formas literárias diferentes.

## **Relato diário do dia 2 de dezembro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos estiveram a explorar as funções sintáticas, partindo de diversas palavras, ao longo de toda a aula, realizando diversos exercícios de consolidação.

### Matemática – 6.º ano

Hoje, esta aula foi avaliada pela professora titular da turma, onde o meu par de estágio iniciou a aula, abordando a construção de gráficos circulares. Foi feita a explicação sobre como se pode construir e como se deve proceder, realizando situações problemáticas nesse sentido.

No segundo bloco de quarenta e cinco minutos, quem deu a restante aula fui eu, onde abordei os extremos e amplitudes. Comecei por mostrar um *Powerpoint* para melhor compreensão, com definições sucintas e alguns exemplos. No fim, para maior explicação optei pela reta numérica, onde se percebeu melhor a explicação de extremos e amplitudes. Para concluir a aula, os alunos puderam realizar uma proposta de trabalho, a fim de consolidar os conhecimentos adquiridos, uma vez que estes temas ainda não tinham sido abordados.

### Matemática – 6.º ano

Uma vez que nesta turma as aulas não são avaliadas, a professora de matemática pediu se podia ser dada a mesma aula, da mesma forma a esta turma, seguindo a mesma ordem. Assim se sucedeu.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Os conteúdos referidos acima estão patentes no Programa de Matemática do Ministério da Educação (2007b), onde um dos objetivos específicos referentes a este conteúdo é “compreender e determinar os extremos e a amplitude de um conjunto de dados.” (p.43) Para uma maior compreensão recorri à reta numérica para efetuar a explicação deste conteúdo.

## **Relato diário do dia 6 de dezembro de 2011**

### Ciências da Natureza – 5.º ano

Nesta aula a professora introduziu o tema dos regimes alimentares, mostrando *Powerpoints* bem elaborados, apelativos e com resumos sucintos e claros de entender.

### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Hoje a professora entregou as fichas de avaliação e os alunos realizaram a correção das mesmas no seu caderno diário.

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos estiveram a realizar o teste de avaliação de conhecimentos.

## **Inferências e fundamentação teórica**

As aulas de Ciências da Natureza, têm todas por base apresentações em *Powerpoint*, que são projectadas e seguidamente os alunos copiam/registam a informação que é mostrada. As aulas podiam ser mais dinâmicas, no entanto, os conteúdos não propiciam actividades experimentais, tornando as aulas diferentes. Contudo, a professora tentou sempre envolver os alunos nas actividades propostas. Pois tal como nos diz Sanches (2001), “exigir o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspeto mais importante das estratégias de aprendizagem.” (p. 45) É por isso que, apesar de haver alguns elementos que pretendem alimentar a distração dos colegas nas aulas, a professora arranja sempre algo para que os mesmos mudem as suas posições. Basta apenas colocar alguma pergunta do seu interesse, mas que esteja relacionada de certa forma com os conteúdos abordados em sala de aula.

## **Relato diário do dia 9 de dezembro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos estiveram numa visita de estudo.

### Matemática – 6.º ano

Os alunos estiveram a realizar exercícios sobre potências.

### Matemática – 6.º ano

Estes alunos, tal como a turma anterior, também estiveram a realizar exercícios sobre potências.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Relativamente ao facto de os alunos estarem numa visita de estudo é de facto importante, pois é um momento de aprendizagem. Neste sentido, Mouro (1987), citado por Almeida (1999) reforça que, “(...) a perspectiva de um dia diferente fora da escola motiva e excita os alunos.” (p.55) Ao se realizarem visitas de estudo com os alunos proporcionamos momentos de aprendizagem, mas de uma forma mais lúdica.

## **Relato diário do dia 12 de dezembro de 2011**

### Ciências da Natureza – 5.º ano

A aula de hoje serviu para a conclusão do tema sobre os regimes alimentares, realizando alguns exercícios do manual.

No final da aula a professora entregou as fichas de avaliação de conhecimentos.

### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

A professora faltou, não havendo aula.

## Língua Portuguesa – 6.º ano

Quem iniciou hoje a aula de Língua Portuguesa fui eu, efectuando a leitura, interpretação e exploração do texto “A caneta Zita”, de Ignácio Pignatelli, oralmente. Pude realizar uma breve revisão sobre as categorias da narrativa, através de um *Powerpoint*.

No segundo bloco desta aula, a minha colega de estágio deu a sua aula, abordando conteúdos gramaticais, tais como as palavras homónimas, homógrafas, homófonas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

No momento em que estamos a lecionar é importante o diálogo que o professor/estagiário tem com os alunos e vice-versa. Neste campo, Morgado (1999) salienta a importância da comunicação, referindo que “é importante a realização de actividades que solicitem vários tipos de comunicação (...) as situações de aprendizagem devem ser estimuladas de forma a incentivarem os processos de comunicação.” (p.36) Quanto melhor for a relação professor-aluno, melhor é o diálogo que existe entre eles.

### **Relato diário do dia 2 de janeiro de 2011**

## Ciências da Natureza – 5.º ano

Hoje, a turma esteve a visionar pequenos filmes sobre a parada nupcial, introduzindo a reprodução sexuada e reprodução assexuada. A aula terminou com a resolução de exercícios do manual.

## História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Na aula de hoje, concluiu-se o tema, o luxo na corte de D. Manuel I e a arte manuelina.

## Língua Portuguesa – 6.º ano

Diálogo com os alunos sobre as avaliações do primeiro período em todas as unidades curriculares.

Leitura e interpretação do texto “Rapazes e Raparigas”, de Agustina Bessa-Luís.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Para que o aluno entenda da melhor forma os conteúdos da unidade curricular de História e Geografia de Portugal é necessário dispor de um conhecimento histórico bastante bom, além de que deve ser bem transmitido. Proença (1990) menciona neste sentido que:

qualquer que seja a posição do professor perante a História, as necessidades de ministrar um determinado programa levam-no a tomar decisões no sentido de conciliar a sua preparação histórica como seu papel de pedagogo. Se pretende, nas suas aulas, proceder a uma iniciação ao pensamento histórico, quer dizer, que tem que levar os alunos a habituarem-se à forma de pensar que caracteriza a história. Nesse caso, ver-se-á, de imediato, confrontado com o problema da noção de fonte histórica e das suas formas de tratamento. (p.35)

Ministrar História exige um saber bastante abrangente para que o professor possa fazer uma boa explicação do mesmo conteúdo de diversas formas possíveis, se for o caso.

### **Relato diário do dia 6 de janeiro de 2011**

## Língua Portuguesa – 6.º ano

A aula de hoje foi dedicada à revisão dos pronomes. Após várias confusões entre determinantes e pronomes, a professora decidiu efetuar uma explicação, distinguindo-os.

Já no segundo bloco desta aula, os alunos realizaram a leitura do texto “Beethoven”.

## Matemática – 6.º ano

A professora explicou as propriedades da adição de números racionais. Posteriormente, efectuou-se o registo de um apontamento.



## Matemática – 6.º ano

Os alunos desta turma também observaram atentamente a explicação que a professora deu sobre as propriedades da adição de números racionais, registando-se um apontamento no caderno diário.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Mais uma vez a professora levou os alunos a realizarem a leitura do texto. Neste sentido, Alliende e Condemarín (1987) referem que:

(...) a importância da leitura através das funções que ela pode permitir ao educador e a todos os que se empenham no desenvolvimento de um ser humano ligar a actividade de ler com as necessidades da pessoa. Deste modo, evita-se que a leitura seja uma simples destreza mecânica que tende a extinguir-se por falta de aplicabilidade e se chega a focalizá-la como uma habilidade relacionada com os mais importantes aspectos da vida pessoal e social. (p.23)

Inculcar e criar hábitos de leitura nas crianças é muito importante, criando-lhes também o gosto pela leitura.

### **Relato diário do dia 10 de janeiro de 2011**

## Ciências da Natureza – 5.º ano

A professora efectuou uma breve revisão da aula anterior. Seguiu-se o registo de um apontamento sobre as definições mais importantes da reprodução animal.

Apresentação de um *Powerpoint* contendo a explicação sobre a reprodução animal dos animais ovíparos, ovovivíparos e vivíparos.

## História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Hoje a aula iniciou com a correção do trabalho de casa. Iniciou-se o estudo do domínio filipino e os motins populares. Foi utilizada a escola virtual para a realização de exercícios interativos, observação de documentos, imagens e breves vídeos ilustrados sobre o tema.

Procedeu-se à leitura de alguns documentos dos manual e da aplicação da escola virtual, caracterizando assim esta época.

### Língua Portuguesa – 6.º ano

A aula começou com a correção do trabalho de casa, onde o professor pediu ao grupo de estágio, para realizar a correção em conjunto, dos respetivos exercícios. Entretanto o professor teve de se ausentar da sala, ficando o grupo de estágio a tomar conta da turma e a realizar a correção dos exercícios.

A meio da correção, o professor regressou à sala e terminou-se a correção do último exercício, já com o professor titular a corrigir o mesmo. Foram ainda realizados outros exercícios, no período da aula, da página seguinte do manual escolar.

No final da aula, o professor colocou algumas músicas de Beethoven, uma vez que os exercícios corrigidos eram respeitantes ao texto “Beethoven”.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A metodologia de leitura e sua compreensão é muito utilizada ao longo das aulas de Língua Portuguesa. Todos os dias a professora pede aos alunos para lerem o texto que vão trabalhar ao longo da aula. Allende e Condemarín (1987) dizem que a compreensão da leitura passa pela:

compreensão dos textos escritos é um fenómeno bastante complexo. Os factores que a determinam são muitos e estão interligados entre si e se modificam constantemente. Por este motivo, as estratégias para se conseguir uma maior compreensão leitora e as técnicas para medi-la devem ser cuidadosamente analisadas. (p.121)

A compreensão que as crianças tiram da leitura do texto é muito importante, pois através da exploração oral, o professor consegue perceber se a criança percebeu ou não aquilo que esteve a ler.

## **Relato diário do dia 13 de janeiro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Esta aula foi dedicada à análise sintática e morfológica, através de frases que a professora ia colocando no quadro.

Aproveitando estas mesmas frases, foi feita a substituição, nas que era possível, do complemento direto por um pronome pessoal, de seguida, o complemento indireto por um pronome pessoal e no final, pediu aos alunos que fosse substituído os dois complementos que as frases tinham.

### Matemática – 6.º ano

Hoje, a professora disse que não estaria presente, deixando trabalho, para que o grupo de estágio pudesse ajudar os alunos a resolver os exercícios e a explicar caso fosse necessário. Uma vez que a professora esteve fora da sala, os alunos estiveram interessados e realizaram as tarefas pedidas pelo grupo de estágio.

### Matemática – 6.º ano

A professora iniciou esta aula explicando como se simplificam produtos. De seguida, a professora colocou diversos exercícios, no quadro, onde os alunos deviam aplicar o que foi lecionado.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Hoje a aula de Matemática foi dada pelo grupo de estágio, sem a presença da professora titular. Os alunos demonstraram-se motivados e interessados em aprender. Sempre que havia alguma dúvida, todos olhavam para o quadro onde era feita a explicação do exercício. Nos casos de dúvidas pontuais, cada estagiária ia aos lugares dos alunos esclarecer individualmente. Neste sentido e de acordo com Lieury e Fenouillet (1997), “a motivação é, pois, o conjunto dos mecanismos biológicos e psicológicos que permitem o desencadear da acção, da orientação (...) e finalmente da intensidade e da persistência: quanto mais se está motivado maior é a actividade e mais persistente.” (p.9)

Esta turma, pelo que nos revelou a professora, tem bastante facilidade em aprender e gostam de trabalhar. A professora da sala revelou ainda que é uma turma com uma média razoável e que em média todos os alunos demonstram interesse por todas as actividades realizadas na sala de aula.

### **Relato diário do dia 17 de janeiro de 2011**

#### Ciências da Natureza – 5.º ano

Os alunos estiveram a efetuar revisões de todos os conteúdos abordados até ao momento, para a realização da ficha de avaliação de conhecimentos.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Os alunos iniciaram, hoje, o estudo do livro de história de 6.º ano. Foi introduzida a unidade Império e Monarquia Absoluta no século XVIII. A descoberta do ouro e o tráfico de escravos também foram conteúdos abordados, sem esquecer o açúcar brasileiro e os senhores dos engenhos. O tráfico de escravos também foi referido ao longo desta aula.

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos efetuaram a leitura do texto “Um caso de pirofobia”, de Susana Tamaro. Seguidamente, realizou-se a correção dos exercícios presentes no manual, sobre a interpretação textual e gramática.

No último tempo da aula, o professor pediu à turma, para que fosse feito o resumo, por escrito, deste mesmo texto.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Mais uma vez, a leitura foi realizada por cada aluno, individualmente, e em voz alta. Para Jean (2000) a leitura em voz alta:

feita pela criança, e sobretudo pela criança que tem dificuldades com a leitura, não é um meio de verificação parcial, mas essencial, das dificuldades encontradas. E, por outro lado, a leitura em voz alta pode ser um meio, uma incitação para ler mais atentamente «em silêncio». Na medida em que o professor avalia a natureza dos obstáculos (visuais, cognitivos, auditivos, etc.) que a criança encontra, porque a leitura em voz alta amplifica as resistências e mostra como uma lupa aquilo que resiste. (pp.123 e 124).

É importante a criança ler em voz alta, pois desta forma tem a noção de como diz as palavras e se o som sai corretamente. Desta forma também é mais fácil para o professor poder corrigir a criança.

## **Relato diário do dia 20 de janeiro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

A professora da sala disse para o grupo de estágio ir organizar a aula avaliada para a biblioteca. Esta aula será dada no bloco seguinte, a matemática.

Dirigimo-nos para a biblioteca, onde permanecemos até à hora da aula de matemática.

### Matemática – 6.º ano

Chegou a tão esperada hora, para lecionar a aula avaliada pela professora titular de turma e por uma professora da Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD).

O meu par de estágio iniciou a aula introduzindo o inverso de um número, incluído em expressões numéricas, onde houvesse a necessidade de aplicar esta regra.

Quando se iniciou o segundo bloco de aulas, iniciei a minha aula. Efetuei a revisão das partes que devemos dar prioridade numa expressão numérica, como os parêntesis, por exemplo. Apresentei, de seguida algumas expressões numéricas, aplicando o inverso de um número. De acordo com o resultado da expressão numérica, correspondia

um código de cores, com o qual os alunos teriam de conseguir colorir uma imagem, que era completada ao mesmo tempo no quadro, onde se encontrava exposta.

### Matemática – 6.º ano

As aulas dadas na aula anterior, foram igualmente lecionadas nesta turma, pela mesma ordem.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Hoje foi dia de aula avaliada e segundo Carita e Fernandes (1997) referem que:

a observação de uma aula por terceiros, (...) constitui um excelente meio de informação sobre o desempenho do professor na medida em que cada um dos elementos do grupo pode focalizar a sua observação num só aspecto (...) e, posteriormente, reunira a informação assim obtida, reconstituindo a aula. (p. 29).

É através destas aulas avaliadas que conseguimos ter uma perceção maior do nosso desempenho como futuros profissionais. É também através destas aulas que temos a oportunidade de corrigir e melhorar a nossa postura, se for caso disso.

A aula, a meu ver decorreu dentro da normalidade, pois a turma é bastante calma, devido ao elevado número de elementos. Apesar de ter corrido bem, penso que poderia ter efetuado uma explicação melhor dos conteúdos, pois sei que seria capaz de fazer melhor.

### **Relato diário do dia 24 de janeiro de 2011**

### Ciências da Natureza – 5.º ano

Os alunos realizaram a ficha de avaliação de conhecimentos.

### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

O início da aula de hoje foi dedicado à correção dos trabalhos de casa. A professora continuou a explicação sobre D. João V e o luxo na corte. A propósito do luxo na corte e da importância do leque nesta altura, a professora falou um pouco no código

dos leques, mostrando diversas imagens, através de um *Powerpoint*, salientando a importância das jóias utilizadas pelas senhoras e da forma como eram constituídas.

No segundo tempo da aula, a professora aproveitou para falar no estilo barroco e referir as suas características e indicar quais os grupos privilegiados nesta época.

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Hoje, os alunos estiveram a visualizar o filme, “Ulisses”, de Homero, durante os noventa minutos de aula.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O livro “Ulisses”, tem vindo a ser lido em sala de aula, nas aulas respeitantes ao Plano Nacional de Leitura. O livro escolhido para toda a turma ler foi “Ulisses”, de Maria Alberta Menéres. Este livro não foi escrito propositadamente para crianças, como quase toda a literatura abordada na escola. Neste sentido Magalhães (2008, p.66) salienta que “é no 2º Ciclo, ainda, que novos textos literários são apresentados aos alunos. Trata-se (...) de adaptações, para crianças, de clássicos de literatura para adultos...”, como é o caso deste livro.

### **Relato diário do dia 27 de janeiro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos da turma leram um texto, produzido por cada um sobre o tema “Bilhete misterioso”.

De seguida, utilizando o quadro interativo, a professora começou por escrever uma frase e cada aluno ia ao quadro e escrevia uma frase, que fizesse sentido com o texto que já lá estava, criando assim uma história coletiva. Os alunos tiveram de por em prática tudo o que sabiam sobre a produção de um texto, onde tinham de respeitar os diálogos, os parágrafos e os sinais de pontuação, principalmente.

## Matemática – 6.º ano

### Matemática – 6.º ano

Estas duas turmas estiveram a realizar a ficha de avaliação de conhecimentos, não havendo contacto com as crianças, pois foi apenas realizada a observação. Esta foi feita do fundo da sala, de onde devíamos permanecer até a aula terminar.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Na aula de Língua Portuguesa, a professora pediu aos alunos para lerem o texto que realizaram em casa, incitando o diálogo com os alunos. Além da leitura do texto, deixou que cada um falasse um pouco sobre como seria se recebessem um bilhete misterioso. Neste sentido, mencionando Sampaio (1996, citado por Curto, 1998) “ os professores necessitam de criar espaços de diálogo nas suas aulas, de modo a despertar novos interesses nos alunos e de forma a terem com eles uma relação efectiva”( p.26) Este tipo de diálogo é importante e especialmente nesta turma, onde há alunos que vivem em instituições de acolhimento e durante as aulas não se manifestam, nem têm interesse em participar nas actividades propostas.

### **Relato diário do dia 31 de janeiro de 2011**

## Ciências da Natureza – 5.º ano

Esta aula foi dada, novamente, pelo grupo de estágio. Comecei eu por iniciar a aula, explicando para que servem as raízes e o tipo de raízes existentes. Expus no quadro da sala os diversos tipos de raízes, onde foram trabalhadas as chaves dicotómicas. O meu par de estágio, no segundo bloco desta aula, abordou a sua diversidade, mostrando raízes verdadeiras. Os alunos fizeram de novo a classificação das raízes utilizando a chave dicotómica. As aulas foram sustentadas num *Powerpoint* e numa proposta de trabalho com diversos exemplos.

## História e Geografia de Portugal – 6.º ano

A professora não esteve presente, não havendo aula.



## Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos continuaram a visualizar o filme “Ulisses”.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Relativamente à autora da obra de “Ulisses”, são muitos aqueles que falam sobre a sua vida e obra. No entanto, Barreto (1998) diz-nos que esta autora é:

natural de Vila Nova de Gaia, onde nasceu a 25/8/1930, Maria Alberta Rovisco Garcia Meneres licenciou-se em Ciências Históricas Filosóficas na faculdade de Letras de Lisboa. Poetisa, escritora e professora, foi ainda funcionária da RTP onde chefiou o departamento de Programas infantis e juvenis. (...) Também na área da literatura juvenil tem trabalhado versões de obras clássicas, como *Ulisses* 1.ª edição em 1989, algumas delas adoptadas nas escolas, e escrito ficções juvenis que abordam a premente questão ecológica. (pp.123 e 124)

Esta obra é uma narrativa e como tal, os alunos podem explorá-la com calma e da melhor forma possível, através das aulas dadas no Plano Nacional de Leitura.

### **Relato diário do dia 3 de fevereiro de 2011**

## Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos estiveram a realizar o teste de avaliação de conhecimentos.

## Matemática – 6.º ano

Durante esta aula foram corrigidos os trabalhos de casa e resolvidos exercícios do manual.

## Matemática – 6.º ano

Os alunos lembraram as propriedades da multiplicação, realizando de seguida, diversos exercícios de aplicação para verificar qual a propriedade presente.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Ao nível da matemática é importante que os alunos não esqueçam as propriedades da multiplicação. De acordo com o Programa de Matemática do Ministério da Educação (2007b), “os alunos devem: compreender e ser capazes de usar as propriedades dos números inteiros e racionais, e desenvolver a noção de número real.” (p.48) Além de fazer parte do programa é importante compreender a matemática, pois esta desenvolve o raciocínio.

### **Relato diário do dia 7 de fevereiro de 2011**

#### Ciências da Natureza – 5.º ano

A aula iniciou-se com a entrega da ficha de avaliação de conhecimentos. Durante esta aula os alunos foram chamados pela diretora de turma, no sentido de poderem tirar fotografias.

No segundo bloco desta aula a professora realizou, novamente, revisões sobre as raízes. Neste seguimento, a professora introduziu o caule, falando sobre as suas características.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Os alunos, hoje, realizaram a ficha de avaliação de conhecimentos durante os primeiros quarenta e cinco minutos desta unidade curricular.

Assim que se iniciou o segundo bloco, a professora iniciou o tema “1820 e o Liberalismo”. Uma vez que os alunos estavam a revelar grande confusão sobre quando se muda de século, levando a professora a realizar uma explicação intensiva com diversos exemplos no quadro, para maior compreensão.

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Hoje foi dia de dar novamente aula de Língua Portuguesa. Quem iniciou a aula hoje foi o meu par de estágio, realizando a leitura e a interpretação de um texto.

Já no segundo bloco desta unidade curricular, iniciei a minha aula. Comecei por apresentar uma ficha informativa sobre os determinantes, com uma breve e sucinta definição, seguindo-se de um exemplo incluído numa frase e os respetivos determinantes. Após a explicação, pedi aos alunos, ordeiramente, para que construíssem algumas frases com diversos determinantes, a fim de verificar se já se tinham lembrado ou se havia dúvidas.

Para concluir a aula, utilizei um jogo do bingo dos determinantes, onde por vezes saía um determinante que ainda não tinha sido incluído numa frase e a um dos alunos a que esse mesmo determinante se encontrasse no cartão do bingo, diria uma frase.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Na aula de ciências, os alunos continuaram a abordar a diversidade das plantas, onde continuaram a abordar a morfologia das plantas, tal como refere o Programa de Ciências da Natureza do 2.º Ciclo (1991, p.183), Organização Curricular e Programas.

Hoje na aula de história, os alunos fizeram muita confusão sobre a mudança dos séculos e a professora colocou uma linha de tempo no quadro onde realizou a explicação e colocou diversos exemplos para verificar se as crianças estavam a compreender.

Proença (1992) refere que “o professor deve, também, familiarizar os seus alunos com a consulta de cronologias, procurando sempre que o aluno situe nelas os acontecimentos (...). É importante que o aluno vá adquirindo determinados referentes cronológicos.” (p. 100) A aprendizagem da história é um acto cronológico e sequencial.

Na aula de Língua Portuguesa optei por realizar um jogo para concluir a aula, uma vez que estava a fazer revisões de conteúdos que têm vindo a ser abordados há já algum tempo. Para não se tornar tão maçador e desinteressante, este jogo levou os alunos a participar de forma mais assídua, embora havendo alguns alunos mais agitados demonstrando alguma agressividade na forma como falam em sala de aula.

## **Relato diário do dia 10 de fevereiro de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Os alunos treinaram a leitura do texto “No mundo dos Bytes” Cena 3, de Maria Teresa Maia Gonzalez. Após o treino da leitura, os alunos leram o texto em voz alta. Foram colocadas perguntas de interpretação.

### Matemática – 6.º ano

Os alunos fizeram a correção do trabalho de casa. Posteriormente, a professora introduziu as sequências e a lei de formação das sequências. Os alunos registaram um apontamento e realizaram diversos exercícios.

### Matemática – 6.º ano

Esta turma encontra-se a dar exactamente os mesmo conteúdos, por isso a professora voltou a repetir a explicação que efectuou na aula anterior.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Bloom (2001, citado por Magalhães, 2008), refere que “...a leitura é essencial para “que os indivíduos, mantenham a capacidade de formar as suas opiniões e apreciações” sobre o mundo que os rodeia...” (p.55) Neste sentido, mais uma vez foi posta em prática a leitura de um texto e os alunos leram em voz alta para toda a turma.

## **Relato diário do dia 14 de fevereiro de 2011**

Hoje vim dar aula de História e Geografia de Portugal ao 6.º ano, pois ficou assim combinado com a professora titular.

No primeiro bloco desta aula, o meu par de estágio abordou um pouco a revolução francesa e a tomada da Bastilha, explicando os acontecimentos que antecederam e se sucederam com esta revolução. No segundo bloco desta aula, situei a revolução francesa

em Portugal, explicando o porquê de Portugal ser invadido e as consequências que resultaram dessa mesma invasão.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Segundo o Programa de História e Geografia de Portugal (1991, p.27), no 2.º Ciclo, um dos conteúdos a ser abordados é as Invasões Napoleónicas. Nesta aula mostrei alguns documentos em *Powerpoint*, como testemunho e fonte histórica dos conteúdos que estavam a ser abordados. Na apresentação de um documento o professor deve ter o cuidado de, segundo Proença (1992), verificar a “natureza do documento; situar o documento no seu contexto histórico; origem do documento.” (p.128) Por outro lado, a mesma autora refere que “os diapositivos, as gravuras, as reproduções de quadros podem (...) ter um valor pedagógico especial num ensino da História em que se procure levar o aluno a construir o conhecimento.” (p.130) Neste sentido, efetuei uma apresentação em *Powerpoint*, com imagens e documentos, além de apresentar algumas imagens que davam conta dos acontecimentos dessa época.

### **Relato diário do dia 6 de março de 2011**

#### Ciências da Natureza – 5.º ano

A aula de hoje foi destinada à conclusão do estudo das plantas sem flor, tendo como exemplo de plantas o musgo e o feto.

No segundo tempo da aula, os alunos realizaram uma ficha de trabalho do caderno de actividades como forma de preparação para a ficha de avaliação de conhecimentos.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Foram feitas revisões para a ficha de avaliação de conhecimentos, ao longo da aula. A professora ainda teve oportunidade de referir qual a parte do livro mais importante para sublinhar, a fim de poderem estudar com mais calma e da melhor forma possível.

Quase no final da aula, a professora pediu para os alunos realizarem alguns exercícios do livro e do caderno de actividades.

### Língua Portuguesa- 6.º ano

Hoje o professor não esteve presente no início da aula, dando algum trabalho para que eu e o meu par de estágio pudéssemos trabalhar com os alunos durante a ausência do professor. Os alunos realizaram a leitura de um texto do manual e de seguida iniciaram a resolução dos exercícios de interpretação do texto.

Antes do professor chegar à sala, já se tinha realizado a leitura do texto em voz alta, por todos os alunos e já se estava a corrigir os exercícios de interpretação do texto. Quando o professor chegou à sala terminou a correção com os alunos.

### **Inferências**

Ao longo das aulas observadas a Ciências da Natureza, nunca houve a possibilidade de realizar actividades experimentais, pois os temas abordados não apresentavam possibilidade, nem facilidade para tal experimentação. No entanto, houve a possibilidade de nos alunos poderem observar de perto as raízes das plantas e tentar efetuar a sua classificação com a chave dicotómica.

### **Relato diário do dia 9 de março de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

Hoje não houve aula pois os alunos estiveram numa visita de estudo.

### Matemática – 6.º ano

A aula de hoje foi dedicada, simplesmente, a esclarecer dúvidas e a efetuar revisões para a ficha de avaliação de conhecimentos.

### Matemática – 6.º ano

Esta aula foi dedicada à conclusão do estudo das escalas. Foram ainda realizados diversos exercícios de revisão para a ficha de avaliação de conhecimentos.

## **Inferências**

Hoje, não há nada a revelar nas observações realizadas, uma vez que os alunos estiveram a realizar revisões para a ficha de avaliação de conhecimentos, como costumam fazer sempre que têm uma avaliação.

### **Relato diário do dia 13 de março de 2011**

#### Ciências da Natureza – 5.º ano

Os alunos estiveram a realizar o teste de avaliação de conhecimentos desta unidade curricular.

#### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Esta turma, durante esta aula, esteve a realizar um teste de avaliação de conhecimentos.

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

Mais uma aula dada pelo grupo de estágio. Hoje, quem iniciou a aula fui onde, onde abordei as palavras derivadas por prefixação e as palavras derivadas por sufixação. Apresentei um *Powerpoint* com uma breve explicação sobre a formação de palavras e com alguns exemplos, servindo como revisão, uma vez que este tema gramatical já tinha sido abordado no ano anterior. Para concluir a minha aula apresentei uma proposta de trabalho para os alunos completarem com as referidas palavras.

No segundo tempo desta aula, o meu par de estágio falou em palavras compostas, utilizando também um *Powerpoint* para projectar a sua explicação, realizando uma proposta de trabalho com os alunos.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A aula que obtive mais importância hoje, foi a aula de Língua Portuguesa. Tive a possibilidade de a lecionar como sendo uma aula extra, além das que estavam previstas ao longo do período de estágio. Neste sentido e de acordo com Mestre (2002) “...a formação inicial e a aquisição de competências que dela resultem, (...) é hoje considerada apenas o primeiro de uma sequência de “patamares” que o professor percorrerá ao longo da sua carreira profissional.” (p.67) Optei então por dar esta aula, uma vez que havia tempo para isso. É uma forma de por em prática o que de futuro será feito diariamente, que é dar aulas.

### **Relato diário do dia 16 de março de 2011**

#### Língua Portuguesa – 6.º ano

A professora, uma vez que é a diretora de turma, desta mesma turma, dialogou com os alunos sobre as fotografias que foram tiradas em grupo e individualmente a esta turma.

De seguida, a professora pediu para que os alunos elaborassem uma composição para o dia do pai e que colorissem a folha.

Já no final da aula a professora distribuiu uma proposta de trabalho com alguns exemplos sobre o sentido figurado.

#### Matemática – 6.º ano

Mais uma aula e desta vez foram abordadas as escalas. Eu comecei por iniciar a aula explicando como ampliar e reduzir escalas, através de um *Powerpoint*. Efetuei ainda a explicação sobre para que servem as escalas, onde aparecem e de que forma gráfica se encontram representadas. Com material não estruturado, os alunos realizaram a ampliação e redução de um barco a partir do desenho inicial.

No segundo bloco, o meu par de estágio continuou a aula sobre escalas, referindo as diversas formas de as calcular, utilizando alguns problemas para maior compreensão, dando as instruções sobre como se devem efetuar os cálculos e os procedimentos que devem ser respeitados.



## Matemática – 6.º ano

Como já tem vindo a ser hábito, o grupo de estágio, reproduziu a aula novamente para esta turma, pela mesma ordem.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A prática adquirida ao longo do estágio profissional é uma mais-valia e esta professora de matemática conseguiu incutir esta prática de uma forma mais assídua. Desde a primeira vez que nos colocou este desafio e nos colocou à prova, pois as turmas são completamente diferentes, quer no nível de conhecimento, no número de alunos e no comportamento das turmas em sala de aula. Foi um desafio em que o grupo de estágio se demonstrou à altura, referido pela professora.

Mialaret (1981) defende que “um estágio bem conduzido (...) dá os seus frutos durante vários anos”. (p.101) A Prática Pedagógica torna-se, deste modo, muito importante para o futuro professor.

### **Relato diário do dia 20 de março de 2011**

## Ciências da Natureza – 5.º ano

Esta aula foi dada pelo grupo de estágio separadamente, o que não aconteceu nas duas aulas anteriores.

Eu abordei as plantas em relação à luz, utilizando um *Powerpoint* para que os alunos visualisassem exemplos de plantas que se dão bem com a luminosidade e de plantas que gostam mais de sombra e de ambientes escuros. Abordei ainda o conceito de fototropismo, realizando uma proposta de trabalho.

O meu par de estágio abordou as plantas em relação à humidade e à temperatura, dando exemplos, explicando e mostrando imagens de plantas. A aula também foi concluída com a realização de uma proposta de trabalho.

### História e Geografia de Portugal – 6.º ano

Os alunos receberam e efetuaram a correção da ficha de avaliação de conhecimentos. Assim que a mesma foi completamente corrigida, os alunos realizaram alguns exercícios do manual.

### Língua Portuguesa – 6.º ano

O professor terminou a correção da ficha de avaliação de conhecimentos. De seguida, a turma foi chamada para ir à biblioteca da escola para ouvir fado e ver um vídeo sobre Cabo Verde, sua cultura e suas gentes.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Para que as aulas não se tornem tão expositivas, o professor faz uso de todos os recursos que tem ao seu alcance. No entanto, há certas situações em que não pode deixar de os usar, pois estes ajudam ao professor a mostrar outras realidades aos alunos, como o caso de projectar através de *Powerpoint*, diversas imagens de plantas.

Para Pugalee e Robinson (1998, citados por Silveira-Botelho 2009), refere que “a introdução bem-sucedida das novas tecnologias na sala de aula exige, para além da compreensão por parte do professor do porquê e do como da sua utilização, a familiarização pessoal com essa tecnologia.” (p. 151)

O recurso às novas tecnologias nas aulas de Ciências da Natureza, são uma mais-valia. Quando o conteúdo não propicia a actividade experimental, o recurso às novas tecnologias torna-se relevante na sala de aula.

### **Relato diário do dia 23 de março de 2011**

### Língua Portuguesa – 6.º ano

### Matemática – 6.º ano

### Matemática – 6.º ano

Ao longo do dia, durante estas três aulas, os professores realizaram a auto-avaliação da unidade curricular, deixando os alunos sair, de seguida, para o recreio.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Quando chega a altura de se realizar a avaliação do período todos contribuem. O aluno emite a sua opinião e refere o que acha que merece, o professor dá a sua opinião e confronta o aluno, se for caso disso, com todos os momentos de avaliação que registou ao longo do período.

De acordo com a avaliação das aprendizagens, segundo o Ministério da Educação (2002b):

não é desejável que se reduza todo o trabalho de avaliação ao professor. Os alunos devem também colaborar na sua avaliação, aliás como propõem as perspectivas mais actuais sobre avaliação pedagógica e se encontra previsto no diploma que regula a sua aplicação no ensino básico. O desenvolvimento de capacidades metacognitivas, como a auto-avaliação, desde os primeiros anos da escola, poderá ajudar a preparar as crianças e jovens para as crescentes exigências da sociedade cognitiva em que vivemos, dando sentido aos saberes e competências que adquirem e desenvolvem e que poderão facilitar a continuação da aprendizagem ao longo da vida. (p.74)

Neste sentido, termina mais um período de aulas e chega ao fim mais uma etapa deste estágio profissional.

### **1.7. Sétima secção – Estágio Intensivo 2.º Ciclo**

#### **1.7.1. Semana de 27 de fevereiro a 2 de março de 2012**

#### **2.º Ciclo do Ensino Básico – 6.º Ano**

Esta semana de estágio intensivo foi realizada com uma turma de 6.º ano numa escola privada da zona de Cascais. Foi efetuado o acompanhamento da turma em todas as unidades curriculares.

A escolha de uma turma de 2.º ciclo deve-se ao facto de gostar de trabalhar com crianças mais crescidas entre o 3.º e o 6.º ano. Uma vez que apareceu a oportunidade de

poder efetuar o estágio em 2.º ciclo nesta escola, aproveitei para efetuar a realização do mesmo.

### **Seminário de Contacto com a Realidade Educativa**

Assim que cheguei à escola, juntamente com o meu par de estágio, realizamos uma visita pela escola, a fim de conhecer a mesma.

Já na sala de aula, a mesma iniciou-se com o Bom Dia, uma vez que é uma escola de freiras e os alunos rezam sempre de manhã, dez minutos antes de se iniciarem as actividades letivas.

A aula de matemática começou com a entrega e correção do teste, onde se esclareceram algumas dúvidas e os próprios alunos participaram na correção da ficha de avaliação.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora abordou o texto dramático, lendo um apontamento que projetou no quadro interativo e que os alunos registaram no caderno diário durante a aula.

Após a hora de almoço, os alunos estiveram presentes na aula de Educação Visual e Tecnológica, utilizando a técnica da grafite, onde teriam que completar a sua cara a grafite, pois a outra metade era uma fotocópia a preto e branco.

De seguida, foi a hora de ter aula de Formação Cívica, onde os alunos visualizaram o resto do filme sobre D. Bosco e a sua transmissão de valores.

Na aula de Educação Física os alunos receberam apontamentos para estudar e para esclarecer algumas dúvidas. O professor aproveitou para realizar algumas revisões.

Na terça-feira a manhã iniciou com a unidade curricular de Inglês. Foi feita a leitura e compreensão de um texto. Realizaram-se alguns exercícios e revisões sobre os pronomes. Já no final da aula, a professora introduziu o “past simple”.

De seguida, foi altura dos alunos receberem a professora de Educação Moral, onde realizaram uma proposta de trabalho de preparação para o teste.

Na aula de História, os alunos abordaram o Estado Novo e registaram alguns apontamentos sobre os acontecimentos mais importantes ocorridos nesta época.

Após o almoço, foi altura dos alunos receberem a professora de Língua Portuguesa, onde leram mas um capítulo do livro “O príncipezinho no século XXI”. Após

a leitura do capítulo, os alunos realizaram algumas perguntas de interpretação e de gramática sobre a referida obra.

Quarta-feira a manhã iniciou com a aula de Ciências da Natureza. A professora concluiu o estudo do sistema circulatório e iniciou revisões sobre este tema. Foram realizados diversos exercícios e a professora colocou algumas questões de aula projectadas, as quais os alunos teriam de responder por escrito, durante algum tempo e depois entregar à professora, para que possa avaliar os alunos.

A aula seguinte foi a aula de Estudo Acompanhado, na qual realizaram diversos exercícios do caderno de actividades de Inglês.

No que diz respeito à aula de Matemática, o professor efectuou revisões sobre áreas e perímetros, resolvendo-se alguns exercícios.

Após o almoço, foi tempo de assistir à aula de educação musical. Corrigiram-se os trabalhos de casa e efectuaram-se revisões. No final da aula ainda houve tempo para se tocar uma música com a flauta.

Na quinta-feira, a manhã iniciou com a aula de Formação Cívica, onde se visionou o filme “O principezinho”. Seguiu-se a aula de História, onde o professor continuou a aula anterior, referindo as obras públicas do Estado Novo e foram apresentados alguns filmes dessas obras publicas datados da época.

Já na aula de matemática, os alunos realizaram uma tarefa do manual, onde teriam de construir diversos paralelepípedos, de acordo com as indicações dadas, descobrindo o volume. Na aula de Inglês foi feita a correção do teste.

Após o almoço houve aula de educação física, onde o professor fez a avaliação nas modalidades de voleibol, badminton, salto em altura e em exercícios de flexibilidade.

No último dia de estágio intensivo, a manhã iniciou com a aula de Língua Portuguesa, onde os alunos realizaram questões de aula que contam para a avaliação. De seguida, os alunos realizaram teste de Ciências da Natureza.

Ainda antes do almoço, os alunos dirigiram-se para a sala de Educação Visual e Tecnológica, onde terminaram o trabalho com grafite que estavam a realizar.

Após o almoço, a tarde terminou com Educação Musical, com o estudo e interpretação de uma música tocada na flauta com orquestra off. Tocaram “o palhaço”, de Joss Wuit.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Ao longo desta semana de estágio pude acompanhar a turma em todas as suas unidades curriculares, que até então são difíceis de observar, uma vez que o estágio é apenas realizado nas áreas curriculares de Língua Portuguesa, Ciências da Natureza, Matemática e História e Geografia de Portugal.

Uma das situações que mais me fez acreditar que a monodocência faz mais sentido, é o facto de o aluno/turma estarem mais próximos e terem sempre alguém a quem recorrer.

No que diz respeito à monodocência cito Carita e Fernandes (1997) que referem que:

o professor do primeiro Ciclo dispõe da enorme vantagem de poder conhecer bem os seus alunos, dado o facto de a gestão curricular se apoiar predominantemente na monodocência. Já quando o professor lida com várias turmas por dia e por semana, se torna mais difícil o cabal cumprimento deste objetivo... (p. 47).

Esta semana, cada vez que a turma tinha uma unidade curricular diferente, chegava um professor novo. Muitas vezes os alunos comentavam que não queriam ter determinada aula, pois nem sequer têm tempo de criar uma boa relação pedagógica entre professor-aluno e vice-versa. Neste sentido Balancho e Coelho (1996) salientam que “uma boa relação pedagógica professor/aluno é facilitadora da aprendizagem.” (p. 43) Neste caso, como em algumas unidades curriculares, o tempo era tão pouco e o professor precisa de lecionar, que a relação pedagógica é posta de lado.

### **1.8. Oitava secção – Estágio de 10 de abril a 22 de junho de 2012**

#### **1.º Ciclo do Ensino Básico: Bibe Azul Escuro – 4.º Ano**

O nome Bibe Azul Escuro, tal como já tinha referido anteriormente, é a nomenclatura utilizada no Jardim-Escola João de Deus para designar a faixa etária ao ano correspondente, neste caso é o 4.º ano.

### **1.8.1. Caracterização da turma**

Esta turma é composta por 28 alunos, sendo que doze são raparigas e doze são rapazes. A turma, de uma forma geral, não apresenta dificuldades, uma vez que os alunos realizam as suas aprendizagens sem qualquer dificuldade. Após várias observações, verifico que há alunos que apresentam comportamentos agressivos uns para com os outros, quer dentro da sala, que no recreio da escola. No geral, a turma tem grandes capacidades de aprendizagem, não verificando dificuldades de leitura, escrita, raciocínio ou cálculo mental, de acordo com as informações prestadas pela professora titular.

### **1.8.2. Caracterização do espaço**

A sala do 4.º ano encontra-se situada no primeiro piso do Jardim-Escola e apresenta bastante luz. Tem janelas no fundo da sala e numa lateral. O espaço não é muito grande, mas encontra-se organizado. As mesas estão dispostas por filas de duas mesas cada. As paredes são brancas, mas os placards dão vida à sala, com cores coloridas onde são expostos os trabalhos realizados pela turma. A sala apresenta um quadro interativo, utilizado diariamente na execução das tarefas diárias.

### **1.8.3. Rotinas**

As rotinas do 4.º ano, partilham das mesmas, já referidas anteriormente, para o 1.º, 2.º e 3.º ano e 4.º ano, ao longo do primeiro ano de mestrado.

O horário do quarto ano está estipulado entre as 9h e as 17h, como demonstra o Quadro 8, mas as observações decorrem sempre à terça e à sexta-feira, entre as 9h e as 16h30.

Quadro 8 – Horário do Bibe Azul Escuro - 4.º ano

<b>Dias Horas</b>	<b>2.<sup>a</sup></b>	<b>3.<sup>a</sup></b>	<b>4.<sup>a</sup></b>	<b>5.<sup>a</sup></b>	<b>6.<sup>a</sup></b>
<b>9h / 10h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>10h / 11h</b>	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
<b>11h / 11h30</b>	<b>Recreio da manhã</b>				
<b>11h30 / 12h</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>12h / 12h50</b>	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
<b>13h / 14h30</b>	<b>Almoço e recreio</b>				
<b>14h30 / 15h20</b>	Estudo do Meio	História	Biblioteca /Informática	Hora do Conto (14h30/15h)	Estudo do Meio  História
<b>15h20 / 16h10</b>	Inglês	Estudo do Meio (Clube de Ciência)	Educação Musical	Expressão Artística	
<b>16h10 / 17h</b>	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio	Formação Pessoal e Social	Educação Física	

#### 1.8.4. Relatos diários

##### Relato diário do dia 10 de abril de 2012

As crianças iniciam a manhã na roda de acolhimento, cantando canções infantis, terminando sempre com o Hino João de Deus.

De seguida, os alunos foram à casa de banho e dirigiram-se para a sala, onde houve uma breve organização da mesma redistribuindo os alunos pelos lugares.

Mais tarde, já com a sala organizada, a professora conversou um pouco com os alunos sobre as férias.

Pouco antes do recreio da manhã, os alunos realizaram a leitura e interpretação de um texto do manual sobre “Os ovos de Páscoa”.



Após o recreio, os alunos estiveram a realizar alguns exercícios tipo prova de aferição, realizando-se de seguida a respetiva correção.

A seguir ao almoço, já no tempo da tarde, os alunos concluíram a correção dos exercícios tipo prova de aferição.

O horário da turma sofreu algumas alterações e a professora dialogou com os alunos sobre as alterações sofridas para o presente período letivo.

Foi realizada, no âmbito de História de Portugal, a revisão da dinastia filipina e um pequeno resumo com pesquisa de palavras difíceis sobre este conteúdo.

Os alunos tiveram Clube de Ciência, onde o professor recordou os tipos de lava e mostrou alguns filmes.

Mais tarde, a professora efectuou a conclusão do exercício de História.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Hoje o dia pareceu longo e bastante agitado. As crianças dialogaram com a professora sobre as férias e o que mais gostaram de fazer. Esta proximidade com as crianças revela-se numa boa relação professor-aluno, sendo que, no meu entender a relação pedagógica é uma boa base para uma boa educação em sala de aula.

A exploração e interpretação de textos, no 4.º ano, torna-se cada vez mais importante, pois só assim o aluno aprende a compreender e até a realizar interpretações que não estão explícitas nos textos, mas que o aluno facilmente consegue depreender. Neste sentido, a interpretação de textos de forma oral, pode parecer que seja algo abstracto para as crianças, mas de certa forma ajuda-as a organizar as ideias e a raciocinar, sendo que findado o 1.º ciclo, uma das coisas que o aluno deve ser capaz, segundo o Ministério da Educação (2007a, p.15), relativamente ao Currículo Nacional, no que se prende com as competências gerais, “usar corretamente a Língua Portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar o pensamento próprio”, tornando mais fácil o diálogo e a partilha de ideias e saberes.

A rotina da higiene diária na escola também é um ponto importante, segundo o Ministério da Educação (2004, p.104), “desenvolver hábitos de higiene pessoal e de vida saudável utilizando, regras básicas de segurança”, tornando-se importante lavar as mãos antes de cada refeição.

## **Relato diário do dia 13 de abril de 2012**

Durante a manhã, não foi possível estar presente no estágio, pois o grupo de estágio esteve a acompanhar uma visita de estudo no Museu da Cidade, no âmbito da Unidade Curricular de Metodologia de Aprendizagem da História e Geografia de Portugal, com a finalidade de se poder perceber o que é feito neste museu e como se pode conduzir uma visita de estudo.

Assim que a visita terminou, regressámos à escola, acompanhando as crianças no recreio.

Assim que os alunos regressaram à sala, a professora projetou um *Powerpoint* e fez revisões sobre os rios e as serras de Portugal Continental e Ilhas. De seguida, foi realizada uma atividade sobre o respetivo conteúdo.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Realizar revisões sobre conteúdos já abordados é importante, pois relembra a criança e organiza-lhe o pensamento. Segundo o Ministério da Educação (2004, p.118), nas Orientações Curriculares, um aluno do 4.º ano deve saber identificar nos aspetos físicos da costa “os maiores rios (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado): localizar no mapa de Portugal; observar direta ou indiretamente (fotografias, ilustrações...) e as maiores elevações (Pico, Serra da Estrela, Pico do Areeiro): localizar no mapa de Portugal; observar direta ou indiretamente (fotografias, ilustrações...).” Neste caso a professora recorreu às novas tecnologias para efetuar a exposição em *Powerpoint*, com diversas imagens e mapas para as respetivas identificações.

## **Relato diário do dia 17 de abril de 2012**

A manhã de aulas iniciou com a aula de uma aluna estagiária de outro mestrado, abordando os presentes conteúdos pela seguinte ordem: Matemática – foi construída uma tabela de frequências, onde se organizaram os dados e de seguida foram interpretados pela turma. Os dados da tabela foram organizados consoante os aniversários de cada aluno desta turma. Seguiu-se História de Portugal – os alunos descodificaram o B.I. do rei que iria ser apresentado, através de um código numérico, com correspondência ao alfabeto. Foi feita a apresentação do rei D. João V e do luxo vivido na sua corte, através

da projecção de um Powerpoint. Por fim, a aula terminou com Língua Portuguesa – foram abordados os tempos compostos, partindo de uma frase da aula de história.

A manhã de aulas terminou com um jogo lúdico, onde a turma esteve organizada por grupos, aparecendo diversas questões que foram abordadas ao longo da manhã, tendo presente questões das três unidades curriculares.

Após o almoço os alunos estiveram a terminar alguns trabalhos que se encontravam em atraso.

### **Inferências e fundamentação teórica**

No que pude observar sobre a aula dada por uma colega de outro mestrado, a mesma foi divertida, apelativa, lúdica e criativa. Os exercícios realizados com as crianças foram diferentes, com estratégias diferentes, não deixando que os alunos se aborrecessem ou que fossem criados tempos mortos durante as aulas.

### **Relato diário do dia 20 de abril de 2012**

Hoje foi mais uma manhã em que uma das alunas do outro mestrado deu aula. A aluna estagiária começou por fazer a leitura modelo do texto e pedir aos alunos para o lerem em voz alta. De seguida, colocou questões de interpretação do texto para maior compreensão. O texto foi escrito e adaptado pela própria aluna, fazendo a ligação com a aula de História de Portugal, com a finalidade de se abordar o reinado de D. José I e a importância de Marquês de Pombal.

Já na aula de matemática, foi registado num gráfico de linhas as temperaturas ocorridas no dia em que ocorreu o terramoto de Lisboa.

Durante a tarde, os alunos realizaram o Quiz de Matemática e de Língua Portuguesa, a fim de se encontrar um finalista das turmas de 4.º ano para marcar presença num campeonato nacional, a respeito deste jogo. Um aluno venceu e foi à final de campeonato do Quiz de Matemática.

No último tempo da tarde, assisti à aula de uma colega do mesmo mestrado, mas que estava presente na outra sala de 4.º ano que abordou a vida de Marquês de Pombal, fazendo a exploração da aula através de um Powerpoint e de uma banda desenhada.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Este jogo de Quiz, foi um jogo diferente, ao qual os alunos não estão habituados, havendo diversidade de perguntas, variando na dificuldade de resposta a cada questão, fazendo com que o aluno desenvolva o raciocínio e o cálculo mental, principalmente ao nível da matemática. A professora lia as perguntas em voz alta e os alunos tinham de responder sem poder olhar para os cartões, apenas podiam pedir para ler novamente a pergunta. Este tipo de jogo pode e deve ser desenvolvido com crianças com um nível de abstração bastante elevado. Segundo o Ministério da Educação (2004), é no 1.º Ciclo que deve ser dada especial importância ao cálculo mental. Neste sentido, “a criança deve habituar-se, desde o início, a considera-lo como o primeiros dos recursos a utilizar para obter um resultado.” (p.172) Também é importante salientar que, segundo o mesmo autor, ao calcular mentalmente a criança aprende:

a lidar com o número como parte de uma estrutura e não a vê-lo como um símbolo de uma quantidade;  
a utilizar as propriedades das operações com um objectivo útil;  
a fazer estimativas que irão contribuir para se tornar crítica relativamente aos resultados dos cálculos obtidos, utilizando algoritmos ou a máquina de calcular. (p.172)

O cálculo mental ajuda a criança no seu dia a dia, que seja através de um jogo ou de uma actividade, estimulando assim cada criança.

## **Relato diário do dia 24 de abril de 2012**

Esta manhã iniciou novamente com outra aluna de outro mestrado a dar a sua manhã de aulas. Começou por abordar os acontecimentos mais importantes sobre o reinado de D. Maria I. De seguida, passou a abordar o discurso direto e o discurso indireto, explorando algumas frases, realizando a passagem do discurso direto para o discurso indireto e vice-versa.

No final da manhã, a aluna realizou a explicação de adição de números complexos, não conseguindo terminar a aula a tempo.

Ao longo da tarde, não estive presente no estágio, pois fui acompanhar uma visita de estudo realizada/organizada por duas colegas do mesmo mestrado ao Museu do Traje, no âmbito da unidade curricular de Metodologia da Aprendizagem da História e Geografia de Portugal.

## **Inferências**

Esta aluna abordou conteúdos que, no geral não são abordados no 1.º ciclo do ensino básico, mas sim a partir do 2.º ciclo. No entanto, apesar da turma ter facilidade em aprender, estes conteúdos de Língua Portuguesa eram mas complexos e as crianças tiveram alguma dificuldade em perceber logo quais os procedimentos a seguir para poder transformar uma frase que se encontre na voz ativa e passa-la para a voz passiva e vice-versa. Por essa mesma situação, a aula atrasou e a aluna não conseguiu terminar a sua manhã de aulas a tempo. Aconteceu o mesmo na aula de matemática, pois como estava a ficar sem tempo queria avançar com a aula, mas os alunos não estavam a compreender corretamente o procedimento para a execução da adição de números complexos.

## **Relato diário do dia 27 de abril de 2012**

A manhã foi dedicada à conclusão de algumas aulas. A colega que abordou o gráfico de linhas, esteve a realizar a correção com os alunos, efectuando uma breve síntese da aula que tinha dado.

Após o recreio da manhã, a colega que abordou a adição de números complexos realizou a explicação, novamente, colocando exemplos no quadro para maior compreensão, uma vez que os alunos estavam com algumas dúvidas. Já no final da manhã, os alunos concluíram a proposta de trabalhos que incluíam situações problemáticas com adição de números complexos.

Na parte da tarde, eu e o meu par de estágio, pudemos conversar com os alunos sobre a visita de estudo que foi organizada ao Museu da Cidade. Houve a preocupação de relembrar regras, criar grupos e chefes de grupo, para que a visita corresse bem, pois a turma é um pouco agitada. Foi realizado material para utilizar na visita de estudo. Os rapazes realizaram um *jabot*, com a cor do respetivo grupo. As raparigas construíram um leque, em que as rendas eram da cor do respetivo grupo.

Ainda houve a possibilidade de ser feita uma breve apresentação do museu através de imagens e falou-se um pouco na história do mesmo.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A preparação das visitas de estudo é bastante importante, principalmente quando são no âmbito da unidade curricular de História de Portugal, pois é necessário, por vezes, observar fontes históricas para se poder compreender a história, uma vez que esta é constituída por diversas fontes históricas.

Acho que não é só importante a realização da visita, mas todo o trabalho envolvente, quer em relação à organização da visita, quer à sua preparação em sala de aula junto das crianças.

Nesse sentido, Manique e Proença (1994) afirmam que:

Não é o património que tem que vir à Escola mas, ao contrário, é a Escola que deve ir ao encontro do património, torná-lo objecto específico de estudo, estabelecer diálogo entre a comunidade escolar e o meio envolvente, valorizar as realidades patrimoniais no contexto ambiental em que se inserem. (p.55)

As visitas de estudo são momentos bastante importantes, diferentes e interessantes.

## **Relato diário do dia 2 de maio de 2012**

Hoje não é dia de estágio, mas foi o dia da realização da visita de Estudo ao Museu da Cidade, preparada/organizada pelo grupo de estágio.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Esta visita deu bastante trabalho, exigiu estudo e muitas horas de organização. O Museu da Cidade é um museu repleto de história, tendo sido difícil a escolha do trabalho a realizar junto do respetivo museu.

No entanto, segundo Guedes e Moreno (2002), “a visita escolar ao museu constitui, em Portugal, uma actividade extracurricular, devendo, no entanto, acompanhar o curriculum enquanto complemento de formação pedagógica. (p.11)

Neste sentido, Almeida (1999), refere que “há uma aprendizagem recíproca de novas formas de participar, de ouvir e de executar” (p.55), demonstrando uma nova forma de contactar com a aprendizagem e uma forma diferente de aprender.

## **Relato diário do dia 4 de maio de 2012**

Hoje foi a minha primeira aula nesta turma e automaticamente, a aula assistida pelas professoras coordenadoras. Iniciei a manhã com a aula de Língua Portuguesa abordando o sujeito nulo subentendido. Apresentei um *Powerpoint* simples, que foi projetado na sala, contendo a definição de sujeito, com diversas frases para maior compreensão, até chegar ao sujeito nulo subentendido. De seguida, iniciei a aula de Estudo do Meio, onde realizei uma experiência sobre a diluição da poluição na água, dialogando com os alunos sobre o problema deste tipo de poluição.

Terminei com a aula de matemática onde abordei os critérios de divisibilidade por 3 e por 9, terminando com o jogo do bingo, que tinha a finalidade de os alunos descobrirem qual o divisor ou os divisores dos números que estavam a sair. Os alunos foram para o recreio matinal enquanto eu fui para a sala onde se realizam as reuniões sobre este tipo de aulas.

A seguir ao almoço os alunos realizaram uma prova de preparação para a prova de aferição de matemática. Enquanto os alunos realizavam este exercício, a professora reuniu-se comigo, onde dialogamos a aula que foi dada por mim na parte da manhã.

O dia terminou com a correção deste exercício.

## **Inferências e fundamentação teórica**

A aula que foi dada por mim, hoje, podia ter sido mais dinâmica. Contudo, a aula foi conseguida e a turma esteve sempre comigo. Aceitei as críticas que me foram referidas, para que possa crescer enquanto futura profissional.

Relativamente à aula de Estudo do Meio, pude realizar uma actividade experimental, sei que para vinte minutos, não devo abordar algo muito extenso ou muito complicado, mas faltou o visionamento de um pequeno filme e um diálogo mais específico sobre os problemas de poluição da água.

A realização de actividades experimentais para Leite (2001, citado por Almeida, Mateus, Veríssimo, Serra, Alves, Dourado, Pedrosa, Maia, Freitas e Ribeiro, segundo o Ministério da Educação (2001), “inclui actividades que envolvem controlo e manipulação”. (p.27) Neste sentido, os alunos tinham presente um protocolo experimental, onde iam registando os resultados e efetuar uma conclusão ao que foi visualizado. Ainda nesta linha de pensamento, citando o mesmo autor, “o professor

assume a iniciativa do planeamento da actividade, a definição do princípio de análise dos dados e sua exploração (...), com excepção da execução do protocolo experimental que é feita pelos alunos, (...) com vista à recolha de dados.” (p. 55-56) A realização deste tipo de actividades experimentais é um trabalho bastante apreciado pelos alunos.

### **Relato diário do dia 8 de maio de 2012**

Hoje foi o meu par de estágio que deu a sua aula assistida para as professoras coordenadoras. O meu par de estágio começou por abordar os critérios de divisibilidade por 2 e por 6, seguindo-se, a Língua Portuguesa, as palavras parónimas, com uma breve explicação através de um *Powerpoint* com definições e exercícios simples. Terminou a sua aula com a unidade curricular de Estudo do Meio, onde foi abordado o tema da poluição sonora. Enquanto os alunos foram para o recreio da manhã, o grupo de estágio reuniu-se na biblioteca da escola para debater a aula, uma vez que hoje foi a única aula assistida neste Jardim-Escola.

Regressou-se à sala ainda antes da hora de almoço e os alunos já estavam a resolver uma ficha de preparação para a prova de aferição de Língua Portuguesa.

Após o almoço os alunos tiveram Clube de Ciência, onde o professor organizou os alunos em grupos para que possam fazer apresentações de experiências, tal como é feito pelo professor, onde existe um protocolo experimental com registos das observações e conclusões.

Mais tarde, a professora da sala efectuou a correção da prova que estavam a realizar.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O Clube de Ciência está incluído na unidade curricular de Estudo do Meio, onde uma vez por semana se realizam actividades experimentais. Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a), no âmbito das Ciências Físicas e Naturais, “o conhecimento científico não se adquire simplesmente pela vivência de situações quotidianas (...), há necessidade de uma intervenção planeada do professor, a quem cabe a responsabilidade de sistematizar o conhecimento.” (p.129) É necessário o aluno vivenciar e ser, ele próprio, a experimentar este tipo de actividades.



### **Relato diário do dia 11 de maio de 2012**

Hoje chegou o dia mais importante para os alunos do 4.º ano e um dia diferente, pois realizaram a prova de aferição de matemática.

Durante a tarde os alunos estiveram a organizar os sumários que se encontravam em atraso, de todas as unidades curriculares.

No final da tarde, foram mostradas as fotografias da visita de estudo ao Museu da Cidade, onde os alunos referiram a sua opinião.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A prova de aferição é importante, pois segundo a legislação, atualmente em vigor, defende que a realização das provas de aferição, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, como está descrito no Despacho n.º 10534/2011, “as provas de aferição a realizar no final do 1.º ciclo do ensino básico deverão ser aplicadas anualmente ao universo dos alunos, nas escolas públicas e nos estabelecimentos de ensino particular e cooperativo”, colocando os alunos à prova, para que estes demonstrem os seus conhecimentos.

### **Relato diário do dia 15 de maio de 2012**

Hoje dei a minha primeira manhã de aulas. Comecei por Língua Portuguesa, onde utilizei um poema para referir as suas partes e chegar à estrofe do poema, que era o tema central desta aula. Os alunos adivinharam o tema da aula e adoraram a leitura dos poemas que li, em voz alta, de Luísa Ducla Soares. De seguida iniciei a aula de matemática, abordando as potências, realizando algumas revisões sobre este conteúdo. A manhã de aulas terminou com a biografia de D. Pedro IV. Efetuei uma breve revisão sobre o tema anterior, de forma a que os alunos encontrassem o fio condutor da aula, podendo seguir de forma calma e sucinta os acontecimentos ocorridos ao longo deste reinado.

Na parte da tarde, os alunos tiveram Clube de Ciências e o professor efectuou, novamente, uma revisão sobre os vulcões, a sua constituição e os tipos de lava expelidos dos vulcões.

No tempo que ainda sobrou, terminei a minha aula sobre D. Pedro IV, para concluir a proposta de trabalho.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Na história, o tempo cronológico é bastante importante, pois a criança deve ter a noção temporal e ter a capacidade de identificar diversos acontecimentos. De acordo com o Ministério da Educação (2004, p.114), os alunos que frequentam o quarto ano devem “localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal”, a fim de se situarem na História.

### **Relato diário do dia 18 de maio de 2012**

O meu par de estágio realizou hoje a sua primeira manhã de aulas. Começou com Matemática, abordando as propriedades da multiplicação em relação à adição, utilizando pedrinhas para exemplificar esta propriedade. Terminada a aula de matemática, iniciou a aula de Língua Portuguesa, onde explicou os diversos tipos de rima, apresentando diversos poemas onde os tipos de rima eram evidentes.

Após o almoço, iniciou a aula de História de Portugal, dialogando com os alunos sobre o reinado de D. Miguel I e os pontos em comum com o reinado de D. Pedro IV. De seguida, os alunos realizaram uma proposta de trabalho e uma atividade com palavras cruzadas sobre o reinado deste rei.

## **Inferências**

É importante que o professor efetue a ligação de conteúdos, para que os alunos estruturam o seu pensamento e se situem. Cabe ao professor conduzir as aprendizagens.

### **Relato diário do dia 22 de maio de 2012**

Hoje dei novamente aula. Iniciei o dia abordando as frações equivalentes, realizando exercícios com algarismos móveis e material não estruturado. Após relembrar as frações equivalentes, os alunos procederam à realização de uma proposta de trabalho. De seguida procedi à explicação das orações coordenadas copulativas e adversativas, partindo da frase simples até chegar à frase complexa e ao significado de conjunção. Posteriormente, os alunos puderam realizar diversos exercícios onde teriam de identificar qual a conjunção presente, mas também de elaborar frases incluindo as conjunções abordadas.

Uma vez que este conteúdo foi mais difícil, demorei mais tempo a explicar e os alunos demoraram mais tempo a resolver os exercícios, a aula de Estudo do Meio atrasou-se. Só após o almoço iniciei esta aula, abordando o tema da Indústria. Referi diversas indústrias portuguesas e suas localizações em Portugal, além de referir os materiais provenientes dessas indústrias. No final, os alunos puderam completar um quadro colando as indústrias correspondentes e dando dois exemplos de cada indústria.

### **Inferências**

Abordar conteúdos respeitantes a outros ciclos por um lado pode ser motivador, mas por outro, determinadas crianças têm mais dificuldade em compreender, pois ainda têm alguma dificuldade em articular e ligar todos os seus conhecimentos. Nesse sentido, são escolhidos os conteúdos a abordar em cada ciclo, de forma gradual, do mais fácil para o mais difícil, havendo um progresso na aprendizagem de cada criança.

### **Relato diário do dia 25 de maio de 2012**

O meu par de estágio deu mais uma manhã de aulas e hoje foi o dia. A manhã começou com a explicação sobre como podemos ver se uma fração é irredutível ou como podemos transformar uma dada fração numa fração irredutível. De seguida, foi feita a passagem para a aula de Língua Portuguesa, onde os alunos abordaram a voz ativa e a voz passiva. Esta aula terminou com a elaboração de uma proposta de trabalho. Mais tarde, já quase no final da manhã, os alunos abordaram o comércio, referindo as importações e exportações e os tipos de comércio. Foram ainda visualizados filmes sobre o comércio em Portugal.

Durante a tarde, os alunos elaboraram uma ficha de trabalho sobre o rei D. Pedro IV e D. Miguel I, completando espaços em branco e respondendo a algumas questões. De seguida, completaram uma ficha de estudo do meio, onde puderam responder a questões sobre o tema da indústria e do comércio, abordado pelo grupo de estágio, nas suas manhãs de aula.

A tarde terminou com a leitura do livro de história, como forma de preparação para a ficha de avaliação.

## **Inferências**

Mais uma vez, foram abordados conteúdos fora do âmbito do programa do 1.º ciclo. No entanto, penso que é normal que este tipo de aulas demore mais tempo, pois exige uma explicação simples, mas bem realizada com uma grande diversidade de exemplos simples e concisos. Por vezes, é necessário e importante demorar mais tempo e efetuar uma boa explicação, do que a aula ser lecionada de forma rápida e as crianças não perceberem corretamente o que se abordou.

## **Relato diário do dia 29 de maio de 2012**

Durante a primeira parte da manhã estive presente na outra turma de 4.º ano, onde uma colega do mesmo mestrado deu a sua aula assistida pelas professoras coordenadoras. A aula tinha um seguimento lógico, onde foi abordado o tema da receita, a Língua Portuguesa, contendo informação para ser trabalhada na aula de Matemática. Foram explorados os pontos importantes que uma receita deve ter. A partir das quantidades que estão presentes na receita, foi feita a ligação com a aula de matemática, arredondando os valores à unidade mais próxima, trabalhando desta forma este tema. Através das quantidades apresentadas na receita, a mesmas vinham expressas no protocolo experimental, para a unidade curricular de Estudo do Meio, onde os arredondamentos das quantidades deveriam ser efetuados para se efetuar a preparação da experiência, terminando assim a aula.

A reunião, para discussão da aula foi feita na biblioteca do Jardim-Escola.

Após o recreio da manhã, a professora efectuou uma breve revisão sobre os graus dos adjetivos. De seguida os alunos realizaram uma proposta de trabalho, onde teriam de completar todos os graus dos adjetivos sempre com o mesmo adjetivo.

Terminada a hora de almoço, os alunos regressaram à sala, terminando a proposta de trabalho sobre os adjetivos. Foi realizada a correção no quadro.

Uma vez que não houve Clube de Ciência, a professora organizou os alunos em grupo, dando 30 minutos para se prepararem para a apresentação do tema “a poluição”, onde quem atribuíu os pontos era o grupo de estágio e a professora da sala, no final de cada apresentação, para verificar qual o grupo que obteve melhor desempenho.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Realizar revisões é importante, mas a grande maioria dos alunos refere-se a este tipo de situação como sendo um momento mais maçador. No entanto, Meirieu (1998, p.82), refere que “o problema da «revisão», que muitos jovens têm dificuldade em perceber, é que rever é reconstruir e não simplesmente uma tentativa para recordar conhecimentos anteriormente adquiridos”. Muitas vezes, as revisões ou as sínteses dos conteúdos ajudam a criança a relembrar e a fortalecer o seu conhecimento.

## **Relato diário do dia 1 de junho de 2012**

Hoje é o Dia Mundial da Criança. Os alunos permaneceram mais tempo na roda de acolhimento e de seguida, puderam brincar livremente até perto da hora de almoço. Entretanto, puderam comer a bolacha, a meio da manhã, tal como acontece em todos os recreios matinais, no Jardim-Escola, pois a criança não deve estar muitas horas sem comer.

Cerca de noventa minutos antes da hora do almoço, todas as crianças se dirigiram para o ginásio da ESEJD, onde observaram uma peça de teatro sobre “A alegre história de Portugal em 90 minutos”, do Teatro Bocage.

Após o almoço, os professores organizaram diversas actividades, tais como futebol, atelier de pinturas e desenho livre, sala de filmes. Os alunos escolheram e puderam brincar livremente e mudar de actividade sempre que pretendessem. Havia sempre professores e alunos estagiários a observar as crianças, para verificar se tudo corria dentro da normalidade.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Este é um dia muito especial. Infelizmente, nem todas as crianças, no Mundo, podem usufruir do direito à educação ou a brincar livremente. Segundo a Declaração Universal dos Direitos da Criança, UNICEF (1959), no que se refere à educação gratuita e ao lazer infantil, toda “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.” A escola, neste aspeto assume um papel importante, dando, de certa forma às crianças, esta possibilidade.

### **Relato diário do dia 5 de junho de 2012**

Hoje os alunos iniciaram a manhã dialogando com a professora sobre os critérios de correção das provas de aferição e os procedimentos de correção respeitados para a correção deste tipo de provas. Os alunos receberam ainda recados sobre a viagem de finalistas.

De seguida, os alunos efetuaram revisões sobre Língua Portuguesa, para a realização da respetiva ficha de avaliação.

Depois do recreio os alunos concluíram os exercícios que estavam a realizar.

Após o almoço, os alunos iniciaram as apresentações das experiências do Clube de Ciência.

Terminada a aula, os alunos foram chamados para o recreio da escola, onde tiraram diversas fotografias para colocar no álbum de fotografias dos alunos finalistas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Hoje, a aula do Clube de Ciências foi abordada pelas crianças, através de diversas apresentações em grupo, onde cada grupo apresentou, executou e tirou conclusões das suas experiências. No que se refere ao trabalho em grupo, segundo Almeida *et al.* (2001) “desenvolver nos alunos "capacidades" e "atitudes" de "responsabilização pessoal e social" associadas "à concepção e desenvolvimento de realizações concretas (...) e ao trabalho de grupo, nomeadamente, a cooperação e respeito pelos outros, a organização e divisão de tarefas e a responsabilização social." (p.75) Trabalhar em grupo é trabalhar de forma cooperativa, respeitando o outro.

### **Relato diário do dia 8 de junho de 2012**

Hoje não compareci ao estágio.

### **Relato diário do dia 12 de junho de 2012**

Os alunos do 4.º estão a realizar a sua viagem de finalistas, pelo que as observações realizadas durante o dia de hoje dizem respeito ao 3.º ano de escolaridade do mesmo Jardim-Escola.

A manhã começou com a leitura do capítulo 8 do livro “O Planeta Branco”, de Miguel Sousa Tavares. De seguida, os alunos realizaram um ditado de algumas frases do livro.

Mais tarde, realizaram um ditado lacunar, completando a música “cheira bem, cheira a Lisboa”, de Amália Rodrigues, através da audição da mesma.

Após o recreio da manhã, uma vez que havia algumas dúvidas na execução das contas de dividir, a professora explicou no quadro todos os procedimentos. A seguir, foi feita a leitura de números por classes, por ordens e lendo o número inteiro referindo a última ordem.

A seguir ao almoço, a turma procedeu à mesma forma de apresentação no Clube de Ciência, tal como o 4.º procedeu. Iniciou-se assim a apresentação de actividades experimentais, grupo.

### **Inferências e fundamentação teórica**

É interessante o professor diversificar as estratégias que utiliza para realizar um ditado. Neste caso, os alunos tinham de completar algumas palavras que iam aparecendo à medida que a música ia decorrendo. Segundo Baptista, Viana e Carneiro (2011), que o professor “deve considerar diferentes modalidades de levar à prática o ditado e de o conjugar com outras actividades. (p.96) Uma vez que era véspera do dia de Santo António, este exercício foi ao encontro do dia e do espírito que se vive na cidade de Lisboa, com a preparação para a noite dos Santos Populares.

### **Relato diário do dia 15 de junho de 2012**

Hoje não estive presente no estágio.

### **Relato diário do dia 18 de junho de 2012**

Hoje não é dia de estágio, mas foi o dia em que ocorreu a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional. Abordei conteúdos como o cálculo de escalas e as interjeições, que são conteúdos abordados no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Apesar das interjeições apenas serem abordadas no 2.º Ciclo, as crianças utilizam-nas vezes sem conta nos seus textos e na forma expressiva de contar determinados acontecimentos do dia a dia.

Neste sentido, uma interjeição, segundo Azeredo, Pinto e Lopes (2011) é uma “palavra invariável pertencente a uma classe aberta de palavras que não desempenha qualquer função sintática e tem uma função exclusivamente emotiva.” (p.273) Mas, Amorim e Costa (2006) acrescentam que na oralidade as interjeições “são enunciadas com uma entoação exclamativa; na escrita, a entoação exclamativa é assinalada pelo ponto de exclamação.” (p.168)

As interjeições são classificadas de acordo com as reações que são exprimidas emocionalmente e para isso coloquei alguns alunos a dramatizar este tipo de reações através da mimica, tendo sido aceite bastante bem.

## **Relato diário do dia 19 de junho de 2012**

Os alunos iniciaram a manhã com a realização do teste de avaliação referente às unidades curriculares de Estudo do Meio e História.

Seguidamente ao recreio da manhã, os alunos estiveram a terminar alguns trabalhos e aproveitaram para organizar os sumários das aulas e arrumar alguns trabalhos nos dossiês.

Após o almoço, os alunos das duas turmas de 4.º ano estiveram a ensaiar para a festa de final de ano. Houve ainda Clube de Ciências, onde os alunos concluíram as apresentações.

## **Inferências**

Hoje, apesar de ser um dia diferente, as crianças puderam realizar ensaios de canções para a festa de final de ano. Nestes dias, as crianças colocam em prática todo o conhecimento que foram adquirindo ao longo do ano, através da Expressão Musical, onde o professor da unidade curricular está presente.



### **Relato diário do dia 22 de junho de 2012**

Este foi o último dia de aulas. Os alunos não realizaram nenhuma actividade escrita. Houve ensaios de preparação para a festa de final de ano, durante a manhã e durante a tarde.



# **Capítulo 2**

## **Planificações**

## **2.1. Descrição do capítulo**

Neste capítulo encontram-se as planificações com as estratégias/procedimentos utilizados nas mesmas ao longo do período de estágio no 1º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Estas planificações são baseadas no Modelo T de aprendizagem, pois é o modelo adoptado pelo Jardim-Escola João de Deus. Estas foram as que seleccionei de entre muitas que preparei e utilizei.

## **2.2. Breve fundamentação teórica**

### **O que é planificar, para quê e para quem se planifica?**

Planificar é orientar, organizar e prever o processo a seguir. A planificação é um conjunto de processos psicológicos através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções. Não é uma simples teoria é um instrumento de trabalho indispensável, porque nos permite visualizar o caminho a seguir.

Um professor tem de ter em conta quando inicia o processo, como o desenvolve, quando o termina e como avalia os resultados da aprendizagem.

Para aplicar o currículo o professor tem de tomar um conjunto de decisões e esta necessidade prende-se com o tornar a aprendizagem interessante e motivante e nada monótona. Evita as dúvidas e permite ao docente superar as suas dúvidas e frustrações transmitindo-lhe maior segurança. Planificar melhora todos os aspectos do ensino.

A planificação é também um método de organização de trabalho que deve ser flexível e adaptado às situações que possam ocorrer.

Os professores têm, necessariamente, que planificar as suas aulas. Para além de ser obrigatório planificar, é essencial para o docente, para que este se oriente, ao longo das suas aulas e tenha um plano por onde se possa orientar/organizar. A planificação lectiva é essencial para um melhor ensino, com mais qualidades, representando assim um trabalho de preparação de todas as aulas por parte do professor. A planificação deve ser vista como um meio auxiliar da prática pedagógica, devendo ser realista e exposta de uma forma sintética.

indicam-nos que:

(...) na perspectiva construtivista, a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender. (p.27)

Baseando-me em Zabalza (2000), será o professor a concretizar a sua própria actuação prática, pois o professor realiza a síntese do geral ou programa, do situacional ou a programação escolar e do contexto imediato, ou o contexto da aula e os conteúdos específicos ou tarefas. Desde então, planificar, tornou-se uma actividade importante para os professores.

Planificar é uma necessidade que se torna cada vez mais importante. Planificam-se os conteúdos a leccionar ao longo de um ano lectivo, planificam-se as unidades temáticas, planificam-se as aulas, planificam-se as visitas de estudo, planificam-se as actividades de área escola, planificam-se as actividades do director de turma, entre outras.

Cada planificação tem um momento próprio para ser realizada, por exemplo, ao iniciar um ano lectivo, é importante que o professor tenha uma perspectiva abrangente sobre o processo de ensino-aprendizagem a desenvolver ao longo do ano.

Para isso, antes do início das aulas, a primeira preocupação do professor deve consistir em elaborar uma planificação a longo prazo.

Antes e durante o ano lectivo, é necessário elaborar planos a médio prazo correspondentes a cada unidade de aprendizagem, consideradas no plano a longo prazo.

Durante o ano lectivo, é necessário elaborar planos a curto prazo, correspondentes às aulas que irão ser leccionadas no dia-a-dia, concretizando aqui os diferentes conteúdos dos planos a médio prazo.

Cada professor terá a sua forma de planificar, que é própria e reflecte a forma como encara o processo de ensino-aprendizagem.

A planificação está muito relacionada com o quê e para quê planificar e com que tipo de recursos. Em primeiro lugar, planificamos para o aluno, porque sabemos que temos de adequar as nossas planificações, enquanto professores, às características que os alunos têm em relação a conhecimentos adquiridos e ambiente sociocultural, porexemplo.

A planificação também é um elemento activo na realização do trabalho do docente, podendo reflectir-se sobre o trabalho já feito, discutir-se sobre a melhoria desse mesmo trabalho e propor-se soluções para que esse trabalho seja ainda melhor

Em segundo lugar, planifica-se para o professor, como plano de organização do seu trabalho em função do papel formativo da disciplina, seleccionando os conteúdos, métodos, materiais e estratégias que facilitem e nos ajudem a planificar. Também é uma forma importante do professor poder controlar o tempo e fazer ajustes de acordo com as necessidades dos alunos.

A planificação também se dirige à instituição escolar, pois demonstra o trabalho do docente, tornando possível também um trabalho consciente por parte de todos os docentes. Permite identificar o espaço, o tempo e os recursos didácticos, tornando possível uma gestão participada, dando a conhecer a todos tudo o que foi planificado.

A planificação dá sequência ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, dirigindo-se também aos pais, possibilitando-lhes o acompanhamento das aprendizagens dos filhos, aproximando mais os pais da instituição escolar, tornando-os mais receptivos à participação das actividades escolares e iniciativas que a escola promova.

Planifica-se para os alunos, para que estes possam saber o que estão a fazer e o porquê, mas também se planifica para os professores, sendo uma forma de organizarem o seu trabalho, sendo uma forma de reflexão sobre os conteúdos, métodos, materiais e competências a desenvolver nos alunos. Planifica-se para a escola, para que permita uma coordenação interdisciplinar do trabalho dos professores de uma forma consciente.

Planifica-se para os pais, para que estes possam perceber melhor o que os seus filhos aprendem e para facilitar o acompanhamento da criança na vida escolar.

Planifica-se para a sociedade para que haja mais autonomia nas escolas e uma participação mais activa na sociedade.

Planificar é de facto muito importante, sendo essencial para o professor, para que ele tenha um fio condutor das suas aulas e se possa orientar podendo fazer algumas alterações ao longo da sua aula consoante haja a necessidade de o fazer devido às questões colocadas pelo aluno. Então, quando planificamos devemos ser flexíveis pensando sempre que estas questões podem surgir. Tudo depende das turmas e das questões expostas pelos alunos. Portanto, não devemos ser rígidos ao efectuar uma planificação.

A planificação divide-se em planificação racional linear e planificação racional não linear. Na primeira, o docente começa por estabelecer metas, concretiza acções seleccionando-as, obtendo os resultados.

Segundo Braga *et al.* (2004), este modelo de planificação baseia-se nos princípios definidos pelas teorias técnicas, dando ênfase aos objectivos e metas a alcançar, devendo descrever o resultado que se pretende que os alunos obtenham, sendo um tipo de pedagogia virada para a mestria, que pretende consciencializar e objectivar as aprendizagens a fazer.

A segunda começa pelas acções, depois obtém resultados, sumariando, por fim, essas acções atribuindo-lhes metas. Antes de planificar é necessário recolher informação sobre os alunos, recolher evidências, ou seja, saber quais as dificuldades de cada criança.

Vilar (1998), salienta que a “actividade é a manifestação mais acabada da vitalidade de uma pessoa e/ou grupo.” (p.48) Mas, por outro lado, Arends (1999), refere que “para os proponentes deste modelo, as planificações não são necessariamente os condutores das acções, passando a ser, em vez disso, símbolos, anúncios e justificações daquilo que as pessoas já fizeram.” (p.45)

A planificação é cíclica, existindo uma abordagem mais recente, que é contrária à planificação linear, que é então designada por planificação conceptual, tratando-se de um ensino baseado na mudança conceptual em que o professor elabora etapas sucessivas que levam os alunos à construção do saber. Assim, tendo isto em conta, desenvolvem-se planos dinâmicos, abertos e flexíveis.

Planificar em projecto, é uma forma de planificação conceptual, que engloba três momentos, antes, durante e depois da acção, ou seja, este tipo de planificação considera uma fase para identificar o problema, outra para a formulação e resolução do problema e finalizando com a implementação, avaliação e rotinização, “assim, o saber será algo que o próprio aluno irá construindo depois de se irem efectuando transformações até ele atingir o nível de abstracção desejado.” (Braga *et al.* 2004, p.28)

Para Vecchi e Giordan, citado em Braga *et al.* (2004) indica que:

(...) a planificação conceptual deverá traçar objectivos a longo prazo, devendo ainda ser criadas situações e actividades que permitam a evolução das representações dos alunos, para que estas se aproximem o melhor possível dos objectivos, passando por diversos níveis de integração.  
(p.29)

A nível temporal podem-se considerar as planificações a longo, a médio e curto prazo.

A planificação a longo prazo é feita no início do ano, tendo como objectivo seleccionar e distribuir conteúdos, baseando-se nas orientações do plano curricular da escola. Neste tipo de planificações, os professores reflectem sobre as atitudes, metas e temas gerais que pretendem passar para os alunos.

A planificação a médio prazo é designada pelos planos de uma unidade de ensino, segundo Arends (1999), é correspondente a um grupo de conteúdos e de competências associadas, que são percebidas como um conjunto lógico (p.59-60), sendo necessário equacionar os materiais necessários de forma mais concreta. Algumas destas etapas são identificar conteúdos, conceitos, definir estratégias, criar estratégias de avaliação e distribuir os diferentes conteúdos pelas aulas disponíveis.

As planificações a curto prazo são os planos de aula, sendo aqui que melhor se percebe a forma como o professor encara a dinâmica do ensino/aprendizagem. Arends (1999), salienta que “são os planos diários que esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação.” (p.59)

Para o professor, “(...) o modelo de planificação seguido é importante, pois reflecte a maneira como foi concebida a aula (...)” (Braga *et al.* 2004, p.26)

Para Arends (1999) “os objectivos da instrução consistem em afirmações que (...) que o professor pretende promover nos estudantes, (...) ajudam professores e alunos a conhecerem os caminhos que estão a percorrer e a saberem se o destino já foi alcançado.” (p. 54)

Benjamin Bloom, na década de 50, criou um esquema de sistematização dos objectivos educacionais, designado de taxonomia, sendo um instrumento que ajuda a classificar os objectivos educacionais, tornando-se um auxiliar das planificações, servindo “para nos lembrar de que queremos que os nossos alunos aprendam uma série de competências e que sejam capazes de pensar e de agir tanto de uma maneira linear como de forma complexa.” (Arends, 1999, p.59)



## O Currículo

O currículo, tal como é publicado, é um documento orientador para todo o país, cabendo a cada escola, nomeadamente a cada professor, transforma-lo e adaptá-lo à realidade dos seus alunos.

De acordo com Braga *et al.* (2004):

podemos afirmar que o currículo é uma construção social resultante da necessidade de responder a aprendizagens que se considerem socialmente necessárias para um determinado grupo, numa determinada época, que se corporiza através de decisões e que reflecte o poder dos campos científicos. (p.17)

Segundo Zabalza (2000) a escola é a unidade básica de referência para o desenvolvimento do currículo. O mesmo autor refere ainda que “deve ser o professor a concretizar (...) ele realiza a síntese do geral (programa), do situacional (programação escolar) e do contexto imediato (o contexto de aula e os conteúdos específicos ou tarefas).” (p.46)

O currículo é um termo com diferentes acepções, ou seja, algo que não possui um sentido único, à quem identifique o currículo como elenco de matérias ou de disciplinas propostas para todo o sistema escolar, visando a gradação dos alunos a este nível. É também um conjunto de diferentes modos de pensar e investigar a realidade e a experiencia humana, neste sentido vai ser dado privilégio ao desenvolvimento e capacidades. O currículo é o conjunto de todas as experiências que o aluno adquire sobre as orientações da escola, englobando todas as experiencias de aprendizagem proporcionadas pela escola.

Para Ribeiro (1999), o desenvolvimento curricular tem-se vindo a afirmar como domínio relativamente autónomo, tal como refere, no conjunto das designadas:

“ciências da educação. A sua importância bem como a sua independência relativa devem-se, no fundo, ao grau de desenvolvimento e institucionalização dos estudos em Educação no quadro global das áreas do saber já consagradas com estatuto académico e científico próprios.”  
(p. 3)

Schwab (1969, citado em Ribeiro, 1999), “criticou a tendência teorizante do desenvolvimento curricular, (...) em vez de perseguirem teorias e especulações, se dedicassem ao estudo das práticas curriculares quotidianas na escola, sobre as quais deve assentar, em última análise, o saber teórico. (p. 4)

Ribeiro (1999), indica-nos ainda que “o desenvolvimento curricular define-se como um processo dinâmico e contínuo que engloba diferentes fases, desde a justificação do currículo até à sua avaliação e passando necessariamente pelos momentos de concepção- elaboração e de implementação.” (p.6)

O professor deve “olhar” o currículo como algo a seguir, no sentido de orientar as suas aulas e planificações, tendo-o como linha de seguimento na sua atividade profissional.

### Planificação - Modelo T

Os planos de aula que são apresentados, seguiram o Modelo T de Aprendizagem, que é utilizado no Jardim-Escola João de Deus e foi proposto pelo Dr. Martiniano Pérez.

Dá-se a este modelo de planificação, o nome de Modelo T, uma vez que apresenta a forma de um duplo T, como se pode observar no quadro 9.

Quadro 9 - *Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T*

<b>Escola Superior de Educação João de Deus</b> <b>Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico</b> <u>Plano de aula</u>	
<b>Professora:</b>  <b>Faixa Etária:</b>  <b>Tempo:</b>  <b>Data:</b>	<b>Estagiária:</b> Rute Costa  <b>Ano:</b> Mestrado em 1º e 2º Ciclos  <b>Nº:</b> 15
<b>Área:</b>	
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/Métodos</b>
<b>Objetivos / Competências</b>	
<b>Capacidades/Destrezas</b>	<b>Valores/Atitudes</b>
<b>Plano baseado no Modelo T</b>	

O Modelo T, segundo Pérez (s.d.) “fundamenta-se em três teorias científicas: Teoria de Gestalt, Teoria do processamento da informação e teoria da interação social.” (p.7)

As planificações utilizadas na preparação das actividades realizadas durante o estágio são uma adaptação do modelo original, uma vez que, planificar para 60 minutos, aproximadamente, neste caso, vai contra os princípios de Pérez (s.d.), que estabelece seis semanas para uma planificação a curto prazo.

Este modelo “agrupa os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica”, permitindo assim identificar de forma adequada os objectivos e valores, procedimentos e estratégias, capacidades e destrezas, sempre associadas ao conteúdo/conteúdos que se pretendem abordar. (Pérez, s.d., p.7)

Neste modelo o autor (Pérez, s.d. p.40), integra os seguintes elementos:

Capacidades – destrezas: indicam os objectivos fundamentais cognitivos (três capacidades e quatro destrezas por capacidade) que queremos desenvolver;

Valores-atitudes: mostram os objectivos fundamentais afectivos (três valores e quatro atitudes por valor) que pretendemos desenvolver;

Conteúdos (conhecimentos): apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende ensinar ao longo do ano escolar. Cada unidade divide-se em três e seis partes distintas;

Métodos/procedimentos: apresentam-se em nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar.

Penso que é demasiado importante planificar, pois para além de permitir realizar com mais confiança o trabalho do professor, serve também de fio condutor das suas aulas.

É muito importante programar todos os passos que um professor deve dar e o que se deve seguir até planificar uma actividade, e tal como refere Zabalza (2001), “sem programação não se pode fazer “boa escola”. Porém, para que a programação responda ao seu sentido curricular tem que possuir certas características importantes que afectam tanto o processo da sua planificação como a sua posterior aplicação na sala de aula.” (p.96)

Baseando-me em Zabalza (2001), ao planificar é importante programar e verificar e adaptar todos os elementos, adoptando-se estas mesmas decisões relativas a conteúdos, métodos, recursos, propriedades, entre outros, elegendo-se determinadas situações como sendo mais adequados, colocando outras de lado. (p.97)

Braga *et al.* (2004) diz que:

(...) a escola deverá formar indivíduos que, como cidadãos, associem autonomia e solidariedade, dominem simultaneamente conhecimentos estruturantes e específicos, mantenham a disposição para actualizar o seu saber, se situem em posição de reflexão crítica e se manifestem tolerantes e capazes de diálogo. São orientações, que reconhecem o que o papel do professor tende a alterar-se, sendo-lhes solicitadas múltiplas competências para dar respostas adequadas aos processos de interacção desenvolvidos na sala de aula.(p.33)

Apesar de tudo, a instituição escola tem um papel importantíssimo.

## 2.3. Planificações Elaboradas para o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

### 2.3.1. Planificação de Matemática e respetiva fundamentação teórica

Apresento a planificação da aula que lecionei sobre o material Cuisenaire no quadro abaixo mencionado.

Quadro 10 – Planificação de Matemática – 1-º Ciclo do Ensino Básico

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

#### Plano de aula

**Faixa Etária:** 2º Ano

**Tempo:** ± 1 hora

**Data:** 1-2-2011

**Estagiária:** Rute Costa

**Ano:** Mestrado em 1º e 2º Ciclos

**Nº:** 15

**Área:** Matemática

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
<p>- <b>Material Cuisenaire:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Cálculo mental</li><li>• Orientação espacial</li></ul>	<p>- Iniciar a aula questionando as crianças sobre o material que têm à sua frente;</p> <p>- Realizar alguns exercícios pela ordem crescente e decrescente relembrando os valores de cada peça, a partir do material Cuisenaire;</p> <p>- Fazer uma breve revisão sobre o dobro, a metade, o quádruplo, o quádruplo, o quádruplo, o triplo;</p> <p>- Concluir a aula com a execução de uma proposta de trabalho, onde cada criança terá de fazer um itinerário de acordo com as indicações dadas.</p>
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio Lógico: Relacionar, analisar.</li><li>• Expressão oral: compreensão e organização de informação.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Cooperação: compreensão, colaboração.</li><li>• Criatividade: imaginação, curiosidade.</li></ul>
<b>Material:</b> material manipulável Cuisenaire, proposta de trabalho, algarismos móveis, cartolinas coloridas.	

*Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem e sujeito a alterações.*

## **Fundamentação das estratégias/procedimentos**

- ❖ **Iniciar a aula questionando as crianças sobre o material que têm à sua frente;**

Iniciei a aula desta forma para que as crianças relembassem com que material se iria trabalhar na presente aula.

Segundo Caldeira (2009a), “o material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. (...) O princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas.” (p.15)

- ❖ **Realizar alguns exercícios pela ordem crescente e decrescente relembando os valores de cada peça;**

O material Cuisenaire tem um grande interesse pedagógico, pois desenvolve o raciocínio lógico-matemático, possuindo um grande valor a nível sensorial.

Segundo Alsina (2004, citado em Caldeira, 2009a), indica-nos que “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva de competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental.” (p.126)

Baseando-me em Caldeira (2009a), os materiais manipuláveis são muito importantes e os professores devem conhecer as suas potencialidades e a utilização deste tipo de materiais de forma a não condicionar as suas práticas e adequar tarefas “que permitam um papel activo, adequado e reflexivo na construção do saber.” (p.127)

- ❖ **Fazer uma breve revisão sobre o dobro, a metade, o quádruplo, o quádruplo, o triplo;**

Ao longo da prática pedagógica raramente visualizei este tipo de trabalho com as crianças, decidi fazer este tipo de exploração com o Cuisenaire, desenvolvendo o raciocínio das mesmas.

Mansuti (1993, citado em Caldeira, 2009a), salienta que este material na sua concepção original:

trata o número relacionado à ideia de medida a partir da representação com grandezas contínuas; explora as relações de dobro e de triplo entre números de 1 a 10 e propõe um interessante trabalho sobre a produção de escrita com números e letras.” (p.128)

❖ **Concluir a aula com a execução de uma proposta de trabalho, onde cada criança terá de fazer um itinerário de acordo com as indicações dadas;**

De acordo com Caldeira (2009a), “o sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectos que nela existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico.” (p.173)

O professor pode sugerir diferentes tarefas com diferentes graus de dificuldade com este material manipulável estruturado. Neste exercício fui ao encontro do que Caldeira (2009a), propõe na construção de caminhos/itinerários com este tipo de material atuando da seguinte forma: em certas situações “propor e dar pistas, noutras a criança terá que descobrir diversos caminhos.” (p. 173)

O exercício teve por base uma folha quadriculada com quadrículas de 1cm de lado.

### 2.3.2. Planificação de Estudo do Meio e respetiva fundamentação teórica

Apresento a planificação da aula que lecionei sobre a constituição do solo no quadro abaixo mencionado.

Quadro 11 – Planificação de Estudo do Meio – 1.º Ciclo do Ensino Básico

<b>Escola Superior de Educação João de Deus</b>	
Jardim-Escola João de Deus - Olivais	
<b><u>Plano de aula</u></b>	
<b>Faixa Etária:</b> 3º Ano <b>Tempo:</b> ± 1 hora <b>Data:</b> 14-03-2010	<b>Estagiária:</b> Rute Costa <b>Ano:</b> Mestrado em 1º e 2º Ciclo <b>Nº:</b> 15
<b>Área:</b> Estudo do Meio	
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/Métodos</b>
- Constituição do solo	- Iniciar a aula questionando as crianças sobre o que é o solo, a sua constituição e formação, detetando as suas conceções alternativas;  - Pedir às crianças para fazerem um pequeno desenho sobre como acham que o solo é constituído;  - Questionar as crianças se o solo tem sempre as mesmas características, resolvendo assim a questão problema;  - Realizar uma pequena atividade experimental sobre os tipos de solos existentes;  - Explicar os tipos de solo existentes através de imagens;  - Concluir a aula com a resolução da atividade experimental.
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades/Destrezas</b>	<b>Valores/Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio Lógico: Relacionar, analisar.</li><li>• Expressão oral: compreensão e organização de informação.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Cooperação: compreensão, colaboração.</li><li>• Criatividade: imaginação, curiosidade.</li></ul>
<b>Material:</b> Protocolo experimental, proposta de trabalho, material para a atividade experimental.	
<i>Baseado no Modelo T de Aprendizagem e sujeito a alterações.</i>	



## **Fundamentação das estratégias/procedimentos**

❖ **Iniciar a aula questionando as crianças sobre o que é o solo, a sua constituição e formação, detetando as suas concepções alternativas;**

Iniciei esta aula colocando diversas questões às crianças, no sentido de perceber o que as mesmas sabiam.

Segundo Cachapuz, Praia e Jorge (2002) as concepções alternativas são “ideias em oposição a concepções cientificamente adequadas.” O mesmo autor (2002), define concepção como um termo que “(...) diz respeito a representações pessoais espontâneas e solidárias de uma estrutura e que podem ser ou não partilhadas por um conjunto de alunos.” Por alternativas define como algo para “destacar a ideia que tais concepções não têm o estatuto de conceitos científicos e que, sendo essenciais à aprendizagem, decorrem essencialmente da experiência pessoal do aluno, cultura e linguagem.” (p.155)

As concepções alternativas tornam-se assim numa explicação para fenómenos de carácter subjectivo, apresentando um carácter e por ser sistematicamente “(...) idiossincráticas (...)” tal como refere Cachapuz *et al.* (2002, p.157) “(...) nomeadamente em relação ao significado que cada aluno lhe atribui”, fazendo com os alunos se tornem mais capazes de mudar e ultrapassar problemas, tornando-os assim mais recetivos a mudanças.

Este tipo de concepções alternativas não podem ser postas de lado, pois são um progresso do saber, sendo que, segundo Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2007) “as concepções alternativas têm uma natureza estrutural, sistemática, através da qual o aluno procura interpretar o mundo, dando sentido às relações entre os objectos e às relações sociais e culturais que se estabelecem com esses objectos.” (p.30)

❖ **Pedir às crianças para fazerem um pequeno desenho sobre como acham que o solo é constituído;**

A temática de identificação de concepções alternativas, segundo Martins *et al.* (2007) “(...) é um passo crucial no desenvolvimento das actividades que lhe permitam reestrutura-las de acordo com visões cientificamente aceites par aquele nível etário.” (p.31)

❖ **Questionar as crianças se o solo tem sempre as mesmas características, resolvendo assim a questão problema;**

O ensino das ciências faz-se por diversas vias. Neste caso, optei por seleccionar uma questão-problema, detetando as concepções alternativas das crianças, levando-as a pensar sobre este assunto de forma coletiva, no sentido de se poder responder à questão-problema proposta. Neste sentido cito Martins *et al.* (2007), relativamente às questões-problema, referindo que:

investigações ou actividades investigativas são aquelas que visam encontrar resposta para uma questão-problema (...), visam proporcionar ao aluno o desenvolvimento da compreensão de procedimentos próprios do questionamento e, através da sua aplicação, resolver problemas de índole mais teórica ou mais prática, neste caso normalmente emergentes de contextos reais que lhe são familiares. (p.40)

Este tipo de situações cria na turma um clima de investigação, entusiasmo e interesse por novas descobertas.

❖ **Realizar uma pequena atividade experimental sobre os tipos de solos existentes;**

Através desta actividade experimental as crianças conseguiram observar a permeabilidade do solo de acordo com as suas características, podendo verificar as diferenças encontradas. Passarei a explicar a importância da atividade experimental no último ponto da aula, que é a conclusão da mesma com a resolução da atividade experimental.

❖ **Explicar os tipos de solo existentes através de imagens;**

Ao longo da realização da experiência, fazendo a ponte com a ficha informativa e o protocolo experimental, as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar esta experiência pessoalmente, constatando o que tinham pensado inicialmente, fazendo a ponte com o concreto da própria experiência.

### ❖ **Concluir a aula com a resolução da atividade experimental.**

As crianças registrarão todos os dados de acordo com a sequência do protocolo experimental e as perguntas indicadas.

Podem e devem ser adoptadas estratégias de ensino por parte do professor no sentido de explorar as ciências.

Segundo Cachapuz *et al.* (2002, p. 155) “ (...) a necessidade de adequar as estratégias de ensino às ideias prévias dos alunos exige que tenhamos necessidade de diagnosticar as CA’S dos alunos”. Astolfi (1999, citado por Martins *et al.* 2007), neste sentido, salienta que tais ideias identificadas nos alunos (por diversos processos) não se deve de encará-las como erros, mas dar-lhes um estatuto muito mais positivo na formulação da estratégia didáctica. (p.33)

Primeiramente, o professor deve compreender na sua essência o significado das representações feitas dos seus alunos, mas e segundo Cachapuz *et al.* (2002, p. 159) “ promover uma ecologia de aula que lhes permita serem mediadores entre os seus pares”.

Cachapuz *et al.* (2002, p. 159-160) fala em três instrumentos de ensino. Primeiramente, o mapa de conceitos que pode ser entendido “(...) como um instrumento didáctico para monitorar a aprendizagem de conceitos pelos alunos”; de seguida, fazer paralelismos que pode ser explorado através da eventual utilização de contra-exemplos; e, por fim, o trabalho experimental, tendo em vista a mudança conceptual, pois, segundo Cachapuz *et al.* (2002, p. 161) muitos dos trabalhos experimentais “(...) podem ajudar a diminuir as dificuldades de aprendizagem existentes (...) sobretudo porque permitem a discussão e controversa entre os próprios alunos”.

No ensino para a mudança conceptual, o professor ajuda a transformar estruturas conceptuais e, assim sendo, contribuir para que os alunos reorganizem os seus conceitos de uma outra maneira, de uma forma qualitativamente diferente. Não se pretende que o sujeito seja pré-constituído, mas sim um sujeito a constituir-se, que se auto-regula e auto transforma à medida que (re)constrói e transforma os seus conceitos.

### 2.3.3. Planificação de Língua Portuguesa e respetiva fundamentação teórica

Apresento a planificação da aula que lecionei sobre a Banda Desenhada no quadro abaixo mencionado.

Quadro 12– Planificação de Língua Portuguesa – 1.º Ciclo do Ensino Básico

<b>Escola Superior de Educação João de Deus</b> Jardim-Escola João de Deus – Olivais	
<b>Plano de aula</b>	
<b>Faixa Etária:</b> 3.º Ano <b>Tempo:</b> ± 1 hora <b>Data:</b> 4-04-2011	<b>Estagiária:</b> Rute Costa <b>Ano:</b> Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos <b>Nº:</b> 15
<b>Área:</b> Língua Portuguesa	
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/Métodos</b>
<b>Tipos de texto:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>A banda desenhada</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Iniciar a aula com a visualização de uma imagem sobre a banda desenhada, questionando as crianças sobre os seus conhecimentos, detetando as suas conceções alternativas;</li><li>Introduzir a definição de banda desenhada e fazer a explicação de conceitos importantes que a caracterizam;</li><li>Fazer a exploração das características deste conteúdo através de um pequeno excerto de uma banda desenhada;</li><li>Mostrar algumas imagens sobre exemplos de banda desenhada e um livro;</li><li>Concluir a aula com a realização de uma proposta de trabalho.</li></ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades/Destrezas</b>	<b>Valores/Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>Expressão oral e escrita: vocabulário e interpretação.</li><li>Classificação: identificar, relacionar.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Solidariedade: partilha, compreensão.</li><li>Respeito: dialogar, aceitar.</li></ul>
<b>Material:</b> PowerPoint, livro de banda desenhada, proposta de trabalho.	
<i>Baseado no Modelo T de Aprendizagem e sujeito a alterações</i>	

## **Fundamentação das estratégias/procedimentos**

❖ **Iniciar a aula com a visualização de uma imagem sobre a banda desenhada, questionando as crianças sobre os seus conhecimentos, detetando as suas conceções alternativas;**

O professor tem ao seu dispor instrumentos / estratégias / metodologias que ajudam os seus alunos a pensar, tais como: solicitar esquemas ou desenhos às crianças, pedir que expliquem um esquema do livro, confrontá-las com acontecimentos pontuais do seu quotidiano, promove a discussão/ troca de ideias dadas por outros alunos, colocar às crianças questões de modo a raciocinarem de forma negativa, escolher a analogia mais adequada a uma determinada situação, provocar uma condição aparente e deixar que os alunos a discutam.

❖ **Introduzir a definição de banda desenhada e fazer a explicação de conceitos importantes que a caracterizam;**

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a), no que diz respeito às competências essenciais, o professor deve organizar o ensino prevendo a experimentação de técnicas, instrumentos e formas de trabalho diversificado. Organizar actividades cooperativas de aprendizagem. Organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados, adequados às diferentes formas de aprendizagem. (p.21)

❖ **Fazer a exploração das características deste conteúdo através de um pequeno excerto de uma banda desenhada;**

Como objectivos gerais, o Currículo Nacional (2007a) destaca a unidade curricular de língua portuguesa, devendo-se desenvolver a competência de leitura, relacionando os textos lidos com as suas experiências e conhecimento do mundo, devendo também utilizar diferentes recursos expressivos com uma determinada intenção comunicativa como por exemplo dramatizações, banda desenhada, cartazes publicitários. (p.138)

❖ **Mostrar algumas imagens sobre exemplos de banda desenhada e um livro;**

A Banda Desenhada, segundo Fertuzinhos (2004), começou a ser encarada, desde os anos 70, em França, como “um material didático a utilizar na sala de aula, no sentido

de estudar inúmeros aspetos importantes para o ensino da Língua” retirado de Sá (2000, p.439).

A Banda Desenhada é também apresentada nesses textos, segundo Sá (2000), como sendo “um material didáctico ideal para estudar o texto narrativo” (pág.439).

Alguns autores (Roux, 1984; Baldrey & Demarty, 1986; Scher & Roquigny, 1986), citados em Fertuzinhos (2004) defendem que, no processo de ensino – aprendizagem, o trabalho prévio da Banda Desenhada facilita o estudo da narrativa.

Sá (2000, p.440) salienta que a Banda Desenhada é analisada “a partir de instrumentos forjados para outros tipos de texto e para chamar à atenção para os seus aspectos narrativos.” Os trabalhos de Pierre Fresnault-Deruelle (referenciados por Sá, 2000, pp.440-441) são um bom exemplo, reforçando que a Banda Desenhada, na sua opinião, compreende: “elementos morfológicos”, que correspondem aos diferentes constituintes que ele distingue no código da banda desenhada (por exemplo: vinheta, legenda, cartucho, balão, onomatopeia); e “elementos sintáticos” responsáveis pela combinação dos elementos morfológicos e correspondendo essencialmente às relações imagem/texto”.

#### ❖ **Concluir a aula com a realização de uma proposta de trabalho.**

“A Banda Desenhada faz parte das experiências de leitura quotidiana dos alunos e é considerada por eles um texto motivador. Ainda existe a ideia de que é mais fácil estudar a Banda Desenhada do que os outros textos, e de que ela “pode constituir um ponto de partida para facilitar o acesso ao estudo do texto narrativo literário. Fertuzinhos (2004) saliente que ”a Banda Desenhada pode ser utilizada com vantagens na escola, e não só nas aulas de Língua Portuguesa.” (p.41)

As categorias da narrativa, estudadas a partir de narrativas literárias, estão presentes, segundo Sá (2000, citado em Fertuzinhos, 2004), na Banda Desenhada como “personagens, caracterizadas pela imagem que dela nos é dada através das suas atitudes e do seu discurso, encerrado nos balões; espaço, representado pela imagem e definido pelas deambulações das personagens (sobretudo do herói); tempo, apresentado pela sequência das vinhetas, cronológico ou não, e afectado por anacronias e elipses, tal como nas outras narrativas; acção, compreendendo, geralmente, uma situação inicial de equilíbrio uma situação intermédia de ruptura desse equilíbrio e uma situação final de restabelecimento do equilíbrio perdido; narrador, geralmente extradiegético; narratário, normalmente identificado com o leitor.” (p.41)

## 2.4. Planificações Elaboradas para o Ensino do 2.º Ciclo do Ensino Básico

### 2.4.1. Planificação de Matemática e respetiva fundamentação teórica

Apresento a planificação da aula que lecionei sobre Escalas no quadro abaixo mencionado.

Quadro 13 – Planificação de Matemática – 2.º Ciclo do Ensino Básico

<u>Plano de aula</u>	
<b>Faixa Etária:</b> 6.º Ano	<b>Estagiária:</b> Rute Costa
<b>Tempo:</b> 45 minutos	<b>Ano:</b> Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico
<b>Data:</b> 16 – 3 - 2012	<b>N.º:</b> 11
<b>Área:</b> Matemática	
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>○ Escalas<ul style="list-style-type: none"><li>○ Escala de ampliação</li><li>○ Escala de redução</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Iniciar a aula com a observação de um mapa, através de um <i>Powerpoint</i>;</li><li>- Conversar com os alunos sobre o que é uma escala e para que serve;</li><li>- Explicar os termos de ampliação e de redução através de um exercício lúdico;</li><li>- Concluir a aula com uma proposta de trabalho.</li></ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades/Destrezas</b>	<b>Valores/Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Orientação espaço-temporal: reconhecer, explorar.</li><li>- Classificação: relacionar, identificar.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Responsabilidade: compreender, escutar.</li><li>- Criatividade: ser esforçado, ser espontâneo.</li></ul>
<b>Material:</b> PowerPoint, propostas de trabalho, material para exploração da atividade.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem e sujeito a alterações.

## **Fundamentação das estratégias/procedimentos**

### **❖ Iniciar a aula com a observação de um mapa, através de um *Powerpoint*;**

Antes de dar o tema aos alunos, optei por utilizar um *Powerpoint* onde apresentei um mapa da baixa Lisboa, levando os alunos a descobrir o que estavam a observar, levando-os a descobrir o tema da aula, que seriam as escalas, onde se podia identificar a escala do mapa projetado no quadro interativo.

O professor, durante a sua atividade profissional, para que as suas aulas funcionem da melhor forma possível, aproveitando todos os materiais que tem à sua disposição, deve saber utiliza-los consoante as matérias lecionadas, proporcionando às crianças melhores formas de aprender. Segundo Ponte e Serrazina (1998, citado por Silveira-Botelho 2009) identifica como principais competências necessárias ao professor os seguintes pontos:

- o conhecimento de implicações sociais e éticas das TIC;
- a capacidade de uso de *software* utilitário;
- a capacidade de uso e avaliação de *software* educativo;
- a capacidade de uso de TIC em situações de ensino-aprendizagem.

Segundo a mesma autora (2009), “os formandos devem tomar contacto com aplicações como (...) programas de apresentação (como o *Powerpoint*), correio electrónico, *software* educativo orientado para a aprendizagem de disciplinas específicas, bem como a Internet, tanto na vertente de consulta como na vertente de produção.” (p.150-151)

### **❖ Conversar com os alunos sobre o que é uma escala e para que serve;**

De acordo com o Programa de Matemática do Ensino Básico do Ministério da educação (2007a), refere que um dos objetivos gerais de aprendizagem que os alunos devem compreender é a noção de proporcionalidade direta e usar o raciocínio proporcional e devem ainda ser capazes de resolver problemas, raciocinar e comunicar recorrendo a situações simbólicas. Os conceitos específicos do referido programa salientam ainda o seguinte:



são trabalhadas relações associadas a sequências numéricas e a proporcionalidade directa, que é uma relação importante no desenvolvimento do pensamento algébrico presente em muitas situações do quotidiano dos alunos (envolvendo, por exemplo, problemas de natureza multiplicativa nas compras ou em receitas culinárias, percentagens e escalas). Os alunos devem usar a proporcionalidade para fazer previsões e distinguir a relação de proporcionalidade directa de outros tipos de relações. (p.41)

❖ **Explicar os termos de ampliação e de redução através de um exercício lúdico;**

Através da elaboração de uma imagem de um barco sobre uma base quadriculada, cada aluno teve de efetuar proporcionalmente a ampliação e a redução do barco “base” que foi dado consoante as instruções dadas.

De acordo com as Competências Essenciais do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007a), cada professor deve desenvolver as seguintes ações:

- “- abordar os conteúdos da área do saber com base em situações e problemas;
- rentabilizar as questões emergentes do quotidiano e da vida do aluno;
- organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados, dando atenção a situações do quotidiano;
- organizar o ensino prevendo a experimentação de técnicas, de instrumentos e formas de trabalho diversificados;
- promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, atividades dirigidas à observação e ao questionamento da realidade e à integração de saberes;
- organizar atividades cooperativas de aprendizagem, orientadas para a integração e troca de saberes;
- desenvolver atividades integradoras de diferentes saberes, nomeadamente a realização de projetos. (p.17)

Penso que é muito importante a criança tomar contacto com materiais manipuláveis, quer sejam eles estruturados ou não, pois de certa forma contribuem para um maior interesse e atenção da criança, como também para uma maior perceção e entendimento do que está a ser lecionado, contribuindo assim para o conhecimento matemático da criança. Moreira e Oliveira (2004, p.51) referem que “é necessário proporcionar diversos tipos de experiências de aprendizagem, tendo em conta aspetos transversais destas e o uso de determinados recursos”, incluindo um vasto leque de experiências, que das quais destaco “os jogos, experiência que permite aliar raciocínio,

estratégia e reflexão de um modo desafiante: os jogos quer sejam de estratégia, de observação ou de memorização, contribuem para o desenvolvimento pessoal e social.”

Bishop (1991) citado em Moreira e Oliveira (2004, p.65) “argumenta que uma das actividades significativas, em todas as culturas, para o desenvolvimento das ideias matemáticas é jogar”.

No meu entendimento, como futuro professor, qualquer jogo ou atividade lúdica proporcionam à criança um conjunto de experiências que proporcionam o desenvolvimento e raciocínio matemático, onde todas participam e se interessam de certa forma, tornando as aulas mais lúdicas, captando a sua atenção e, conseqüentemente, captando o seu interesse. Estou completamente de acordo com Guzmán (1993), citado em Moreira e Oliveira (2004, p.66), que refere que outra característica que aproxima a natureza do jogo e da Matemática “é o potencial criativo e imaginativo, nomeadamente, visível na capacidade que estas actividades detêm para colocar novos problemas ou mesmo criar algo de novo, sendo assim fontes inesgotáveis de invenção.”

De acordo com Royo (1996, citado em Caldeira, 2009a, p.25) “o material na prática educativa responde a um consenso generalizado na relação com a sua utilidade, pois é estruturador do ensino, recurso da prática e modelador das capacidades e personalidade da criança.

#### ❖ **Concluir a aula com uma proposta de trabalho.**

As fichas/propostas de trabalho são uma das formas que o professor possui para verificar e avaliar a aprendizagem dos alunos. Não o deve fazer sempre, mas ajuda o professor, quando tem uma finalidade muito específica. Neste sentido, a proposta de trabalho pretendia aferir o conhecimento dos alunos sobre o conteúdo de escalas de ampliação e de redução que foi aplicado na turma pela primeira vez, culminando a mesma com um exercício em que os alunos teriam de o realizar fazendo a ponte com matéria já dada anteriormente, nomeadamente, aplicar a lei fundamental das proporções para realizar o exercício.

O Programa de Matemática do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007b), no que diz respeito ao tópico de álgebra para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, tem como objetivos específicos do tópico proporcionalidade direta, além de outros pontos, “utilizar proporções para modelar situações e fazer previsões; resolver e formular problemas envolvendo situações de proporcionalidade direta”. É sugerido ainda nas notas para “usar

situações que envolvam percentagens e escalas e a análise de tabelas e gráficos; propor situações que permitam verificar a propriedade fundamental das proporções.” (p.41)

Ponte e Serrazina (2000, p.232) referem que “as fichas de trabalho constituem um material de ensino muito usado pelos professores e servem igualmente como instrumento de avaliação.” No entanto, não é um método que avalie o seu todo das capacidades de cada aluno, tendo certas limitações. Os mesmos autores salientam que “não se prestam a avaliar objetivos como a capacidade de raciocínio, as atitudes e os valores.”

Foi neste último aspeto, “propor situações que permitam verificar a propriedade fundamental das proporções” (p.41), que a proposta de trabalho incidiu, terminando desta forma a minha aula.

## 2.4.2. Planificação de Ciências da Natureza e respetiva fundamentação teórica

Apresento a planificação da aula que lecionei sobre a influência da luz nas plantas no quadro abaixo mencionado.

Quadro 14 – Planificação de Ciências da Natureza – 2.º Ciclo do Ensino Básico

<u>Plano de aula</u>	
<b>Faixa Etária:</b> 5ºAno	<b>Estagiária:</b> Rute Costa
<b>Tempo:</b> 45 minutos	<b>Ano:</b> Mestrado em 1º e 2º Ciclo
<b>Data:</b> 20-03-2012	<b>Nº:</b> 11
<b>Área:</b> Ciências da Natureza	
Conteúdos	Procedimentos/Métodos
- As plantas e o meio o Influência da luz	- Iniciar a aula mencionando os fatores do meio que condicionam a distribuição das plantas, utilizando um <i>Powerpoint</i> ;  - Explicar a influência da luz nas plantas, mencionando alguns exemplos;  - Referir o significado de fototropismo e a reação das plantas à variação da luz;  - Concluir a aula com a resolução de alguns exercícios.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio Lógico: Analisar.</li><li>• Expressão oral e escrita: Compreensão.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Respeito: saber escutar.</li><li>• Responsabilidade: ser esforçado.</li></ul>
<b>Material:</b> Ficha sobre o pictograma, pares de olhos em ponto grande de várias cores, cola, lápis de cor, lápis de carvão, borracha, jogo da memória, envelope com olhos.	

Baseado no modelo T de aprendizagem e sujeito a alterações

## **Fundamentação das estratégias/procedimentos**

### **❖ Iniciar a aula mencionando os fatores do meio que condicionam a distribuição das plantas, utilizando um *Powerpoint*;**

Iniciei a aula mencionando pistas para que os alunos referissem os fatores do meio que condicionam a distribuição das plantas. De acordo com Organização Curricular e Programas do 2.º Ciclo do Ensino Básico, Ministério da Educação (1991), no que se refere à área das Ciências da Natureza, “o professor deve ser um organizador e orientador, dando pistas que o aluno poderá explorar por si mesmo.” (p.187)

De seguida pedi exemplos de algumas plantas em diversos ambientes, no sentido de perceber se os alunos tinham entendido o que estava a explicar. Posteriormente, efetuei uma apresentação em *Powerpoint*, incidindo apenas sobre a influencia da luz nas plantas. De acordo com Silveira-Botelho (2009), “a introdução das novas tecnologias tem como objectivo facilitar e melhorar a gestão administrativa das escolas.” (p.139)

No 2.º Ciclo do Ensino Básico, a utilização das novas tecnologias, neste caso o computador, recorrendo a projeções. O acesso à internet também facilita o discurso do professor na explicação e projecção de imagens de boa qualidade.

### **❖ Explicar a influência da luz nas plantas, mencionando alguns exemplos;**

No decorrer da aula, consoante a apresentação em *Powerpoint*, pedi sempre a colaboração dos alunos, incentivando-os a participar e a estar mais interessados na aula. Solicitei sempre a participação das crianças, detetando as suas concepções alternativas sobre o que acontece às plantas quando estão sobre a influenciam da luz.

Martins *et al.* (2007) salienta que as concepções alternativas “podem ter origens muito diversas, destacando-se, de acordo com Carrascosa (2005) e Pozo e Gómez Crespo (1998), a origem sensorial, a origem cultural e a origem escolar.” (p.29)

No entanto, citando Martins *et al.* (2007) “a identificação das concepções alternativas das crianças é um passo crucial no desenvolvimento de actividades que lhes permitam reestruturá-las de acordo com visões cientificamente aceites para aquele nível etário.” (p.31) Cabe ao professor, neste sentido, atendendo às concepções alternativas das crianças, levá-las a percorrer o caminho correto para que não passem só de concepções, mas sim de conhecimento científico correto.

❖ **Referir o significado de fototropismo e a reação das plantas à variação da luz;**

Relativamente a esta parte da aula, referindo-me às Competências Específicas das Ciências Físicas e Naturais, do Currículo Nacional do Ensino Básico, Ministério da Educação (2007) sugerem “a discussão de conceitos e teorias científicos, criando situações de resolução de problemas de modo a promover a compreensão sobre a natureza da Ciência.” (p.140)

Após a decomposição da palavra “fototropismo” alguns alunos chegaram ao que pretendia. Através de diversas imagens projectadas os alunos conseguiram perceber o que é o fototropismo e qual a reação das plantas. Dei alguns exemplos de plantas em que esta situação se verifica, para que os alunos ficassem com algumas referências.

❖ **Concluir a aula com a resolução de uma proposta de trabalho.**

Além das questões que fui colocando ao longo da aula para aferir se os alunos estavam a acompanhar e a perceber o que estava a ser lecionado elaborei uma pequena proposta de trabalho, segundo o Ministério da Educação (1991) “ as actividades a realizar (...) devem ter um aumento gradual de formalização, desde as tarefas mais simples às mais complexas”, mas também importante e fundamental “o desenvolvimento de capacidades de expressão oral, escrita e gráfica, recorrendo a meios de natureza.” (p.187) A proposta realizada continha exercícios simples e concisos, onde os alunos, individualmente, teriam de colocar de forma escrita os conhecimentos adquiridos durante esta aula.

### 2.4.3. Planificação de Língua Portuguesa

Apresento a planificação da aula que lecionei sobre a leitura e interpretação de um texto no quadro abaixo mencionado.

Quadro 15 – Planificação de Língua Portuguesa – 2.º Ciclo do Ensino Básico

<b>Plano de aula</b>	
<b>Faixa Etária:</b> 6.º Ano	<b>Estagiária:</b> Rute Costa
<b>Tempo:</b> 45 minutos	<b>Ano:</b> Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico
<b>Data:</b> 13 – 12 - 2011	<b>N.º:</b> 11
<b>Área:</b> Língua Portuguesa	
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/Métodos</b>
- Leitura e interpretação de um texto	<ul style="list-style-type: none"><li>- Iniciar a aula com a leitura do texto “A caneta Zita” de Inácio Pignatelli;</li><li>- Efectuar, com os alunos, uma breve revisão sobre algumas características da narrativa, acompanhando através de um <i>PowerPoint</i>;</li><li>- Realizar a compreensão oral do texto com a turma;</li><li>- Concluir a aula com a realização de uma proposta de trabalho.</li></ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades/Destrezas</b>	<b>Valores/Atitudes</b>
Raciocínio lógico: analisar, relacionar.	Cooperação: colaboração, compreensão.
Expressão oral: vocabulário, organização da informação.	Criatividade: curiosidade, imaginação.
<b>Material:</b> Proposta de trabalho, <i>PowerPoint</i> .	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem e sujeito a alterações.

#### **2.4.3.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos**

##### **❖ Iniciar a aula com a leitura do texto “A caneta Zita” de Inácio Pignatelli;**

Iniciei a aula com a leitura e interpretação do texto “A caneta Zita” de Inácio Pignatelli, onde explorei a compreensão do texto e efetuei uma breve revisão sobre as categorias da narrativa, sendo a base desta aula. Bastos (1999) refere que “ a área da ficção narrativa é, sem dúvida, a mais produtiva e também aquela que geralmente se identifica mais com a literatura infanto-juvenil.” (p.119)

A literatura é algo de muito rico e estimulante, pois mexe com as operações mentais de compreensão e assimilação, quando lemos uma obra, abrindo os horizontes da fantasia e da ficção, que nos remete a lugares que nunca havíamos imaginado.

##### **❖ Efectuar, com os alunos, uma breve revisão sobre algumas características da narrativa, acompanhando através de um *PowerPoint*;**

Ao longo da aula, foi sempre feita a exploração cuidadosa do texto, tendo sempre em atenção a sequência do mesmo, algo que é muito importante para o encadeamento de ideias e sequência do pensamento e seguimento temporal do texto que está a ser apresentado às crianças. Carlos Reis (1995, p.349), citado em Bastos (1999) salienta a objetividade da narrativa, referindo-se:

à capacidade que a narrativa literária possui para nos dar a conhecer, de forma não muito pormenorizada, algo que é objetivamente distinto do sujeito que relata; assim, em princípio, não é o narrador que constitui o centro da atenção da narrativa, mas sim as coisas, os lugares, as personagens, os acontecimentos, ... em suma, a história. (p.120)

A exploração das categorias da narrativa à medida que a aula se ia desenrolando e explorando as mesmas, dei sempre a oportunidade aos alunos de o fazerem, relembando algo que já tinha sido falado em aulas anteriores, deixando-os descobrirem por eles próprios o que estava correto. O grande objetivo da aprendizagem é fazer com que as crianças cheguem através dos seus próprios meios a temas já abordados, que raciocinem e interliguem as ideias, atingindo as metas de aprendizagens dos ciclos do ensino básico correspondentes.

As metas de aprendizagem de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo do Ensino Básico (2010) referem a importância da “continuação da mobilização dos conhecimentos, processos e estratégias envolvidos numa meta omitida em ciclos posteriores, de modo a



que estes permaneçam activos ao longo do percurso escolar dos alunos”, sendo muito importante, na minha perspetiva realizar revisões de temas muito importantes, para que os alunos não caiam no esquecimento dos mesmos, pois são importantes para o desenvolvimento das aprendizagens e para a progressão dos ciclos seguintes. (p. 3)

A exploração de diversos materiais na sala de aula prende a atenção dos alunos e desperta-lhes a atenção. O professor deve fazer uso de todos os materiais que tem à sua disposição, tornando as suas aulas mais ricas, vivas, lúdicas e criativas. Foi neste sentido que utilizei um *Powerpoint*, completando a minha aula. Neste sentido cito Silveira–Botelho (2009) que nos refere que a “aplicação das TIC na Educação pode e deve mudar a educação, modificar a escola e transformar o ensino.” (p.127)

#### ❖ Realizar a compreensão oral do texto com a turma;

Após a realização da leitura do texto, algumas revisões sobre as categorias da narrativa e uma breve exploração do texto, passei afincadamente a realizar a exploração do texto oralmente. De acordo com o Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa (Vol. II) do 2.º Ciclo do Ensino Básico (2000), saliente que “o domínio do oral alarga-se, progressivamente, pelas interações linguísticas com sentido. Na atitude de expor, de narrar, de argumentar, na explicitação de interesses, saberes e necessidades, constroem-se em cooperação, significados. (p. 12)

De acordo com as metas de aprendizagem de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo do Ensino Básico (2010) “as aprendizagens específicas referentes ao acesso e ao domínio da linguagem escrita constituem objecto dos domínios (iii) *Decifrar e escrever palavras*, (iv) *Compreender e interpretar textos escritos*.” (p. 2)

É importante o professor debruçar-se sobre a interpretação do texto, oralmente, com a turma, permitindo aos alunos a possibilidade de se expressarem.

#### ❖ Concluir a aula com a realização de uma proposta de trabalho.

Esta proposta de trabalho consistia em os alunos responderem a algumas questões sobre o texto que foi abordado ao longo da aula, constando na respetiva proposta de trabalho algumas questões abordadas oralmente e outras não, sendo apenas de expressão escrita, onde o aluno era livre de escrever o que pretendesse, mas interligado ao texto abordado. Vilas-Boas (2001) refere que “a aula de Língua Portuguesa, mais do que

apresentar atividades que impliquem a escrita, tem obrigação de ser o espaço onde se promovem estratégias que impliquem o aluno na escrita.” (p.18)

No seguimento da realização da proposta de trabalho, dei aos alunos algum tempo para efetuarem a realização da mesma, onde depois corrigia com toda a turma as respostas que os alunos iam dando. Neste sentido cito Vilas-Boas (2001) no que diz respeito à correção dos exercícios, pois “deve ser o momento fulcral no processo de ensino-aprendizagem da escrita.” (p.19) A correção é muito importante para o aluno. Pois o mesmo deve perceber que se errou, onde errou, porque errou, como isso aconteceu e tentar perceber porquê. Só assim consegue melhorar e perceber o que está a fazer.

#### 2.4.4. Planificação de História e Geografia de Portugal e respetiva fundamentação teórica

Apresento a planificação da aula que lecionei sobre a vida urbana no século XVI, no que diz respeito ao crescimento da cidade de Lisboa, no quadro abaixo mencionado.

Quadro 16 – Planificação de História e Geografia de Portugal – 2.º Ciclo do Ensino

Básico

##### Plano de aula

**Faixa Etária:** 6.º Ano

**Tempo:** 45 minutos

**Data:** 29 – 11 - 2011

**Estagiária:** Rute Costa

**Ano:** Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

**N.º:** 11

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
<p>- A vida urbana no século XVI – o crescimento da cidade de Lisboa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O espaço;</li> <li>- A população.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciar a aula com a explicação do crescimento da cidade de Lisboa, acompanhando a mesma com um <i>PowerPoint</i> e animações da Escola Virtual;</li> <li>- Referir as duas cercas e a direção do crescimento da cidade, juntamente com o seu emaranhado de ruas;</li> <li>- Identificar e referir os principais centros cívicos e a importância do rio;</li> <li>- Salientar o crescimento da população de acordo com a emigração, imigração e as migrações internas em Portugal em meados do século XVI.</li> </ul>
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<p>Raciocínio lógico: fluidez mental,</p> <p>Classificação: identificar, relacionar.</p>	<p>Responsabilidade: Ser cumpridor e esforçado.</p> <p>Respeito: dialogar, aceitar.</p>
<b>Material:</b> <i>PowerPoint</i> , Escola Virtual, proposta de trabalho.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem e sujeito a alterações.

## Fundamentação das estratégias/procedimentos

❖ **Iniciar a aula com a explicação do crescimento da cidade de Lisboa, acompanhando a mesma com um *PowerPoint* e animações da Escola Virtual;**

Iniciei esta aula com uma breve explicação do crescimento da cidade de Lisboa no século XVI, uma vez que a professora titular de turma tinha efectuado uma pequena introdução a este tema na aula anterior. Nas aulas de História e Geografia de Portugal é muito importante o uso de fontes na sala de aula, demonstrando em certa parte, o que aconteceu nos nossos antepassados, tornando as vivências e o ensino da unidade curricular o mais real possível. Para que tal aconteça, o professor deve utilizar todos os meios que tem ao seu dispor para que a aula funcione da melhor forma possível, adotando para isso diversas estratégias e métodos de ensino. Proença (1992) que “a forma como se desenvolve o processo de aprendizagem é determinada pelas estratégias usadas que, deste modo, adquirem uma enorme importância no desenvolvimento das capacidades do aluno.” (p.121)

Apesar de esta turma ser bastante difícil, no que diz respeito a disciplina em sala de aula, as crianças comportaram-se de forma correta e foram muito participativas, estando muito atentas à utilização do material utilizado no decorrer da apresentação da aula. Esta aula foi planificada criteriosamente devido à instabilidade da turma, para que tudo corresse da melhor forma possível, por isso, baseando-me em Proença (1992) e estando inteiramente de acordo com a autora cito as suas palavras que referem o seguinte:

“a planificação de estratégias de ensino é uma atividade pessoal e única porque é determinada por condições específicas como: as características próprias de cada professor; as características da turma e da comunidade escolar; os recursos, ou auxiliares de ensino/aprendizagem, disponíveis e, ainda, cada situação concreta do ensino/aprendizagem. Por isso, só o professor, de acordo com todas estas variáveis e tendo em conta as finalidades visadas, pode decidir quais as estratégias mais adequadas a cada situação.” (p.122)

Além da planificação cuidada e criteriosa, “o professor não emprega um só método, mas sim uma metodologia, isto é, uma combinação de métodos postos ao serviço de uma determinada via de atuação (estratégias), tendo em vista a consecução de determinadas finalidades. (Proença 1992, p.122)

Para o bom funcionamento e compreensão da informação dada aos alunos foi feita uma apresentação em *Powerpoint* com imagens ilustrativas dos acontecimentos da época

alusiva e alguns documentos escritos, relatando determinados factos importantes. Proença (1992) refere que “sem fontes históricas não é possível fazer história.” (p.126) Por tudo o que já referi anteriormente, para o bom funcionamento da aula, o professor deve utilizar todos os materiais que tem ao seu alcance, nomeadamente o referido *Powerpoint*. No entanto, também vou ao encontro do que Proença (1992) indica a respeito da utilização de “documentos com função de ilustração ou de criar atmosfera adequada, nunca se deve utilizar um grande número de documentos na mesma aula.” (p.126)

❖ **Referir as duas cercas e a direção do crescimento da cidade, juntamente com o seu emaranhado de ruas;**

Ao longo da apresentação do *Powerpoint* e da explicação efetuada aos alunos foram utilizadas imagens e documentos escritos. Estes são importantes para o aluno, no que diz respeito à construção e sequência lógica do seu pensamento na História, assim, cito Proença (1992) mediante utilização de “diapositivos, as gravuras, as reproduções de quadros, podem por isso ter valor pedagógico especial num ensino da História em que se procure levar o aluno a construir o conhecimento.” (p.130)

❖ **Identificar e referir os principais centros cívicos e a importância do rio;**

Neste aspeto da aula foram utilizadas imagens para retratar o que estava a ser explicado e ainda foi efetuada a leitura de um documento que salientava e focava a importância do rio nesta época. Proença (1992) salienta que “as audiovisuais são extremamente importantes para ajudar a caracterizar uma época e para tornar o ensino da história mais atrativo ao mesmo tempo que contribuem também para o desenvolvimento de determinadas competências.” (p. 138)

❖ **Salientar o crescimento da população de acordo com a emigração, imigração e as migrações internas em Portugal em meados do século XVI.**

Antes de efetuar a explicação da emigração em Portugal neste século, projetei um quadro onde aparecia de forma sucinta e clara os tipos de emigração e efetuei, a pedido da professora da sala, um ditado das definições dos respetivos tipos de migração para maior compreensão. Posteriormente, dada a respetiva aula, os alunos realizaram uma pequena proposta de trabalho com o que foi abordado em sala de aula.



# **CAPÍTULO 3**

## **Dispositivos de Avaliação**

### **3.1. Descrição do capítulo**

Considerando a importância da avaliação, foram elaborados três dispositivos de avaliação para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e quatro dispositivos de avaliação para o 2.º ciclo do Ensino Básico, que serão apresentados neste capítulo. No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico apresentarei os dispositivos de avaliação das unidades curriculares de Matemática, Estudo do Meio e Língua Portuguesa. Em relação aos dispositivos de avaliação para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, vigorarão as respectivas avaliações das unidades curriculares de Matemática, Ciências da Natureza, Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal.

Para cada um dos dispositivos será apresentada a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação e o respetivo quadro com a indicação das cotações atribuídas a cada um deles. Surgirá, ainda, um quadro contendo uma grelha de avaliação, um gráfico com a apresentação dos resultados, acompanhado da respetiva análise.

### **3.2. Fundamentação Teórica**

A avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico. As modalidades de avaliação interna dividem-se em três tipos: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. As modalidades de avaliação externa são: as provas de exame e as provas de aferição. Segundo o Ministério da Educação, (2002):

a avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas. Além disso, tem influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino, assim como na confiança social quanto ao funcionamento sistema educativo. p.9

A avaliação é uma importante componente curricular, que pode estar presente em vários momentos de aprendizagem do aluno, tendo como objectivo melhorar as condições de aprendizagem e os resultados obtidos neste processo.

Brown, Race, Smith e Peixoto (2000, p.30), referem que as razões porque avaliamos são para classificar ou esclarecer os alunos; para possibilitar aos alunos a sua progressão; para orientar a progressão; para facilitar as opções dos estudantes; para diagnosticar falhas e permitir aos alunos que rectifiquem os seus erros; para dar um feedback sobre o modo como ensinamos; para motivar o aluno; para fornecer estatísticas



ao curso ou ao estabelecimento de ensino; para possibilitar uma graduação dos alunos e uma classificação final; para enriquecer a diversidade da experiência de aprendizagem dos alunos e a orientação do nosso ensino.

Avaliar competências, segundo o Ministério da Educação (2002) implica observar o(s) aluno(s) na realização de atividades, utilizando um conjunto de instrumentos que permitam “a recolha de evidências sobre o desenvolvimento (parcial ou geral) das competências do aluno ou sobre a sua demonstração em situação.” Salienta-se ainda que “as formas e os modos de avaliação têm de reflectir as aprendizagens realizadas pelos alunos”. (p.32)

O campo da avaliação é muito vasto e difícil, pois avaliar uma criança é algo difícil de realizar. A avaliação permite avaliar um dado sujeito num determinado campo, a fim de aferir os seus conhecimentos. Este tema tem vindo a ser estudado ao longo dos tempos, tendo-lhe sido atribuído diversos significados e várias formas de avaliar. Alves (2004) refere que:

a avaliação tem vindo, ao longo das épocas, a adquirir uma grande variedade de significados, de acordo com a evolução da própria sociedade: alterações económicas, sociais, políticas e culturais originam diferentes concepções de educação e, consequentemente, diferentes modelos de ensino/ aprendizagem e de abordagens de avaliação. (p.31)

No entanto, Arends (1999, p.229) refere-se à avaliação como sendo “um largo leque de informação recolhida e sintetizada pelos professores acerca dos seus alunos.”

As avaliações que estão presentes neste capítulo são exemplares das avaliações formativas, que pretendem “determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar soluções.” (Ribeiro, 1989, p.84)

Segundo o Ministério da Educação (2002):

(...) é uma forma de avaliação em que a preocupação central reside em colher dados para reorientação do processo de ensino-aprendizagem (...) Colhem-se dados que ajudam alunos e professores a reorientar o seu trabalho no sentido de apontar falhas, aprendizagens ainda conseguidas, aspectos a melhorar. A avaliação formativa não deve assim exprimir-se através de uma nota mas sim por meio de apreciações, de comentários. p.38)

A avaliação não se deve cingir apenas a um aspeto, como um teste ou uma proposta de trabalho única, mas sim a um grupo de elementos que, ao longo do tempo, possam avaliar e quantificar os conhecimentos já adquiridos pelo aluno.

A avaliação formativa desempenha um papel muito importante, pois, segundo Vilar (1996):

é a principal modalidade, pois indica-nos que deve assumir sempre um carácter sistemático e contínuo, ou seja, as decisões que se tomam sobre o andamento do processo de aprendizagem e ensino deverão ocorrer sempre do juízo de valor a que se chega sobre a totalidade das informações recolhidas e tratadas durante esse processo. Só deste modo é possível informar os intervenientes no acto educativo acerca da qualidade dos processos em que estiverem ou estão implicados e, bem assim, fundamentar as alterações julgadas mais convenientes tendo em vista as metas desejadas. (p.14)

Existem outros tipos de avaliação que não serão aqui expostos mas que considero importante referir pela sua importância na educação. Ribeiro (1989,)), salienta que a avaliação diagnóstica:

pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagem que serve de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. (...) a função principal é verificar se o aluno está de posse de certas aprendizagens anteriores que servem de base à unidade que se vai iniciar. (p.79)

No que diz respeito à avaliação sumativa, Vilar (1996, p.17), salienta que consiste sempre numa apreciação globalizante que, em dado momento e em função de determinados critérios, se faz de determinado “objecto de avaliação”. Já Cortesão e Torres (1983, p.44) refere que “a avaliação sumativa envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para seleccionar e responsabilizar.” No entanto, o Ministério da Educação (2002) indica que a avaliação sumativa:

pretende representar um sumário, uma apreciação “concentrada”, de resultados obtidos numa situação educativa. Esta avaliação tem lugar em momentos específicos, por exemplo no fim de um curso, de um ano, de um período lectivo ou de unidade de ensino. Pretende geralmente traduzir, de forma breve, codificada, a distância a que se ficou de uma meta que, explícita ou implícita, se arbitrou ser importante de atingir. (p.39)

A avaliação é um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem, que atendendo a parâmetros e critérios relevantes para uma avaliação justa e coerente, permite a professores e educadores corrigir e adequar o processo educativo à evolução da criança. De acordo com Arends (199, p.228) “avaliar é a função desempenhada pelo professor como objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas. Estas decisões deveriam ter na sua base informações mais relevantes e exactas possíveis.”

No que diz respeito à avaliação Educacional, Roldão (2004, p.39) refere que é “como uma entidade mal-amada, o mal necessário, uma espécie de mancha negra neste mar azul que poderia ser o ofício de ensinar.” A mesma autora refere ainda que “avaliar e ser avaliado é normal, faz parte da vida escolar. Avaliar é indispensável em qualquer actividade educativa, isto é, faz parte integrante de qualquer processo educativo. Alias, ensinar e avaliar constituem dois elementos interdependentes e indissociáveis.”

No entanto, o professor tem de estar consciencializado para o eventual facto de que na avaliação podem ser cometidos erros pois, não há nenhum modelo estandardizado de estratégias ou instrumentos que permita ao docente avaliar com precisão as aprendizagens ou pontos fundamentais. Assim sendo, Fernandes (2005, p.81) salienta que “não é fácil garantir que a avaliação abranja todos os domínios do currículo ou mesmo o essencial de cada um dos domínios”.

Existem diversas práticas de registo de informação da avaliação, as grelhas de avaliação, que por sua vez são um elemento bastante utilizado por parte dos docentes e constituem um suporte da avaliação que permite construir, de forma objetiva, lógica e funcional, a avaliação dos conhecimentos dos alunos sobre um determinado conteúdo programático. Baseando-me em Leite e Fernandes (2002, p. 60) as grelhas de avaliação proporcionam a “reflexão atenta das práticas e permite melhoramentos contínuos”, sendo desta forma que os dispositivos de avaliação possibilitam aos docentes uma maior elucidação dos objetivos e trabalhos a avaliar.

Avaliar é analisar cuidadosamente as aprendizagens, o que permite ao professor e ao aluno detetar os objetivos atingidos e aqueles onde surgiram algumas dificuldades.

Segundo Tenbrink (2002, p.266), “a escala de avaliação numérica é simplesmente uma lista de números com chaves descritivas que permanecem constantes.” O mesmo autor (p.273) defende ainda que, para construir uma escala são necessários 5 passos:

1. “Especificar um resultado de aprendizagem apropriado”;
2. “Enumerar as características importantes de cada resultado”;
3. “Definir uma escala para cada característica”;
4. “Ordenar as escalas”;
5. “Escrever as instruções”.

Todos estes passos para avaliar são importantes. Para avaliar as propostas de trabalho a que me propus, tanto para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, como para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, baseei-me numa escala do tipo Likert.

### 3.3. Avaliação das atividades

A avaliação das atividades selecionadas por mim, serão apresentadas seguidamente, nos pontos referidos, para cada ano e ciclo correspondente.

Para que possa fazer a avaliação das atividades, tanto do 1.º ciclo como do 2.º ciclo, foi necessário realizar a avaliação e respetiva classificação dos dispositivos de avaliação que se apresentam nos pontos seguintes.

Para cada proposta de trabalho realizada apresento o quadro com a descrição da grelha de avaliação. A respetiva grelha é formada por parâmetros e critérios com a descrição do que os alunos têm de realizar, para que se possa fazer, posteriormente, a respetiva classificação.

A classificação apresentada baseia-se numa escala de tipo Likert, representada no Quadro 17, permitindo avaliar a qualidade e o nível de rendimento alcançado pelos alunos.

Quadro 17 – Escala de tipo Likert

<b>Fraco – 0 a 2,9</b>
<b>Insuficiente – 3 a 4,9</b>
<b>Suficiente – 5 a 6,9</b>
<b>Bom – 7 a 8,9</b>
<b>Muito Bom – 9 a 10</b>

Após efetuar a classificação, será apresentada uma grelha de avaliação que apresenta as cotações atribuídas a cada aluno, culminando com a apresentação de um gráfico circular com as respetivas avaliações e análise das mesmas.

### **3.3.1. Dispositivos de avaliação aplicados no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Neste ponto começarei por apresentar os dispositivos de avaliação, que apliquei nas aulas dados no 1.º Ciclo do Ensino Básico, através da seguinte ordem: Matemática, Estudo do Meio e Língua Portuguesa.

#### **3.3.1.2. Avaliação da atividade de Matemática**

O primeiro dispositivo de avaliação, presente em anexo (**Anexo A**), refere-se à avaliação da atividade de matemática para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, à turma de 4.º ano do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, tendo sido aplicado para aferir os conhecimentos dos alunos no domínio da matemática, relativos mais concretamente ao trabalho com percentagens.

Esta proposta foi aplicada no dia 21 de junho de 2011, com uma duração aproximada de 30 minutos, a uma turma de 22 alunos.

O Quadro 18 que apresento a seguir com a descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 1, 2 e 3 e o Quadro 19 que apresento para a descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 4 e 5, referem-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de matemática, informando ainda as cotações atribuídas a cada uma das perguntas.

A proposta de trabalho que apresento pretende avaliar os seguintes parâmetros:

- ✓ Pinta e identifica a percentagem correspondente;
- ✓ Identifica a percentagem;
- ✓ Pinta as percentagens no gráfico circular;
- ✓ Resolve um problema aplicando percentagens;
- ✓ Resolve um problema aplicando percentagens;
- ✓ Identifica a percentagem correta e pinta o local correspondente da atividade.

Os critérios definidos pretendem averiguar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado sobre as percentagens, trazendo de alguma forma questões do quotidiano para o meio escolar, para que as crianças se familiarizem com a realidade.

O quadro 20 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de matemática, apresentando desta forma as cotações que foram atribuídas a cada aluno.

A figura 5 mostra, através de um gráfico, os resultados obtidos na realização da proposta de trabalho de Matemática acerca das percentagens.

Quadro 18 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de matemática 1, 2 e 3.

	Parâmetros	Critérios		Cotações
<b>1. 1.1.</b>	<b>Pinta a porção e identifica a percentagem correspondente</b>	Pinta corretamente a porção	<b>0,5</b>	<b>1</b>
		Identifica corretamente a percentagem correspondente	<b>0,5</b>	
		Não realiza o exercício	<b>0</b>	
<b>1.1.1.</b>	<b>Identifica a percentagem de quadrículas</b>	Identifica corretamente	<b>0,25</b>	<b>0,25</b>
		Não realiza o exercício	<b>0</b>	
<b>2.</b>	<b>Pinta as percentagens no gráfico circular</b>	Pinta corretamente 25%	<b>0,5</b>	<b>1,5</b>
		Pinta corretamente 50%	<b>0,5</b>	
		Pinta corretamente 75%	<b>0,5</b>	
		Não realiza o exercício	<b>0</b>	
<b>3.</b>	<b>Resolução de um problema aplicando percentagens</b>	Insere os dados, indicação e operação, aplica as operações necessárias, resolve e responde corretamente à questão de forma completa	<b>2,5</b>	<b>2,5</b>
		Insere os dados e indicação e não aplica as operações, responde corretamente à questão de forma completa	<b>2,25</b>	
		Não insere dados ou indicação corretamente, mas aplica as operações, resolve-as e responde corretamente à questão de forma completa	<b>1,5</b>	
		Insere os dados e indicação de forma correta, mas não resolve acertadamente as operações	<b>1,0</b>	
		Não resolve o exercício	<b>0</b>	

Quadro 19 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 4 e 5.

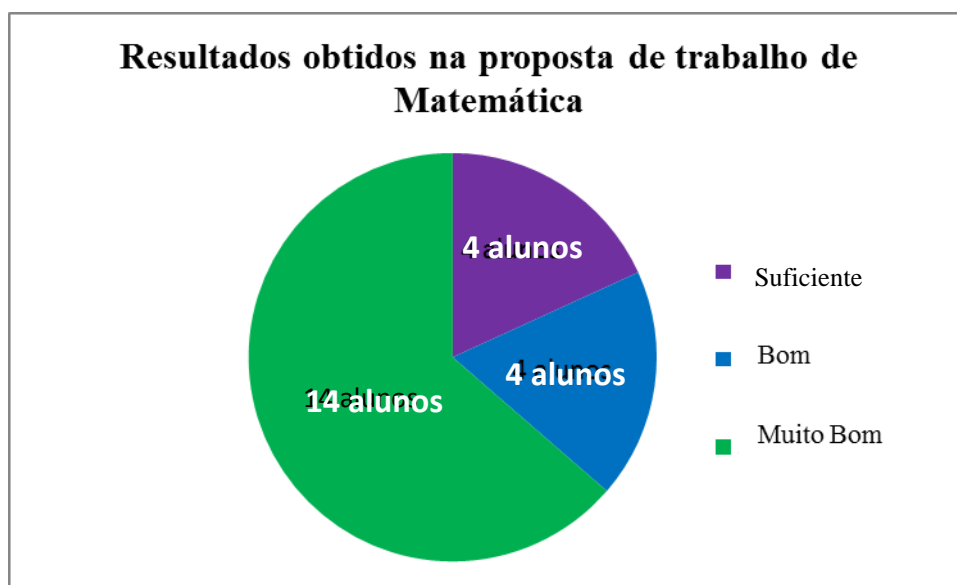
4.	Resolução de um problema aplicando percentagens	Inserir os dados, indicação e operação, aplica as operações necessárias, resolve e responde corretamente à questão de forma completa	2,5	2,5
		Inserir os dados e indicação e não aplica as operações, responde corretamente à questão de forma completa	2,25	
		Não inserir dados ou indicação corretamente, mas aplica as operações, resolve-as e responde corretamente à questão de forma completa	1,5	
		Inserir os dados e indicação de forma correta, mas não resolve acertadamente as operações	1,0	
		Não resolve o exercício	0	
5.	Identifica a percentagem correta e pinta o local correspondente	Identifica corretamente a percentagem que deve colorir a amarelo	0,25	1,75
		Identifica corretamente a percentagem que deve colorir a castanho	0,25	
		Identifica corretamente a percentagem que deve colorir a azul	0,25	
		Identifica corretamente a percentagem que deve colorir a verde	0,25	
		Identifica corretamente a percentagem que deve colorir a encarnado	0,25	
		Identifica corretamente a percentagem que deve colorir a rosa	0,25	
		Pinta corretamente os espaços correspondentes	0,25	
		Não realiza o exercício	0	
Total:				10

Quadro 20 – Grelha do dispositivo de avaliação de Matemática

	Questões	1.1.	1.1.1.	2.	3.	4.	5.	Total
	Cotações	1	0,25	1,5	2,5	2,5	1,75	10
N.º								
1	A	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
2	B	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
3	C	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
4	D	1	0	1,5	1,5	1	1,75	6,75
5	E	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
6	F	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
7	G	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
8	H	1	0,25	1,5	2,25	1,5	1,75	8,25
9	I	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
10	J	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
11	K	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
12	L	1	0,25	1,5	1,5	2,25	1,75	8,25
13	M	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
14	N	1	0	1,5	1	1,5	1,75	6,75
15	O	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
16	P	1	0	1,5	1	1,5	1,75	6,75
17	Q	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
18	R	1	0,25	1,5	2,25	1,5	1,75	8,25
19	S	1	0,25	1,5	0	1,5	1,75	6
20	T	1	0,25	1,5	2,25	2,25	1,75	9
21	U	1	0,25	1,5	2,5	2,25	1,75	9,25
22	V	1	0,25	1,5	1,5	2,25	1,75	8,25
Média								8,43



Figura 5 - Resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática



Com base nos dados expressos na figura 5, gráfico relativo aos resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática, podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho aos alunos do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados, quer da grelha de avaliação, quer do gráfico circular, demonstram que, dos 24 alunos que realizaram a proposta de trabalho, quatro obtiveram Suficiente, outros quatro alunos Bom e os restantes, catorze alunos, obtiveram Muito Bom.

Os alunos que obtiveram Suficiente, são alunos com algumas dificuldades no raciocínio matemático e no cálculo de situações problemáticas.

Assim, a média total das classificações atribuídas foi 8,43 valores que qualitativamente corresponde a um desempenho de Bom.

Pode concluir-se que os resultados obtidos na aplicação desta proposta revelam o verdadeiro desempenho da turma no seu dia-a-dia, salientando ainda que a maior parte dos alunos já domina bem estes conteúdos, o que não é de estranhar uma vez que estamos no final do ano letivo.

Com os alunos que revelaram ainda algumas dificuldades seria aconselhável continuar a apresentar mais propostas de trabalho e a resolvê-las em conjunto, no sentido de poderem ultrapassar alguma dificuldade existente.

### 3.3.1.3. Avaliação da atividade de Estudo do Meio

O segundo dispositivo de avaliação, presente em anexo (**Anexo B**), refere-se à avaliação da atividade de Estudo do Meio, para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, à turma de 4.º ano do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Esta proposta foi aplicada no dia 4 de maio de 2012, com uma duração aproximada de 20 minutos, sendo um protocolo experimental, visando aferir os conhecimentos dos alunos, após a visualização da experiência, os mesmos teriam de anotar os resultados obtidos e tirar conclusões.

O quadro 21 que apresento a seguir refere-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio 1 e 2, informando ainda as cotações atribuídas a cada uma das perguntas.

A proposta que apresento pretende avaliar os seguintes parâmetros:

- ✓ Registrar e assinalar no local correto a cor da água, após a realização da experiência;
- ✓ Completar os espaços em branco utilizando palavras-chave, no registo das conclusões da atividade experimental.

Os critérios definidos pretendem averiguar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado sobre a diluição da poluição na água, chamando à atenção das crianças para os cuidados a ter com a água e a poluição da mesma.

O quadro 22 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio, apresentando desta forma as cotações que foram atribuídas a cada aluno.

A figura 6 mostra, através de um gráfico, os resultados obtidos na realização da proposta de trabalho de Estudo do Meio.

Quadro 21 - descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio 1 e 2.

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Regista e assinala a cor da água	Efetua 3 registos	5,0	5,0
		Efetua 2 registos	3,0	
		Efetua 1 registo	1,5	
		Não completa	0	
2.	Completa os espaços em branco utilizando palavras-chave	Completa corretamente 10 espaços	5,0	5,0
		Completa corretamente 9 espaços	4,5	
		Completa corretamente 8 espaços	4,0	
		Completa corretamente 7 espaços	3,5	
		Completa corretamente 6 espaços	3,0	
		Completa corretamente 5 espaços	2,5	
		Completa corretamente 4 espaços	2,0	
		Completa corretamente 3 espaços	1,5	
		Completa corretamente 2 espaços	1,0	
		Completa corretamente 1 espaço	0,5	
		Não completa	0	
		Total:		

Quadro 22 – Grelha do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio

	Questões	1.	2.	Total
	Cotações	5	5	10
N.º				
1	A	5	5	10
2	B	5	5	10
3	C	5	5	10
4	D	5	5	10
5	E	5	4,5	9,5
6	F	5	4	9
7	G	5	4	9
8	H	5	5	10
9	I	5	5	10
10	J	5	5	10
11	K	5	4,5	9,5
12	L	5	5	10
13	M	5	4,5	9,5
14	N	5	5	10
15	O	5	4,5	9,5
16	P	5	4,5	9,5
17	Q	5	5	10
18	R	5	4,5	9,5
19	S	5	5	10
20	T	5	5	10
21	U	5	4,5	9,5
22	V	5	5	10
23	X	5	4,5	9,5
24	Y	5	5	10
Média				9,75



Figura 6 - *Resultados obtidos na proposta de trabalho de Estudo do Meio*

Com base nos dados expressos na figura 6, gráfico relativo aos resultados obtidos na proposta de trabalho de Estudo do Meio, podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho aos alunos do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados, quer da grelha de avaliação, quer do gráfico circular, demonstram que, dos 24 alunos que realizaram a proposta de trabalho todos se encontram no patamar do Muito Bom.

Dos 24 alunos que realizaram esta proposta, catorze alunos obtiveram a nota máxima de 10, oito obtiveram nota intermédia de 9,5 e dois alunos obtiveram 9, dentro do Muito Bom. A turma, em geral, tem bom aproveitamento, reflectindo-se no gráfico e na grelha que apresento.

Assim, a média total das classificações atribuídas foi de 9,75 valores que qualitativamente corresponde a um desempenho de Muito Bom.

Pode concluir-se que os alunos dominam muito bem os conteúdos, estão sempre atentos, são muito interessados e curiosos, além de que são crianças bastante ativas e participativas. Como se pode observar pelo gráfico, toda a turma partilha do mesmo nível de conhecimentos. É um resultado muito satisfatório, além de que os alunos se encontram quase na reta final do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tornando-se um aspeto bastante positivo, no que diz respeito aos objectivos e metas a atingir ao longo do 1.º Ciclo.

#### **3.3.1.4. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa**

O terceiro dispositivo de avaliação, presente em anexo (**Anexo C**), refere-se à avaliação da atividade de Língua Portuguesa, para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, à turma do 3.º ano do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais.

Esta proposta foi aplicada no dia 14 de março de 2011, com uma duração aproximada de 30 minutos, sendo esta proposta de trabalho sobre as formas verbais, a uma turma de 24 alunos, visando aferir os conhecimentos dos mesmos na conjugação de verbos no pretérito mais-que-perfeito.

O quadro 23 que apresento a seguir refere-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 1, 2 e 3, informando ainda as cotações atribuídas a cada uma das perguntas.

A proposta que apresento pretende avaliar os seguintes parâmetros:

- ✓ Estabelecer a correspondência entre as formas verdadeiras e as frases
- ✓ Aplicar formas verbais em frases
- ✓ Dominar a conjugação do verbo no pretérito mais-que-perfeito
- ✓ Correção ortográfica

Os critérios definidos pretendem averiguar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado sobre a conjugação de verbos no pretérito mais-que-perfeito, apelando a diversos exercícios com o intuito de trabalhar este aspeto.

O quadro 24 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa, apresentando desta forma as cotações que foram atribuídas a cada aluno.

A figura 7 mostra, através de um gráfico, os resultados obtidos na realização da proposta de Língua Portuguesa.

Quadro 23 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 1, 2 e 3.

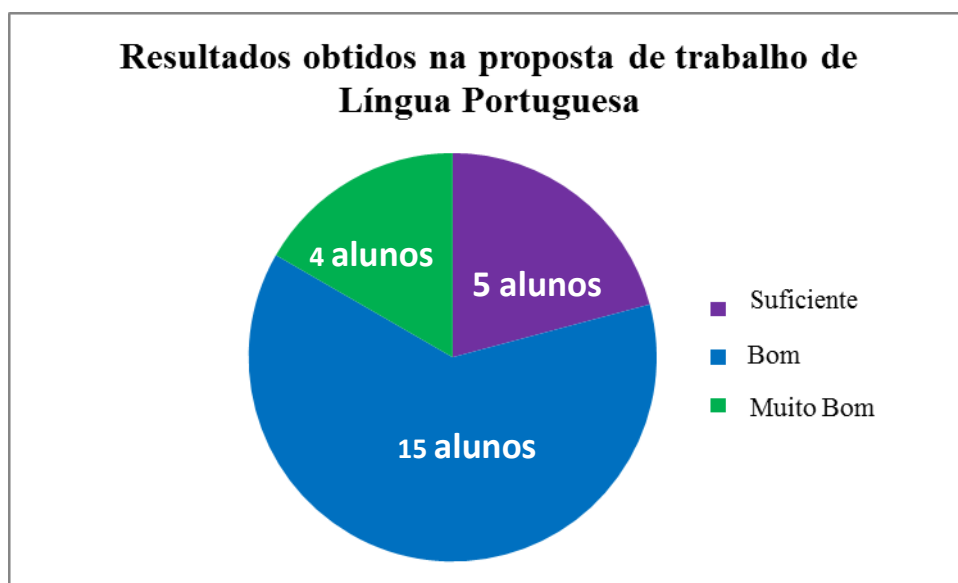
	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Estabelecer a correspondência entre as formas verdadeiras e as frases	Completa corretamente três espaços em branco	3,0	2,5
		Completa corretamente dois espaços em branco	2,0	
		Completa corretamente um espaço em branco	1,0	
		Não completa	0	
2.	Aplicar formas verbais	Escreve corretamente uma forma verbal em cada frase	2,0	2,0
		Escreve corretamente uma forma verbal apenas numa das frases	1,0	
		Não escreve	0	
3.	Dominar a conjugação do verbo no pretérito mais-que-perfeito	Conjuga o verbo corretamente	4,5	4,5
		Conjuga apenas cinco pessoas	3,75	
		Conjuga apenas quatro pessoas	3,0	
		Conjuga apenas três pessoas	2,25	
		Conjuga apenas duas pessoas	1,5	
		Conjuga apenas uma pessoa	0,75	
		Não conjuga	0	
4.	Correção ortográfica	Sem erros ortográficos	1,0	1,0
		Com 1 – 2 erros de ortografia	0,6	
		Com 2 – 3 erros de ortografia	0,2	
		Com mais de quatro erros de ortografia	0	
Total:				10

Quadro 24 – Grelha do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa

	Questões	1.	2.	3.	Correção ortográfica	Total
	Cotações	2,5	2	4,5	1	10
N.º						
1	A	1	1	3,9	0,6	6,5
2	B	2	1	4,5	1	8,5
3	C	2	1	3,9	0,6	7,5
4	D	2	1	3,9	0,6	7,5
5	E	2	1	4,5	1	8,5
6	F	2	1	4,5	1	8,5
7	G	2	1	3,9	0,6	7,5
8	H	2	1	4,5	1	8,5
9	I	2	1	4,5	1	8,5
10	J	3	1	3,9	0,6	8,5
11	K	2	1	4,5	1	8,5
12	L	2	1	3,9	1	7,9
13	M	3	1	4,5	1	9,5
14	N	3	1	4,5	1	9,5
15	O	1	1	3,9	0,6	6,5
16	P	3	1	4,5	1	9,5
17	Q	2	1	3,9	0,6	7,5
18	R	3	1	4,5	1	9,5
19	S	3	1	3,9	0,6	8,5
20	T	2	1	4,5	1	8,5
21	U	1	1	3,9	0,6	6,5
22	V	2	1	3,9	0,6	7,5
23	X	1	1	3,9	0,6	6,5
24	Y	1	1	3,9	0,6	6,5
Média						8,01



Figura 7 - Resultados obtidos na proposta de trabalho de Língua portuguesa



Com base nos dados expressos na figura 7, gráfico relativo aos resultados obtidos na proposta de trabalho de Língua Portuguesa, podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho aos alunos do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados, quer da grelha de avaliação, quer do gráfico circular, demonstram que, dos 24 alunos que realizaram a proposta de trabalho, cinco deles apresentam resultados situados no patamar do Suficiente, quinze alunos situam-se no Bom e os restantes quatro alunos situam-se no Muito Bom.

Os cinco alunos que obtiveram nota mais baixa apresentam uma cotação de 6,5, sendo que a maioria da turma se encontra no Bom, as cotações dos alunos variam entre 7,5 e 8,5. Os restantes quatro alunos situam-se no Muito Bom e as suas cotações são de 9,5 valores.

Como se pode observar é uma turma que, apresentando estes resultados, necessita de ser bastante trabalhada, pois tende a dispersar-se muito ao longo das aulas, necessitando de muita atenção e de diversas estratégias para que possam colmatar situações de distração, pois a turma tem potencialidades para obter um melhor desempenho.

Assim, a média total das classificações atribuídas foi de 8,01 valores que, qualitativamente, corresponde a um desempenho de Bom.

Pode concluir-se que a turma ainda tem um longo caminho para percorrer até ao final do ano letivo. Apesar dos resultados, a turma apresenta potencialidades para um

bom desempenho, uma vez que ainda tem dois períodos letivos pela frente. Contudo, os resultados obtidos revelam que a maioria da turma apresenta bons conhecimentos.

### **3.3.2. Dispositivos de avaliação aplicados no 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Neste ponto começarei por apresentar os dispositivos de avaliação, que apliquei nas aulas dadas no 2.º Ciclo do Ensino Básico, através da seguinte ordem: Matemática, Ciências da Natureza, Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal.

#### **3.3.2.1. Avaliação da atividade de Matemática**

O quarto dispositivo de avaliação, presente em anexo (**Anexo D**), refere-se à avaliação da atividade de Matemática para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, à turma de 6.º ano, tendo sido aplicado para aferir os conhecimentos dos alunos no domínio da Matemática, relativos mais concretamente aos conteúdos relacionados com escalas.

Esta proposta foi aplicada no dia 16 de março de 2012, com uma duração aproximada de 30 minutos, aplicada a uma turma de 28 alunos.

O quadro 25 que apresento a seguir refere-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de matemática, informando ainda as cotações atribuídas a cada uma das perguntas.

A proposta de trabalho que apresento pretende avaliar os seguintes parâmetros:

- ✓ Reconhece o significado do que é pedido
- ✓ Indicação de tipos de escala
- ✓ Estabelece a correspondência entre as formas verdadeiras e a frase
- ✓ Indica quantas vezes a escala foi reduzida
- ✓ Efetua a redução de uma dada figura utilizando a propriedade fundamental das proporções

Os critérios definidos pretendem averiguar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado sobre escalas.

O quadro 26 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Matemática, apresentando desta forma as cotações que foram atribuídas a cada aluno.

A figura 8 mostra, através de um gráfico, os resultados obtidos na realização da proposta de trabalho de Matemática sobre escalas.

Quadro 25 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 1, 2 e 3.

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Refere o significado	Refere o significado corretamente	1,5	1,5
		Refere o significado corretamente, mas com erros ortográficos	1,25	
		Não refere	0	
2.	Indica os tipos de escala que conhece	Indica os dois tipos de escala que conhece	1,0	1
		Indica um tipo de escala que conhece	0,75	
		Não completa	0	
3.	Completa os espaços em branco	Completa cinco espaços em branco	2,5	2,5
		Completa quatro espaços em branco	2,0	
		Completa três espaços em branco	1,5	
		Completa dois espaços em branco	1,0	
		Completa um espaço em branco	0,5	
		Não completa	0	

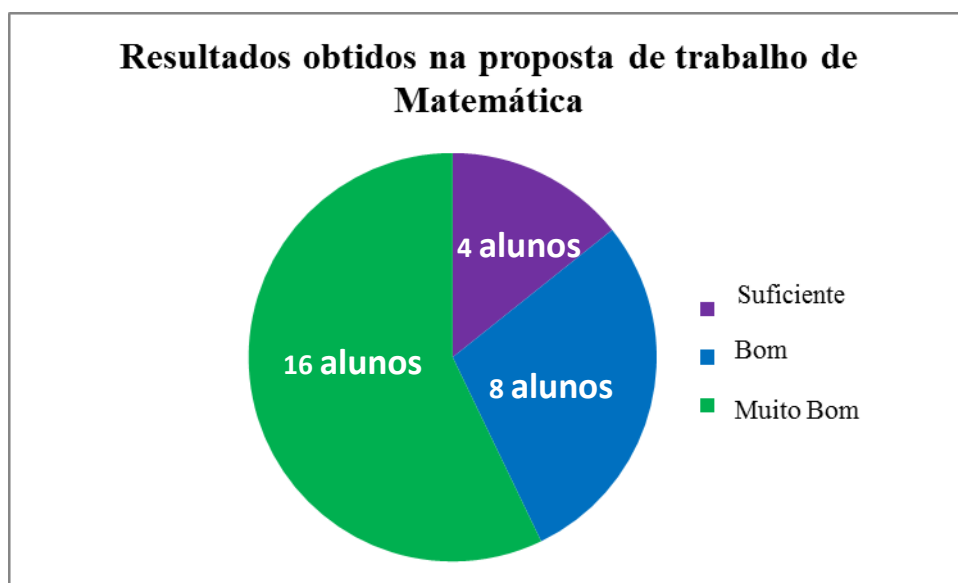
Quadro 26 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática 4 e 5.

4. 4.1.	Redução de uma escala	Indica corretamente	1,5	1,5
		Não indica	0	
4.2.	Redução e proporção	Efetua a redução utilizando a propriedade fundamental das proporções corretamente	3,5	3,5
		Efetua apenas a redução da figura corretamente	1,25	
		Aplica apenas a propriedade fundamental das proporções corretamente	1,25	
		Não realiza o exercício	0	
Total:				10

Quadro 27 – Grelha do dispositivo de avaliação de Matemática

	Questões	1.	2.	3.	4.1.	4.2.	Total
	Cotações	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
N.º							
1	A	1,5	1	1,5	1,5	3,5	9
2	B	1,5	1	1,5	1,5	1,25	6,75
3	C	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
4	D	1,5	1	2	1,5	3,5	9,5
5	E	1,5	1	1,5	1,5	1,25	6,75
6	F	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
7	G	1,25	1	2	1,5	3,5	9,25
8	H	1,5	1	1,5	1,5	1,25	6,75
9	I	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
10	J	1,25	1	1,5	1,5	3,5	8,75
11	K	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
12	L	1,5	1	1,5	1,5	3,5	9
13	M	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
14	N	1,5	1	1,5	1,5	3,5	9
15	O	1,5	1	2	1,5	1,25	7,25
16	P	1,5	1	2,5	1,5	1,25	7,75
17	Q	1,25	1	1,5	1,5	3,5	8,75
18	R	1,25	1	2	1,5	1,25	7
19	S	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
20	T	1,25	1	1,5	1,5	3,5	8,75
21	U	1,5	1	2	1,5	3,5	9,5
22	V	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
23	X	1,5	1	2,5	1,5	3,5	10
24	Y	1,5	1	1,5	1,5	1,25	6,75
25	W	1,25	1	1,5	1,5	3,5	8,75
26	Z	1,5	1	2	1,5	3,5	9,5
27	AA	1,5	1	2	1,5	1,25	7,25
28	BB	1,5	1	1,5	1,5	3,5	9
<b>Média</b>							<b>8,75</b>

Figura 8 - Resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática



Com base nos dados expressos na figura 8, gráfico relativo aos resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática, podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho aos alunos do 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados, quer da grelha de avaliação, quer do gráfico circular, demonstram que, dos 24 alunos que realizaram a proposta de trabalho, quatro deles apresentam resultados situados no patamar do Suficiente, oito alunos situam-se no Bom e os restantes dezasseis alunos situam-se no Muito Bom.

Os quatro alunos que obtiveram nota mais baixa apresentam uma cotação de 6,75, sendo que a maioria da turma se encontra no Bom com 8 alunos, as cotações dos alunos variam desde 7,25 e 8,75. Os restantes 16 alunos situam-se no Muito Bom e as suas cotações estão entre os 9 e os 10 valores.

Como se pode observar é uma turma que, apresentando estes resultados, necessita de trabalhar um pouco mais, uma vez que há alguns alunos com dificuldades.

Assim, a média total das classificações atribuídas foi de 8,75 valores que, qualitativamente, corresponde a um desempenho de Bom.

Posso concluir que estava à espera de resultados melhores, apesar dos resultados que foram bastante satisfatórios, atendendo à dimensão da turma e ao tipo de turma onde foi aplicada a proposta de trabalho, pelo facto de ser uma escola pública, os conhecimentos dos alunos são bastante bons, apesar de, no geral, ter apresentado bons resultados.

### 3.3.2.2. Avaliação da atividade de Ciências da Natureza

O quinto dispositivo de avaliação, presente em anexo (**Anexo E**), refere-se à avaliação da atividade de Ciências da Natureza, para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, à turma de 5.º ano, tendo sido aplicado para aferir os conhecimentos dos alunos.

Esta proposta foi aplicada no dia 20 de março de 2012, com uma duração aproximada de 30 minutos.

O quadro 28 que apresento a seguir refere-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza, informando ainda as cotações atribuídas a cada uma das perguntas.

A proposta de trabalho que apresento pretende avaliar os seguintes parâmetros:

- ✓ Identifica os fatores que influenciam o comportamento e o desenvolvimento das plantas;
- ✓ Domina a designação das plantas referente à quantidade de luz que precisam;
- ✓ Indica um exemplo de uma planta de sol e de uma planta de sombra;
- ✓ Conhece o significado de fototropismo;
- ✓ Descreve o que aconteceu à planta de cada figura e efetua a sua caracterização.

Os critérios definidos pretendem averiguar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado sobre as plantas e o meio.

O quadro 29 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza, apresentando desta forma as cotações que foram atribuídas a cada aluno.

A figura 9 mostra, através de um gráfico, os resultados obtidos na realização da proposta de trabalho de Ciências da Natureza sobre as plantas e o meio.

Quadro 28 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza

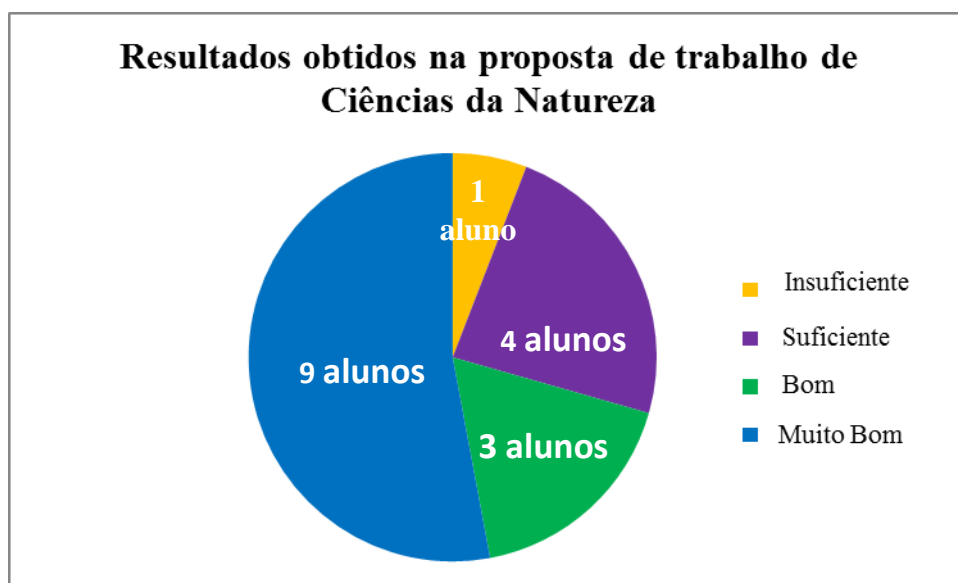
	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Refere os fatores que influenciam o comportamento e o desenvolvimento das plantas	Refere três fatores	2	2
		Refere dois fatores	1,5	
		Refere um fator	1,0	
		Não refere	0	
2. 2.1.	Indica a designação das plantas referente à quantidade de luz que precisam	Indica duas plantas	0,5	0,5
		Indica uma planta	0,25	
		Não completa	0	
2.2.	Indica um exemplo de uma planta de sol e de uma planta de sombra	Escreve corretamente dois exemplos	2	2
		Escreve corretamente dois exemplos, mas com erros	1,75	
		Escreve corretamente um exemplo	1,0	
		Escreve corretamente um exemplo, mas com erros	0,75	
		Não escreve	0	
3.	Refere o significado de fototropismo	Refere o significado corretamente	2	2
		Refere o significado corretamente, mas com erros ortográficos	1,75	
		Não refere	0	
3.2.	Descreve o que aconteceu à planta de cada figura e efetua a sua caracterização	Refere o que aconteceu à planta A e B corretamente	3,0	3,5
		Refere o que aconteceu à planta A e B corretamente, mas com erros ortográficos	1,75	
		Refere apenas o que aconteceu a uma das plantas	1,5	
		Refere apenas o que aconteceu a uma das plantas, mas com erros ortográficos	1,25	
		Não refere	0	
		Efetua a caracterização das duas plantas corretamente	0,5	
		Efetua a caracterização das duas plantas corretamente, mas com erros	0,125	
		Efetua a caracterização apenas de uma das plantas	0,25	
		Efetua a caracterização apenas de uma das plantas, mas com erros	0,125	
		Não efetua	0	
Total:				10



Quadro 29 – Grelha do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza

	Questões	1.	2.1.	2.1.	3.	3.2	Total
	Cotações	2	0,5	2	2	3,5	10
N.º							
1	A	1,5	0,25	1	1,75	2,25	6,75
2	B	1,5	0,5	1	0	0	3
3	C	1,5	0,5	2	2	3,5	9,5
4	D	1,5	0,25	1	1,75	2,25	6,75
5	E	1,5	0,25	1	2	3,5	8,25
6	F	1	0,5	1	1,75	2,25	6,5
7	G	1	0,25	1,75	2	3,5	8,5
8	H	X	X	X	X	X	X
9	I	1	0,5	1	1,75	2,25	6,5
10	J	1,5	0,25	1,75	2	3,5	9
11	K	1	0,5	1,75	2	2,25	7,5
12	L	1	0,25	1	2	3,5	7,75
13	M	1,5	0,5	1	1,75	2,25	7
14	N	1	0,25	1	2	3,5	7,75
15	O	1	0,5	1	1,75	3,5	7,75
16	P	1,5	0,5	1,75	1,75	2,25	7,75
17	Q	1,5	0,5	1	2	3,5	8,5
18	R	1,5	0,5	2	2	3,5	9,5
Média							7,54

Figura 9 - Resultados obtidos na proposta de trabalho de Ciências da Natureza



Com base nos dados expressos na figura 9, gráfico relativo aos resultados obtidos na proposta de trabalho de Ciências da Natureza, podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho aos alunos do 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados, quer da grelha de avaliação, quer do gráfico circular, demonstram que, dos 18 alunos que realizaram a proposta de trabalho, um aluno apresenta resultados Insuficientes, quatro alunos apresentam resultados Suficientes, três encontram-se com resultados Bons e nove alunos apresentam resultados de Muito Bom. Um aluno da turma não esteve presente, não realizou a atividade.

Os quatro alunos que obtiveram nota baixa apresentam uma cotação de 6,75, sendo que a nota mais baixa foi de 3, apresentando um resultado Insuficiente. A maioria da turma encontra-se no Bom com 9 alunos, as cotações variam desde 7,75 e 8,5. Os restantes 3 alunos situam-se no Muito Bom e as suas cotações estão entre os 9 e os 9,5 valores.

Como se pode observar é uma turma que, apresentando estes resultados, necessita de trabalhar bastante, pois só com muita ajuda e empenho se consegue atingir resultados mais satisfatórios, exigindo um grande esforço por parte do professor, para que os alunos se encontrem interessados e atentos, tendo os mesmos bastantes falhas a nível de conhecimentos básicos e perceções do quotidiano, que já deveriam ter sido adquiridas no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Assim, a média total das classificações atribuídas foi de 7,5 valores que, qualitativamente, corresponde a um desempenho de Bom.

Pode-se concluir que a grande maioria da turma possui bom desempenho, apesar de ainda ter muito para trabalhar, uma vez que ainda falta um longo percurso a percorrer.

Com o aluno que teve insuficiente deveria ser feita a correção da proposta com o mesmo, para que o próprio pudesse verificar onde tinha dado erros .

### **3.3.2.3. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa**

O sexto dispositivo de avaliação, presente em anexo (**Anexo F**), refere-se à avaliação da atividade de Língua Portuguesa, para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, à turma de 6.º ano, tendo sido aplicado para aferir os conhecimentos dos 28 alunos da turma.

Esta proposta foi aplicada no dia 13 de março de 2012, com uma duração aproximada de 30 minutos.

O quadro 30 que apresento a seguir refere-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa, informando ainda as cotações atribuídas a cada uma das perguntas, entre a questão 1 e a questão 3.

O quadro 31 refere-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 4 e 5.

A proposta de trabalho que apresento pretende avaliar os seguintes parâmetros:

- ✓ Identifica e reconhece a formação de palavras (prefixos);
- ✓ Identifica e reconhece a formação de palavras (sufixos);
- ✓ Identifica e completa um quadro relativo à derivação das palavras;
- ✓ Escreve palavras derivadas de acordo com a característica e de acordo com a profissão;
- ✓ Correção ortográfica.

Os critérios definidos pretendem averiguar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado sobre a derivação de palavras.

O quadro 32 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa, apresentando desta forma as cotações que foram atribuídas a cada aluno.

A figura 10 mostra, através de um gráfico, os resultados obtidos na realização da proposta de trabalho de Língua Portuguesa, sobre a derivação de palavras.

Quadro 30 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 1, 2 e 3.

	Parâmetros	Critérios		Cotações
<b>1.</b>	<b>Identifica e reconhece a formação de palavras (prefixos)</b>	Completa corretamente 6 espaços	<b>3,0</b>	<b>3,0</b>
		Completa corretamente 5 espaços	<b>2,5</b>	
		Completa corretamente 4 espaços	<b>2,0</b>	
		Completa corretamente 3 espaços	<b>1,5</b>	
		Completa corretamente 2 espaços	<b>1,0</b>	
		Completa corretamente 1 espaço	<b>0,5</b>	
		Não completa	<b>0</b>	
<b>2.</b>	<b>Identifica e reconhece a formação de palavras (sufixos)</b>	Completa corretamente 6 espaços	<b>3,0</b>	<b>3,0</b>
		Completa corretamente 5 espaços	<b>2,5</b>	
		Completa corretamente 4 espaços	<b>2,0</b>	
		Completa corretamente 3 espaços	<b>1,5</b>	
		Completa corretamente 2 espaços	<b>1,0</b>	
		Completa corretamente 1 espaço	<b>0,5</b>	
		Não completa	<b>0</b>	
<b>3. 3.1.</b>	<b>Identifica e completa um quadro relativo à derivação das palavras</b>	Assinala corretamente três palavras derivadas por prefixação	<b>0,75</b>	<b>1,5</b>
		Assinala corretamente duas palavras derivadas por prefixação	<b>0,5</b>	
		Assinala corretamente um palavra derivada por prefixação	<b>0,25</b>	
		Assinala corretamente quatro palavras derivadas por sufixação	<b>0,75</b>	
		Assinala corretamente três palavras derivadas por sufixação	<b>0,5</b>	
		Assinala corretamente duas palavras derivadas por sufixação	<b>0,25</b>	
		Assinala corretamente uma palavra derivada por sufixação	<b>0,125</b>	
		Não assinala	<b>0</b>	

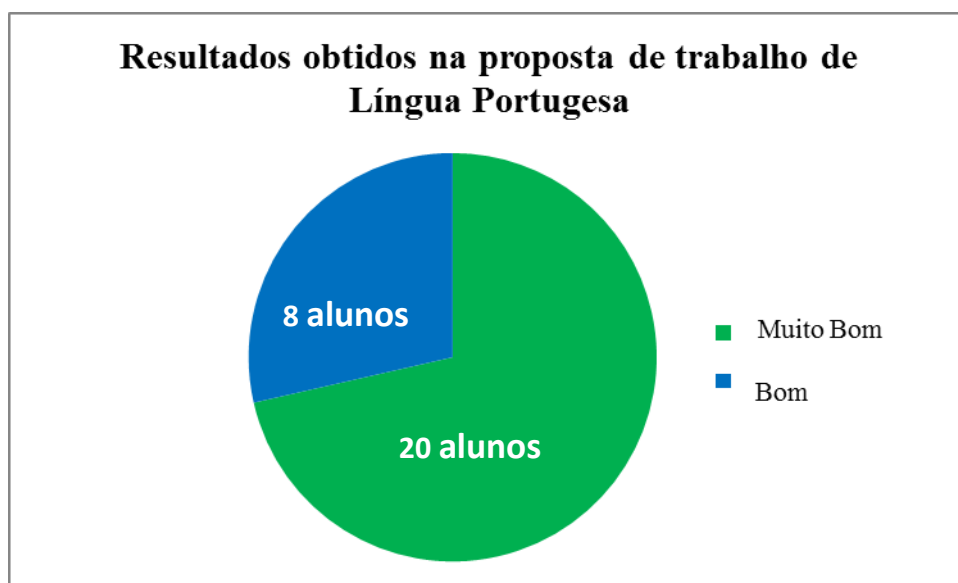
Quadro 31 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa 4 e 5.

4.	Escreve palavras derivadas de acordo com a caraterística e de acordo com a profissão	Indica corretamente quatro caraterísticas	1,25	1,5
		Indica corretamente três caraterísticas	0,9375	
		Indica corretamente duas caraterísticas	0,625	
		Indica corretamente uma caraterística	0,3125	
		Indica corretamente quatro profissões	1,25	
		Indica corretamente três profissões	0,9375	
		Indica corretamente duas profissões	0,625	
		Indica corretamente uma profissão	0,3125	
		Não indica	0	
5.	Correção ortográfica	Sem erros ortográficos	1,0	1,0
		Com 1 – 2 erros de ortografia	0,6	
		Com 2 – 3 erros de ortografia	0,2	
		Com mais de quatro erros de ortografia	0	
Total:				10

Quadro 32 – Grelha do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa

	Questões	1.	2.	3.1	4.	Correção ortográfica	Total
	Cotações	3	3	1,5	1,5	1	10
N.º							
1	A	2,5	3	1,5	1,875	0,6	9,475
2	B	2,5	3	1,5	1,5	1	9,5
3	C	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
4	D	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
5	E	3	2,5	1,5	1,875	0,6	9,475
6	F	3	3	1,5	1,875	0,6	9,975
7	G	2,5	2,5	1,5	1,5	1	9
8	H	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
9	I	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
10	J	2,5	2,5	1,5	1,5	1	9
11	K	2,5	2,5	1,5	1,5	1	9
12	L	2,5	3	1,5	1,875	0,6	9,475
13	M	3	2,5	1,5	1,5	1	9,5
14	N	2,5	3	1,5	1,875	0,6	9,475
15	O	3	3	1,5	1,5	1	10
16	P	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
17	Q	2,5	2,5	1,5	1,5	1	9
18	R	2,5	3	1,5	1,875	0,6	9,475
19	S	2,5	3	1,5	1,875	0,6	9,475
20	T	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
21	U	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
22	V	2,5	3	1,5	1,5	1	9,5
23	X	3	3	1,5	1,5	1	10
24	Y	2,5	2,5	1,5	1,875	0,6	8,975
25	W	2,5	3	1,5	1,875	0,6	9,475
26	Z	3	2,5	1,5	1,5	1	9,5
27	AA	3	3	1,5	1,5	1	10
28	BB	3	2,5	1,5	1,875	0,6	9,475
Média							9,34

Figura 10 - *Resultados obtidos na proposta de trabalho de Língua Portuguesa*



Com base nos dados expressos na figura 10, gráfico relativo aos resultados obtidos na proposta de trabalho de Língua Portuguesa, podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho aos alunos do 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados, quer da grelha de avaliação, quer do gráfico circular, demonstram que, dos 28 alunos que realizaram a proposta de trabalho, oito alunos apresentam resultados Bons e os restantes 20 alunos apresentam resultados Muito Bons.

Os oito alunos que obtiveram nota dentro do Bom apresentam uma cotação de 8,97. A maioria da turma encontra-se no Muito Bom com 20 alunos, as cotações variam entre 9 e 10.

Após a correção desta proposta de trabalho, fiquei surpreendida, pois esta turma é bastante indisciplinada, instável e apresenta muitos problemas sociais. Contudo, os resultados apresentados superaram as minhas expectativas tendo a colaboração de todos os alunos ao longo do desenvolvimento da aplicação da presente proposta de trabalho.

Assim, a média total das classificações atribuídas foi de 9,34 valores que, qualitativamente, corresponde a um desempenho de Muito Bom.

Pode-se concluir que a grande maioria da turma obteve um desempenho muito bom e que apesar das divergências existentes entre alunos da própria turma, os mesmos apresentam capacidades para obterem melhores resultados nas restantes aulas leccionadas pelo professor titular.



### 3.3.2.4. Avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal

O sétimo dispositivo de avaliação, presente em anexo (**Anexo G**), refere-se à avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal, para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, à turma de 6.º ano, tendo sido aplicado para aferir os conhecimentos dos alunos.

Esta proposta foi aplicada no dia 14 de fevereiro de 2012, com uma duração aproximada de 30 minutos a uma turma de 28 alunos.

O quadro 33 que apresento a seguir refere-se à descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal, informando ainda as cotações atribuídas a cada uma das perguntas.

A proposta de trabalho que apresento pretende avaliar os seguintes parâmetros:

- ✓ Indica o ano da primeira invasão francesa e quem a comandou;
- ✓ Indica onde se instalou Junot;
- ✓ Refere porque é que a população se demonstrou desagradada;
- ✓ Refere as medidas tomadas por Junot;
- ✓ Conhece no mapa de Portugal Continental os pontos de resistência popular;
- ✓ Indica o nome do país;
- ✓ Refere em que consistia a Convenção de Sintra;
- ✓ Indica as batalhas travadas ao longo das invasões francesas;
- ✓ Estabelece a correspondência entre as formas verdadeiras e a frase;
- ✓ Conhece a estratégia utilizada;
- ✓ Indica o nome dos fortes.

Os critérios definidos pretendem averiguar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado sobre as invasões francesas a Portugal.

O quadro 34 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal, apresentando desta forma as cotações que foram atribuídas a cada aluno.

A figura 11 mostra, através de um gráfico, os resultados obtidos na realização da proposta de trabalho de História e Geografia de Portugal, sobre as invasões francesas a Portugal.

Quadro 33 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Indica o ano da primeira invasão francesa e quem a comandou	Escreve o ano corretamente	0,25	0,5
		Escreve quem comandou a invasão corretamente	0,25	
		Não escreve	0	
2.	Indica onde se instalou Junot	Assinala onde se instalou	0,25	0,25
		Não assinala	0	
3.	Refere porque é que a população se demonstrou desagrada	Responde corretamente	0,5	0,25
		Responde corretamente mas com erros ortográficos	0,25	
		Não responde	0	
4.	Refere as medidas tomadas por Junot	Escreve as medidas corretamente	0,25	0,25
		Não escreve	0	
5.1.	Conhece no de mapa de Portugal Continental os pontos de resistência popular	Assinala 14 pontos de resistência	2,8	2,8
		Assinala 13 pontos de resistência	2,6	
		Assinala 12 pontos de resistência	2,4	
		Assinala 11 pontos de resistência	2,2	
		Assinala 10 pontos de resistência	2,0	
		Assinala 9 pontos de resistência	1,8	
		Assinala 8 pontos de resistência	1,6	
		Assinala 7 pontos de resistência	1,4	
		Assinala 6 pontos de resistência	1,3	
		Assinala 5 pontos de resistência	1,0	
		Assinala 4 pontos de resistência	0,8	
		Assinala 3 pontos de resistência	0,6	
		Assinala 2 pontos de resistência	0,4	
		Assinala 1 ponto de resistência	0,2	
		Não assinala	0	
6.	Indica o nome do país	Escreve o nome corretamente	0,25	0,25
		Não escreve	0	

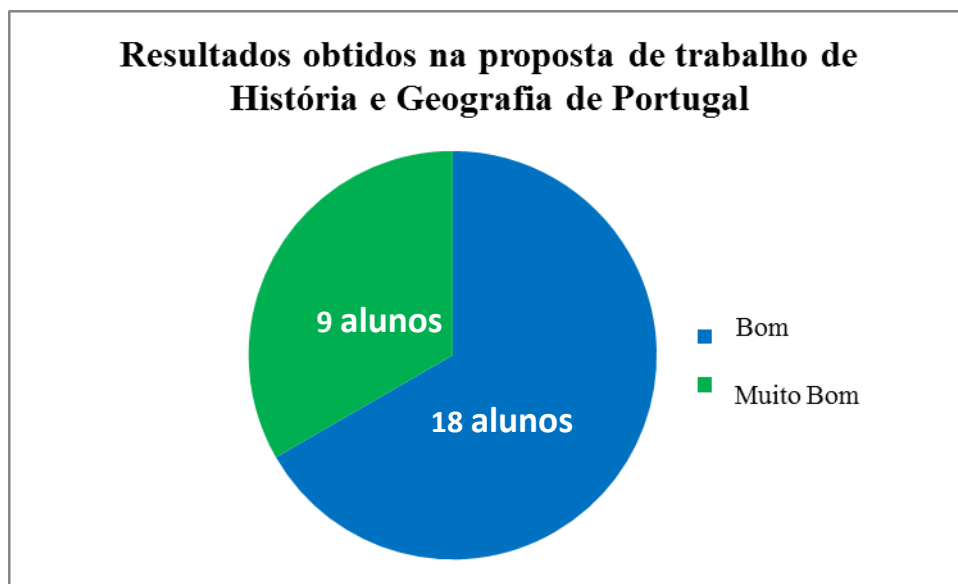
Quadro 34 - Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal 7, 8, 9, 10 e 11.

7.	Refere em que consistia a Convenção de Sintra	Escreve corretamente	0,75	0,75
		Não escreve	0	
8.	Indica as batalhas travadas ao longo das invasões francesas	Responde as três batalhas	0,93	0,93
		Responde apenas duas batalhas	0,62	
		Responde apenas uma batalha	0,31	
		Não Responde	0	
9.	Estabelece a correspondência entre as formas verdadeiras e a frase.	Completa nove espaços em branco	2,52	2,52
		Completa oito espaços em branco	2,24	
		Completa sete espaços em branco	1,96	
		Completa seis espaços em branco	1,68	
		Completa cinco espaços em branco	1,4	
		Completa quatro espaços em branco	1,12	
		Completa três espaços em branco	0,84	
		Completa dois espaços em branco	0,56	
		Completa um espaço em branco	0,28	
		Não completa	0	
10	Conhece a estratégia utilizada	Refere a estratégia	0,5	0,5
		Não refere	0	
11.	Indica o nome dos fortes	Responde o nome de três fortes	1,0	1,0
		Responde o nome de dois fortes	0,75	
		Responde o nome de um forte	0,5	
		Não responde	0	
Total:				10

Quadro 35 – Grelha do dispositivo de avaliação de História e Geografia de Portugal

	Questões	1.	2.	3.	4.	5.1.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	Total
	Cotações	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,93	2,52	0,5	1	10
N.º													
1	A	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2	B	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,93	2,52	0,5	1	9
3	C	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,93	0,84	0,5	1	7,32
4	D	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,62	1,96	0,5	1	9,13
5	E	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	1,96	0,5	1	8,13
6	F	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,93	2,52	0,5	1	9,25
7	G	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,62	1,96	0,5	1	9,13
8	H	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0	2,52	0,5	1	9,07
9	I	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	2,52	0,5	1	8,69
10	J	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0	1,96	0,5	1	7,51
11	K	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,93	1,96	0,5	1	9,44
12	L	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0	1,96	0,5	1	7,76
13	M	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	1,96	0,5	1	8,13
14	N	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	1,4	0,5	1	7,57
15	O	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,93	2,52	0,5	1	9,25
16	P	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	0,84	0,5	1	7,01
17	Q	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0	1,4	0,5	1	7,7
18	R	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	1,96	0,5	1	8,38
19	S	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,62	1,96	0,5	1	9,13
20	T	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	1,96	0,5	1	8,38
21	U	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,93	1,96	0,5	1	8,69
22	V	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,93	2,52	0,5	1	9,75
23	X	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,62	1,96	0,5	1	8,88
24	Y	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0	0,84	0,5	1	7,39
25	W	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0	1,96	0,5	1	8,26
26	Z	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,93	0,84	0,5	1	7,32
27	AA	0,5	0	0,25	0,25	2,8	0,25	0	0,62	2,52	0,5	1	8,69
28	BB	0,5	0,25	0,25	0,25	2,8	0,25	0,75	0,93	0,84	0,5	1	8,32
Média													8,41

Figura 11 - *Resultados obtidos na proposta de trabalho de História e Geografia de Portugal*



Com base nos dados expressos na figura 11, gráfico relativo aos resultados obtidos na proposta de trabalho de História e Geografia de Portugal, podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho aos alunos do 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados, quer da grelha de avaliação, quer do gráfico circular, demonstram que, dos 28 alunos que realizaram a proposta de trabalho, dezoito alunos apresentam resultados Bons e os restantes nove alunos apresentam resultados Muito Bons. Houve ainda um aluno que não esteve presente.

Os dezoito alunos que obtiveram nota dentro do Bom apresentam uma cotação entre os 7,01 e os 8,88 valores. A restante turma encontra-se no Muito Bom com nove alunos, as cotações variam entre 9 e 9,75 valores.

Assim, a média total das classificações atribuídas foi de 8,41 valores que, qualitativamente, corresponde a um desempenho de Bom.

Pode-se concluir que a grande maioria da turma obteve um bom desempenho e que houve dificuldades por parte de vários alunos em responder às questões 2, 7 e 8. Estas questões são de resposta sucinta e fácil, mas os alunos têm dificuldade em se cingir ao que é perguntado, divagando e dando outras respostas que nada têm a haver com o que é questionado. Nas questões de resposta direta como o caso da questão 7 e 8, os alunos baralham os conteúdos abordados no 5.º ano, tendo dificuldade em aplicar o que já foi dado no 6.º ano de escolaridade. No entanto a turma apresenta uma média

satisfatória na aplicação desta proposta de trabalho, o que contraria as avaliações e média que os alunos têm nos testes desta unidade curricular.

# **REFLEXÃO FINAL**

## **1. Considerações Finais**

Ao longo destes cinco anos fui aprendendo muito, pois foi sempre um percurso de muito esforço e dedicação, apesar das atrocidades da vida, tudo se consegue quando há vontade. Não há nada melhor que lutar pelos nossos ideais e realizar as nossas próprias conquistas. Foram bons e longos anos de cumplicidade com grandes amizades e um longo percurso de aprendizagem. Desde a Licenciatura, que implicou uma decisão e escolha para a vida futura, até à decisão do Mestrado a seguir, que tudo tomou um rumo muito importante de longas aprendizagens.

Durante todo este percurso pude ter contacto com muitas realidades e vivências que de outra forma não seriam possíveis. Foi uma experiência muito gratificante que me abriu portas para um futuro melhor e me formou como ser humano e como profissional e, sobretudo, ajudou-me muito a crescer e a pensar sobre as coisas. Por todas estas oportunidades que me foram proporcionadas, creio que serei uma boa profissional e me esforçarei e dedicarei para atingir todos os objetivos possíveis e, desta forma, penso que a preparação para o exercício futuro da profissão docente foi feito.

A prática pedagógica desde o primeiro ano de Licenciatura foi, sem dúvida, uma mais-valia, pois adquiri muitas competências e conhecimento teórico-prático indispensável para um futuro professor. É através do estágio que se torna consciência da realidade educativa e do trabalho de um profissional de educação – o professor. Estou inteiramente de acordo como que Ponte e Serrazina (2000) referem ao dizerem que:

(...) não basta ao professor conhecer teorias, perspectivas e resultados da investigação. Tem de ser capaz de construir soluções adequadas, para os diversos aspectos da sua acção profissional, requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações práticas, com as quais contacta pela primeira vez nesse importante ano de formação.  
(p. 38)



De facto, o estágio e a atividade prática que o futuro docente tem ao longo da sua formação é algo muito importante. Korthagen, citado em Flores e Simão (2009) refere que:

(...) os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação (...). (p.48)

Ao longo da formação que tive, percebi que a prática pedagógica dá oportunidade aos alunos de experimentarem métodos e técnicas diferentes e a possibilidade de experimentar e colocar em prática a teoria e aliá-la à prática. Neste sentido Formosinho (2001) salienta que:

“na formação de professores esta transmissão da base de legitimidade profissional ocorre, de forma indirecta ou directa, ao longo de todo o curso, permitindo ao aluno confrontar a prática docente experienciada nas disciplinas com a prática docente que, de forma implícita ou explícita, os diferentes professores formadores sugerem.” (p.47-48)

O estágio para a formação de docentes é algo de muito importante, pois orienta o futuro docente para a prática profissional que virá a desempenhar, sendo também acompanhado por equipas de supervisão, ajudando na orientação do futuro docente. Nesta linha de entendimento, Alarcão e Roldão (2008) dizem-nos que a supervisão deve ser entendida como “atividade de apoio, orientação e regulação.” (p.54)

A Prática Pedagógica revela grande importância para os formandos, tornando-nos mais conscientes e responsáveis. Além da bagagem prática que se tem, aplicando a teoria ensinada nas unidades curriculares, faz-nos refletir sobre a forma como agimos, nos relacionamos e a pensar novas estratégias e metodologias a aplicar para melhorar aquilo que fizemos menos bem. Alarcão *et al.* (1997, p. 8) citado por Guimarães e Reis (2011) diz-nos que “a experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas tem de que integrar uma componente prática e reflexiva.” (p.15016)

Já dizia o pedagogo Jean Jacques Rousseau e, desde a unidade curricular de História da Educação, dada na Licenciatura, onde me apliquei e debrucei sobre um pouco da sua obra que a seguinte frase faz cada vez mais sentido , pois estamos sempre a “aprender a aprender”. Formosinho (2001) caracteriza a Prática Pedagógica como “a componente curricular da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável”. (p.50)

Ralha-Simões e Simões (1990, p. 190-181) citado por Galveias (2008) indicam-nos que:

“o processo de supervisão não se resume a uma mera modificação dos comportamentos ou à transmissão de conhecimentos, de procedimentos ou de atitudes”, mas “proporciona condições de desenvolvimento pessoal” e implementa estratégias que conduzem a uma “maior eficácia do professor através da activação do seu desenvolvimento profissional.” (p.9)

## **2. Limitações**

Ao longo da elaboração deste Relatório de Estágio deparei-me com bastantes adversidades e muitas limitações. Refiro-me essencialmente à diversidade de bibliografia que tentei pesquisar e nem sempre foi possível obter devido ao elevado número de alunos a partilhar os mesmos livros dos mesmos autores. Pesquisei em diversos locais e em diferentes bibliotecas, muitas vezes sem sucesso. No entanto, tudo se conseguiu fazer. Um futuro profissional deve estar atento às contrariedades que possa encontrar ao longo do seu percurso profissional, de modo a que saiba contorná-las da melhor forma possível.

Além da limitação que referi anteriormente, apesar do mestrado ter uma duração de dois anos, o tempo que era necessário despender para realizar este trabalho era pouco e ainda tinha de ser repartido por um part-time que tinha aos fins-de-semana para poder ir pagando o curso. Foram tempos difíceis de muito esforço e dedicação. Apesar de tudo, valeu a pena todo o esforço investido.

O facto de ter observado poucas aulas, em alguns anos de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, lecionadas pela professora cooperante e bastantes aulas

leccionadas pelos estagiários fez com que alguns relatos se tornassem parecidos, além do 1.º e 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico terem as rotinas muito parecidas e, nesse sentido, foi-me difícil diversificar alguns dos temas abordados nas inferências.

Para terminar, concluo com a seguinte citação baseando-me em Galveias (2008, p.10) citado por Guimarães e Reis (2011) onde o professor na sua prática futura deve “... de construir conhecimento profissional na interacção constante entre a teoria e a prática para poderem intervir, de forma adequada e diferenciada, como verdadeiros educadores, na aprendizagem e no desenvolvimento das escolas e dos alunos.” (p.15017)

Com a realização deste trabalho, tive a possibilidade de me debruçar melhor e refletir sobre o que correu menos bem durante as aulas que fui lecionando ao longo do mestrado, na prática pedagógica. Para Guimarães e Lopes (2007) “o estágio é também imprescindível para a construção da identidade profissional do docente, porque permite a integração entre conhecimentos teóricos e procedimentos e a necessária aproximação às situações em que decorre o exercício profissional”. (p.3668)

### **3. Novas Pesquisas**

Ao longo de todo este percurso académico aprendi que estamos sempre a aprender coisas novas. Ao longo da nossa vida estamos sempre a aprender e o mundo está sempre em constante mudança. Vivemos numa sociedade dinâmica em constante desenvolvimento científico, onde a ciência é a constante descoberta do futuro. A descoberta e a exploração de novas áreas, para mim, antes desconhecidas tornam-se cada vez mais um gosto pessoal. Simão, Caetano e Flores (2005) descrevem que:

relevante que o processo formativo se comprometa com a prática e reflecta sobre ela, equacionando mudanças, concretizando-as e confrontando-as quer com a teoria, quer com a prática, pois essa é a via que permite a integração de estratégias diferenciadas ao mesmo tempo possibilitando que as mudanças se mantenham e generalizem, porque são compreendidas e ensaiadas (p. 178)

No meu entendimento, as crianças devem estar mais vezes em contacto com a natureza, tornando-se elas próprias as investigadoras, construindo alguns conceitos base,

descobrimos, explorando e percebendo ao seu ritmo. Ser professor é maravilhoso pois como refere Vitor Hugo “cada criança que se ensina é um Homem que se conquista.”

Durante este percurso aprendi que ser professor é muito mais do que podemos pensar. Ser professor é ser amigo, confidente, reflexivo, investigador, estar em permanente formação e auto-avaliação, interessado, envolver-se em projetos dentro e fora da escola, é estar em constante mudança e atualização. Tentarei ser tudo um pouco no desempenho da minha atividade profissional e dar o meu melhor.





# **Referências Bibliográficas**

## Bibliografia

- Alarcão, I. e Roldão, M.<sup>a</sup> do C. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Ramada: Edições Pedago.
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F., Martinho, A. (2001). *A prática Pedagógica na formação inicial dos Professores*. Lisboa: Areal Editores.
- Alliende, F., & Condemarín, M. (1987). *Leitura teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Almeida, A. (1999). *Visitas de Estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Almeida, L., S. & Tavares, J. (1998). *Conhecer, Aprender, Avaliar*. Porto: Porto Editora.
- Alves, M.P., (2004). *Currículo e avaliação. Uma perspectiva integrada*. Porto: Porto Editora
- Amorim, C. & Costa, V. (2006). *À Descoberta da Gramática – Primeiro e segundo Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Areal Editores
- Arends, R. I. (1999). *Aprender e Ensinar*. McGraw Hill, Lisboa
- Azeredo, M. O., Pinto, M. I. F. M. & Lopes, M. C. A. (2011). *Da Comunicação à Expressão - Gramática Prática de Português. Língua Portuguesa 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Lisboa Editora
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Balancho, M.<sup>a</sup>, J. & Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica, conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Baptista, A., Viana, F. L., & Barbeiro, L. F. (2011) *O ensino da escrita: dimensões gráfica e ortográfica*. Lisboa: Ministério da Educação



Barreto, G. (1998). *Literatura Para Crianças e Jovens em Portugal*. Porto: Campode letras

Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bento, C., Coelho, R., Joseph, N., & Mourão, S., J. (2005) *Programa de Generalização do Ensino do Inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação

Bernardes, J. A. C. (1995). *Biblos : enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa – 1.º volume*. Lisboa: Verbo.

Boavida, A. M.<sup>a</sup> R.; Paiva, A. L.; Cebola, G.; Vale, I. & Pimentel, T. (2008). *A Experiência Matemática no Ensino Básico: Programa de Formação contínua em Matemática para professores dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Bogdan, R. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

Braga, F., Floripes, M. Vilas-Boas, Alves, M. E. M., Freitas, M. J., Leite, C. (2004), *Planificações novos papéis, novos modelos*. Edições ASA, Porto

Brown, S., Race, P., Smith, B. & Peixoto (2000). *Guia da Avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.

Cachapuz, A., Praia, J., & Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e Ensino das Ciências*. Lisboa: Ministério da Educação. Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, nº 6, Lisboa (pp.22-24).

Caldeira, M. F. (2009a). *Aprender Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Caldeira, M. F. T. H. S. (2009b). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Tese de doutoramento inédito: Universidad de Málaga, Facult de Ciencias de la Educación.

Carita, A. & Fernandes G. (1997). *Indisciplina na sala de aula. Como prevenir? Como remediar? Ensinar e Aprender*. Lisboa: Editorial Presença

- Castro, S.L. & Gomes, I. (2000). *Dificuldade de Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros
- Cortesão, L., & Torres, M.A., (1983). *Avaliação Pedagógica II, Mudança na Escola Mudança na Avaliação*. Porto: Porto Editora
- Curto, P. M. (1998). *A Escola e a disciplina*. Porto: Porto Editora
- Deus, M.<sup>a</sup> da L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: Associação de Jardins – Escolas João de Deus.
- Diniz, M. A. S. (1993). *A Literatura de Expressão Oral*. In *As Fadas não Foram à Escola*. Porto: ASA.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina da aula*. Porto: Porto Editora
- Ferreira, P. C. (2005). *A reformulação do texto: autocorreção, correção orientada e replanificação*. Porto: ASA Editores.
- Fertuzinhos, C. J. M. (2004). *“A aprendizagem da História no 1º Ciclo do Ensino Básico e o uso do Texto e da Banda Desenhada”*, Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho, Braga
- Flores, M. A. & Veiga Simão, A. M. (Ed.). (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA
- Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores – Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas*. Em Campos, P. B. (Ed.), *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora.
- Freitas, L. V. & Freitas, C.V. (2002). *Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Edições ASA.
- Freitas, M. J., Alves, D., & Costa, T., (2007) *O conhecimento da Língua: desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação

- Guedes, C. & Moreno, J. (2002). *Guião para professores. A escola vai ao museu*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Gomes, J. A. (2000). *Da Nascente à Voz: contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Infocedi (2011). *Boletim do Centro de Estudos, Documentação e Informação sobre a Criança, do Instituto de apoio à Criança - N.º 32*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.
- Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores. Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lacão, J. F. T. (2001). *A qualidade na formação de professores*. Dissertação de tese de Gestão Escolar. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: Asa.
- Levy, T., Guimarães, H. M. & Pombo, O. (1994). *A interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Lieury, A. & Fenouillet, F. (1997). *Motivação e sucesso na escola. Ensinar e Aprender*. Lisboa: Editorial Presença.
- Magalhães, V. F. (2008). “A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder”, in Otilia Sousa & Adriana Cardoso (org.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho; p.21-57
- Manique, A.P. & Proença, M. C. (1994). *Didáctica da História — património e história local*. Lisboa: Texto Editora.
- Maria, A., & Nunes. M. M., (2007). *Actividade física e desportiva: 1.º ciclo do ensino básico – orientações programáticas*. Lisboa: Ministério da Educação

- Marques, M. H. A. S. A. (2001). *Práticas reflexivas de professores. Curso de estudos superiores especializados em Gestão Escolar*. Trabalho de final de curso. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F., (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental*. 2ª Edição, Editora: Ministério da Educação Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
- Matos, J. M. e Serrazina, M.<sup>a</sup> de L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mestre, M. J. (2002). *Avaliação num contexto de supervisão*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Mialaret, G. (1981). *A formação dos professores*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Educação (2009). Programa de Português do Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2008). Educação Especial – Manual de apoio à prática. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
- Ministério da Educação (2007a). Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
- Ministério da Educação (2007b). Programa de Matemática do Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação
- Ministério da Educação (2006). Ensino da Música – 1.º Ciclo do Ensino Básico Orientações programáticas. Lisboa: Ministério da Educação
- Ministério da Educação. (2002a). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2002b). Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens. Das concepções á pratica. Lisboa: Departamento de educação básica.

Ministério da Educação (2001). O ensino experimental das ciências. (Re)pensar o ensino das ciências. Lisboa: Departamento do Ensino Secundário

Ministério da Educação (2000). *Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa. 2.º Ciclo do Ensino Básico*. (Vol. II). Lisboa: Ministério da Educação

Ministério da Educação (1991). *Programa de História e Geografia de Portugal –Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem* –volume II. Ministério da Educação: Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

Moreira, D. e Oliveira, I. (coord.) (2004) *O jogo e a matemática*. 1ª Edição, Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença

Nabais, J. (s.d.). *À descoberta da matemática com o calculador multibásico*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.

Oliveira, L. (1992). *O Clima e o diálogo na supervisão de professores*. Aveiro: CIDINE.

Oliveira, V., L., J. (2011). *Relatório de Estágio Profissional. Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico*: Escola Superior de Educação João de Deus

Pérez, M. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula. Desenho e avaliação*. Seminário internacional II. Madrid : Universidad Complutense.

Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas Profissão Docente e Formação – Perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Peterson, P. D. (2003). *O professor do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000) *Didática da Matemática do 1.º Ciclo*. 1ª Edição, Lisboa, Universidade Aberta

Proença, M. C. (1992). *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta.

Proença, M.C. (1990). *Ensinar/Aprender história: questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Horizonte

- Quivy, R. & Campenhoudt, V. L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3ª ed. Lisboa: Gradiva.
- Reis, C. & Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta
- Ribeiro, A.C. e Oliveira, A.P (2002). *O conto tradicional*. Porto: Areal Editores
- Ribeiro, A. C. (1999). *Desenvolvimento Curricular*. (8ª ed.) Lisboa: Texto Editora
- Ribeiro, L. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora
- Ricardo, D. (2005). *O essencial sobre alimentação saudável*. Lisboa: Deco Proteste
- Roldão, M.C. (2004). *Gestão do currículo e avaliação de competências – As questões dos professores* (2ªed.). Lisboa: Editorial Presenças
- Sá, C. M. (2000). “Sobre o Papel da Banda Desenhada no Desenvolvimento da Competência da Leitura.”. In *Didáctica da Língua e da Literatura*, Vol. I. Instituto da Língua e Literatura. Coimbra: Liv. Almedina.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Facultad de Ciencias de la Educacion.
- Sim-Sim, I. (2009). *O ensino da leitura: a decifração*. Lisboa: Ministério da educação .
- Sim-Sim, I., & Viana, F. L. (2007) *Para a avaliação do desempenho da leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)
- Sim-Sim, I. (2001). *A formação para o ensino da língua portuguesa na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.
- Sim-Sim, I., Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997). *Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.

- Tenbrink, T. D. (2002). *Evolucion guia practica para professores*. Madrid: Narcea.
- Traça, M. E. (1992). *O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.
- Veloso, R. M. (2001). *Literatura Infantil e Práticas Pedagógicas*. In Malasartes,
- Vilar, A. M. (1998). *O professor Planificador*. Edições ASA, Porto
- Vilar, A. M. (1996). *A avaliação dos alunos no ensino básico*. (2ª ed.) Lisboa: Edições ASA.
- Vilas-Boas, A. J. (2001). *Ensinar e aprender a escrever por uma prática diferente*. Edições ASA
- Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica da educação infantil*. (3ª ed.) Rio Tinto: Edições ASA
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Edições ASA, Porto
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.

## **Webgrafia**

- Despacho n.º 10534/2011. Recuperado em 2012, setembro, de [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=Desp\\_10534\\_2011.pdf](http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=Desp_10534_2011.pdf)
- Galveias, M. (2008). *Prática Pedagógica: Cenário de formação profissional*. Recuperado em 2012, 12 de julho de <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/289/1/H1.pdf>
- Guimarães, C. M. & Lopes, C. C. G. (2007). *As Práticas Educativas-Formativas na Formação Inicial do Profissional da Educação Infantil*. Recuperado em 2012, 27 de agosto de <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-451-04.pdf>

Guimarães, C. M. & Reis, P. G. R. (2011). *A Prática Profissional como eixo Agregador da Formação de Professores de Educação Infantil na ESE–Santarém-PT*. Recuperado em 2012, 27 de agosto de [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4993\\_2964.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4993_2964.pdf).

Ministério da Educação (2012) – *Orientações Curriculares e Programas do 1.º e 2.º Ciclo*. Recuperado em 2012, setembro 1, de [http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas\\_OrientacoesCurriculares.aspx](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares.aspx)

Ministério da Educação (2010). *Metas de Aprendizagem 1.º Ciclo*. Recuperado em 2012, julho 12, de <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/>

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo. 4.ª Edição*. Lisboa: Departamento da Educação Básica. Recuperado em 2012, junho 10, de [http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/612/Prog%20\\_1CicloEB.pdf](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/612/Prog%20_1CicloEB.pdf)

UNICEF (1959). *Declaração Universal dos Direitos da Criança*. Recuperado em 2012, julho 10, de [http://www.ie.uminho.pt/Uploads/NEDH/declaracao\\_universal\\_direitos\\_crianca.pdf](http://www.ie.uminho.pt/Uploads/NEDH/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf)



# Anexos

# **Anexo A**

Dispositivo de avaliação da área de Matemática  
(1.º Ciclo)



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### As percentagens

Uma **percentagem** indica o número de unidades consideradas (a parte) em cem unidades (o todo).

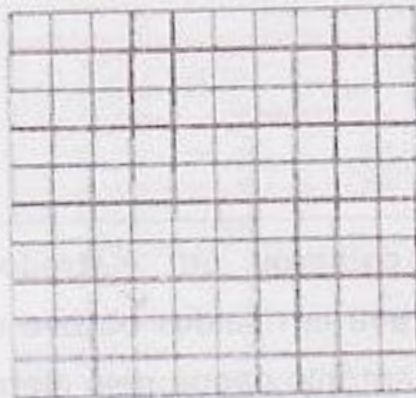
**Percentagem**, como o nome indica, por cem, ou seja, **sobre 100**. É uma fração cujo **denominador** é sempre 100. Representamos a percentagem pelo símbolo % e lê-se: "**por cento**".

Por exemplo, a fração  $\frac{20}{100}$  é uma percentagem que podemos representar por 20%.

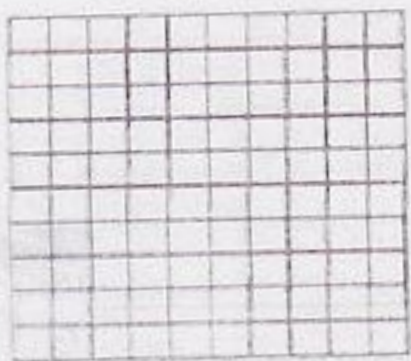
Observa o exemplo:

$$20\% = \frac{20}{100} = 0,20$$

1. Observa o quadrado repartido em cem partes iguais.



1.1 Pinta 40 quadrículas e representa esta porção em forma de uma fração e de percentagem.



Apresenta aqui as tuas respostas:

1.1.1 Que percentagem de quadriculas não foram coloridas?

Forma Informacional

Matemática

2. Observa os gráficos:



Pinta no gráfico 25%



Pinta no gráfico 50%



Pinta no gráfico 75%

3. O Circo Mundial ofereceu 325 bilhetes à escola da Margarida. Mas, 24% desses bilhetes foram dados a alunos do 4.º ano. Quantos alunos do 4.º ano vão ao circo?



4. O Senhor António comprou um eletrodoméstico que custava 3200€. Como a loja estava em saldos obteve um desconto de 30%. Quanto é que o Senhor António pagou pelo eletrodoméstico?

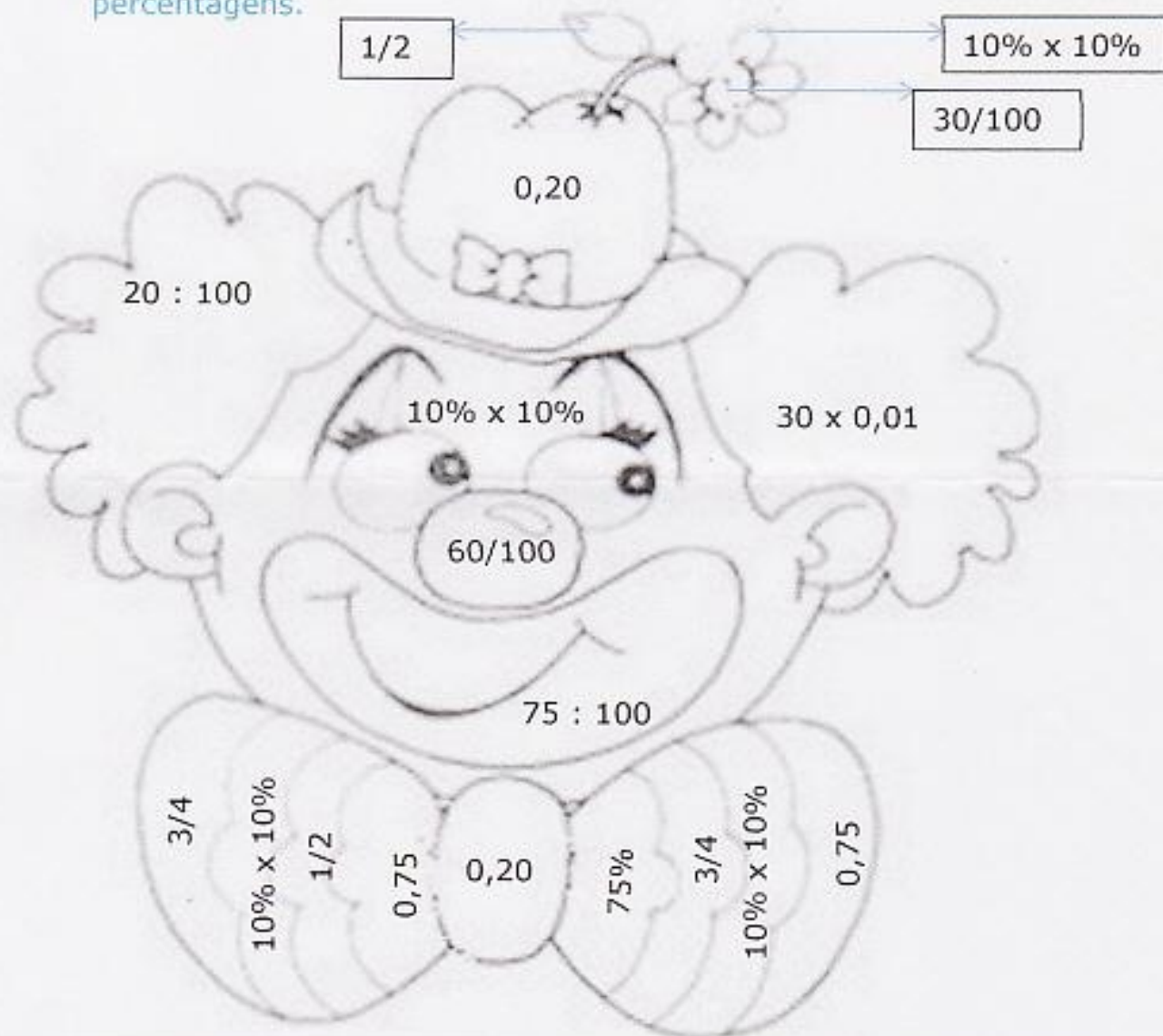




Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### As percentagens

1. Pinta a imagem conforme as cores indicadas pelas percentagens.



Amarelo	→	20%	Verde	→	30%
Castanho	→	50%	Encarnado	→	60%
Azul	→	75%	Rosa	→	100%

# **Anexo B**

Dispositivo de avaliação da área de Estudo do  
Meio (1.º Ciclo)



## Protocolo experimental

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### A diluição da poluição na água

#### Introdução:

A água é um dos mais valiosos recursos do planeta Terra, mas muitas vezes as pessoas utilizam mais água do que aquela que realmente precisam. Depois de se fazer uma descarga no autoclismo, tomar banho, lavar os dentes, lavar a louça, lavar a roupa, entre outras utilizações, a água vai para estações de tratamento de esgotos (ETAR) para ser limpa. Aqui os poluentes (substâncias que destroem a pureza da água, da terra e do ar) são removidos, mas nem todos desaparecem.

#### Objetivo:

Mostrar como a adição de substâncias à água afeta a sua poluição.

#### Material:

- Copo de plástico
- Garrafa de plástico de 1 l
- Garrafão de plástico 5 l e respetiva tampa
- Água da torneira
- Corante alimentar vermelho
- Colher
- Conta-gotas

#### Procedimento:

- ✓ Enche o copo, a garrafa e o garrafão com água até três quartos das respetivas capacidades.
- ✓ Deita na água do copo de plástico duas gotas de corante alimentar vermelho com a ajuda do conta-gotas e mexe.
- ✓ Deita a água quase toda na garrafa de plástico e mexe.
- ✓ Deita quase toda a água da garrafa de plástico no garrafão.
- ✓ Coloca a tampa no garrafão e agita-o.
- ✓ Compara a água que ficou no copo de plástico e na garrafa.

## Resultados:

- ✓ **Regista a cor da água dos três recipientes, assinalando a opção correta.**

Cor da água com corante vermelho	Copo de plástico	Garrafa de plástico	Garrafão de plástico
Vermelho muito claro			
Vermelho claro			
Vermelho escuro			

## Conclusões:

- ✓ **Completa os espaços em branco, utilizando algumas palavras do quadro de palavras-chave, registando porque é que a cor da água se foi alterando de acordo com a capacidade de cada recipiente.**

✓ A cor vermelha é \_\_\_\_\_ no \_\_\_\_\_ porque as moléculas\* de corante vermelho estão \_\_\_\_\_.

✓ Quando se junta a água do \_\_\_\_\_ à água da \_\_\_\_\_, agita-se a preparação e o corante espalha-se \_\_\_\_\_ na água.

✓ No momento em que a água da \_\_\_\_\_ é adicionada à \_\_\_\_\_ o corante está \_\_\_\_\_, tornando a cor da água \_\_\_\_\_.

Palavras-chave	
<ul style="list-style-type: none"><li>• uniformemente</li><li>• mais diluído</li><li>• vermelha muito claro</li><li>• cor</li><li>• pouco juntas</li><li>• menos intensa</li><li>• cor intensa</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• mais intensa</li><li>• garrafão</li><li>• garrafa de plástico</li><li>• corante vermelho</li><li>• muito juntas</li><li>• água</li><li>• pouco diluída</li></ul>

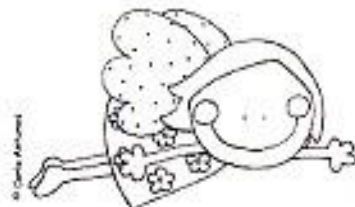
\*moléculas - são as partes mais pequenas de uma substância, com todas as suas características.





# **Anexo C**

Dispositivo de avaliação da área de Língua  
Portuguesa (1.º Ciclo)



### Pretérito mais-que-perfeito

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

O pretérito mais-que-perfeito usa-se para assinalar um fato passado em relação a outro também no passado (o passado do passado, algo que aconteceu antes de outro fato também passado).

Alguns exemplos onde se aplica o **pretérito mais-que-perfeito**:

- Ele comprou o apartamento com o dinheiro do carro que **vendera**.
- Levava comigo um retrato de Maria, **alcançara**-o dela mesma... com uma pequena dedicatória.
- Morava no arraial de São Gonçalo da Ponte; cuja ponte o rio **levara**, deixando dela somente os pilares.

- o Conjugação do verbo falar da 1ª conjugação, conjugação do verbo correr da 2ª conjugação e conjugação do verbo partir da 3ª conjugação no pretérito mais-que-perfeito:

#### 1ª Conjugação

Verbo falar

Eu falara

Tu falaras

Ele falara

Nós faláramos

Vós faláreis

Eles falaram

#### 2ª Conjugação

Verbo correr

Eu corra

Tu corra

Ele corra

Nós corrêramos

Vós corrêreis

Eles correram

#### 3ª Conjugação

Verbo partir

Eu partira

Tu partiras

Ele partira

Nós partíramos

Vós partíreis

Eles partiram

1 - Completa os espaços em branco com o pretérito mais-que-perfeito:

Oh! Como me sinto emocionado cada vez que recordo os acontecimentos que alteraram a minha vida! Naquele dia, \_\_\_\_\_ (acordar) alegre e bem disposto, \_\_\_\_\_ (saltar) da cama, \_\_\_\_\_ (correr) para a janela para respirar o ar puro da manhã.

2 - Escreve duas frases simples onde terás de aplicar uma forma verbal no pretérito mais-que-perfeito.

---

---

---

---

---

3 - Conjugue o verbo andar no pretérito mais-que-perfeito.

---

---

---

---

---

---

# **Anexo D**

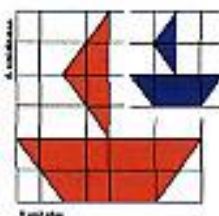
Dispositivo de avaliação da área de Matemática  
(2.º Ciclo)



Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão

Escola Josefa de Óbidos

Matemática



Nome: \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### Ficha formativa - Escalas

1. Diz o que significa "feito à escala de "

---

---

---

2. Indica os tipos de escalas que conheces.

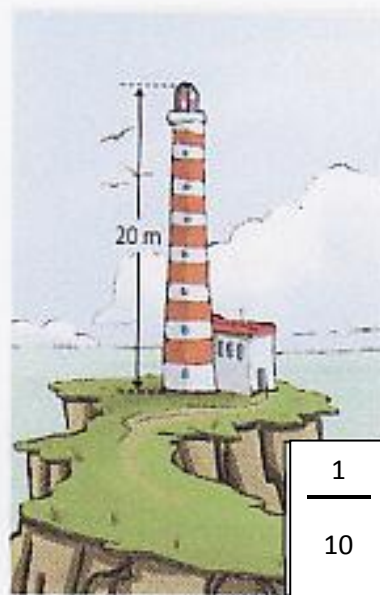
---

---

3. Completa os espaços em branco com as informações corretas.

mapa	1cm	20 000cm	realidade	2Km	escala	20 000m	1Km
Num _____ à escala de	$\frac{1}{20\,000}$						
Significa que _____ no							
mapa corresponde a _____ na _____.							

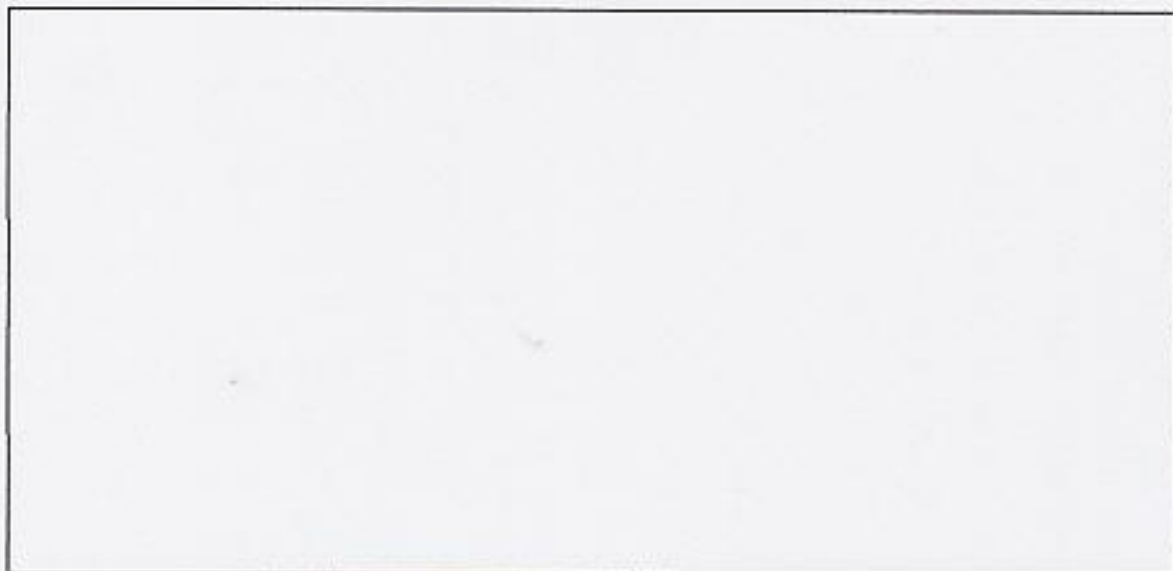
3. Observa a imagem do farol.



3.1. Indica quantas vezes a escola foi reduzida.

---

3.2. Efectua a redução da figura utilizando a propriedade fundamental das proporções.



Bom trabalho!



# **Anexo E**

Dispositivo de avaliação da área de Ciências da  
Natureza (2.º Ciclo)





Nome: \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### Ficha formativa – As plantas e o meio

1. Refere os fatores do ambiente que influenciam o comportamento e o desenvolvimento das plantas.

---

---

---

2. A luz é indispensável para as plantas sobreviverem.

2.1. Tendo em conta a quantidade de luz que as plantas precisam, elas podem designar-se de :

Plantas de sol ou \_\_\_\_\_

Plantas de sombra ou \_\_\_\_\_

2.2. Dá um exemplo de uma planta de sol e de uma planta de sombra.

---

---

---

3. O que significa fototropismo?

---

---

---



3.1. Observa as imagens atentamente.

3.2. **Refere** o que aconteceu à planta na figura A e na figura B e **indica** o nome que caracteriza cada situação.



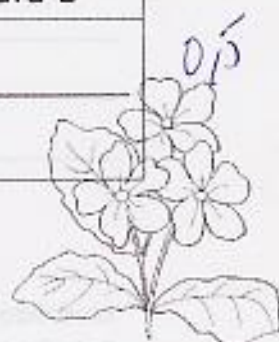
Figura A



Figura B

Acontecimento figura A	Acontecimento figura B

Nome que caracteriza a figura A	Nome que caracteriza a figura B



# **Anexo F**

Dispositivo de avaliação da área de Língua  
Portuguesa (2.º Ciclo)



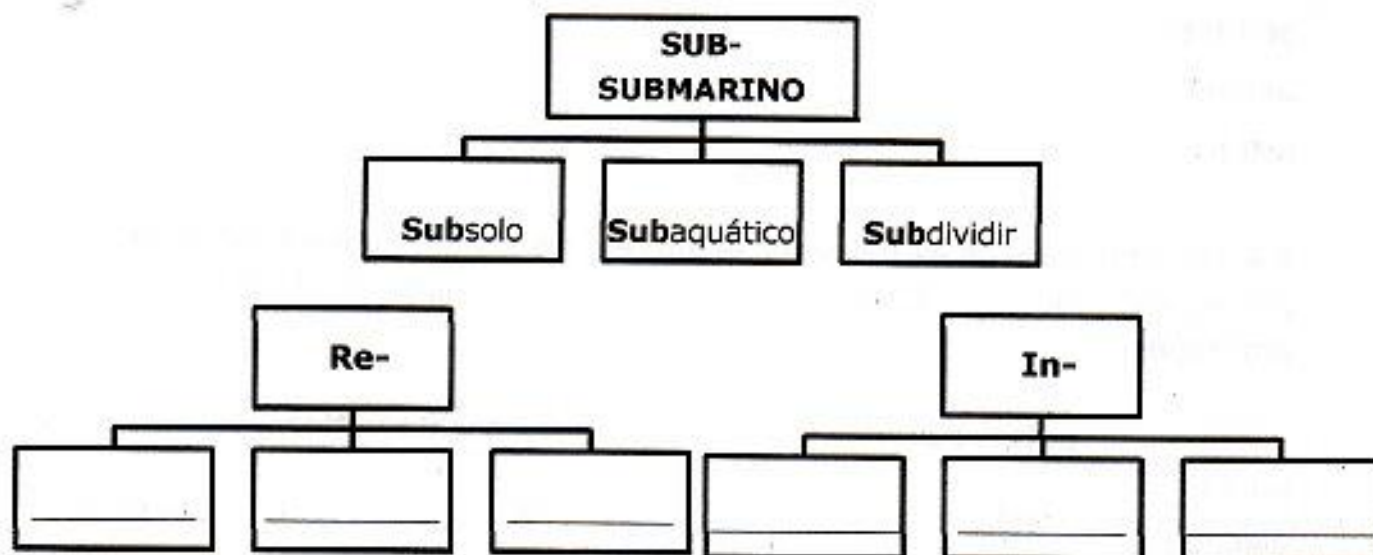
Nome: \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### Ficha formativa - Palavras Derivadas

De acordo com o que foi lembrado sobre as palavras derivadas completa agora os seguintes exercícios:

1. Completa os espaços em branco formando palavras derivadas por prefixação, nos respetivos retângulos, como indicado no exemplo.



2. Completa os espaços em branco formando palavras derivadas por sufixação, nos respetivos retângulos, como indica o exemplo.



3. Observa atentamente a tabela com as seguintes palavras:

3.1. Assinala com uma cruz no respetivo local se são palavras derivadas por prefixação ou por sufixação.

<b>palavras</b>	<b>Palavras derivadas por prefixação</b>	<b>Palavras derivadas por sufixação</b>
<b>sapateiro</b>		
<b>dentista</b>		
<b>injusto</b>		
<b>mentiroso</b>		
<b>oculista</b>		
<b>prever</b>		
<b>infeliz</b>		

4. Acrescenta sufixos às palavras seguintes, de acordo com as indicações dadas, de modo a obteres palavras que expressem características e profissões.

<b>palavras</b>	<b>caraterística</b>
teima	
vaidade	
ambição	
cautela	

<b>palavras</b>	<b>profissão</b>
livro	
cozinha	
táxi	
motor	



# **Anexo G**

Dispositivo de avaliação da área de História e  
Geografia de Portugal (2.º Ciclo)





### História e Geografia de Portugal

Nome: \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

#### Ficha formativa

1. Em que ano ocorreu a primeira invasão francesa e quem a liderou?

---

---

2. Onde se instalou Junot assim que chegou a Lisboa?

---

---

3. Porque é que a população se demonstrou desagradada?

---

---

4. Refere as medidas tomadas por Junot.

---

---

---

5. Observa o mapa atentamente e cola-o no espaço em branco.

5.1. A população portuguesa reagiu contra o invasor. Assinala no mapa quais os pontos onde ocorreram movimentos de resistência popular.



6. Portugal pediu auxílio a que país?

---

7. Em que consistia a Convenção de Sintra?

---

---

---

8. Quais foram as batalhas travadas ao longo das invasões?

---

---

9. Completa os espaços em branco escolhendo corretamente as palavras.

Portugal	1809	Soult	Massena	Braga	Lisboa	Porto
general	invasão	Napoleão	napoleónica	abandonou		

\_\_\_\_\_ Bonaparte não desistiu e invadiu novamente  
\_\_\_\_\_ dando-se a segunda \_\_\_\_\_,  
comandada pelo \_\_\_\_\_, em direção ao  
\_\_\_\_\_, aí encontrou \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ Portugal.

10. Qual foi a estratégia utilizada pelo exército anglo-português na defesa de Lisboa, durante a terceira invasão napoleónica.

---

---

---

11. Refere o nome dos fortes mais importantes das Linhas de Torres Vedras.

---

---

---

Bom trabalho!

